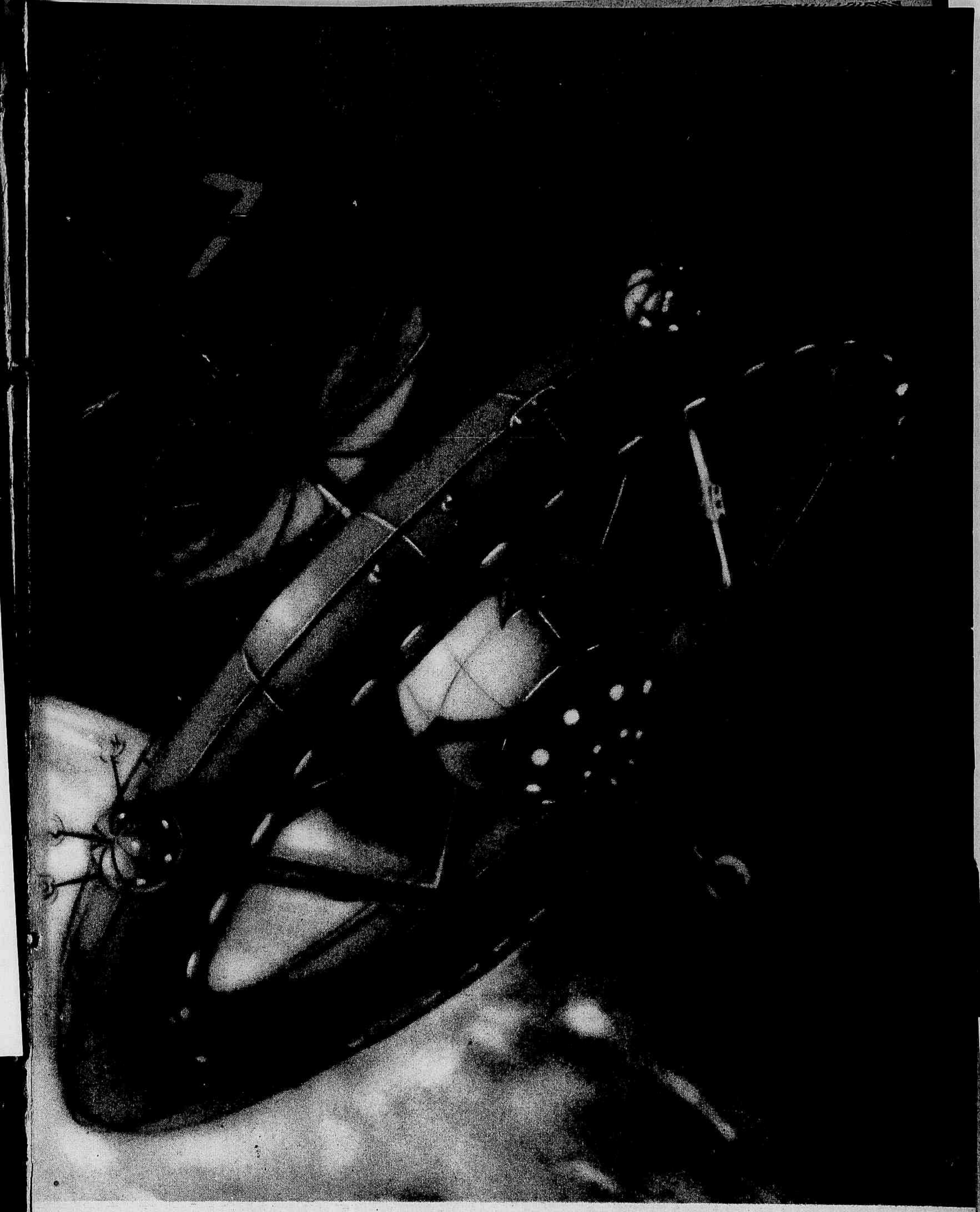
1955

OUTUBRO - N.461



O CHOQUE DAS RAÇAS ★ NOVO CLIMA PARA O PÓLO ★ OS RUSSOS JÁ FORAM À LUA ★ A SUPERIORIDADE DAS MULHERES SÔBRE OS HOMENS ★ QUE VAI HAVER NO ANO 2000?

ANO 34 - Nº 5 ★ OUTUBRO - 1955 ★

LEVY KLEIMAN

CARLOS AREAS

THOMAZ MAZZONI (Olimpicus)

WILLIAM GUIMARÃES

LEUNAM LEITE

ALBERTO FERREIRA

JOSÉ SANTOS

CARLOS SAMPAIO

WALTER CANONCIA

HERBERT MESQUITA

R. A. A. COUTINHO

SÍLVIO CINTRA FILHO

KLEBER PIMENTA

CESAR TORRICI

LUIZ LLEO SAMPAIO

VITO MONIZ

SILVIO RANGEL

NEWTON VIANA

ALBERTO LIMA

FRED QUARTEROLLI

ANUÁRIO ESPORTE Ilustrado

100 PÁGINAS

Cr$ 20,00

A' VENDA

LIVROS de bôlso

a preços populares

VENDAS:
RIO -
AV. RIO BRANCO, 25
RUA MÉXICO, 128
SOBRELOJA

S. PAULO:
RUA CONSELHEIRO CRISPINIANO, 403
INTERIOR:
PEÇA PELO REEMBÔLSO POSTAL.

LIVROS DE BÔLSO

A MELHOR COLEÇÃO DO BRASIL

EDITÔRA GERTUM CARNEIRO S. A.

AVENIDA RIO BRANCO, 25 - Dep. 10 - Z - RIO

Peço enviar pelo REEMBÔLSO POSTAL, os livros, cujos números, indico abaixo:

_____

_____

_____

_____

_____

_____

BASTA INDICAR O NÚMERO

Não mande dinheiro ou selos, nada adiantado. Nos pedidos abaixo de Cr$ 100,00 há aumento de 10%.

NOME _____

RUA _____

LOCAL. _____ MUNIC. _____

ESTADO _____

GRANDE HOTEL PRATA

Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as AGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, AGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Retiro", "Fonte do Paiol", **"Fonte Vilela"**, "Pedra Balão" e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. A natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.

★

Gose suas férias economizando e desfrutando o confôrto e fino trato do GRANDE HOTEL PRATA em ÁGUAS DA PRATA.

Desconto de 20% nas diárias a partir de 1º de maio até 30 de junho. (Vinte por cento).

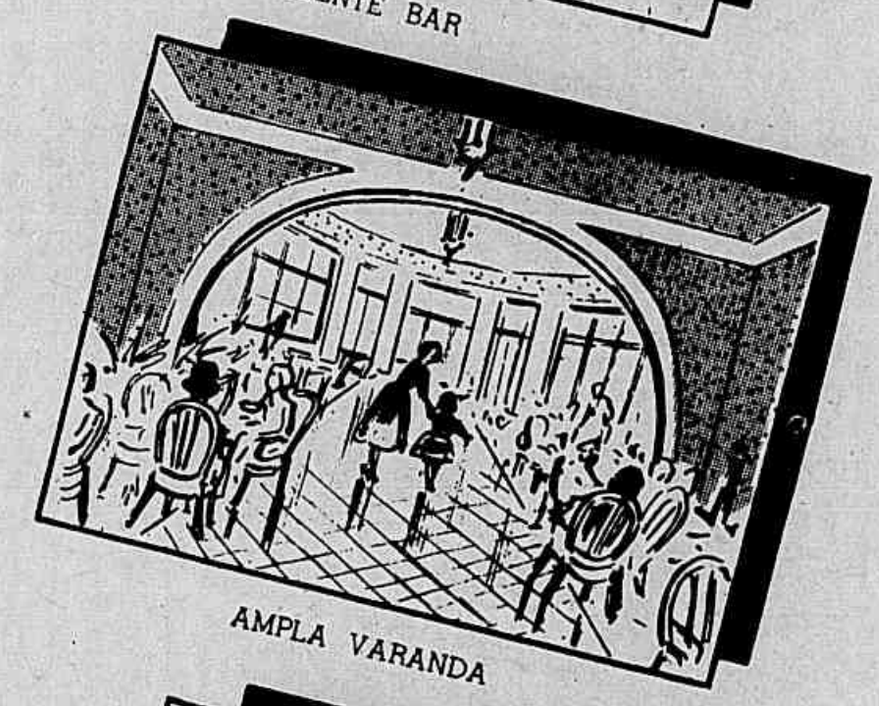
Reservas c/s Sxprinter ou diretamente com o hotel — telefones: 20-29-4 — Águas da Prata — Estado de São Paulo.

Água Prata a melhor água para o tratamento do fígado, intestino, estômago, diabete — cura a azia.

Água do Villela — a água mais radioativa do Brasil.

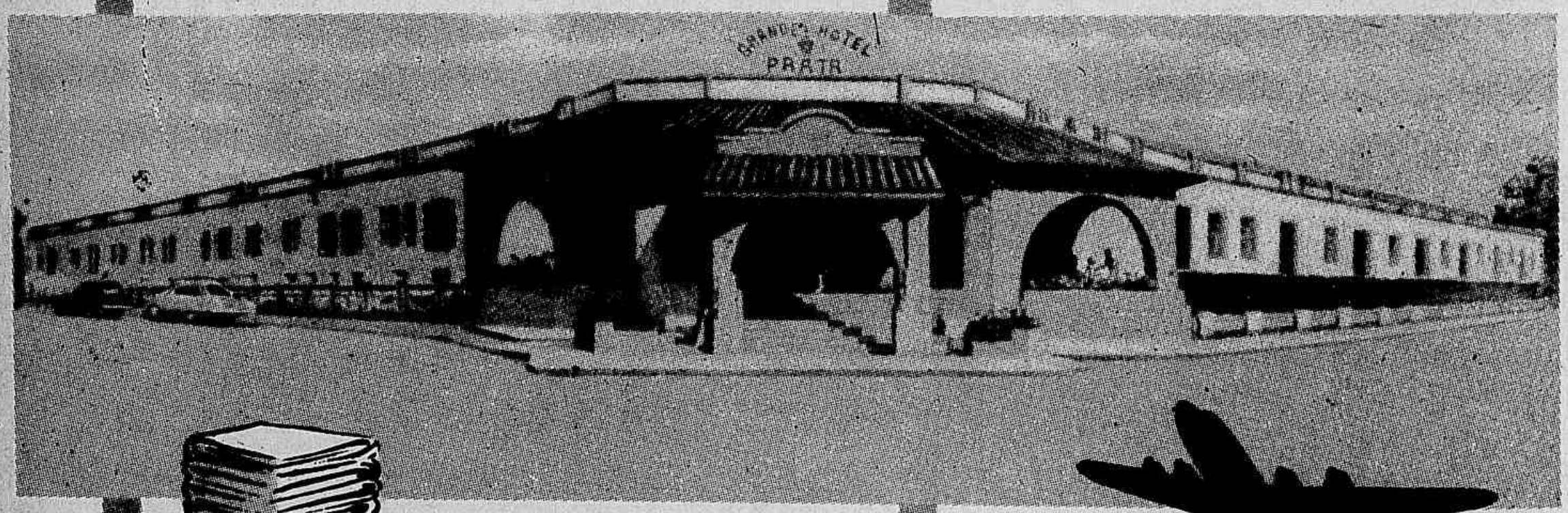
Meios de transporte — Cia. Mogiana, Viação Cometa — Expresso Brasileiro — Limousines — Panair e Nacional.

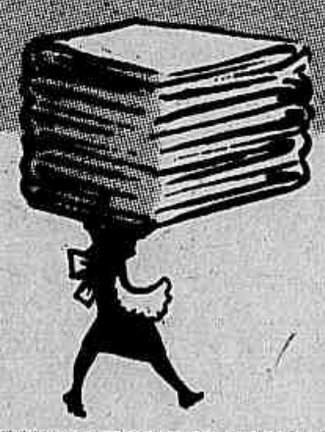
EXCELENTE BAR



AMPLA VARANDA

SALÃO DE REFEIÇÕES

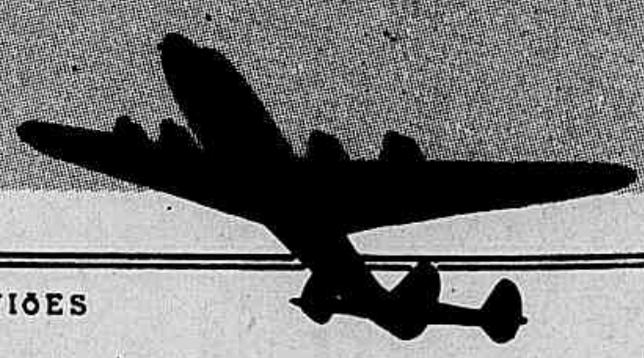




ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

"A VICHY BRASILEIRA"



AVIÕES

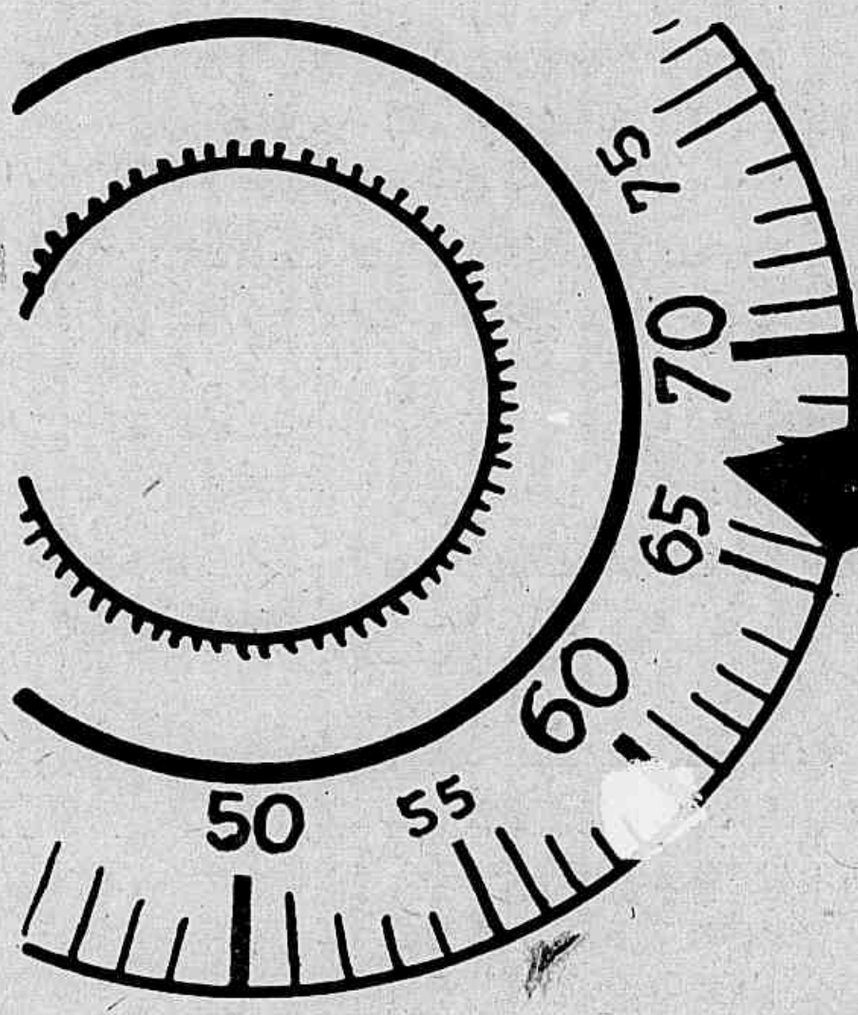
★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via São Pdulo

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via B. Horizonte

(do aeroporto a Águas da Prata em 30 minutos de automóvel)

MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTIFICO, ARTISTICO HISTÓRICO E LITERARIO FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA, Diretor: Gratuliano Brito, redator-chefe: Mário Renato de Castro. Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Telegr.: «Revista». Telefones: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550; Publicidade: L. S. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega. Em São Paulo: Distribuição: Agência Polano, Rua João Bricola, 46 — Publicidade: Organização Paulista Ltd. (ORPAL) à rua Sete de Abril, 374 — Tel.: 36-4725 — Representantes: em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Av. 9108, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil: Cr$ 7,00. Número atrasado: Cr$ 8,50. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 90,00, para o estrangeiro: Cr$ 120,00.



PERIGO no ar

Conto de HERBERT DALMAS

CLAYT Hopkins olhou para o relógio no momento em que saiu do interior do pôsto de gasolina para ir falar com Wiley, que vinha chegando dirigindo o seu automóvel: eram quatro horas.

— Você está indo para casa, Wiley? — perguntou, enquanto retirava o bujão do tanque de gasolina.

Wiley Andrews disse que sim. Clayt encheu o tanque e retornou ao escritório.

— Estou fechando — explicou êle ao homem com quem estivera conversando a maior parte da tarde. — Sinto muito não ter ainda conseguido um emprêgo para você. Pode ser que dentro de dois meses, se você continuar por aqui...

O homem agradeceu e retirou-se.

Clayt olhou em redor, para ver se tudo estava okay em seu escritório e entrou no carro de Wiley.

— É seu amigo? — perguntou Wiley, apontando para o homem.

— Não. É apenas mais um ex-trabalhador que anda a procura de emprêgo. Eu disse-lhe que, talvez, dentro de dois meses... Depois que eu estiver casado, pretendo ter um ajudante para tornar as coisas o mais fácil possível...

Willey ficou em silêncio, e Clayt sabia que era porque o único comentário que o outro podia fazer sôbre a sua idéia de "facilitar as coisas" seria dar uma boa

gargalhada. E isto porque não ignorava que todo mundo em Terryville sabia que êle ainda não tinha recursos sequer para sustentar uma espôsa.

Mas não lançava a ninguém. Quando êle saiu do exército poderia ter arranjado bons empregos; mas, em vez disso, aceitou a proposta de uma companhia de petróleo que estava prestes a liquidar um pequeno pôsto suburbano; ficou estabelecido que êle tomaria conta do mesmo até quando o negócio apresentasse lucros.

Ninguém — exceto Molly — sabia que êle ganhava cinco por cento sôbre as vendas, e com possibilidades de comprar o pôsto. O preço de compra erá de quatro mil e quinhentos dólares, e o prazo para a opção expiraria dentro de um mês. Mas Clayt já possuía mais do que isso, guardado no seu cofre.

Nesta mesma tarde, quando êles chegaram à casa de campo de Wiley Andrews, Clayt agradeceu a carona e partiu de volta. A uma milha de distância da casa de Wiley, afastou-se da estrada de rodagem. Caminhou cêrca de cem jardas e finalmente parou.

Havia um arbusto com alguns brotos apontando. Na última vez em que êle os vira eram muito pequenos. Mas agora estavam do tamanho de ervilhas, e muito verdes, o que lhes prenunciava um bom futuro.

Depois de examinar os arbustos, Clayt caminhou para um robusto carvalho. Num lado do tronco havia um furo, e no outono passado êle surpreendera ali mesmo um esquilo armazenando alimentos. E agora já estava chegando a época em que o esquilo deveria sair do seu esconderijo. Clayt sentiu uma curiosa sensação de responsabilidade; como se êle devesse comparecer para congratular-se com o pequeno animal.

Depois de algum tempo, retornou à estrada de rodagem, caminhando vagarosamente. Havia tantas coisas interessantes para ver nas redondezas de Terryville! Desde a sua volta da Coréia, cêrca de dezoito meses atrás, não lhe fôra possível gozar o bastante aquelas maravilhas!

Mas, como explicar uma coisa tão "fora da moda" a qualquer pessoa... e mesmo à moça com quem esperava casar? O povo de Terryville suspeitava das suas atitudes; todos achavam que um homem gostando de olhar arbustos e observar a vida dos pequenos animais, só podia ser um fraco de espírito, um débil! E o que Molly desejava era que êle passasse o dia todo no pôsto, que se dedicasse de corpo e alma ao negócio!

Meia hora mais tarde, Clayt foi a casa dela, e, encontrando-a na porta, disse:

— Eu sinto muito, meu bem, mas tive de ir falar com um amigo...

— Não tem importância — disse ela.

Notava-se, porém, um tom de irritação na voz dela. A verdade é que êle sempre estava atrasado, e suas vagas explicações não mereciam o menor crédito. Era como se êle estivesse fazendo dela uma idiota. Mas o que êle não podia, realmente, era declarar que o amigo que tinha ido procurar não passava de um esquilo!

Na tarde seguinte, um pouco antes do crepúsculo, um automóvel prêto parou na via deserta, bem diante do pôsto de gasolina.

— Olá, amigo! — falou o homem que dirigia o veículo. — Quer dar uma olhadela aqui?

Clayt marchou para o veículo e olhou... diretamente para a bôca de um revólver!

— Eu também arranjei um! — disse um segundo indivíduo, saindo do interior do carro.

Clayt olhou para êle estupefato, e por algum tempo ficou de lábios entreabertos. E isto porque êsse segundo indivíduo era o mesmo homem que lhe havia pedido um emprêgo no dia anterior!

— Ande! — disse êle, movendo-se por trás de Clayt. — Vamos entrar... e trate de abrir imediatamente aquêle cofre!

Forçado pela arma que lhe tocava as costas, Clayt se dirigiu ao escritório. Mas no momento em que abaixou-se para pegar no cofre, hesitou, apalpando o dial do cofre. Ali, além dos quatro mil dólares que tanto lhe custara juntar, havia também o dinheiro das vendas de uma semana inteira. Dinheiro destinado a pagamento! Que seria dêle, Santo Deus, se perdesse tudo?

— Não demore! — disse uma voz acima de sua cabeça. — Do contrário esta arma vai disparar! E nada de truques!

— E não queira mostrar-se engraçadinho por que esta pistola dispara por qualquer coisa...

Céus! Que podia fazer? Êle que comprara o cofre com sacrifício, e sòmente para guardar o dinheiro, estava agora condenado a abri-lo com suas próprias mãos. Os seus miados quatro mil dólares estavam ali por trás do dial, que longe de o proteger, concorreria para a sua desgraça.

Mas o homem, de revólver na mão, não lhe concedeu mais tempo para reflexões e tornou a ameaçar, empurrando-o com o cano da arma.

Clayt girou o dial, fazendo a combinação. Logo que abriu a porta do cofre olhou para cima. A mão que empunhava o revólver vinha vindo diretamente sôbre a sua cabeça. A seguir, qualquer coisa estalou no fundo dos seus ouvidos, e o mundo escureceu aos seus olhos...

O balanço do carro e o frio e impetuoso ar que entrava pela janela fê-lo voltar ao estado de consciência. Encontrava-se entre os dois homens. E sem poder mover sua dolorida cabeça, abriu os olhos. Não obstante a luz parca, pôde ver uma arma apontando para o seu estômago.

— Vamos logo "arranjar" êste rapaz! — rosnou a voz do que ia do lado direito; era o homem que pedira o emprêgo a Clayt. — Êle conhece de mais a minha cara.

— Faremos isso em um lugar onde êle só possa ser encontrado depois de vários dias — disse o que ia dirigindo o carro.

Clayt sabia que "arranjar" queria dizer "matar", mas, embora por sua espinha passasse um arrepio de mêdo, sua cabeça não parou de trabalhar. A verdade é que não deviam estar muito afastados...

A estrada era acidentada, pelo que pôde deduzir; e julgou que poderiam estar nas redondezas de Terryville. Mas, depois, repentinamente, tornou-se suave e macia, e Clayt ouviu o som de águas impetuosas. Dentro de pouco, o som desapareceu e a estrada voltou a ser áspera novamente. Outra vez um trecho muito suave; era ponte, com certeza! Ouviu outro som, como um distante coaxar de sapos. Logo após atravessar a ponte, Clayt calculou que se encontravam em Gurley's Swamp, perto de Tanner's Creek.

O carro começou a subir. Havia um trecho lamacento onde a geada se amontoara. O automóvel passou sôbre êle deslizando. As rodas traseiras giravam aceleradamente — e paravam! O que se encontrava na direção praguejava ruidosamente, e ligou a "segunda". Clayt acompanhou metro a metro, o progresso que o veículo fazia. Nó alto da ladeira, o terreno caía repentinamente, formando um barranco de uns cinco metros de altura. Entre êle e a estrada havia o resto de um velho cercado. O automóvel parou ao chegar ao alto do entulho. No último verão, vinte jardas distante daquele local, Clayt havia encontrado um ninho de calhandra, no ôco de um daqueles troncos...

— Vamos "arranjá-lo" aqui mesmo! — disse o homem.

CLAYT calcou o pé no acelerador. Ao mesmo tempo, segurou o volante e dirigiu o carro para o barranco. O homem que ia ao volante soltou um terrível grito ao ver o que acontecia.

Clayt firmou as pernas no painel e encolheu-se todo, defendendo a cabeça com os braços. O veículo subiu oblìquamente, deslizou para um lado, finalmente precipitando-se em baixo com um ruído pavoroso; depois ficou inclinado para a direita.

Clayt estava com o próprio corpo pesando sôbre o do homem que lhe pedira um emprêgo; o chofer, inconsciente, estava caído fora do veículo e com um braço prêso sob a roda do mesmo. O seu rosto estava banhado no próprio sangue. Sem perder tempo, Clayt girou o corpo, e antes que o homem sentado ao seu lado direito pudesse recuperar a noção dos fatos, bateu violentamente contra o seu maxilar. O homem apenas deixou escapar um surdo gemido e rolou para o lado, com a bôca escancarada. Havia uma pequena maleta no banco traseiro do carro; Clayt se apressou a abri-la e viu que o dinheiro estava no seu interior. O revólver se encontrava junto da maleta. Clayt o apanhou também; depois apalpou os bolsos do chofer e tomou-lhe a arma. Finalmente, para completar, amarrou os dois homens com seus cinturões.

A seguir foi esconder os revólveres atrás de um poste que ficava sôbre a ponte de Tanner's Creek. Depois retornou ao seu pôsto de gasolina, pôs o dinheiro e a maleta dentro do cofre, chamou o "sheriff" e contou-lhe o que acontecera. Disse-lhe onde havia escondido as armas e acrescentou que não queria perder tempo com detalhes, mesmo porque tinha um encontro.

Partiu para a casa de Molly, caminhando como se fôsse apagar um incêndio. A dor de cabeça já havia passado completamente. E Clayt ria desde agora ao imaginar a expressão assombrada de Molly quando lhe contasse essa "desculpa". Mas não! Nada de desculpas mentirosas esta noite!

A própria Molly foi quem lhe abriu a porta. Clayt imediatamente sentiu a frieza do seu olhar. Então, repentinamente compreendeu que o importante não era o que tinha para dizer esta noite, mas sim o que dissera em tôdas as noites anteriores para justificar seus atrasos. Naquele momento, elas representavam o pomo da discórdia entre os dois; e podiam determinar uma rutura irremediável. A história desta noite, ela ouviria contada mais tarde, por outra pessoa... E foi por isso que disse apenas:

— Molly; eu sinto profundamente. Não tenho qualquer desculpa. Simplesmente fui dar um passeio.

Ouvindo-o, Molly abriu muito os olhos tomada de admiração e espanto. Mas logo depois envolveu o noivo em seus braços.

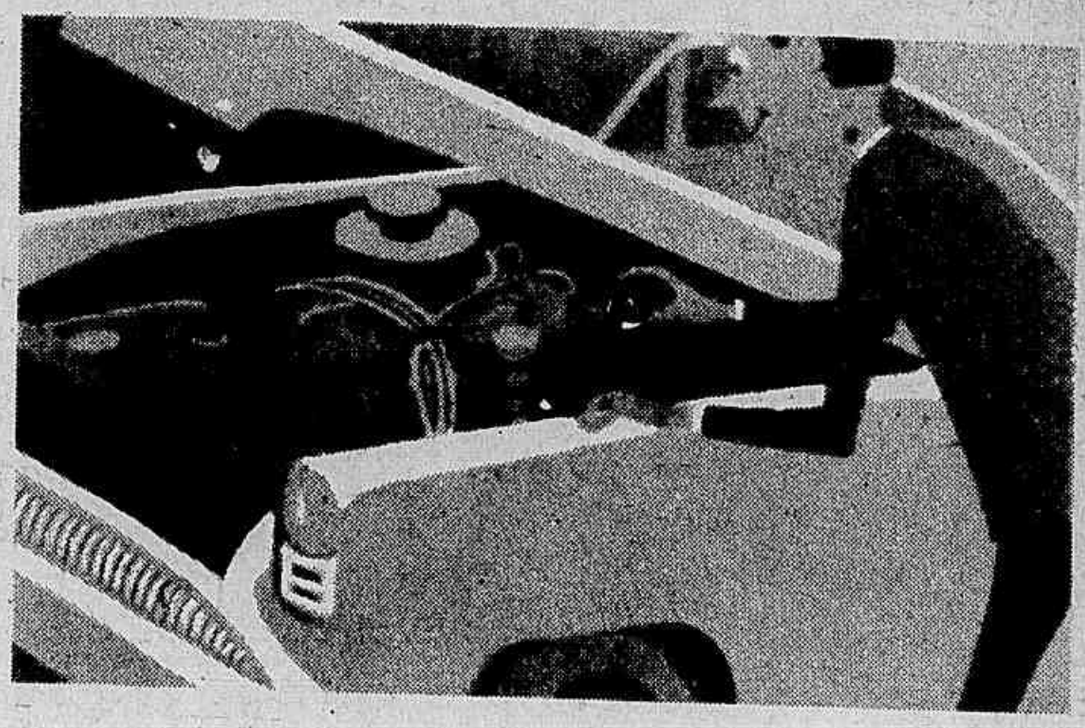
— Oh, querido — falou ela, com voz trêmula. — Se tivesse mentido também esta noite, jamais voltaria a falar com você!

PARA O JARDIM — Um suporte acolchoado para os ombros e ligado às empunhaduras do «carrinho-de-mão», transferindo o pêso para ser assim distribuído por todo o corpo e deixando dêsse modo, vantajosamente, os dois braços completamente livres.

ESPORTES — Suporte de metal com protetor plástico transparente, que possa ser colocado por cima da manga da capa, em dia de chuva, protegendo o relógio e mantendo-o bem a vista, sem ser preciso levantar a manga do paletó e da capa ou baixar a luva, para saber a hora.

PARA A COZINHA — Pedal-duplo com os quais seja possível manejar uma torneira única... e que, obediente ao toque do pé, forneça água quente ou fria, abra ou feche a passagem do líquido e deixando dessa forma ambas as mãos livres para o trabalho de lavar a louça.

PARA USO GERAL — Adaptar uma pequena torneira nas latas de gasolina ou qualquer líquido de limpeza, a fim de que possa o mesmo ser usado, sem ter que inclinar as latas e ao mesmo tempo evitar que o líquido se derrame, como hoje acontece.



PARA A ESTRADA — Vareta de sondar a quantidade de óleo, pintada com matérias fosforescentes e que assim possa orientar o motorista, mesmo nas noites mais escuras, sem necessidade de usar a lanterna. Outras peças do motor e ferramentas poderiam ter o mesmo brilho fosforescente.

NOVO CLIMA

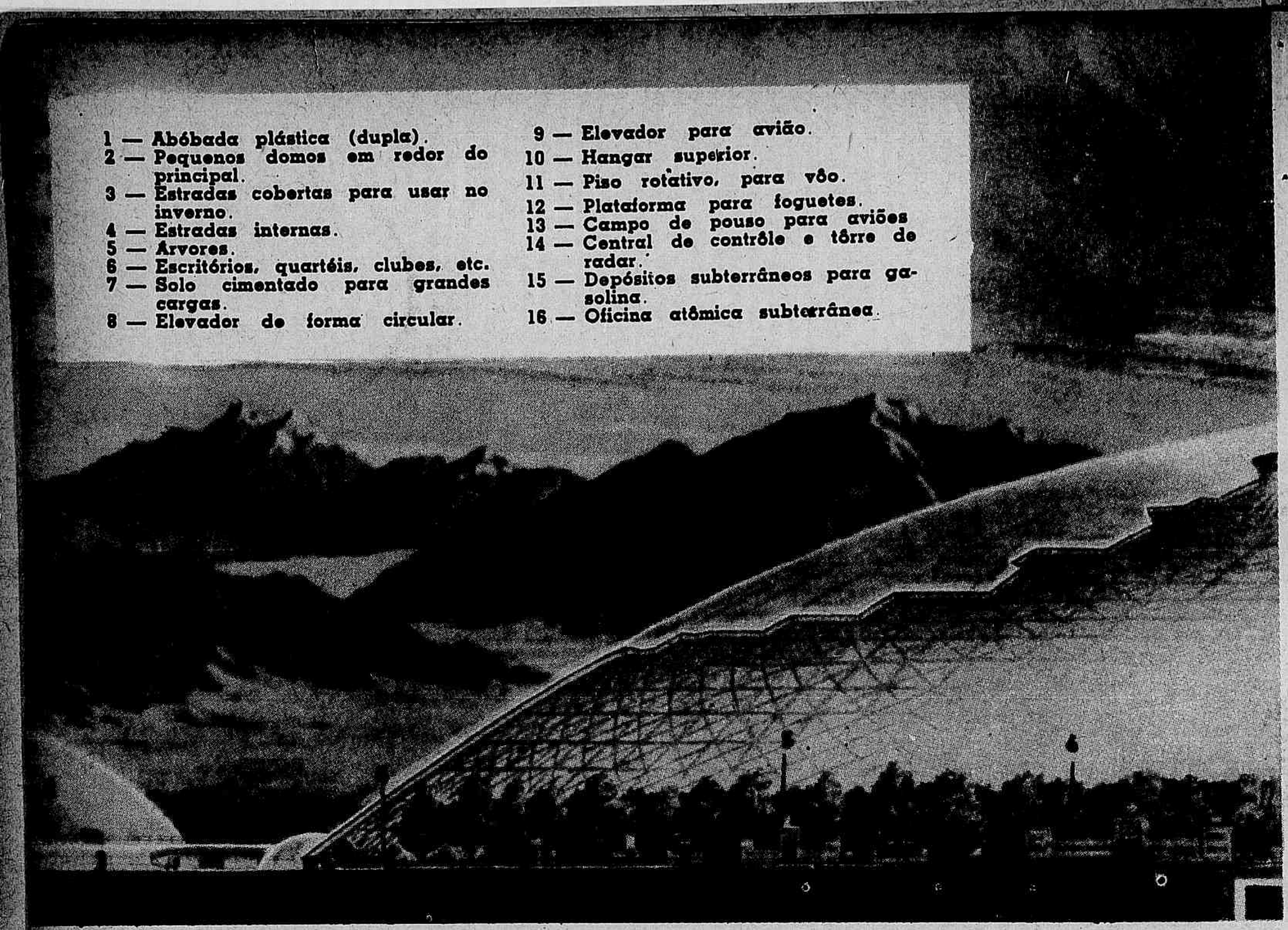
PARA O PÓLO

É o que vão criar os norte-americanos!

A fôrça atômica parece ter chegado, enfim, ao ponto de poder ser empregada pràticamente e com outra finalidade além do **fabrico de bombas,** canhões e submarinos.

A prova disso está no recente apêlo do "Pentágono" (de onde saem, depois de bem estudados, todos os planos bélicos dos Estados Unidos) às fábricas particulares no sentido da aceleração dos trabalhos destinados a fabricar unidades transportáveis e capazes de gerar calor e eletricidade em benefício das remotas bases que fazem parte da comprida cadeia de postos de defesa do território americano. Assim, desde agora, um poderoso reator do Exército norte-americano, proporcionando uma fôrça nuclear de 1.700 kilowatts, pode ser dividido em pequenas peças e estas, uma a uma, transportadas para as bases mais distantes..

Isto não quer dizer que essa decisão dos técnicos tenha sido tomada em razão do atual aparelhamento atômico haver atingido eficiência tal que pode competir econômicamente com o carvão, o petróleo ou o vapor. Significa, simples-



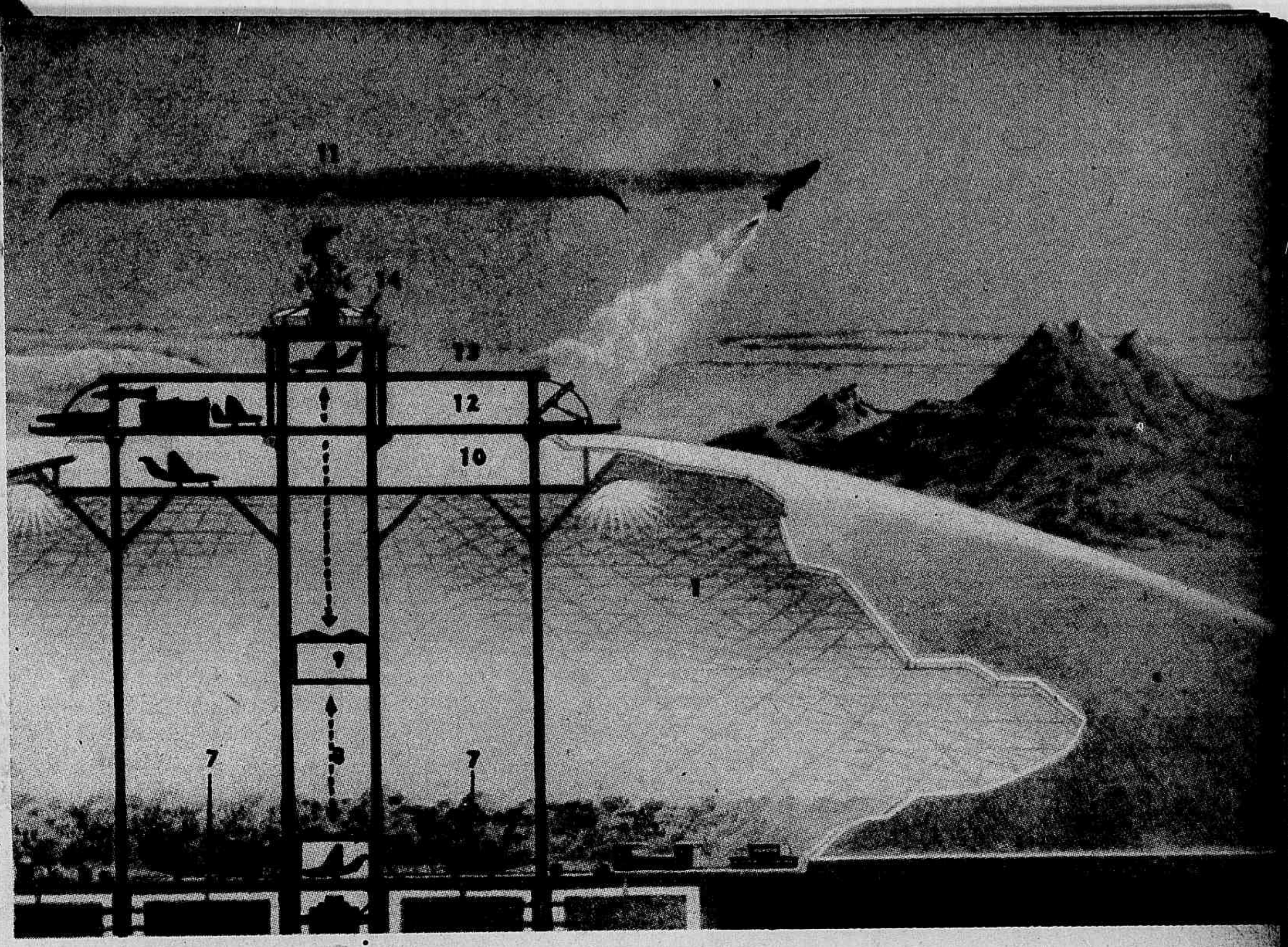
mente, que os cérebros que tudo planejam no Pentágono acreditam que nas zonas áridas, onde os combustíveis naturais não existem, os geradores atômicos oferecem fonte de fôrça e calor mais barato e principalmente mais independente que os combustíveis convencionais.

Uma vez estabelecida essa fábrica de fôrça atômica (especialmente se subterrânea) fornecerá energia de maneira por assim dizer permanente e quase indestrutível. E êsse armazenamento de energia atômica pode ser muito mais que uma nova fonte de energia, substituindo os antigos processos. Se explorada cento por cento, poderá ser empregada num vastíssimo quadro, totalmente novo, para proporcionar maior confôrto e facilidades aos homens forçados a viver nessas regiões polares, desoladas e castigadas por frio terrível.

Na verdade, as bases estratégicas estabelecidas na regiião ártica podem ser transformadas em locais alegres e confortáveis, com clima tropical ou temperado, tornando dessa forma suportável a vida dos soldados e seus familiares, que ali mesmo poderão fazer companhia a êsses vigilantes avançados da segurança da pátria. Êsse extremo calor, produzido fàcilmente — êsse tremendíssimo calor que foi a dor de cabeça maior nas primeiras fábricas da bomba atômica e contra o qual, para o dissipar de forma mais segura e absoluta, o govêrno norte-americano gastou, em sucessivas tentativas, muitos milhões de dólares, êsse enorme calor será a chave para a solução do problema, dependendo apenas do planejamento do seu mais útil processo de distribuição e armazenamento.

Aqui se unem os mais recentes avanços técnicos no desenvolvimento atômico e as mais avançadas formas da moderna arquitetura. Como o ambiente insulado é o requisito número um para todo e qualquer projeto de condicionamento do ar, o inventor Buckminster Fuller, muito conhecido por suas novas técnicas de fabricação e desenhos de casas ultramodernas, automóveis, etc., criou um novo tipo de domo-abrigo para militares em operações nas bases mais afastadas.

Seu projeto mais sensacional assûme a forma de um domo geodésico, fabricado com material plástico fàcilmente ajustável entre si, tendo doze metros de diâmetro e pesando apenas 62 quilos, incluindo



soalho e podendo abrigar entre 30 e 40 homens. Da mesma forma pode ser desarmado ràpidamente e transportado totalmente num só helicóptero (desarmado ou inteiro!). Já começa a substituir as velhas tendas e barracas dos acampamentos, que vinham sendo usadas há várias centúrias com ligeiras modificações.

O domo-geodésico de Fuller é o processo ideal para oferecer um clima mais aceitável àqueles que servem nas bases distantes. E mais ainda: poderá ser construído em qualquer dimensão, sempre robusto e eficaz. Resiste às diferentes ofensivas do tempo, como chuva, nevasca, vendaval, etc., e pode ser armado com rapidez, usando-se material de fácil manejo, estandardizado, com pequenas unidades pré-fabricadas.

Para alcançar o máximo de insulação, são desenhadas com teto duplo, com duas imensas e encurvadas capas de Thermopane. Se necessário, o ar entre essas duas capas poderá ser totalmente evacuado, transformando o teto, dessa forma, em uma espécie de garrafa termo. Aproveitando essa temperatura favorável e usando jatos de ar frio ou mesclado com iodide ou gêlo-sêco. Dessa forma, nuvens e mesmo chuvas poderão dar aos seus habitantes a ilusão de estar vivendo ao ar livre e num clima agradável e temperado.

O próprio solo, sob êsse telhado colossal, poderá ser aquecido ou resfriado por meio de uma rêde de encanamento. Nas bases polares, seus habitantes poderão ter árvores, extensos gramados, jardins e mesmo agricultura bastante variada. Êsse conceito de campos cultivados no Ártico se baseia, igualmente, no que nos ensina, desde há muito, a natureza, dado que há muitos anos os jatos de água quente, nas geleiras da Islândia, permitem a existência de campos floridos em seus arredores. Conduzido por meio de encanamentos, essa água quente vai levar confôrto às residências e repartições públicas de Reikjavik, capital da Islândia.

Para as bases polares poderá ser construída uma versão dêsses domos plásticos, muito maiores, cercado por domos menores, destinados a depósitos, serviços diversos, etc. O domo principal, segundo mostra uma de nossas ilustrações, deverá ter aproximadamente 100 metros de diâmetro e conterá as instalações militares, principais

quartelamentos e a usina atômica, que será o coração palpitante e quente de tôda a base. A usina, pròpriamente, ficará num subterrâneo bem no centro da base, protegida por uma poderosa capa de concreto, que a protegerá contra ataques atômicos. Acima dela ficará uma larga área circular, pavimentada com concreto e destinada a estradas, tráfego pesado, etc.

No centro de tudo um elevador garantirá o acesso aos mais altos compartimentos da base, os quais serão formados por duas plataformas, com um centro de saída dos elevadores, com 20 metros de diâmetro, semelhantes aos elevadores dos porta-aviões, sustentadas por quatro colunas superpostas (também de acôrdo com o sistema empregado nos porta-aviões) e sustentada por colunas mais largas, que têm dupla utilidade. Contêm elevadores para uso do pessoal de serviço, servindo também como condutoras de combustível para os aviões, desde o subsolo até às plataformas superiores.

Acima dos hangares há uma estrutura com dupla plataforma rotativa, a fim de auxiliar a saída dos aviões para a pista circular. Há também as plataformas para lançamentos dos foguetes, podendo ser dirigida em qualquer direção, a fim de alcançar qualquer alvo e podendo ainda lançar sucessivos foguetes, usando-se o processo semelhante ao do tambor de um revólver.

Tudo nessas plataformas recordam o "deck" de um porta-aviões, pois ali também os grandes e pequenos aviões, mesmo os de serviços, dobram as asas, a fim de ser elevados ou recolhidos pelos elevadores. A própria pista de aterrissagem está munida dos "travões" empregados nas pistas dêsses grandes vasos de guerra.

O interior recorda uma moderna cidade, com suas ruas, praças ajardinadas, proporcionando aos seus habitantes agradável panorama e o maior confôrto, destacando-se os edifícios da Administração, os alojamentos para os civis e os militares, os clubes recreativos e os campos de esporte. A luz solar garante pelo espaço normal requerido pelo corpo humano o confôrto de sua poderosa radiação, que desce do alto do domo, completando a atmosfera de naturalidade de todo o ambiente.

Ligando êsse edifício principal com os outros, menores, que o cercam, há um sistema de galerias cobertas, pelas quais, além dos pedestres, vão todos os encanamentos indispensáveis à passagem de água, calor, eletricidade, tudo enfim necessário, desde o domo principal até essas construções auxiliares.

Para uso suplementar, durante os curtos verões árticos, quando os navios maiores podem ali aportar e o tráfego de mercadorias e de pessoas é maior, duas estradas abertas são "elevadas" de suas "gavetas" protetoras, ficando imediatamente em uso.

Operando em conexão com todo êsse sistema de comunicações, há um pôrto completo, com seus armazéns cobertos e aquecidos, cais igualmente defendido contra o frio, pois que no pôrto, também as águas serão aquecidas numa vasta extensão pela usina atômica, afastando os gelos e dando ao observador a impressão de estar diante das mesmas águas límpidas e azuis das zonas temperadas.

Êsses são os planos norte-americanos, a fim de amenizar ou melhor: humanizar a vida dos que vivem em suas bases mais apartadas. Embora caríssimas essas instalações em pouco tempo terão economizado o suficiente em combustível e servido de tal forma os diferentes serviços de transportes, tanto civis quanto militares, que êsse esfôrço terá sido compensado largamente.

★

DUAS mulheres muito tagarelas trocavam confidências, durante a projeção do filme principal.

— Então — disse a outra — fui a São Paulo com o Carlos...

Mas, neste momento, uma cena amorosa ocupa a tela, e a mulher interrompe o seu monólogo. Terminada a cena procura logo retomar o fio da narrativa.

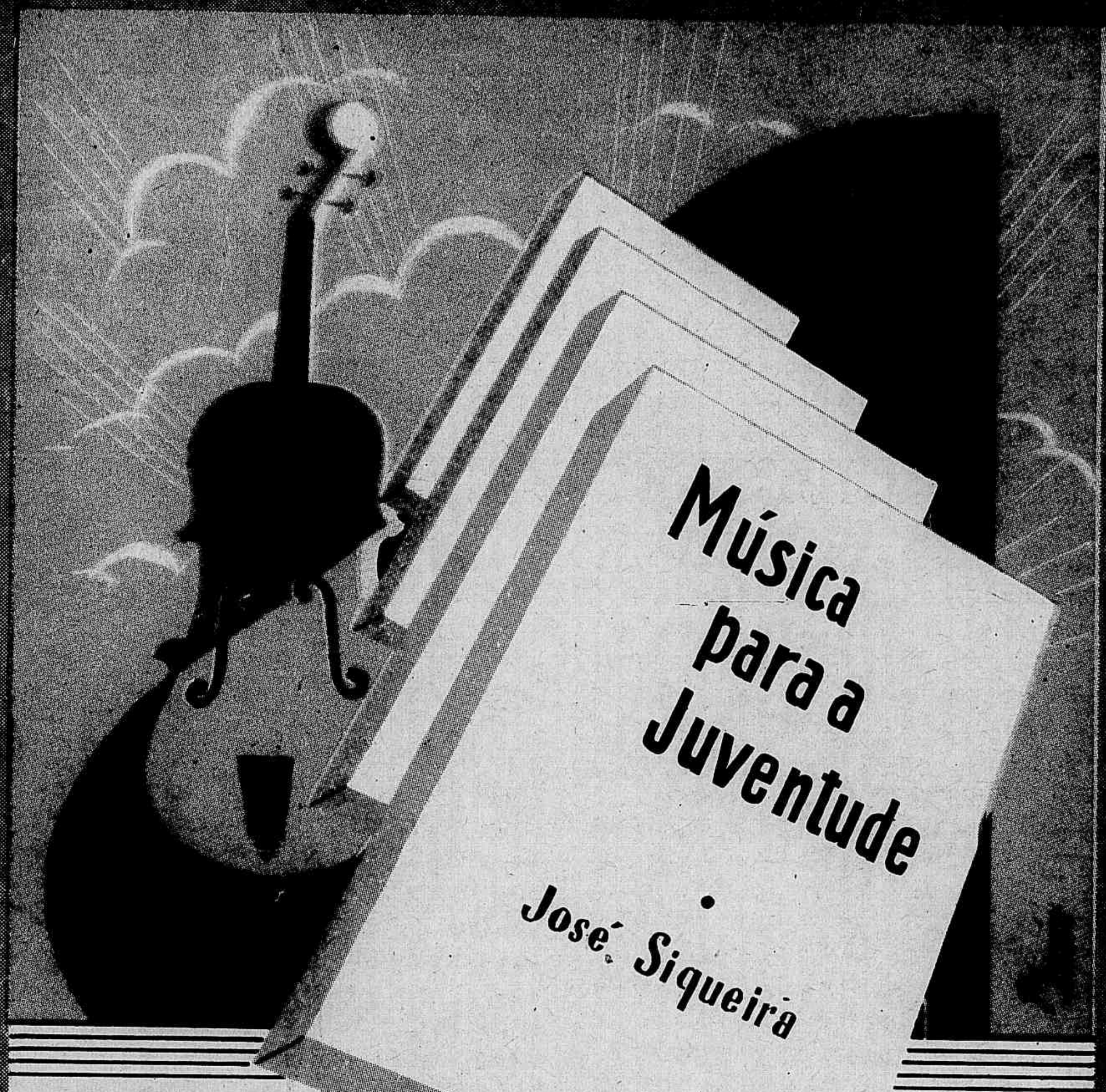
— E agora — perguntou — onde eu estava?

Então o cavalheiro que ocupa a poltrona vizinha, volta-se para ela:

— Em São Paulo, madame, com Carlos.

▭

A produção brasileira de carne de tôdas as classes em 1953, foi de 1.159.000 toneladas, contra 1.142.776 em 1952 e 1.172.918 em 1951.



JOSÉ SIQUEIRA, compositor e regente, é o autor de **"MÚSICA PARA A JUVENTUDE"**, obra destinada à mocidade que êle ama e à qual tão bons serviços prestou criando, quando presidente da Orquestra Sinfônica Brasileira, os CONCERTOS DOMINICAIS PARA A JUVENTUDE. Dispondo de segura experiência didática, com livros publicados (**"Regras de Harmonia"**, **"Canto Dado em XIV Lições"**, **"Curso de Instrumentação"**, **"Modulação Passageira"**, **"Sistema Trimodal Brasileiro"**). Siqueira traça, neste livro, um programa de ensino, palpitante, do qual se beneficiarão quantos tiverem a oportunidade de o ler. **"MÚSICA PARA A JUVENTUDE"** está dividido em quatro partes referentes às séries ginasiais: **Teoria Musical, Canto Orfeônico, Música e Músicos Brasileiros, Contraponto, Harmonia, Grandes Épocas da História da Música, Escolas Musicais, Folclore Brasileiro, Prosódia Musical, Formas Musicais, Instrumentação, Orquestração** e **Banda de Música**. Ilustrado com fotografias e exemplos musicais, é um trabalho definitivo na forma e no conteúdo que vem preencher uma lacuna no ensino.

Preço dos 4 volumes pelo reembôlso postal: Cr$ 250,00

Pedidos a Rosa Paula Machado:

Av. Nilo Peçanha nº 12, salas 1207 e 1209, 12º andar — Telefone: 52-4856

RIO DE JANEIRO

As duas mulheres estavam alarmadas. Harry não parecia estar em seu perfeito juízo...

QUANDO HARRY COMEÇOU A PREOCUPAR-SE COM O MUNDO, SUA ESPÔSA SOFREU AS CONSEQUÊNCIAS . . .

MAS, CONHEÇAM A HISTÓRIA DA SUA ESTRANHA CURA...

— Estou muito preocupada com Harry — começou ela.

— Há dois meses que êle se mostra muito deprimido.

Lois é uma mulher sensível e sempre sabe suportar os males que lhe afligem, mas esta sua visita mostrava quanto era grande a sua preocupação.

— Nós já o havíamos notado — disse Jean. — Sabíamos que **alguma coisa** estava perturbando as idéias de Harry, mas não tivemos coragem de perguntar...

— Se ao menos eu soubesse o que está acontecendo! A verdade é que êle fêz um seguro de vida, sem que sua saúde esteja abalada, e nada indica que haja alguma dificuldade com os seus negócios. Entretanto, não presta mais atenção a nada. E vive dizendo que o mundo é uma balbúrdia para a qual não existe remédio!

— E êle tem razão — disse eu. — Sem qualquer pretensão de ser adivinho, penso que sei o que está ocorrendo com Harry.

— Que é? — perguntaram as duas mulheres simultâneamente.

— Êle, simplesmente, está começando a pensar! — expliquei. — E não é nada bom quando um homem como o Harry se entrega à reflexão. Seria ótimo que eu pudesse conversar com êle...

TOMÁVAMOS a nossa primeira refeição numa manhã de domingo quando Lois Blake nos fêz uma de suas inesperadas visitas. Logo ao chegar foi para a sala-de-jantar e minha espôsa convidou-a a tomar café. Sabíamos que Lois estava um tanto preocupada com o seu marido, Harry, porém, ficamos surpreendidos com a maneira abrupta com que ela começou a falar sôbre o assunto.

HARRY Blake é um dos meus melhores amigos. Crescemos juntos e permanecemos amigos talvez pelo fato de que nunca pedíamos nada um ao outro. É certo que isto pode parecer estranho, mas é a pura verdade. Sempre achei que a melhor maneira de se acabar com uma boa amizade está no fato de se receber ou presentear alguma coisa.

Ataque Repentino

CONTO de TIMOTHY FULLER

De modo algum quero dizer que não existia uma base real para a nossa amizade. Harry era um homem bem moço ainda, alto, feliz, desembaraçado e sempre com um sorriso nos lábios; ao passo que eu tinha menor estatura, vivia sempre agitado e irritado, e estava contìnuamente procurando encontrar uma resposta para cada coisa. De um certo modo isto nos proporcionou um ajustamento recíproco; às vêzes, êle presenciava, com simpatia e admiração, a maneira como eu resolvìa os problemas que se me deparavam.

Harry tem quarenta e dois anos de idade. Um belo dia, sem uma razão qualquer, êle começou a pensar que não ia viver **para sempre**; e então começou a mostrar-se impressionado. Quando digo "pensar", quero excluir tôda a valorização vulgar do têrmo, pois, na realidade, êle possui uma significação muito mais profunda do que essas ocasionais nostalgias que nos assaltam, de vez em quando. Pois bem, era assim mesmo que estava o meu amigo; e êsse seu terrível estado de luta íntima, de confusão interior, durava já mais de dois meses.

Como era natural, essa situação nos aborrecia bastante. O meu desejo era que êle voltasse a ser o que sempre fôra; brincalhão, animado, feliz... Era preciso abandonar aquela idéia de querer salvar o mundo! Por isso, resolvi pôr em risco a nossa velha amizade, a fim de arrancá-lo dessa estúpida preocupação.

Eram cinco horas da tarde daquele mesmo domingo, quando apanhei os meus apetrechos de pesca e dirigi-me para a casa dêle. Harry estava deitado num banco do jardim, com as mãos cruzadas sob a cabeça e o olhar perdido no vazio. O gramado, que se estendia diante de sua casa, precisava ser cortado e, por isso mesmo, mal me aproximei faleilhe a êsse respeito.

— Eu sei — respondeu êle, aborrecido. — Já estive pensando em arranjar um emprêgo de cortador de grama, mas acho que nem isso conseguirei!

— Mas, afinal... que é que há? Você está falido?

— Não é exatamente isso — admitiu êle. — Mas da maneira como estão os impostos...

— Deixe de pensar nessas coisas! — interrompi eu, alegremente. — Vamos ao lago apanhar alguma trutas.

— Elas não estão iscando.

— Como você pode saber? — perguntei.

— Há mais de um mês que não vai pescar...

Harry respirou fundo e fechou os olhos; enquanto isto, tratei de arrancá-lo do banco e animá-lo a ir buscar a sua vara de pescar.

Ao chegar ao lago, apanhamos um barco; e, enquanto eu remava, Harry, sentado na pôpa, olhava a natureza com absoluta indiferença. Não obstante, o cenário era belo, com as águas suavemente ondulantes e a luz do sol morrendo por entre os pinheirais; mas a indiferença doentia de Harry não lhe permitia admirar tal espetáculo. E nem sequer ficou surprêso nem encantado quando o seu anzol fisgou um bonito peixe.

— Parece-me que êsses peixinhos sempre levam desvantagem durante êste período do ano — falou êle, atirando o peixe ao fundo do barco, sem que eu tivesse tempo

de vê-lo. — Bem; agora vamos para casa, que isto está aborrecido...

— Fique comigo que, no fim, tudo dará certo! — disse-lhe, e comecei a remar mais depressa.

— Joe... Eu não estou muito bom para fazer companhia a ninguém — disse êle, com voz enrouquecida e triste. — Eu só queria saber o que é que me perturba... — concluiu, como se falasse para si mesmo.

— Já procurou um médico?

— Sim. Mas tenho certeza de que, fìsicamente, estou perfeito. Quanto ao espírito, não sei; pode ser que se encontre afetado.

— Goze a vida e não se preocupe com tolices — disse eu, no momento em que chegávamos à praia.

Recolhi os remos e ia levantando-me, quando, de repente, senti uma dor no peito; coloquei a mão em cima do coração e sentei-me novamente. Dir-se-ia que eu estava sendo assaltado por uma forte agonia.

— Eh! Que foi? — perguntou êle, aproximando-se.

Com a mão que se encontrava livre fiz-lhe um sinal para que não se incomodasse, e prendi a respiração para fazer o sangue subir ao rosto. E, alguns segundos depois, murmurei, com voz sumida:

— Dentro da caixa... um frasco... pílulas!

Êle mexeu e remexeu os meus apetrechos até que encontrou o pequeno vidro no qual estavam os tabletes. Com gesto apressado, arrebatei o remédio de suas mãos; porém, como o meu corpo tremia violentamente a ponto de não poder retirar a tampa do frasco, Harry tomou-o de volta.

— Quantas quer tomar?

Levantei dois dedos ainda trêmulos. Ato contínuo, êle entregou-me as pílulas, que engoli imediatamente.

— Joe; é melhor que você fique deitado — murmurou êle, com a mão sôbre o meu ombro.

Como fiquei em silêncio, êle retirou-me do barco em seus braços e estendeu-me na praia. Então, coloquei ambas as mãos sôbre o rosto, a fim de que êle não notasse a minha aparência sadia.

— Ah! — disse, finalmente, deixando cair as mãos. — E sorri para êle, afetando bravura.

— Calma. Muita calma, meu velho — falou êle, com suavidade na voz. — Não convém conversar... por enquanto.

— Agora, já estou bem. Êste remédio é um fenômeno! Nunca falha.

Harry, agachado na areia da praia, de vez em quando balançava a cabeça e continuava com o seu aspecto triste e melancólico.

— Coragem, homem! — disse eu, tocando-lhe um braço com as pontas dos dedos. — A coisa não é tão feia como parece. Esta é a segunda vez que sofro ataques desta natureza e o médico declarou que não há motivo para preocupações.

Harry se levantou e, olhando um ponto qualquer na superfície do lago, perguntou:

— Jean... sabe?

Eu movi a cabeça negativamente.

— Tenho tido muita sorte por ainda não haver sentido nada quando me encontro em casa. Você compreende... Não quero que ela se impressione...

— Claro — disse êle. — Claro; afinal, isto não é coisa grave. Mas, apesar disso, você age exatamente como uma criança com essa mania de remar...

— Remar não faz mal — respondi. — Certa vez sofri um ataque dêsses ao sair de um elevador. Ouça, Harry; sinto muito que você tenha tomado conhecimento dêste fato. Mas, de qualquer forma, não deve levar isto a sério.

Êle refletiu por algum tempo, depois dirigiu-me um olhar interrogativo.

— Joe, qual é realmente o seu estado de saúde? É inútil mentir!

— Se eu tiver muito cuidado, ainda me restarão dez anos para gozar a vida.

Penso que estas palavras o impressionaram bastante. E quando, finalmente, êle falou, com voz áspera:

— Por acaso sabe o que os médicos querem dizer com êste "muito cuidado"? Sabe, eh? E, no entanto, continua a remar e a fazer tôda espécie de loucura! Agora vejo que você não passa de um garotão!

— Olha, Harry; sou vítima de uma doença cardíaca — disse eu, pacientemente. — Mas não vou para o leito, desde agora, só para poupar um ou dois anos de vida! Se fôsse com você, creio que faria o mesmo.

Por algum tempo Harry pensou nestas palavras.

Com um grito breve e agoniado, Joe levou a mão direita ao coração e sentou no banco da embarcação, curvando-se a seguir, tendo no rosto expressão de dor e angústia...

E, quando vínhamos de volta para casa arranquei-lhe a promessa de que não contaria a Lois nada do que havia sucedido. Argumentei dizendo que dificilmente ela guardaria segrêdo, e que, mais cedo ou mais tarde, Jean tomaria conhecimento do fato, por intermédio dela.

Na realidade, o verdadeiro motivo pelo qual eu não queria que as mulheres soubessem do que havia sucedido, era porque elas podiam não compreender a atitude que Harry era obrigado a assumir. Ademais, elas poderiam ficar impressionadas vendo-o curado da depressão, mas — ao contrário — excitado pelo fato de saber que o seu melhor amigo podia morrer de um momento para outro.

Que espécie de tônico eu lhe teria ministrado? Certamente, todos ficariam estupefatos diante de mudança tão repentina. Quando chegávamos perto de casa, eu podia mesmo adivinhar os pensamentos que passavam pelo espírito do meu amigo:

— Pobre Joe! Que infortúnio!

E, a seguir, a sua mente, como uma conseqüência natural, devia estar repetindo:

— Não há dúvida de que eu, ao menos, só tenho motivos para estar feliz!"

Ao pararmos no portão da sua casa, compreendi, não sem alegria, que uma certa disposição para viver começava a reanimar o seu espírito.

— Bem, Joe, leve o peixe para a sua "patroa" — disse êle, tentando fazer crer que aquela atitude era natural.

Uma semana depois pude observá-lo no relvado de minha casa. Com o ar mais alegre dêste mundo, êle cortava a relva, usando uma poderosa máquina. Após passar algum tempo conversando com as

mulheres, na cozinha, resolvi ir ao pátio, a fim de falar com êle. Logo que me viu, parou o motor e saudou-me alegremente.

— Alô, rapazinho; como está passando? — perguntou, sem ocultar a sua ansiedade.

— Que é isto? Será esta a "Semana da Boa-Vizinhança"?

— Não; nada disso! Apenas tive vontade de fazer esta máquina funcionar e a minha relva não cresce muito depressa; e, depois, julguei que você gostaria de vê-la trabalhando...

— E realmente estou fascinado! — comecei. — Mas, afinal, Harry, qual é o seu plano? Comprar essa máquina caríssima e trazê-la aqui, aos domingos, a fim de fazer demonstrações? Ou será que está procurando vender?

Harry pareceu magoado com as minhas palavras.

Na verdade, eu não estava sentido com Harry. Mas ia caminhando para isto, com os olhos abertos; e durante tôda a semana seguinte não pude evitar o pensamento de que a espécie humana não merecia sacrifício. Um homem pode estar morrendo de uma doença incurável e os seus amigos podem reanimá-lo e ajudá-lo em seus afazeres; mas, depois, cada um dêles se afasta, assobiando...

Suponho que eu podia ter dito a Harry que o meu "ataque" cardíaco era pura mentira. Mas, já que não o fiz, resolvi deixar que êle continuasse a me "amparar"...

No domingo seguinte, Harry e Lois apareceram novamente; mas desta vez êle não trouxe a máquina cortadora de grama.

— Joe; venha aqui por um instante — disse êle. — Quero falar com você.

As mulheres trocaram olhares com ar preocupado, porém, eu o acompanhei; Harry segurou-me por um braço e levou-me para uma cadeira que havia na relva.

— Podes arranjar cinco mil dólares, imediatamente? — perguntou êle.

— Claro que posso... — respondi, cautelosamente. — Que tem você na cabeça?

— Você quer mesmo ganhar uma boa quantia num rápido negócio?

— Pode falar — disse eu.

Harry se inclinou para falar mais de perto e bateu ligeiramente no meu joelho.

— E não pense que eu deixaria isto escapar se pudesse. O fato é que qualquer um pode ganhar dinheiro, e não tenho dúvidas de que você é a pessoa indicada! Afirmo que o lucro é absolutamente certo! Não é generosidade minha! Dividiremos tudo pela metade!

Porém, eu começava a compreender as suas intenções. E era justamente o que me interessava. Porque, na verdade, não havia negócio algum, exceto o que êle tinha imaginado, a fim de obrigar-me a receber o seu dinheiro. Eu estava "condenado" à morte... e êle queria ajudar-me de qualquer maneira, e era bastante inteligente para saber que aquela era a única tática possível. Eu tinha certeza de que os papéis já estavam preparados, naturalmente contendo nomes falsos e todos os requisitos legais preenchidos... para que eu acreditasse na realidade da transação!

Assaltava-me a tentação de prolongar mais um pouco a história. A situação tomava um rumo bastante interessante, pelo fato de que êle estava pensando que eu havia sido vencido, e que concordava plenamente com as suas invencionices.

— Você é mesmo um tolo! — disse eu.

Sem dúvida alguma a farsa ia assumindo um aspecto estúpido. Era preciso pôr fim àquela história. Então, disse-lhe tudo o que eu havia feito com êle e **por quê**! Julguei que esta revelação fôsse provocar uma forte reação de sua parte. Mas, para espanto meu, êle começou a rir. E riu por muito tempo.

Então, comecei a pensar a respeito de tôdas as negras idéias que eu havia elaborado sôbre o gênero humano, esquecendo que em todo o mundo existem muitos Harry Blakes. E depois, comecei a rir também.

A verdade é que ríamos de nós mesmos, do mundo, e talvez da própria morte. Fazíamos um barulho medonho, o que atraiu a atenção das nossas espôsas que vieram para onde estávamos. E devia ser muito interessante a maneira como elas nos observavam, movendo a cabeça, como se estivessem escandalizadas... como se não passássemos de meninos travêssos.

Mas, de um certo modo, elas tinham razão

Migrações dos povos da antiguidade, de que resultaram as chamadas invasões dos bárbaros e a queda do Império Romano, abalado em seus alicerces pelo impacto das raças desordenadas do Norte da Europa e das planícies asiáticas. (Migração céltica.)

VISÃO MUNDIAL

O CHOQUE DAS RAÇAS

A SANGRENTA MENSAGEM DAS INVASÕES DOS BÁRBAROS...

Por DE MATTOS PINTO

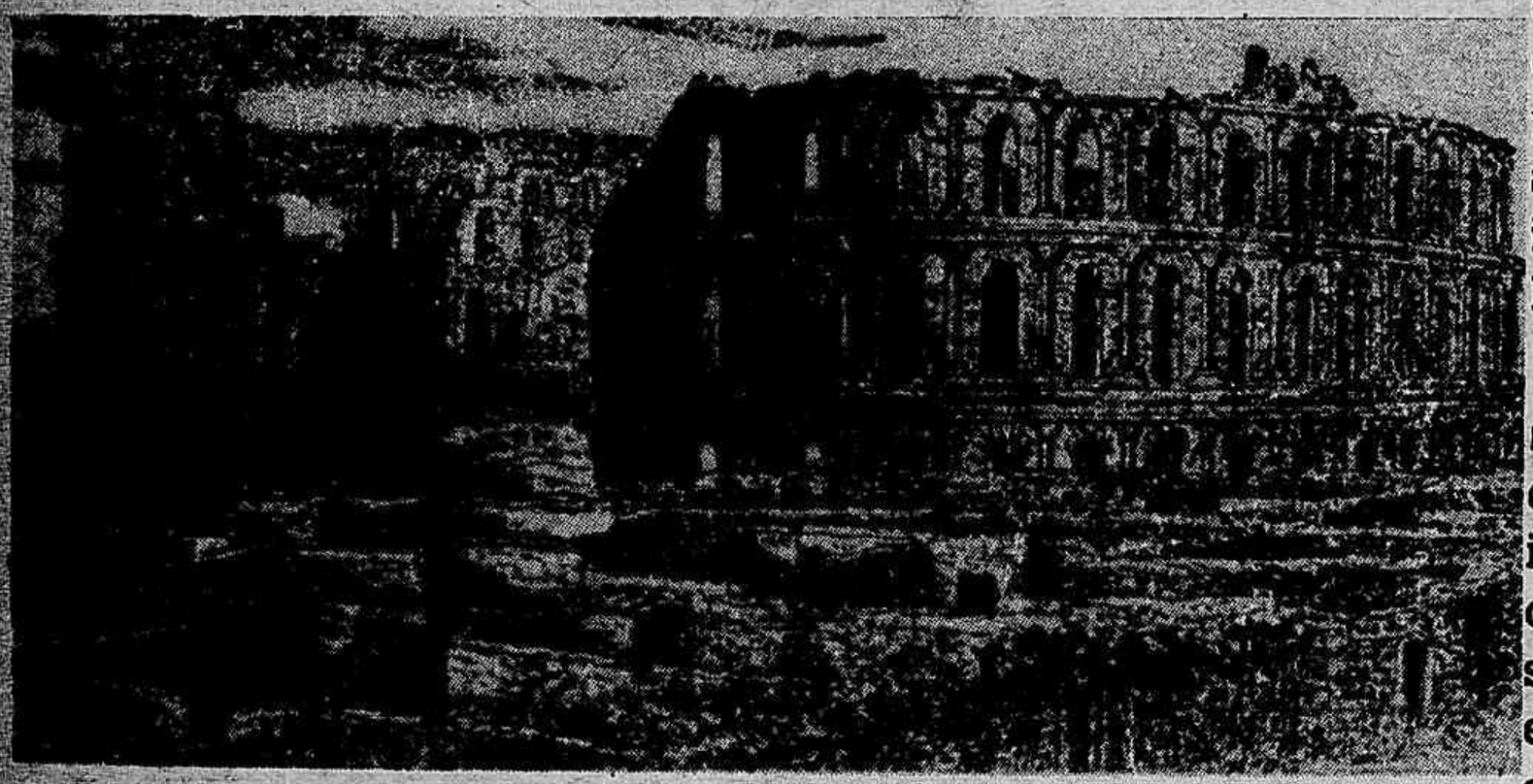
O choque das raças, cujo dramatismo tanto impressiona o noticiário contemporâneo, longe de ser um fenômeno essencialmente novo e inventado pelos estadistas existencialistas do Ocidente e do Oriente, confunde-se com os mais antigos ensaios de civilização. E a Terceira Guerra Mundial repetirá tôda uma série de acontecimentos políticos e étnicos, cuja diferença só se acentuará no emprêgo dos armamentos automáticos e dos bombardeios atômicos. Bases secretas para lançamento de projéteis guiados pelo rádio vêm sendo estabelecidas na África do Norte, em Marrocos e Tunísia, Cirenaica e Líbia, justamente numa região geográfica preferida pelo impacto das raças desnorteadas.

E como o Mediterrâneo voltará a ser o anfiteatro bélico na Terceira Guerra Mundial, convém desenhar um retrospecto militar de uma área predestinada milenarmente a ser a encruzilhada dos conquistadores da antiguidade e dos tempos modernos. As rivalidades estratégicas e comerciais recuam a longínquas áreas, a mil duzentos e cinqüenta e nove anos antes de Cristo, quando os fenícios instalaram as primeiras colônias no Norte da África. Os cartagineses aportaram depois, em 900, desenvolveram o império a partir de 860, 822, 800, disputaram aos romanos a supremacia do mar e nessa campanha naval desapareceram aniquilados.

Sem cultivarem as altas especulações da geopolítica, os povos da antiguidade compreenderam o valor econômico e estratégico de Marrocos e Egito, Tripolitânia e Mauritânia, Tunis e Líbia, ignorantes das teses diplomáticas. A morte de Aníbal em 183 e a destruição de Cartago em 146

concederam à Roma o domínio da África Setentrional, cujas terras receberam os benefícios do progresso e da civilização, cobriram-se de mármores e rodovias, jardins e palácios, templos e fortificações.

Desde que correm os bárbaros e as invasões desolam a Itália, as intrigas dos Césares se refletem sôbre as Mauritânias, a decadência dos costumes prepara a visita dos vândalos e do seu tremendo rei Genserico. Mais uma vez, galeras latinas e barcos arianos lutam pelo domínio do Mediterrâneo. Essas batalhas cíclicas, que



Ruínas do Coliseu de Cartago, cidade destruída pelos romanos, depois ocupada pelos vândalos e mais tarde reconquistada pelo general Belisário, que era na ocasião comandante da frota grego-romana de Constantinopla.

se renovam em tôdas as épocas, nos ensinam a perceber os impactos econômicos do século XX e o entrechoque das raças nas colônias africanas.

A DERROCADA DO IMPÉRIO ROMANO — A civilização latina penetra no eclipse do seu esplendor material, impotente em conter as hordas que se precipitam sôbre as fronteiras imperiais, assaltam as legiões, incendeiam as cidades e profanam os templos.

Com a derrocada do Império Romano, cujas províncias se revoltam e fragmentam-se sob a partilha dos chefes ambiciosos, esboroa o melhor dos sentimentos de Roma, a lealdade à pátria, essa consciência nacional que imortalizou Marcus Attilius Regulus. Os invasores combatem um adversário decadente e olvidado da sua grandeza, o brio militar apagado pelas mais ferozes ganâncias. Nem energia física, nem solidariedade de raça, animam os legionários nessa época em que o terror acompanha Átila e o tropel dos hunos.

Conquistadas e saqueadas por Alarico, rei dos visigodos, as províncias arquejam sob as achas dos bárbaros, cuja ira predatória despedaça as hermas e partem os arcos, mutilam as estátuas e quebram as muralhas. As correias dos francos e alanos, suevos e vândalos, gôdos e saxões, tudo arruinam nos seus assaltos e estabelecem a lei universal da pilhagem como o direito absoluto do vencedor. Sucessivamente, Galia e Espanha, Itália e Inglaterra, afastam-se da civilização implantada pela magnífica Roma.

Terminaram as gloriosas marchas de Júlio César e o crepúsculo ensombrece o império de Augusto, perdido nas homílias do passado com os seus Vergílios e Horácios, Ovídios e Lucrécios. Agora, a vaidade do indivíduo suprime a nação, as quezilas desgovernam o Estado e a mais sistemática felonia usurpa a política. Plácida, a filha de Teodósio e de Gala, a mesma que Alarico capturou em Roma, reconduzida ao Oriente, acabou sendo proclamada imperatriz.

O general Aétius, cuja presunção militar desejava a perda do conde Bonifácio, governador da África, teceu as suas armadilhas e dos desastrosos efeitos resultou a invasão dos bárbaros.

Para depor o inimigo, aconselhou a Plácida que ordenasse o regresso a Constantinopla, sob a acusação de ser traidor. Temeroso do desprestígio político, Bonifácio insistiu em ficar e desobedeceu as ordens da imperatriz. Uma expedição punitiva embarcou para a África, comandada por Mavortius, Galbio e Sinox, três homens de caráter nulo, despojados de virilidade moral. Fracassou em razão do ódio reinante entre os três generais, ambiciosos e vingativos. Galbio e Mavortius caíram mortos, atraiçoados pelos mercená-

rios de Sinox, que se viu à frente das tropas imperiais.

Bonifácio, que se julgava no fim da sua carreira militar, destroçado e conduzido prisioneiro ao cruel Aétius, certo de que só a audácia o poderia salvar do infortúnio, decretou a morte de Sinox pelo mesmo processo da traição. Sem oficiais e comandantes, a expedição recuou e regressaria à península itálica, quando outro exército veio consolidar a primeira expedição. Numa das correrias pela Espanha, o conde Bonifácio encontrou a ariana pelagia, princesa dos vândalos, cuja formosura o estonteou e exaltou-lhe os sentidos. Esqueceu os preconceitos de raça, saltou sôbre os credos religiosos e uniu-se pelo casamento, sem nenhum outro intuito do que saborear as delícias do amor.

A ameaça dos dois exércitos coligados que o vinham depor e reconduzir esmagado a Plácida, lembrou-lhe a sua aliança conjugal com os bárbaros. O conde romano não hesita um momento, atravessa o Estreito de Gibraltár e entra na Espanha, em busca do rei ariano.

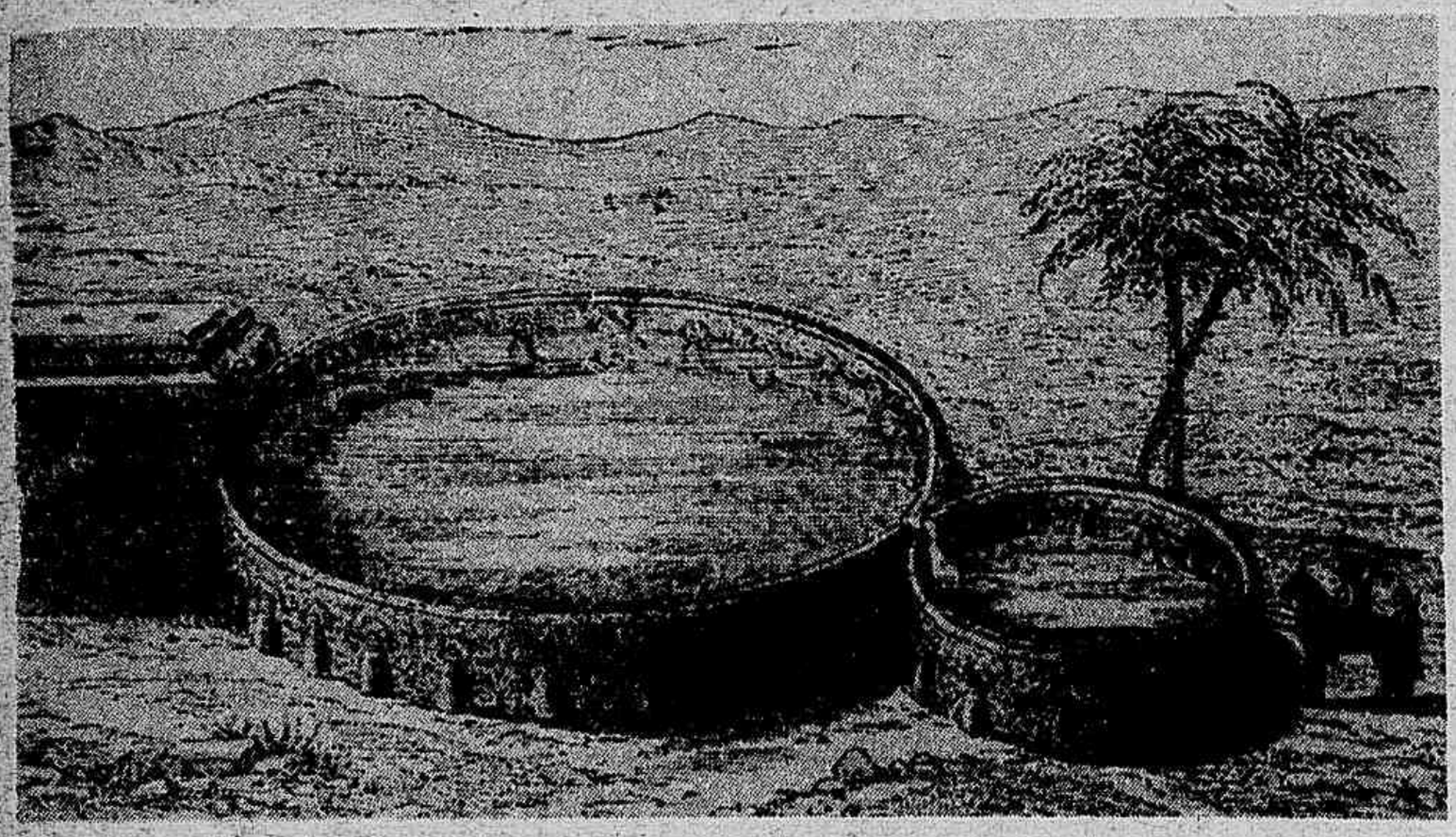
Povo oriundo da Germânia Oriental, de onde desceram em violentas incursões através de sucessivos combates, os vândalos atravessaram o Reno em 406 acompanhados dos suevos e dos alanos.

Três anos depois em 409, penetravam na Galia, de onde saíram perseguidos pelos francos, invadiram os Pirineus, que tras-

Guerreiro suevo armado para as correrias sangrentas, que exterminaram as legiões romanas, debilitadas pela sensualidade e as felonias políticas. Os suevos e os vândalos, os alanos e os visigodos, desceram do Norte da Europa e invadiram a Galia, trespassaram os Pirineus, arrasaram a península ibérica. Os vândalos atravessaram o estreito de Gibraltar e conquistaram o Norte da África.

passam e ganham a Espanha, em cujas povoações e cidades exercem o saque, o morticínio e o incêndio.

Em 442 defrontam-se com um exército romano que destroçam e avançam sôbre a Andaluzia, denominação vândala que restou dêsses atrozes tempos. Em nenhuma parte puderam estacionar, porque outros bárbaros os importunavam, perseguiam-nos e obrigavam as hordas a emigrar sem repouso. Atacados pelos romanos, que ainda possuíam algumas legiões na península ibérica, viram-se guerreados também



Cisternas rurais no território cartaginês, onde bateiharam romanos e vândalos pela conquista das colônias africanas.

pelos suevos e pelos visigodos comandados por Alarico. Haviam acampado no sul da Espanha e nada mais restava senão retroceder, errantes até o Mar Báltico, o seu lugar de origem. O conde Bonifácio encontrou-os estacionados na Andaluzia, indecisos quanto ao rumo a seguir e propôs o mais terrível convite que um romano poderia propor contra Roma. Genserico, o rei vândalo, recebeu a proposta de invadir a África e ocupar com as suas coortes a Mauritania Tangitana e a Mauritania Cesariana, mais ainda a Mauritania Sitifiana. Essas três regiões correspondem aos departamentos geográficos de Marrocos, Fez, Oran, Argel, Tifteri e Setif.

Em conseqüência dessa felonia os latinos iriam perder o contrôle naval do Mediterrâneo e Roma ver-se-ia pilhada no próprio Tibre, dentro da sua imperialesca capital.

OS INVASORES ARIANOS TRANSPÕEM O ESTREITO DE GIBRALTAR —

Um homem de extraordinário vigor mental aparece à frente dos vândalos, na sangrenta mensagem de precipitar a queda do Império Romano. Gonderico morreu em 427 antes da travessia do Mediterrâneo, cuja proeza marítima decidiria do futuro do seu povo. Sucedeu-lhe um chefe enérgico e potente, cobiçoso de tôdas as riquezas, mando e glórias, terras e honrarias, insaciável sem limites e despojado de qualquer ética militar, voraz e furioso no seu afã de posses. Infinitamente superior a Gonderico pela inspiração militar, que só a morte venceu depois de rumorosas vitórias, Genserico sobrepuja o outro por atributos dos mais terríveis.

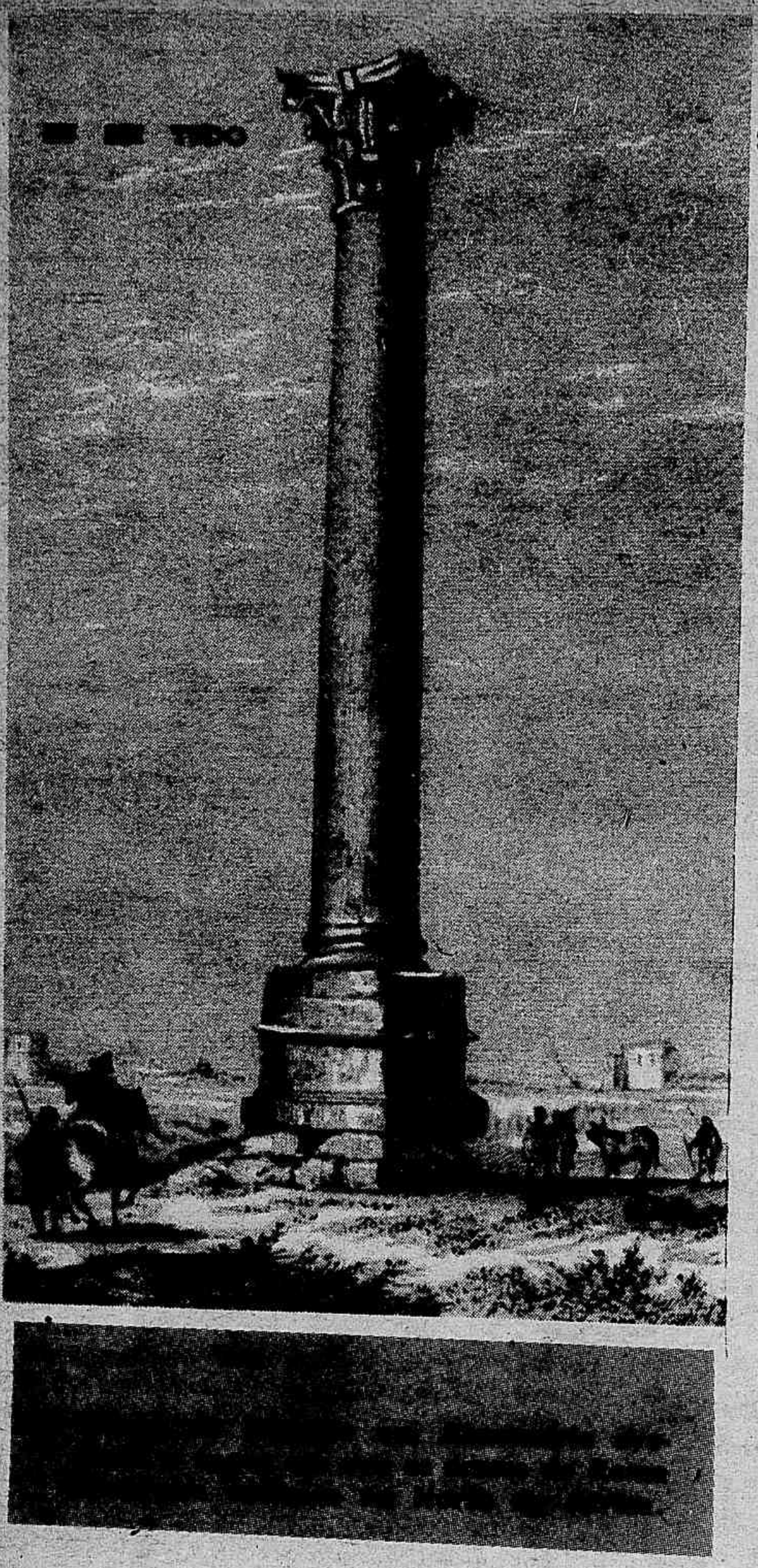
Ao imoderado desejo de poder, alia a ânsia de destruição que lhe deu o renome do maior dos reis bárbaros, depois de Átila. Uma mole humana de oitenta mil corpos atravessa o Estreito de Gibraltar em maio de 429 da nossa era e aporta na África do Norte. Mais invasores do que imigrantes, nada respeitam na sua passagem, saqueiam e matam, trucidam e inutilizam. Em pouco tempo, as três Mauritanias estremecem sob a cavalgada do bando ariano, que arrasa aldeias e cidades para melhor infundir o temor das suas vitórias.

Atrás de Genserico, vieram, em tropel barulhento e acutilador, os alanos e os gôdos, mais outras tribos que se unem na investida. Duplica mais e mais o poderio vândalo, acrescido por novas adesões selvagens. Os indígenas, sedentários e nômades, repelidos pelas legiões romanas para o fundo do Atlas, saltam e afluem de todos os lugares ajuntando-se aos estranhos rapinadores. Os mouros amam o saque como o melhor festim da guerra e avolumam as hostes acompanhados dos númidas e dos getulos. Numerosos e brutos, sitiam as cidades que resistem, destroem as casas, arrancam os objetos preciosos,

As invasões dos barbaros solaparam o Império Romano e inspiraram muitas telas aos pintores. A cena representada no quadro figura com realismo um episodio das batalhas travadas pelos vândalos e os godos os alanos e os lombardos, os hunos e os ostrogodos, contra as legiões romanas da Europa e da África.

extorquem o ouro e as pedras raras de valor. Mulheres, homens e crianças, caem sob o machado dos vândalos.

Não tardará muito que Utica, Hipona e Cirta, cidades opulentas e civilizadas da África Romana, sofram a mesma devastação. Havendo se reconciliado com a imperatriz Placidia, na tardia compreensão do seu êrro estratégico, o conde Bonifácio tentou forçar



os vândalos a regressar a Espanha. Nem o ouro, nem as ameaças dos legionários romanos demoveram Genserico, que rejeitou a volta ao continente europeu como uma ofensa e quebra de promessa.

A primeira batalha entre os romanos e os vândalos fere-se em 430, com a derrota das armas latinas. Batido e perseguido pelos bárbaros, que trouxera da Andaluzia, o conde Bonifácio refugia-se em Hipona.

Depois de quatro meses de sítio, ambos os exércitos se acham esgotados e desanimados pela fome. Teodósio II, reinando no Oriente, envia tropas em socorro de Hipona, justamente na hora em que os vândalos se retiram em busca de mantimentos. Bonifácio funde os dois exércitos romanos e dá combate a Genserico, cuja audácia militar aceita a luta, peleja e vence com os seus atrozes bandos. Destroçado pela segunda vez, em 431, sem meios de continuar a campanha, Bonifácio retira-se pelo mar de Hipona. Da formosa cidade os vândalos desmantelam as casas e monumentos, palácios e jardins; rebentam estátuas e pátios das moradias senhoriais. Tudo rui em pó e cinza, só o Templo de Santo Agostinho ficou intacto e a sua biblioteca.

Genserico dá a primeira demonstração da sua astúcia política, que o salva de represálias e permite fortalecer a sua conquista. Depois da vitória e da rapinagem, propõe a trégua aos romanos, reconhece a vassalagem ao imperador e como refém envia o seu filho Hunerico. Desejoso de exterminar Aétius, o traiçoeiro rival, causa da sua derrota, Bonifácio aceita a paz e volta a Constantinopla e entra na península itálica. Vence Aétius, mas, ferido durante o combate, morre, afinal, sendo um dos responsáveis pelas invasões barbarescas da Roma Imperial.

PILHAGEM E INCÊNDIO DAS COLÔNIAS LATINAS — Nenhum general romano existe mais que possa enfrentar o rei vândalo, inexpugnável com os seus alanos e getulos, mouros e númidas. Ameaçados nas suas fronteiras o Império do Ocidente e o Império do Oriente atemorizam-se mais com as incursões de Átila e dos hunos, do que em abater e humilhar os bárbaros da África do Norte. Assim, o invasor exerce sôbre a Mauritania Tangitana, a Mauritania Cesariana e a Mauritania Sitifiana, seu poder absoluto e exterminador. Massacra os filhos de Gonderico, a quem usurpara o poder, a fim de garantir a sua dinastia sôbre os vândalos. Havendo se convertido à doutrina de Aétius e Antoquia, heresiarca do século IV e que morreu no ano de 336, defensor do arianismo, Genserico persegue e tortura os católicos, apaga as influências de Roma. A Numídia não possui mais aquêles reis indomáveis como Syphax, Massinisa, Jugurtha e não pode repelir os vândalos, a quem auxilia no esmagamento de Roma. Genserico impera sôbre os indígenas e quando se sente forte, restabelecido dos esforços e vitórias, põe em marcha as coortes e invade o território romano, que jurara respeitar. Os vândalos avançam sôbre Cartago, a capital da civilização latina na África, a cidade

Incêndio de Cartago pelos romanos, que conseguiram as cartaginesas na campanha em que ambos os povos se empenharam pelo domínio comercial do área do Mediterrâneo.

próspera e abastada, rica de belos mármores e industrial, farta de ouro e templos, confortáveis vivendas e ruas deliciosas.

Genserico conquistou e entrou em Cartago de improviso, no dia 29 de outubro de 437. As extorsões, o massacre e o fogo desolaram as cidades cartaginesas, cujas muralhas ruíram solapadas pelos vândalos. Só a grande cidade conservou suas fortificações para resistir a qualquer abordagem das expedições. Os romanos do Ocidente e os romanos do Oriente despertaram da sua indolência, brados às armas reboaram pelos vales, planícies e montanhas, refazendo-se os baluartes. Genserico respondeu com uma das medidas mais sagazes, de verdadeira estratégia e da mais fina política naval. Ordena à população vândala que se transporte da Mauritania para o território cartaginês, que retoma a sua importância militar no Mediterrâneo.

Arma os seus barcos, que aportam na Sicília, prestes a tocar na península desguarnecida. Bizâncio compreende finalmente que deve socorrer Roma, próxima da invasão. No ano de 441, uma frota sai de Constantinopla com trinta mil homens rumo à Sicília. Para vencer os bizantinos, o chefe vândalo emprega a duplicidade de intenções, formula um projeto de paz que detém as operações militares. Genserico, o mais hábil e o mais político dos reis bárbaros, manda emissários a Constantinopla discutir os pontos do acôrdo. Outros mensageiros vândalos penetram no continente europeu e solicitam o socorro de Átila, o exterminador, o "Flagelo de Deus". Comandados pelo atroz rei, os hunos invadem as províncias orientais e obrigam Teodósio a retirar a expedição da Sicília. Os generais de Bizâncio assinam um tratado que legitima a posse pelos vândalos das três Mauritanias e de Cartago.

Êsse ato de fraqueza significou a entrega do Mediterrâneo, das suas ilhas e da cidade de Roma ao saque dos bárbaros instalados na África do Norte.

OS BÁRBAROS INSTALADOS NO CAPITÓLIO ROMANO — A pilhagem, o massacre e o incêndio, as três armas prediletas dos vândalos, subjugam tôda a

África do Norte, desprotegida de qualquer legião romana. A conquista do mar provocou a ruína dos cartagineses e decide agora do fim da Roma Imperial. Além do exército, Genserico prepara a marinha, refaz os velhos barcos, constrói outros, redobra o armamento. As felonias que partilhavam Roma e enfraqueciam os romanos convidam o rei vândalo à aventura da expedição, que exterminará a glória da capital dos Césares. As querelas entre Flávio Valentiano e Máximo, dois decadentes que perderam o sentimento cívico, dissipam os derradeiros vestígios da unidade moral, cuja ação engrandece e forma as raças vitoriosas.

Mais do que a política, a voluptuosidade extingue a grandeza romana, solapa as instituições e o Estado estremece sob a fúria das paixões individuais. O conde Bonifácio chamou os vândalos para se vingar do seu inimigo Aétius e graças à traição perdeu os domínios da África. Para derrotar e punir Máximo, que matara Flávio Valentiano e a quem coagira ao mais odioso dos matrimônios, a imperatriz Eudoxia lança um apêlo a Genserico para invadir a cidade. Máximo, coroado em 16 de março de 455, ficará poucos dias no poder que usurpou. Bárbaro, mas suficientemente sagaz para compreender a influência do moral sôbre as energias físicas, Genserico marcha à frente dos vândalos, atravessa o mar, aborda a península, entra no Tibre e investe sôbre Roma.

Mais implacáveis do que Alarico e os visigodos, as hordas vandálicas solaparam as cidades latinas. A grandeza dos mármores e o luxo das artes enfureciam os vândalos, cujo brutanismo militar nada poupa na sua nefanda rapina. No ano 146, os legionários invadiram, saquearam e incendiaram Cartago e agora eis que os bárbaros, instalados na mesma Cartago, enxovalham Roma. Durante quatorze dias, Genserico imperou no Capitólio, de cuja cúpola arrancou o zimbório de bronze dourado. Nenhuma condescendência lhe mereceu a imperatriz Eudoxia e as duas princesas, suas filhas, que o seguiram cativas. Conquistada e destruída a capital do Império Romano, o poder de Genserico se estendeu a quase todo o Mediterrâneo, cujos povos reconheceram sua autoridade e arbítrio. A marinha vândala domina sôbre as Ilhas Baleares e Córsega, Sardenha e Sicília. Invadida e ocupada em 456, a Tripolitânia completa seu império gigantesco. Julius Valerius Majorianus, que reinou de 457 a 461, tentou salvar a civilização romana da sua ruína.

À frente dos rugianos e gepidas, alanos e ostrogodos, suevos e outras tribos restabeleceu até certo ponto a vitória das armas romanas na Galia e na Ibéria. Mas traído pelos soldados, pervertidos à fôrça de ouro por Genserico, ficou aniquilado. O Império do Ocidente deixara de existir e os piratas vândalos invadem os litorais, auxiliados pelos mouros. A essa insolência e desafio, Bizâncio envia uma frota de cem mil legionários para exterminar o Átila da África do Norte. Um exército marcha do Egito sôbre Trípoli e as fôrças dirigem-se a Cartago. Como já operara duas vêzes com Teodósio e Majoriano, o rei vândalo utiliza a perfídia. Enquanto parlamenta, os seus barcos navegam à noite, abordam a frota imperial e ateiam o fogo. O imperador Zenão, reinante em Bizâncio, assina, em 476, o tratado que reconhece e proclama o Império Vândalo. No mesmo ano, o herulo Odwakar, bárbaro que serviu de ministro a Átila, governa Roma.

RECONQUISTA MILITAR DAS ARMAS BIZANTINAS E A TRANSITORIEDADE DAS VITÓRIAS BELICISTAS — Genserico morre em 25 de janeiro de 477 e essa data marca a decadência do Império Vândalo, cuja supremacia desaparece com o seu gênio racial e guerreiro. Hunerico herda as conquistas territoriais e não empreende mais nenhuma campanha, repousa sôbre uma paz ociosa e estéril.

Através dos sucessores, Hilderico, Gundamundo e Thrasamundo, os vândalos perdem a sua energia militar. A civilização, que não venceu os bárbaros com suas virtudes, a elegância moral, a lealdade, a honra da palavra, a fé nos tratados, a cultura e as idéias, destrói-os pelas suas vilanias. Aos embates e às rudes pelejas ao sol e à chuva, sucede a indolência, o moleza dos nervos, o refinamento que traz consigo a pusilanimidade.

À vida pura e frugal, aos costumes parcos que garantem a robustez, vem o envilecedor luxo. Nem sequer se tornavam industriosos como os fenícios, negociantes como os bons cartagineses que comerciavam a Numídia. De livres e erradios, saltando as montanhas, correndo os vales, agora residem nas confortáveis e doces moradias, protegidos por frescas sombras. O nome VÂNDALO expressava a destruição errante e agora deixa de infundir temor aos vassalos. A luta dos príncipes conduz à guerra das tribos, ao choque das próprias raças invasoras entre si, que debilitam o conquistador ariano. Prudentius liberta Trípoli e Godas revolta-se na Sardenha. Os terríveis cavaleiros númidas resistem aos senhores de Cartago, cujas muralhas deterioradas não suportam os longos cercos. Os mouros e os getulos, independentes e combativos, ameaçam os reis vândalos que dançam nos palácios atapetados. Reina em Constantinopla por essa época o imperador Justiniano, governando os últimos remanescentes da civilização romana em Constantinopla, de onde decide restabelecer a supremacia de Bizâncio e reconquistar o domínio do Mediterrâneo, as ilhas perdidas, a Sicília, Côrsega, Baleares, Sardenha.

O imperador Justiniano, que reinou de 527 a 565 amparou a indústria, estimulou o comércio, protegeu as artes, implantou a disciplina e desenvolveu o estudo das leis. Belisário, general bizantino, vencedor dos persas, conhecia a decadência dos costumes vândalos e insistiu na expedição militar à África. Em 23 de junho de 533, a frota greco-romana navegou com destino a Cartago, que não esperava nenhum assalto. Quinhentos navios com vinte mil marinheiros, noventa e dois bergantins com dois mil soldados sulcam os mares de que Genserico os baniu.

Completam a expedição cinco mil cavaleiros e dez mil infantes, que empreenderão a marcha por terra. O general Belisário desembarca em Caput Vad e recebe a aliança da população, que se alegra ao ver a disciplina, o respeito à propriedade, nenhuma rapina. Entra sem resistência em Syllecta e Lempta, Hammamet e Kerads.

BONITA... DE MAIS!

ESSA moça vienense, Gertrude Broda, que lê o jornal em companhia de sua mãe, pretendeu, há anos, colocar-se como criada doméstica na Inglaterra. Mas nada conseguiu, pois tão logo as donas de casa viam a pretendente renúnciavam a tôdas as habilidades que ela tivesse, porque achavam nela um grande defeito: era lindíssima! Prudentíssimas donas de casa da Inglaterra! Porém, Gertrude Broda saiu lucrando com o fato, pois, apesar do sigilo natural, o caso veio à público e logo surgiu o sr. William Thomson, de 37 anos, solteirão, rico, australiano e fazendeiro de passagem por Londres. Viu a fotografia de Gertrude e logo propôs casamento à bela austríaca, que aceitou e a esta hora já está na terra dos cangurus, casada, rica e feliz!

No dia 13 de setembro de 534, Belisário penetra em Cartago antes como libertador do que como conquistador. Na batalha de Byzacena, que se feriu no território de Tunis, o general Belisário derrota Gelimer e os vândalos. Aos poucos, a África do Norte recai sob as armas expedicionárias e Córsega, Sardenha e Sicília voltam a receber guarnições.

Gelimer, o último rei vândalo conduzido prisioneiro ao Oriente, termina sua vida vendo o extermínio dos bárbaros na África, desalojados pelos guerreiros de Bizâncio. Mas prossegue a história política do Mediterrâneo, cujas batalhas revivem com outras raças invasoras, os árabes e os bérberes, os turcos e os franceses, os italianos e os alemães.

E o impacto cíclico das raças nos convence de que a guerra não dissipa os problemas da civilização — essa energia dinâmica criada pelo espírito e pela alta inspiração do espírito.

Superioridade da Mulher

EM 1483, no Concílio de Bizâncio, surgiu a questão de saber se a mulher tinha alma... Como fàcilmente podemos imaginar, o problema criou uma grande e perigosa controvérsia.

Platão, por sua vez, sempre sustentou que os homens que passassem a vida "na covardia e na injústiça" voltavam metamorfoseados em mulheres, em sua segunda reincarnação.

As crinolinas, grande moda em meados do século passado, provocaram esta frase maldosa de Toussenel:

"A cada dia que passa as mulheres ocupam mais espaço no mundo".

Menos galante ainda foi Weininger, filósofo de princípios do século, que dizia, friamente:

— "A mulher não é nem profunda, nem elevada, nem engenhosa, nem correta; é, antes, todo o contrário! Pelo que dela foi possível julgar até hoje, não é nada inteligente, podendo-se mesmo dizer que carece totalmente de bom senso."

Tivéssemos espaço e por certo multiplicaríamos as declarações dêsse gênero, não apenas descorteses como também injustas. Porque o certo é que a mulher adquiriu na vida social de hoje e sem a ajuda das volumosas crinolinas, um lúgar de grande destaque.

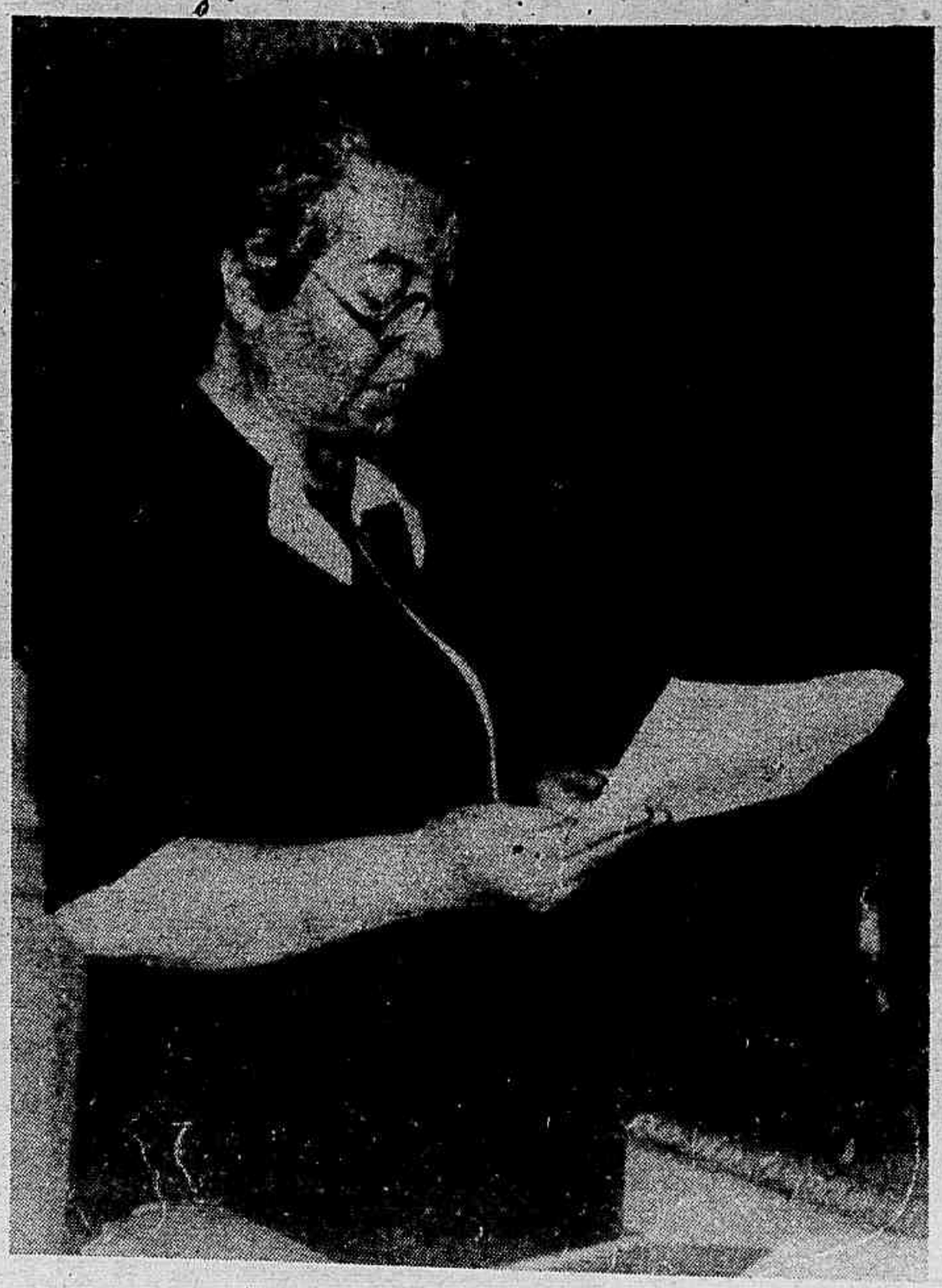
Cabe, entretanto, uma pergunta: É êsse o lugar que realmente merecia ocupar?

SE formos estudar essa situação, verificaremos com facilidade que nestes últimos quarenta anos as Associações Feministas já não perguntam: "É a mulher igual ao homem?", mas sim: "É a mulher superior ao homem?"

Como se verifica, a questão já se apresenta muito mais séria e mesmo perigosa (para nós, homens). Um sábio holandês, o professor F. J. Buytendijk, procurou responder objetivamente a esta pergunta, após vários anos de trabalho:

— Só há um ser que se qualifica de humano — diz êle — mas podemos dife-

Marie Curie



Gabriela Mistral

sobre o Homem

Charlotte Bronte

rençar sua existência corporal segundo duas dimensões, e assim dar nascimento a dois mundos diferentes: o do homem e o da mulher; porém, nenhum ser concreto é absoluto e perfeitamente masculino ou feminino.

Antes dêsse professor holandês, uma escritora francesa, Simone de Beauvoir, em seu livro "Le Deuxième Sexo", tentou uma síntese sociológica, psicológica e fisiológica sôbre a mulher. Infelizmente, a parcialidade flagrante dêsse livro, no qual abundam as inexatidões, tira todo o valor da obra de mme. Beauvoir, que pertence ao mundo uranista e teria muito bem podido escrever um livro intitulado: "O terceiro sexo".

Na realidade, o livro "O segundo sexo" é uma tese político-social, e o propósito de sua autora não foi estudar com tôda objetividade (segundo o assunto merecia e convidava) a natureza feminina e os problemas sociais engendrados pela posição atual das mulheres no mundo, mas sim demonstrar:

1) que tôdas as sociedades criadas pelo homem estão feitas injustamente para

Jane Austin

Joana D'Arc

perpetuar a súpremacia masculina, supremacia ilusória.

2) que a única probabilidade que a mulher tem de encontrar seu verdadeiro lugar no mundo é favorecer a implantação do comunismo, já que a sociedade comunista é a única que proporciona à mulher um terreno que lhe permite igualar ou superar ao homem.

As fotografias dos jornais soviéticos nos informam suficientemente sôbre a lamentável situação da mulher na U.R.S.S.

Os trabalhos do professor Buytendijk não são mais sérios. Manifesta que a moça de hoje, instruída e ambiciosa, rebela-se quando percebe a inferioridade biológica que lhe é imposta pela natureza. Vê-se obrigada a submeter-se às suas leis tirânicas, porém costuma amaldiçoá-las. Os psicoanalistas tiraram de tudo isto conclusões mais ou menos exatas.

George Sand

A MULHER, MENOS DEXTRA QUE O HOMEM — Muitas mulheres têm, de fato, o complexo de sua debilidade física, embora debilidade não seja a palavra exata. De fato, melhor seria dizer inabilidade física.

Com a idade de seis anos, diferentes "testes" demonstram à saciedade que a maioria das meninas não sabe atirar à distância uma simples bola, por exemplo. São muito menos hábeis que os meninos, mesmo quando são fisicamente mais fortes. E convém salientar que, na maioria das mulheres, embora desde meninas tenham praticado vários esportes, essa inabilidade vai aumentando.

O professor holandês já citado demonstrou também a grande sensibilidade e, às vêzes, fragilidade do sistema neurovegetativo na mulher. O rubor repentino, as alterações do ritmo cardíaco, são, em muitos casos, desproporcionados em relação com os acontecimentos que os determinam.

Acrescentaremos que a maioria das meninas ou das moças sabe instintivamente que seu sistema neurovegetativo é muito sensível. O rubor ou a palidez súbitos, a crise de lágrimas e tôdas as manifestações de uma emotividade extraordinária, foram em todos os tempos as armas favoritas da mulher faceira ou, simplesmente, enamorada.

Em outros casos, para conter seu temperamento, as mulheres se incorporam a grupos esportivos, sociais, religiosos, etc., nos quais encontram sossêgo, tranqüilidade e paz. Conformam-se à regra e aos usos comuns e perdem uma grande parte de sua personalidade com o acalmar instintivamente seu sistema nervoso.

A MULHER É O SEXO FORTE — As mulheres vivem mais tempo que os homens. Voltaire já o havia afirmado em seu "Dicionário Filosófico", consultando as estatísticas chinesas do ano 1725.

Em 1946, as estatísticas mundiais revelaram que a duração média da vida era de sessenta e cinco anos nos homens e de setenta, nas mulheres.

Essas estatísticas revelaram também que a enfermidade ataca mais a mulher que o homem, porém aquela resiste melhor.

Nesse aspecto é a mulher, na realidade, o sexo forte. Para cada viúvo de trinta a trinta e nove anos, há cinco viúvas. Para cada viúvo de mais de quarenta anos há três viúvas e meia.

Buytendijk salienta o fato bem conhecido de que entre as mulheres os "gênios" surgem muito raramente, mesmo nos tempos modernos, de 1920 aos nossos dias quando as mulheres passaram a receber uma educação tão completa e metódica como os homens.

O casal Curie trabalhou em cooperação. A grande matemática Sofia Kowalewski declarou em sua autobiografia que a procura de uma verdade científica jamais a

interessara em si, e que necessitava, para que um problema se desenvolvesse perfeitamente em seu cérebro, "oferecê-lo" a alguém que pudesse interessar-se pelo mesmo.

Se as mulheres não se interessaram pelos problemas científicos até recentemente, têm, no entanto, desde há muito, a possibilidade de expressar-se com a pintura, a escultura, a música e a literatura, sem que qualquer complexo as venha perturbar. No entanto, podemos afirmar que não há nenhuma mulher que tenha igualado jamais os grandes mestres, nem em pintura, nem em música, nem em escultura. As mulheres escritoras de primeira ordem também são raras. É bem verdade que a história da literatura mundial reteve alguns nomes, porém, apesar de seus grandes méritos, Margarida de Navarra, George Sand (sua melhor novela "Les Maîtres Sonneurs" é pràticamente desconhecida), George Elliot, Jane Austin, Selma Lagerlof, não podem aspirar aos primeiros postos. Não falemos das contemporâneas... E ùnicamente mme. de Lafayette, Emily Bronte, Margaret Mitchell, a condêssa de Pardão Bazán, Concha Espina, Collette, se aproximam dos grandes píncaros da literatura masculina. A poesia feminina é, às vêzes, aflitiva, e

Catarina, a Grande

a dos maiores poetas femininos é, em geral, tão desigual, que se sobrevive é por alguns trechos e não por suas grandes obras. Citemos Safo, Cristina de Pisan, Luísa

Margaret Mitchell

Rainha Elizabeth I

Labe, Emília Bronte, Marcelina Desbordes-Valmore, Gabriela Mistral. Além do mais, há gêneros que as mulheres não abordam e é infinitamente pouco provável que apareça algum dia um Lope, um Calderón, um Shakespeare, um Molière ou um Goethe feminino.

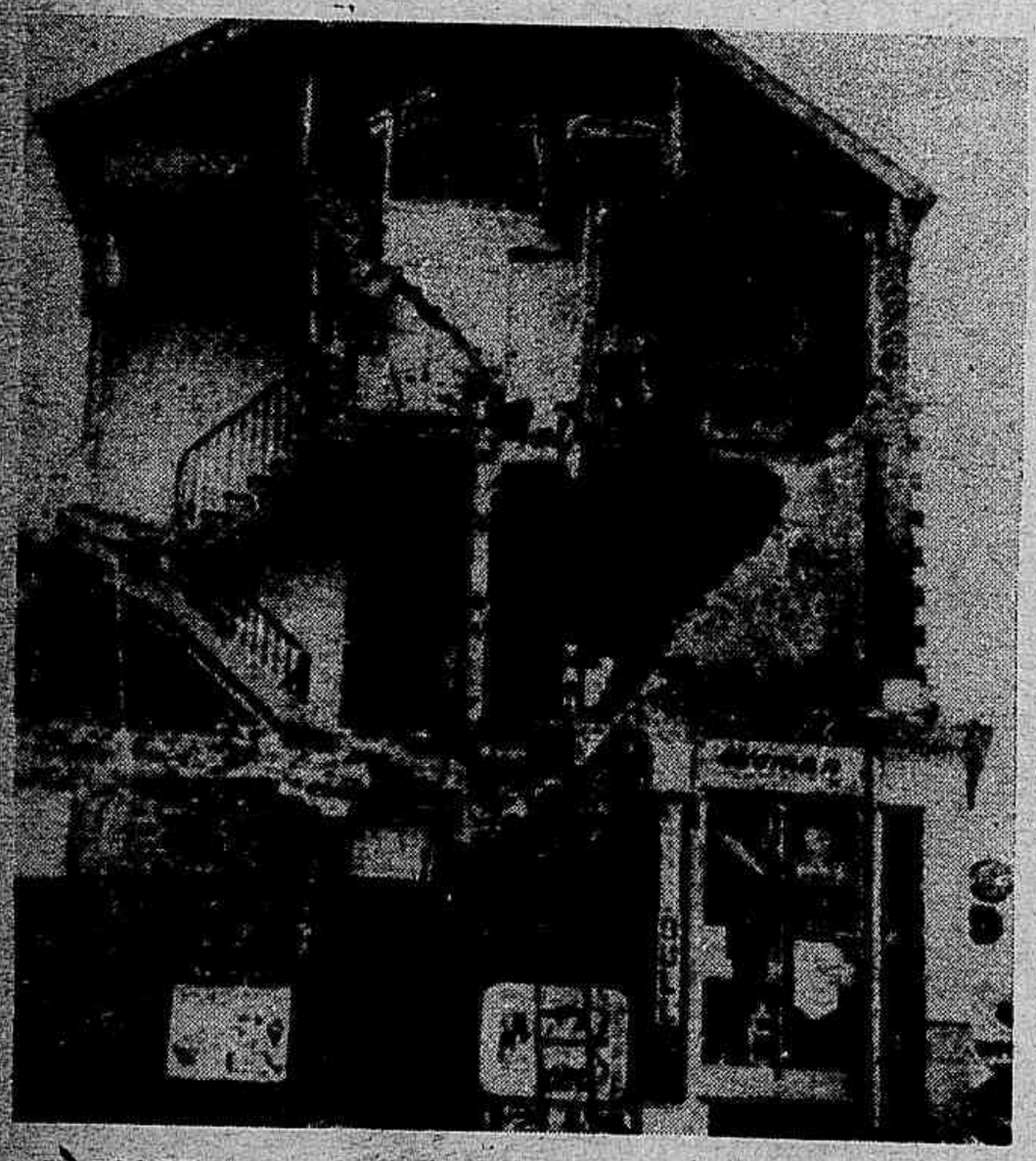
Por quê?

Isto se deve, segundo Buytendijk, à incapacidade que provém da natureza do seu sistema nervoso.

Realmente, é raro que uma mulher tenha suficiente fôrça e perseverança para amar e construir uma obra por si mesma. Ama uma obra, acima de tudo, pelo que da obra se dirá.

Não é menos certo que algumas mulheres tenham revelado possuir verdadeiro gênio político e militar. Citaremos apenas seis, que são de fato excepcionais: Isabel da Espanha, Margarida Valdemar, chamada "A Semíramis do Norte", Elizabeth I, da Inglaterra, Maria Teresa, da Hungria, Catarina, a Grande e Sta. Joana D'Arc.

A FÔRÇA DO VENTO



COMO uma casa de bonecas... abriu-se de par em par a fachada dêsse prédio, um pequeno hotel de Acton, na parte oeste de Londres. Felizmente, não houve vítimas. No mesmo bairro, duramente castigado por um vendaval, foram destruídas quarenta outras residências.

TENDÊNCIAS MASCULINAS E FEMININAS... NOS DOIS SEXOS — Mas devemos lembrar que tudo o que é verdade no homem **em geral**, na mulher **em geral**, nunca é **completamente** verdade em um homem nem em uma mulher em **particular**, pôsto que cada ser é um composto único de caracteres, em que se misturam "masculino" e "feminino".

O "test" de Terran e Miles, chamado "test" MF, permite determinar em todo ser humano seus componentes de "masculinidade" e "feminilidade". Compreende cêrca de quatrocentas e cinqüenta perguntas sôbre temas variados, e a aplicação que fizeram seus autores em numerosos indivíduos permitiram isolar certo número de fatos que a observação diária e o bom senso confirmam; que a profissão reflete e talvez desenvolve a masculinidade ou a feminilidade; por exemplo, os engenheiros e os atletas são mais "masculinos" que os eclesiásticos e os artistas, os quais se aproximam das mulheres menos femininas, isto é: mulheres esportivas e mulheres intelectuais.

A idade modifica igualmente êsses caracteres: o homem atinge o máximo de "masculinidade" aos 16 anos, para "afeminar-se" quase totalmente na velhice.

O "test" demonstra também que os homens mais masculinos têm tendência a casar com as mulheres mais femininas; suas filhas serão, por sua vez, decididamente femininas. Porém, uma das revelações mais interessantes proporcionadas pelos "tests" é a seguinte: a mulher média é mais "feminina" que masculino o homem médio.

Alguns filósofos e sociólogos partem desta observação para afirmar que a sociedade atual se afemina, isto é: que o homem perde pouco a pouco seus caracteres essencialmente masculinos. Se isso fôsse verdade, caberia perguntar se a mulher de amanhã poderá orgulhar-se (e alegrar-se) dessa conquista indireta e total do homem.

A superioridade da mulher sôbre o homem é, de fato, imensa e indiscutível, com a condição de que ela continue sendo mulher e que o homem continue sendo homem.

O DIÁRIO DE FELIX LANE

De NICHOLAS BLACK

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

Começa o «Diário de Felix Lane» com a primeira página de seu livro de apontamentos, na data de 20 de junho de 1937, quando o autor anuncia que vai matar um homem que não conhece, nunca viu, ignorando tudo sôbre êle: — nome, aspecto, profissão, etc. Mas vai tentar descobri-lo e matá-lo, porque êsse desconhecido, guiando um automóvel de marca e número ignorados, atropelou e matou seu filho único, de sete anos, com o qual se recolhera a uma casa-de-campo, após perder a espôsa. Na polícia não há indício, nem nos arredores da aldeia, onde o fato ocorreu. Por isso, começa a raciocinar, a fim de descobrir como agiria êle próprio, no lugar do atropelador. Indagando cautelosamente consegue saber, por um lavrador, que um automóvel foi lançado num pantanal, poucas horas depois do atropelamento de seu filho. Nêle iam um cavalheiro e uma conhecida atriz cinematográfica, Lena Lawson, seu companheiro se chama George. Decide então visitar o estúdio onde Lena trabalha, porém não antes de se transformar em Felix Lane, autor, para esconder sua identidade como Frank Cairnes. Consegue um cartão para visitar o estúdio e não tarda a conhecer Lena Lawson, a quem se apresenta como Felix Lane — anunciou a sua intenção de escrever um argumento para cinema. Do seu contacto com a atriz descobre outros indícios fortes de que está na pista certa. Suas relações se estreitam ràpidamente e ela confessa que seu cunhado (George) a perseguia com galanteios. Mais tarde, pretextando precisar repousar, Felix Lane propõe-se a levá-la a Savernbridge, em sua companhia. Assim conheceria George Rattery. Indivíduo antipático, autoritário, que maltrata a mulhèr e o filho, menino de 14 anos. Imediatamente, notando a ligação de Lena e Felix, passa a perseguir êste último com indiretas grosseiras. Não tarda Felix a ter a certeza de que aquêle era o assassino do filho. O convívio mais aumenta o seu ódio, pois assiste como vive aquêle homem grosseiro e como sofrem todos os que o rodeiam. Tem ocasião de matar o homem que odeia, atirando-o de um precipício, mas prefere fazê-lo de outro modo, pois vem a saber que George não sabe nadar. Um acidente, com o barco do sócio de George poderá levar o assassino de Martie desta para melhor... Assim, consegue convencer George a acompanhá-lo num passeio pelo rio e para isso passa a guardar o dia mais «favorável» aos seus planos. Antes de sair com êle, Rattery pede alguns instantes, pois tem alguma coisa que providenciar, antes de sair na canoa. Passam pela represa e já em pleno rio, no lugar mais fundo, quando se prepara para realizar seus planos sinistros, uma discussão surge entre êles. Porém, quando está prestes a realizar seu plano de vingança, descobre que George conhece-o detalhadamente. Leu o seu Diário e, mais ainda, roubara-o, enviando o documento para seus advogados, a fim de que o entregassem à justiça no caso de lhe suceder qualquer coisa. Depois de perigosa discussão. George obriga Felix a regressar e saltando na casa do encarregado da represa, afasta-se. proibindo Felix de tornar a pisar em sua casa. Na mesma noite. George morre, envenenado, e Nigel Strangeways é procurado por Felix para que o defenda, dado que os advogados da vítima tinham enviado o Diário à Polícia. Nigel vai procurar o inspetor Blount, na Chefatura. Com êle discute a situação do seu constituinte, procurando convencer ao policial que Felix é inocente e decidem examinar a casa dos Rattery. Ali pouco mais descobrem além do que já havia conseguido a polícia local. Lena, interrogada, parece inocente de tudo, até ao instante em que lhe é revelado que a polícia sabe ter estado ela ao lado de George, quando êste atropelou um menino, matando-o e fugindo. Nigel, que conhece a situação de Phil, na casa, pede licença para levá-lo para sua companhia e da sua espôsa, no hotel, pretextando ser necessário afastar o menino da casa, antes do entêrro do pai. Lena concorda e também Violeta, agora sentindo-se amparada pela irmã e disposta a lutar contra a sogra, que protesta violentamente, sendo, porém, obrigada a calar por Lena, que a insulta pesadamente. George e Nigel notam que Felix se esquiva de Lena Lawson, como se temesse estar a sós com ela. O inspetor e Nigel, em vista do laudo pericial que confirma o envenenamento e sabedores, pela leitura do Diário, que havia veneno para ratos na garage, vão a mesma, a fim de falar com Carfax.

Êste revela que conhecia o interêsse de Rattery por sua espôsa, mas que não o matou. Se quisesse vingar-se ou apenas afastar o intruso, simplesmente o expulsaria da sociedade, onde não tinha tostão. A êsse tempo queixando-se do abandono em que Felix a deixára, Lena confessa a George que o amava tanto que, desconfiada de ter sido êle o assassino de Rattery apanhára a garrafa do remédio e a entregara a Phil, recomendando ao menino que a escondesse. Mais tarde, informado pela espôsa Nigel interroga o menino, que, sabendo que o desaparecimento da garrafa prejudicava a defesa de Feliz, logo se prontifica a indicar onde a mesma se encontrava. Mas ao apanhá-la, sôbre o telhado, deixa-a cair ao solo, onde se espatifa. Blount, que quase recebe a garrafa na cabeça acredita que Phil jogou a garrafa de propósito. A seguir, Blount e Nigel decidem fazer uma revisão geral dos suspeitos numa tática de eliminação e redução do campo de exame. Começam por interrogar Ethel Rattery, que continua mais suspeita. A megera procura exigir da polícia que concluam com um veredito de «morte acidental». Depois, sòzinho, Nigel procura, por eliminação, descobrir o culpado. Assim vai anulando a possibilidade contra Lena Lawson, Violeta Rattery, Carfax, Rhoda Carfax, Felix Cairnes e Ethel Rattery, sem esquecer que esta se mostrara assustada, quando o detetive quis conhecer detalhes sôbre a vida do pai de George... O general Shrivenham revela a Nigel e a Georgia que o pai de George, o marido de Ethel Rattery morrera num asilo de loucos. Nessa noite, Nigel volta a examinar a situação de cada suspeito, procurando reduzir o círculo dos prováveis assassinos de George. Depois, ao subir para seu quarto de hotel é agredido com um bastão de golf, despertando na manhã seguinte, num leito, com a cabeça envolta em gazes. Blount, chamado por Georgia desconfia que o agressor tenha sido Cairnes. Não tardam, porém, a vir anunciar-lhes que Phil desapareceu. Por sua vez é chamado ao gabinete de Blount, que lhe anuncia estar procurando o menino com redobrado empenho, porque... é êle o assassino do próprio pai.

— Você mesmo foi quem disse, antes... que a solução do problema devia ser encontrada no diário do sr. Cairnes. Tratei de reler todo aquêle trabalho, ontem à noite e uma luz repentina quase me cegou; os acontecimentos recentes vieram apenas confirmar a minha suposição. — Pigarreou com fôrça, recostou-se melhor na poltrona

e fitando seu interlocutor com um leve ar de piedade pelo que teria que ouvir, prosseguiu:

— Vou enumerar os indícios, sempre respeitando a ordem na qual foram êles surgindo. Temos, assim:

"Primo: Phil vivia angustiado e mesmo desesperado com os maus tratos que o pai infligia à mãe, que êle sempre adorou ternamente. De fato, o pobre menino chegou a confessar-se com Cairnes, que nada podia fazer para minorar a sua mágoa, naturalmente. Reportemo-nos, agora, ao jantar citado pelo sr. Cairnes em seu diário. A conversação versava sôbre o direito de matar, em geral... O sr. Cairnes declarou que sim, que qualquer um tinha o direito de suprimir os sêres criados e postos neste mundo apenas — aparentemente — para tornar insustentável a vida dos que os cercavam.

Fêz uma pausa, para tocar, com a ponta de um dedo, o joelho de Nigel, como para pedir-lhe maior atenção:

— Recorde, também, que a essa altura, Phil fêz uma pergunta qualquer e Cairnes acrescentou:

— Tínhamos, evidentemente, esquecido a sua presença, creio. Phil janta em companhia dos maiores há apenas alguns dias...

E também nós, todos, tínhamos esquecido êsse menino. Eu, então, nem se fala, pois que tinha descuidado de mandar tomar as impressões digitais de Phil! Agora pense, meu amigo... Que impressão profunda deve ter causado uma afirmação de tal calibre no espírito de um menino impressionável e que sofria, desde longos anos, em silêncio, a brutalidade indescritível do pai com relação à mãe adorada! Felix Cairnes, o homem a quem êle admirava acima de todos, afirma, num aceso debate, que certos indivíduos nefastos não têm o direito de viver...

Deteve-se, esperando qualquer resposta de Nigel. Êste, entretanto, parecia acabrunhado e sem vontade de falar. Então prosseguiu:

— Ora, você bem sabe que um menino, principalmente um emotivo da classe de Phil, é capaz de fazer seja o que fôr, desde que se julgar apoiado pelo seu ídolo ou simplesmente executante das idéias por êle divulgadas... E deve recordar, acima de tudo, que Phil havia implorado o socorro de Cairnes, e que sua expectativa sofrera um desmentido. Você mesmo, se não me falha a memória, declarou, muitas vêzes, que a atmosfera no lar dos Rattery era simplesmente deplorável para um espírito jovem e impressionável como o dêsse menino. Phil é, sem dúvida, uma criança não muito equilibrada... E tinha um móvel! Eis, portanto, dois fatos reais e indiscutíveis.

Nigel recolheu as compridas pernas, que estendera sôbre o tapête e pareceu despertar.

— O general Shrivenham, com quem estive, esta manhã, informou-me que o avô de Phil — marido de Ethel Rattery — morreu num asilo de loucos — murmurou, sem tirar o olhar do tapête.

— Ah! — exclamou Blount sem esconder sua satisfação. — Que dizia eu? A loucura está na massa do sangue dessa desgraçada família... É coisa que a ninguém pode passar inadvertida... Mas vamos adiante! Passemos ao exame dos meios...

Endireitou-se na poltrona e começou a indicar, contando pelos dedos:

— Primeiro, sabemos que o menino costumava ir à garagem. Isso é um fato que o próprio Felix Cairnes confirma no seu famoso diário, relatando ainda que Phil se distraía atirando de carabina contra os ratos que faziam ninho no monte de ferragens. Nessas condições, nada mais fácil para êle do que apanhar uma certa quantidade do veneno, que ali era guardado. Temos mais a discussão particularmente violenta, travada entre seus pais, uma semana antes, e na presença do menino. Phil assistira a cena terrível quando o pai bateu em sua mãe. Apesar de ter George como se fôsse o diabo em pessoa, nessa hora achou coragem bastante para reagir e tentou por todos os meios defender a pobre mulher da brutalidade do marido. Na minha opinião — que não é de hoje, diga-se de passagem — essa cena dolorosa acabou de convencer ao menino, selando sua decisão... Ou, se assim prefere, acabou de transtornar o seu cérebro, que já não era dos mais perfeitos...

Nigel, entretanto, não parecia, ainda, convencido.

— Mas sempre resta explicar a coincidência verdadeiramente fantástica — protestou êle. — É lá admissível que Phil tenha escolhido justamente o mesmo dia que Felix Cairnes para assassinar George Rattery ?

— Um momento... — pediu Blount, com um sorriso de superioridade. — Vamos de vagar, meu caro. Precisa estar lembrado de que o assassinato foi executado dois dias depois da cena lamentável, que há pouco recordei... Você há de concordar que só êsse fato torna a coincidência de que fala menos fantástica do que pode parecer à primeira vista... Além do mais, nada prova que estejamos diante de uma coincidência! Senão, vejamos: o diário estava escondido sob uma das tábuas do soalho, no próprio quarto de Cairnes, na residência dos Rattery. Exato? Pois bem, Phil, devido a sua amizade com Cairnes, entrava livremente e constantemente nesse quarto, que era, ainda, onde Felix dava aulas ao menino. Ora, é preciso reconhecer que o menino, morando desde muitos anos naquela casa, tinha que ser o primeiro a notar uma tábua mal colocada, se já não sabia dêsse detalhe... Quem sabe, mesmo, se êle próprio não tinha, antes, usado êsse mesmo esconderijo, para nêle guardar seus pequeninos tesouros pessoais? Sim; você sabe como são os meninos dessa idade...

— Mas a ninguém é permitido duvidar da afeição de Phil por Felix Cairnes. Creio que você está de acôrdo comigo sôbre êsse ponto...? Como, então, teria êle envenenado o pai no mesmo dia do atentado fracassado de Felix? Êle devia bem saber que praticado o crime, tôdas as suspeitas recairiam necessàriamente sôbre Felix!

O inspetor Blount tornou a sorrir, antes de responder:

— Noto que você é exageradamente sutil, meu caro Strangeways — disse êle. — Mas deve ter em mente que estamos lidando com uma criança. Caso não se trate, de fato, de uma coincidência, é esta a minha teoria:

Pigarreou, com energia, coçou prolongadamente os joelhos, enquanto concentrava as idéias e depois iniciou a sua exposição:

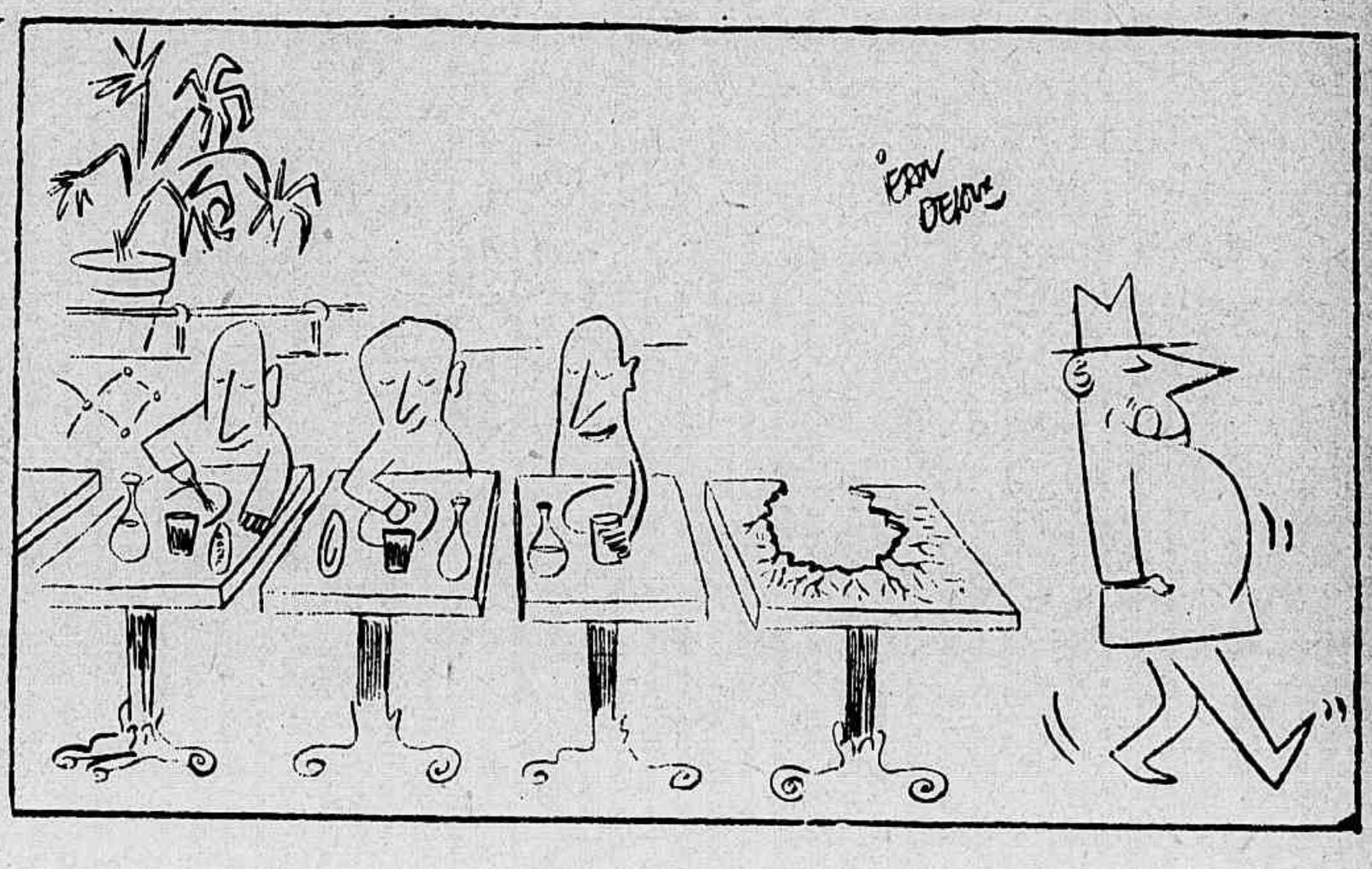
— A meu ver, Phil descobriu o diário de Felix Cairnes e leu o seu projeto de "acidentar" George, quando com êle estivesse, no rio. Mais tarde, quando viu seu pai regressar, são e salvo dêsse tão esperado passeio em canoa, decidiu envenenar o tônico, sem pensar um só instante que com isso estava incriminando seu ídolo... Ignorava, naturalmente, que também George havia encontrado o diário e enviado o mesmo aos seus advogados. Realmente! É esta uma hipótese cheia de falhas e sou o primeiro a reconhecer essa verdade. Eis por que, examinando bem as coisas, estou mais inclinado a acreditar numa coincidência...

— Você tem razão, meu amigo. Êsse seu raciocínio tem muita base — confessou Nigel curvando a cabeça, como se o dissesse a contragôsto.

Imediatamente o inspetor se mostrou mais animado e continuou a expor suas impressões pessoais:

— Muitos outros detalhes vêm em apoio dessa minha teoria. Por exemplo: Vejamos o que ocorreu, segundo ficou comprovado, no sábado à noite. Quando o veneno come-

★



— S.A.P.S. —

çou a agir sôbre o organismo de George, Lêna Lawson se dirigiu para a sala-de-jantar. Ali chegando notou imediatamente a garrafa do medicamento, que ainda estava sôbre a toalha da mesa. Imediatamente, pensou em Felix e, no seu atarantamento apanhou o vidro e correu para a janela, com a intenção de jogá-lo longe, entre as moitas do jardim. Mas que vê, nessa ocasião? **O rosto pálido de Phil, comprimido contra a vidraça da janela**. Ora, pergunto agora, que fazia o menino naquele lugar? Se era inocente e se soubera da grave indisposição que atacara o pai, teria procurado, sem sombra de dúvida, tornar-se útil, prestando mil e um pequeninos serviços...

— Um menino **normal**, sem dúvida, era o que teria feito! — observou Nigel. — Teria corrido a prestar ajuda. Mas creio ter tido tempo de conhecer bastante êsse menino para saber que, ao contrário, procuraria fugir para bem longe, ou, talvez, corrido a trancar-se no quarto ou mesmo metendo-se debaixo da cama... para procurar fugir de todo êsse horror... para tentar afastar a cena dramática do seu espírito.

— Sim; isso é possível. Mas, de qualquer maneira, a presença dêsse menino diante da janela da sala-de-jantar não pode ser explicada a menos que êle mesmo tivesse envenenado o remédio e quisesse ter a certeza de que a sala estava deserta, a fim de apanhar furtivamente o vidro de medicamento, levando-o para lugar onde não pudesse ser encontrado. Êsse desejo de esconder a prova do seu delito é o reflexo normal de um menino culpado. Mais tarde, levado pelas circunstâncias, êle próprio indicou a você o esconderijo do frasco e não hesitou em subir novamente ao telhado para recuperá-lo.

Nigel moveu a cabeça, como se não aceitasse essa exposição totalmente. Depois perguntou, um tanto irritado:

— Por que fêz isso, se havia envenenado o medicamento e escondido a garrafa... justamente para se proteger de qualquer suspeita?

O inspetor, entretanto, não pareceu impressionado com êsse argumento, dizendo, com ar triunfante:

— Por que êle sabia que Lena tinha revelado tudo a você mesmo, isto é: que ela própria tinha entregado o vidro de medicamento a êle, Phil! Eis por que, não podendo mais continuar fingindo total ignorância relativamente a êsse vidro de remédio, resolveu destruí-lo, pura e simplesmente. Por isso foi que atirou o vidro lá do alto do telhado e, depois, atirou-se, furioso, contra mim, quando compreendeu que todo o seu plano falhava, porque eu recolhia os cacos do vidro...

O inspetor fêz uma pausa, para dizer num outro tom, impregnado de compaixão:

— Palavra de honra! Naquele momento, cheguei a pensar que êle havia enlouquecido... Sei, agora, que êle era loucо... desde o princípio. Sim. Um só pensamento atormentava seu espírito enfêrmo: suprimir aquêle vidro de remédio, custasse o que custasse. E devemos reconhecer que partimos de uma idéia errada, levando as bizarrias da sua conduta à conta de sua afeição por Cairnes: era a si mesmo que procurava dar proteção!

Nigel ouvia em silêncio, acariciando levemente os curativos que envolviam sua cabeça. Uma repentina associação de idéias lhe soprou uma objeção:

— Um momento, por favor! Como você alia a culpabilidade de Phil com a sua convicção já declarada que o meu agressor de ontem à noite era Felix Cairnes?

— Retiro essa acusação! — declarou o inspetor. O menino soma êsse delito aos demais. Eis como, a meu ver, a cena se desenrolou:

Olhou duas vêzes para as palmas das mãos, como se nelas tivesse escrito o que ia dizer, depois prosseguiu:

— Phil decidiu fugir. Sai do seu quarto e desce a escada sôbre a ponta dos pés, já passada meia-noite, em plena escuridão. Porém, à porta dó salão é aberta repentinamente, no momento justo em que êle se dispõe a atravessar o hall, a fim de chegar à porta que dá para a rua. A pessoa que sai do salão vai acender a luz elétrica. Estava, pois, impedido de continuar, pois do contrário sua tentativa de fuga seria imediatamente descoberta... Phil trata de colar-se à parede e sua mão, por acaso,

encontra o bastão de gôlfe, ali abandonado por algum jogador. Desesperado, aterrorizado — como um pobre animal apanhado numa armadilha — êle se apodera do bastão e desfere um golpe ao acaso, procurando simplesmente abater o obstáculo que se levanta entre a fuga e êle. Atinge o alvo — você — e vê o corpo de sua vítima, de sua nova vítima, diria melhor, cair sôbre o tapête da sala. O menino fica horrorizado. Não ousa ligar novamente a luz. O corpo estirado diante da porta é imagem que não pode suportar. Jamais teria, também, coragem de saltar sôbre êle... Lembra-se, então, da porta-janela da sala-de-jantar e é por ali que consegue afinal fugir. As impressões digitais desconhecidas, encontradas nessa mesma porta, são dêle, conforme agora sabemos, pois puderam ser identificadas comparando-se com as que conseguimos colhêr em seu próprio quarto, esta manhã.

— Êle ficou horrorizado, diante do corpo caído e sem sentidos, diante da porta? — murmurou Nigel, com ar distante. — Mas você disse que êle fugiu do hotel?

— Terá você alguma objeção a fazer?

— Não. Nenhuma, meu velho... Estou plenamente convencido de que Phil agiu conforme você acaba de relatar. E pode estar certo de que sempre hei de excluí-lo do rol, sempre que tiver de acusar Scotland Yard de falta de imaginação. A sua teoria, Blount, é extremamente brilhante. Mas é puramente hipotética! Você, realmente, não tem sequer a sombra de uma prova contra Phil!

— Você, sim, está redondamente enganado — disse o inspetor, não mais com o seu sorriso triunfador, mas, antes, com ar grave e quase acabrunhado. — Encontramos isto sôbre a cômoda do quarto do infeliz menino... É uma confissão!

Estendeu para seu amigo uma fôlha de papel pautado, evidentemente arrancada de um caderno escolar. Nela, com letra esparramada, Phil escrevera:

"Inspetor Blount,

O sr. Felix é inocente. Fui eu quem envenenou o remédio. Fiz isso porque papai batia muito em mamãe. Vou fugir e o senhor não vai ouvir mais falar de mim. Philip Rattery."

— Pobre menino! Pobre, pobre Phil! — murmurou Nigel. — Ah! Se tivesse sido amparado e tratado como era devido...

Mas logo, reagindo, falou, ràpidamente:

— É preciso procurá-lo... e encontrá-lo quanto antes, Blount! Com êsse menino, conforme sabemos, podemos esperar o pior!

— Tomamos as providências urgentes que o caso requeria e posso afirmar que não medimos esforços. Agora... Chegaremos a tempo de evitar outro drama? Devemos, mesmo, desejar que isso ocorra... em benefício do desgraçado menino? Como você deve saber, êle será internado. E só de pensar nessa imensa tragédia, Strangways, começo a tremer!

— Pouco importa! — interrompeu Nigel. — É preciso encontrar êsse menino! Encontrá-lo... antes de que seja tarde!

— Pode confiar em mim. Aliás, o menino não pode ter ido muito longe... a menos que tenha sido arrastado pela correnteza — acrescentou Blount, com voz surda.

★

Cinco minutos mais tarde, Nigel encontrou Felix Cairnes, que o esperava diante da porta do "Angler's Arms". A ansiedade havia transtornado tôda a sua fisionomia e em redor dos seus olhos apareciam manchas arroxeadas, como se tivesse chorado ou passado a noite sem dormir. Porém

★

— Ora, ora, Anástácio... Para que quer você aumento de ordenado?...

nesses olhos torturados havia a pergunta que os lábios trêmulos não ousavam formular.

— Que fizeram êles... — balbuciou, finalmente.

Nigel o interrompeu com um gesto de mão.

— Podemos subir para o seu quarto? Tenho uma porção de coisas para lhe dizer...

No quarto de Felix Cairnes, Nigel se instalou numa poltrona. Sentia uma ligeira perturbação visual, tudo parecendo rodar em seu redor e ao mesmo tempo a cabeça voltava a doer no local da pancada. Felix, sempre nervoso, permaneceu de pé, junto da janela, olhando a curva graciosa do rio sôbre o qual navegara acompanhado por George naquela tarde de pesadelo. Seus nervos estavam esticados, como se fossem estourar, enquanto um pêso intolerável comprimia seu coração e paralisava a sua língua. Foi o detetive quem rompeu, afinal, o silêncio, solicitando com bondade:

— Sabia que... Phil deixou uma... confissão?

Felix rodou violentamente num calcanhar.

Nigel, porém, não se impressionou, continuando no mesmo tom:

— ...Uma carta, na qual afirma ter envenenado George Rattery!

Felix abriu a bôca duas vêzes a tornou a fechá-la. Depois, num terceiro e violento esfôrço, pôde articular:

— Mas... Isso é demência pura! Aquêle infeliz menino deve ter enlouquecido! Tenho a certeza de que sempre foi um bom menino, incapaz de matar uma... Não! Não é possível que Blount tome a sério essa confissão! Então?...

— O inspetor Blount edificou uma teoria bastante convincente contra Phil — explicou Nigel. — E, essa confissão...

Porém Felix interrompeu o detetive, com uma agitação crescente:

— Phil é inocente! Não pode ter assassinado o próprio pai... **Sei** que êle não cometeu êsse crime!

— **Eu também** — declarou Nigel, com absoluta tranqüilidade.

As mãos de Felix se imobilizaram, no meio de um gesto frenético, como se, repentinamente, tivessem sido transformadas em pedra. Depois fitou Nigel durante alguns segundos, antes de murmurar:

— O senhor **sabia**? **Como** pôde descobrir?

Sempre muito calmo e esfregando as mãos, num vaivém muito lento, Nigel respondeu:

— Porque pude, finalmente, descobrir o verdadeiro autor do crime... Vou precisar, naturalmente, do seu concurso para completar certos detalhes da minha teoria; depois... depois tomaremos, juntos, as decisões úteis.

— Continue, por favor... **Quem é o assassino**? Mas continue, por favor!

— Não sei se conhece ou recorda uma certa frase de Cícero... Pode ser lida no **De Officiis**, se não estou enganado... É **"In ipsa dubitatione facinus inest"** o que vem a ser "A própria hesitação vale muito, vale muito mais que todos os personagens dêsse drama para cometer um crime! Como me dizia o simpático general Shrivenham, esta manhã, você peca por excesso de consciência.

— Ah! Compreendo...

As palavras de Felix caíram penosamente dos seus lábios. Um silêncio dramático pesou sôbre todo o dormitório. Finalmente, Felix Cairnes careteou um sorriso antes de prosseguir:

— ...e perdoe-me, por favor, por lhe haver causado tantos aborrecimentos. Sou o primeiro a compreender quanto esta conclusão deve ser desagradável a você... depois de tantos e brilhantes esforços no sentido de me salvar...

Pareceu hesitar, mas foi coisa rápida, pois logo prosseguiu:

— No fundo, estou até muito satisfeito por tudo isso haver terminado. A confissão de Phil me forçava a tomar uma atitude... Naturalmente, eu mesmo iria procurar o inspetor Blount ainda esta tarde, depois de me entender com você, é claro! O que gostaria de saber, entretanto, era a respeito de Phil... Por que êle fêz isso?

— Como deve ter sentido melhor que outro qualquer, Phil era muito dedicado a você. Uma admiração total! Ora, o menino tinha ouvido Blount me afirmar que pretendia prender você... Êste foi o único meio que êle entendeu dever usar, a fim de ajudá-lo...

— Oh, meu Deus! Se se tratasse de outra pessoa... Phil me recordava o meu pobre Martie... Via nêle o que Martie teria sido, ao crescer...

Não resistindo à emoção que lhe causavam as próprias palavras, Felix Cairnes procurou refúgio numa poltrona e, curvando-se para a frente, cobriu o rosto com as duas mãos.

Depois de algum silêncio, em que fêz terrível esfôrço para conter as lágrimas, perguntou, com voz novamente angustiada:

— Você... Você não acredita que êle tenha praticado uma... tolice irreparável...? Oh! Nunca me perdoaria se tal acontecesse!

— Não. Tenho absoluta certeza de que o encontraremos, são e salvo. Portanto, não fique assim preocupado...

Felix endireitou o corpo, recostando-se na poltrona. Seu rosto continuava pálido e crispado, porém a expressão de angústia se apagara completamente.

Foi com voz lenta, hesitante, que perguntou, baixando o olhar para o tapête:

— Como conseguiu descobrir a verdade? Que foi que abriu os seus olhos?

— O seu diário — respondeu Nigel, com simplicidade. — Foi um êrro seu, Felix. Com aquêle diário você se vendeu totalmente. Vou agora citar uma de suas primeiras frases:

"Devemos sempre contar com o moralista rigoroso que vive no interior de cada um de nós, tanto o mais calmo e firme quanto o mais tímido. A consciência, verdadeiro agente provocador, é o pior inimigo do criminoso!"

Fêz uma pausa e fitando Felix bem nos olhos, continuou:

No princípio, o seu diário devia ser uma espécie de válvula de segurança para a sua consciência, Felix. Mas, **no dia em que você descobriu que era pessoa incapaz de matar um homem baseado em simples presunção, o mesmo diário passou a ser o principal instrumento de seu novo plano**. E êsse, Felix, foi um gravíssimo êrro!

— Sim, sim... Verifico, hoje, que, decididamente, nada pode escapar à argúcia de um bom detetive. Fiz mal, portanto, escolhendo-o. Deveria ter procurado um campeão menos inteligente... Mas vamos fumar e conversar um pouco mais...

Sorriu movendo a cabeça afirmativamente e como se fôsse outra pessoa que concordasse com o que êle próprio dizia...

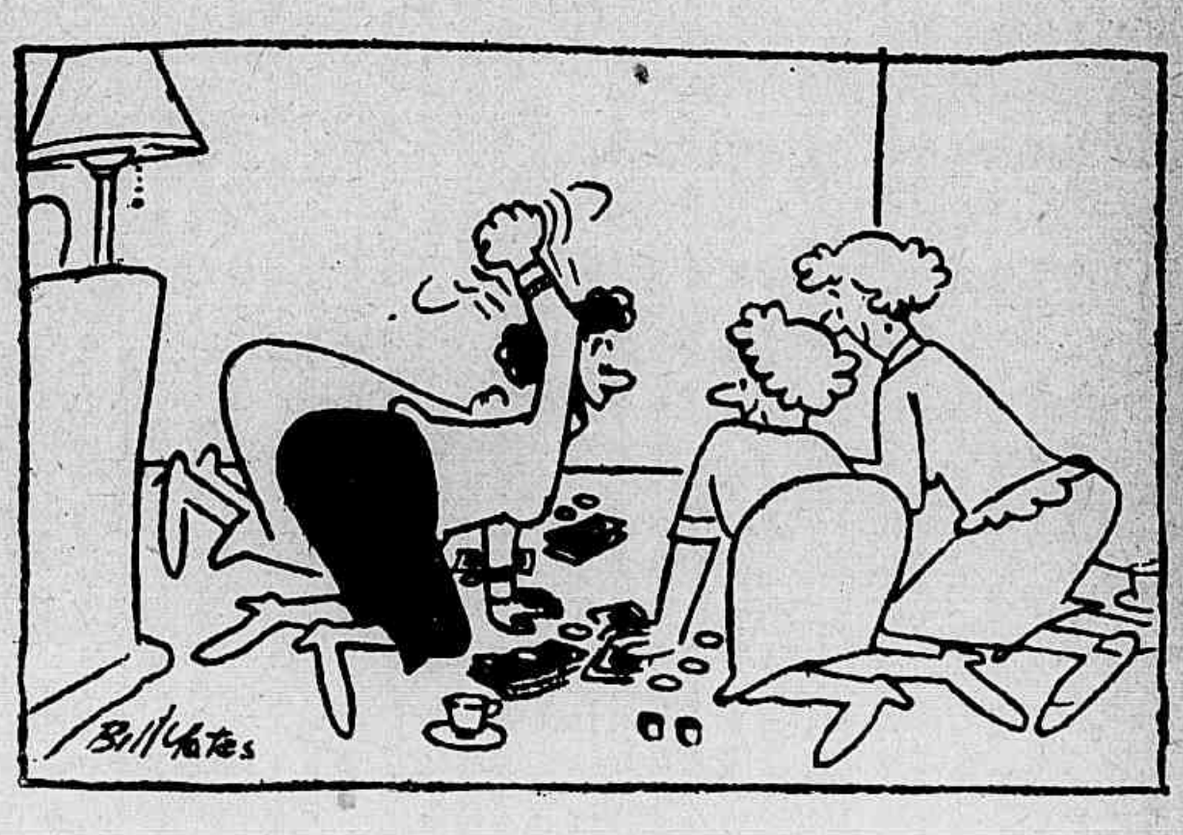
Nigel olhava para o pobre Felix Cairnes sem nada poder dizer e apenas pensando no que teria sido de Geórgia, caso estivesse presente à penosa entrevista.

— Sim... Receio haver subestimado do seu valor, Nigel Strangeways! Agora, preciso fumar um pouco... Creio que isso é permitido, habitualmente ao condenado, não é mesmo?

Jamais Nigel deveria esquecer essas cenas. O rosto pálido e barbudo de Felix, iluminado por um raio de sol, as espirais de fumaça subindo para o teto, o exame objetivo do crime praticado por Felix (como se tudo não passasse da intriga de um dos seus romances policiais que a crítica sempre recebia com aplausos e o público comprava em sucessivas edições). Tudo isso ficou definitivamente gravado na memória de Nigel.

— Uma anomalia chamou minha atenção, colocando-me na boa pista — explicou, enfim. — Foi o seguinte: na primeira parte do seu diário — até a ocasião em que estêve prestes a liquidar George, precipitando-o no fundo da pedreira — o leitor sente que você vive atormentado pela ausência de

★



E pensar que perdemos tanto tempo jogando.

provas contra êle. Mas, a partir dêsse dia, não mais escrúpulos de consciência! Ao contrário: você parece haver adquirido a certeza de que George Rattery é o assassino de Martie.

— Sim, sim... Compreendo Nigel.

— Ora; havíamos partido do seguinte princípio: a tentativa de assassinato, na pedreira, falhou simplesmente porque a desconfiança de George havia sido despertada; de fato êle invocou o pretexto da vertigem ùnicamente para ganhar tempo. Porém, ontem, à noite, voltando a ler o seu diário, Felix, uma hipótese contraditória se apresentou ao meu espírito...

Voltou a encarar friamente seu interlocutor e prosseguiu, com voz firme:

— O mentiroso era você, Felix, e não George Rattery! Sim; você havia atraído George até o bordo da pedreira, mas, no instante de empurrá-lo voluntàriamente, para que fôsse morrer, espatifado no fundo do abismo, uma fôrça insuperável impediu o seu gesto... Você não podia assassinar um homem sem possuir a prova formal, iniludível de que êle e não outro qualquer havia esmagado Martie.

Ficou esperando uma reação de Felix Cairnes. Porém êste parecia de pedra.

— Então, Felix? Minha reconstituição é exata?

— Sim... — exclamou Felix Cairnes, estremecendo violentamente. — Você tem tôda a razão...

Depois, com indisfarçável amargura, concluiu:

— Amaldiçoada fraqueza, minha!

— Não, Felix! — falou Nigel, com brandura. — Essa delicadeza de sentimentos o honra bastante, até certo ponto pelo menos... E quer saber? Essa mesma delideza voltou a traí-lo uma segunda vez, quando procurou manter Lena Lawson à distância, depois da sua estranha confissão geral, no jardim. Tenho a certeza de que Lena teria perdoado. Entretanto, você fazia questão fechada de romper relações com ela, ùnicamente para a preservar de qualquer contacto com um assassino! E por tudo isso se verifica que o pobre Phil não é o único êmulo de Dom Quixote, em todo êsse drama desolador.

— Não falemos mais de Lena, se quer ser gentil comigo... Ela é o meu único remorso. E dado que nada mais devo esconder a você, meu amigo... quero que saiba que acabei amando-a sinceramente!

— Oh! Eu sabia... Mas, para voltar ao que mais interessa, quero esclarecer que examinei tôdas as suas ações posteriores ao incidente da pedreira, sempre procurando indagar a mim mesmo se elas podiam ter tido, como alvo inicial, arrancar o segrêdo de George Rattery. Notava-se que a decisão que você havia tomado continuava muito firme, porém não desejava, de forma nenhuma, correr o risco de assassinar um homem inocente da morte de Martie... A culpa foi revelada, realmente, por essa própria hesitação... Não podendo perguntar, cara a cara, ao próprio George se êle tinha esmagado Martie (êle teria negado e, como completa teria expulsado você da sua casa) você decidiu despertar propositadamente as suspeitas dêle... Procurou excitar a sua curiosidade, indicando-lhe por todos os meios possíveis que havia decidido matá-lo.

Félix Cairnes voltou a estremecer violentamente. Depois, com voz aparentemente calma:

— **Como pôde chegar a essa conclusão? Por que não posso ser inocente?**

Um brilho intenso passou pelos olhos do detetive. Porém logo voltaram a ser frios e calmos, quando falou:

— Primeiro, porque você fêz tudo para ser convidado pelos Rattery, quando havia escrito, alguns dias antes: "Não suportaria, por preço nenhum, viver nesse interior. Além do mais, acredito que George é pessoa perfeitamente capaz de mexer em meus papéis particulares, e não desejo que êste Diário caia em suas mãos..."

E detendo Felix Cairnes, que pretendia interrompê-lo, Nigel continuou:

(Continua no próximo número)

UMA VOZ EXTRANHA FALOU

DO PROFUNDO SILÊNCIO DE UMA IGREJA VAZIA VEIO A SURPREENDENTE RESPOSTA A UM HOMEM, CUJA FÉ SE ACHAVA ABALADA.

Conto de
OSCAR SCHISGALL

ÀS oito horas daquela manhã, o padre Charles Prentiss Norton estava com o bispo, que agonizava sob um balão de oxigênio, na sala de um hospital. Já haviam passado três horas desde que o velho clérigo tinha sido conduzido para lá, por uma ambulância, com um grave ataque cardíaco; e durante todo êsse tempo Charles se encontrava ao seu lado.

Agora êle se afastava, com os olhos úmidos e tristes, e ciente de que tôdas as suas orações haviam sido vãs. No corredor, encontrou Martha Lansing, antiga auxiliar da sacristia, que o esperava ansiosamente.

— Nada mais podemos fazer — disse o sacerdote.

E tratou de levá-la de volta à Igreja de S. Paulo; no caminho, Martha derramou algumas lágrimas, mas depois ficou em silêncio. Quando os dois atravessavam o longo e penumbroso corpo da igreja, rumo ao altar, o padre Charles notou a presença de duas ou três pessoas, espalhadas pelos bancos.

A voz de Marta vibrava, quando falou: — "Você não deve dizer isso!"

A Igreja de São Paulo nunca está fechada; e durante as manhãs, muita gente entra e lá permanece, entregue às orações ou à meditação. O padre Charles tratou de abrir a pequena porta, por trás da sacristia e acompanhou Martha Lansing, que se dirigia para o grande estúdio gótico do bispo.

Sentiu-se como se sua esbelta figura estivesse prestes a encolher-se; e, alquebrado, sentou-se na cadeira de couro junto da escrivaninha. Sòmente a lâmpada de mesa estava acesa. Charles, enfiando os dedos por entre os cabelos, contemplou, por algum tempo, a papelada do velho clérigo. Como assistente do bispo nos últimos sete anos, êle próprio havia auxiliado na redação de muitas dessas anotações. Seus lábios se apertaram. Não

Sentado no centro da igreja silenciosa, Carlos ouviu repentino ruído em algum lugar, pró

era apenas tristeza que êla sentia; algo mais profundo lhe invadia a alma, levando-o quase ao desespêro.

Charles ergueu o olhar para Martha Lansing, que se encontrava de pé, na penumbra, encostada à porta. Uma triste e pálida moça de cabelos louros, com um ar de grande preocupação. Durante os anos em que havia trabalhado ali, sempre se mostrara ativa e essa atividade constituira um estímulo para todos. Mas agora só havia tristeza e fadiga em sua atitude.

— Martha, você já devia ter participado ao sacristão.

— É o que vou fazer agora, padre.

Depois que Martha se retirou do estúdio, seus olhos buscaram os papéis que se achavam sôbre a mesa. E os examinou até o momento em que ela retornou.

— Posso mandar trazer-lhe uma xícara de chá? — interrogou ela.

Porém, êle não prestou atenção à pergunta.

— Martha — disse êle, como se estudasse as próprias palavras. — Pela primeira vez em minha vida, duvido da sabedoria do Senhor.

ximo ao que se encontrava. Voltou-se, em atitude expectativa, para tomar conhecimento do fato.

Os olhos dela se abriram, cheios de assombro, tal foi o espanto que essas palavras causaram no seu espírito; porém, padre Charles não pareceu notar... ou ligar. E continuou:

— É que tenho um tremendo senso de justiça e não creio que tenha havido isso. O bispo... ser levado agora — logo agora! Parece-me totalmente errado...

— Não deve falar desta maneira! — exclamou Martha.

E aproximou-se do pastor, apoiando suas mãos sôbre a escrivaninha e inclinando o corpo de modo que o seu rosto ficou completamente iluminado pela luz da lâmpada.

— Eu o estimava muito — disse ela. — Mas, afinal, êle ainda viveu setenta e quatro anos, e viveu uma grande e nobre existência!

— Certamente! Uma grande e nobre existência — repetiu o padre Charles. — Mais de cinqüenta anos, inteiramente devotados às coisas divinas. Uma vida sábia e inspirada. Se lhes houvesse sido permitido ensinar ou realizar — como era seu desejo — tudo o que aprendeu nesses cinqüenta anos, sem dúvida teria sido uma

verdadeira revelação para o clero de todo o mundo. Mas, agora, tudo está perdido!

Cêrca de duas semanas antes, como era do conhecimento de ambos, o bispo havia começado a escrever as suas memórias. Tôdas as noites êle se isolava no seu estúdio, e escrevia...

— Êle só queria mais um ano de existência — disse o sacerdote. — Nada mais que um ano! Nesse espaço de tempo o livro seria concluído. E então teríamos a felicidade de conhecer, através da sua sabedoria, a mensagem que Deus envia a seu povo. Quando um homem como êsse pede apenas mais um ano para completar uma obra dedicada a Deus — por que, então, deve êle ser arrancado dêste mundo? Por que o Senhor fêz isso? Por quê?

— Não sei como responder... — disse Martha. — Apenas sei que o senhor não deve falar assim! Não pensa no que diz, porque está transtornado!

— Martha — disse êle, com impaciência — sinto que agora não estou bom para conversar. Deixe-me sòzinho por algum tempo. Mais tarde estarei mais calmo.

Ela hesitou durante muito tempo. Depois voltou-se e saiu do estúdio, puxando a porta atrás de si.

Após a retirada de Martha, padre Charles compreendeu que, realmente, era melhor ficar sòzinho com as suas dúvidas e os seus tormentos.

Seu olhar buscou os papéis que se encontravam em cima da escrivaninha. Quanta fôrça inspiradora o bispo poderia ter lançado no coração daqueles que o seguiam! Que exemplo de sabedoria e compaixão!

Pensou, depois, nas realizações que ficavam como verdadeiras testemunhas da vida benemérita do velho bispo: novas igrejas, um orfanato, um asilo para a mendicância, a sua infinita devoção com os pobres e abandonados, as suas palavras de consôlo, os seus ensinamentos e conselhos que haviam tornado felizes milhares de famílias...

Onde estava a justiça divina, que assim arrebatava tão preciosa vida no momento mesmo em que ela se aprestava para completar a sua tarefa?

Então, passou pela sua mente a recordação do momento em que o bispo falou:

— Agora, meu querido Charles, acho que estou pronto para começar...

Êle próprio compreendeu logo a necessidade que tinha o bispo de concretizar essa tarefa. E com o auxílio de Martha, padre Charles resolveu tomar a si as ocupações do bispo, visando, justamente, deixá-lo mais à vontade, mais livre para a grande obra! Maş sòmente depois de muita relutância o santo homem consentira no próprio afastamento.

Pela primeira vez em muitos meses, padre Charles fôra tomado de um sentimento de plenitude, de profunda satisfação. E agora sua alma estava sendo esmagada pelo desespêro!

Por longo espaço de tempo permaneceu sentado. Sabia que o sentimento de injustiça e frustração não deviam existir no coração de um padre. O seu desejo era extirpá-lo, sim... **mas não sabia como**! E temia que jamais tal sentimento o abandonasse, **a menos que encontrasse uma resposta para aquêle terrível "por quê"!**

Fatigado e abatido, levantou-se e apagou a lâmpada. E quando atingiu a ante-sala, encontrou Martha Lansing, que estava ao pé do telefone.

— Martha; vou deixá-la em casa — disse êle.

— Ainda tenho duas chamadas telefônicas a fazer — respondeu ela.

Enquanto ela discava um número, padre Charles abriu uma pequena porta lateral, na sacristia, e entrou no corpo da igreja, que se encontrava escuro e deserto; uma ou outra lâmpada, de brilho muito fraco, iluminava um reduzido trecho do enorme templo.

Era seu costume, antes de sair para casa, ajoelhar-se por algum tempo. Porém, naquela noite, sentia um grande desejo de ali ficar **indefinidamente**...

Depois de muito tempo, ergueu o olhar para uma grande e pálida imagem de Cristo que havia por trás do altar; e como nesse instante voltasse a pensar no bispo, tôda a sua tristeza se exteriorizou num agônico murmúrio:

— Por que não poderia êle ter vivido até concluir a sua santa mensagem?

(Continua na página 113)

OS RUSSOS JÁ FORAM À LUA...

O VERDADEIRO "SEGRÊDO DE MALENKOV". — PODEMOS DOMINAR GRANDE PARTE DA TERRA! — NÃO MAIS UMA HISTÓRIA INFANTIL, MAS UM "ENSINO PRÁTICO". — COMO OS RUSSOS "EFETUARAM" SUA PRIMEIRA VIAGEM À LUA... EM 1955. — A "BABY SPACE STATION" DOS NORTE-AMERICANOS VAI PROGREDINDO SATISFATÒRIAMENTE — TRÊS MACAQUINHOS SERÃO OS PRIMEIROS ASTRONAUTAS. — A VIAGEM SERÁ... SEM RETÔRNO!

A União Soviética está preparada contra tôda agressão, seja ela qual fôr e venha de onde vier — declarou na última primavera o marechal Malenkov, que era na ocasião o chefe supremo da U.R.S., num discurso dirigido ao Presidium.

Pela primeira vez, na história da Rússia Soviética, o chefe supremo aludia pùbli-

OS PRIMEIROS RUSSOS NA LUA — A nota romântica é dada pela jovem mulher que faz parte da excursão. O foguete e os globos (habitáculos) ostentam uma estrêla vermelha. Ao fundo da cena a Terra. Sôbre o solo colossal espelho, destinado a captar os raios solares.

camente a uma nova arma, diferente das bombas "A", "H" ou "C", e cujo segrêdo acreditamos atualmente conhecer.

Isto porque a guerra, que esperamos não comece nunca, está sendo preparada nos laboratórios guardados como fortalezas e, nas usinas subterrâneas da Rússia como dos Estados Unidos. E, se é verdade que êstes haviam tomado avanço nítido na fabricação das armas nucleares, parece que aquêles estão agora mais avançados na conquista do espaço "territorial" de todo o planêta.

Foi o próprio diretor do laboratório da física do vôo aéreo, George Sutton, quem reconheceu essa vantagem do adversário ao afirmar que **"a Rússia assumiu a dianteira nas pesquisas para a construção do foguete astronáutico"**. Isso, aliás, foi o que disseram cêrca de 300 sábios, físicos ou engenheiros especializados, no Congresso de Viagem Astronáutica, realizado em Viena, não há muitos meses.

Nesse mesmo Congresso, o prof. Alexandre Nesmevenov, presidente da Academia das Ciências da U.R.S.S., declarou: **"O vôo de um aeroplano estratosférico até a Lua e a criação de um satélite artificial para a Terra podem ser realidades imediatas..."**

Para os que sabem entender o valor das palavras... em cada língua particular, julgam que uma personalidade soviética dêsse altíssimo grau, falando diante de sábios estrangeiros, não seria jamais autorizado a usar de tal linguagem, se a U.R.S.S. não estivesse segura de realizar prontamente um tal projeto. Mas, por sua vez, um general do Pentágono afirmava, há apenas um mês:

— "A construção e a posse de um satélite artificial daria a seu ocupante a possibilidade de reinar sôbre o mundo."

E então?

Então... não se trata mais de engenhosa pesquisa própria para os amadores de ciência-ficção. Então não se trata mais de engraçadas divagações de meninos noruegueses perseguidos pelo pilôto "marciano" de um elicóptero, após aterrissagem forçada... Então não se trata mais de pires, prato ou charuto voador. Então, enfim, compreendemos a preocupação que dominou os militares de todo o mundo, quando os "magos" modernos dos nossos observatórios anunciaram há pouco mais de um mês que **"duas massas suspeitas, girando sôbre si mesmas JÁ PERCORREM O CÉU, COMO DUAS PEQUENAS LUAS EM REDOR DA TERRA**, pois que **os dois novos satélites** navegariam a uma distância de 600 a 1.000 quilômetros apenas da superfície terrestre.

Claro. Os "magos" logo tranqüilizaram as multidões (senão os generais), afirmando que **não se tratava, provàvelmente, "de engenhos fabricados pelo homem"**. No entanto, a psicose da guerra astral persiste e hoje está plenamente justificada.

Foi o professor Wernher von Braun quem declarou, no correr de uma conferência com a imprensa internacional, que êle próprio "trabalha atualmente, por conta do govêrno norte-americano, na criação de uma ilha espacial, a "Baby Space Station", interplanetária, que se manteria, aproximadamente, 1700 quilômetros de altiude.

Por sua vez, o "Estrêla Vermelha", jornal do Exército Soviético, anunciou: **"A ciência chegou a uma etapa que torna realmente possível o envio de um stratoplano à Lua e a criação, em redor da Terra, de um satélite artificial"**. E os russos parecem, realmente, preparar a opinião pública para essa fantástica realização. De uma maneira um tanto mais "sistemática" do que o fazem os norte-americanos. **Estarão, pois, mais próximos do alvo na Rússia que nos Estados Unidos?**

Folheando sistemàticamente as obras especializadas e sondando cuidadosamente as revistas técnicas russas, em geral avaras de informações, um jornalista francês pôde reunir tôdas as informações e os documentos desejáveis sôbre a astronáutica soviética.

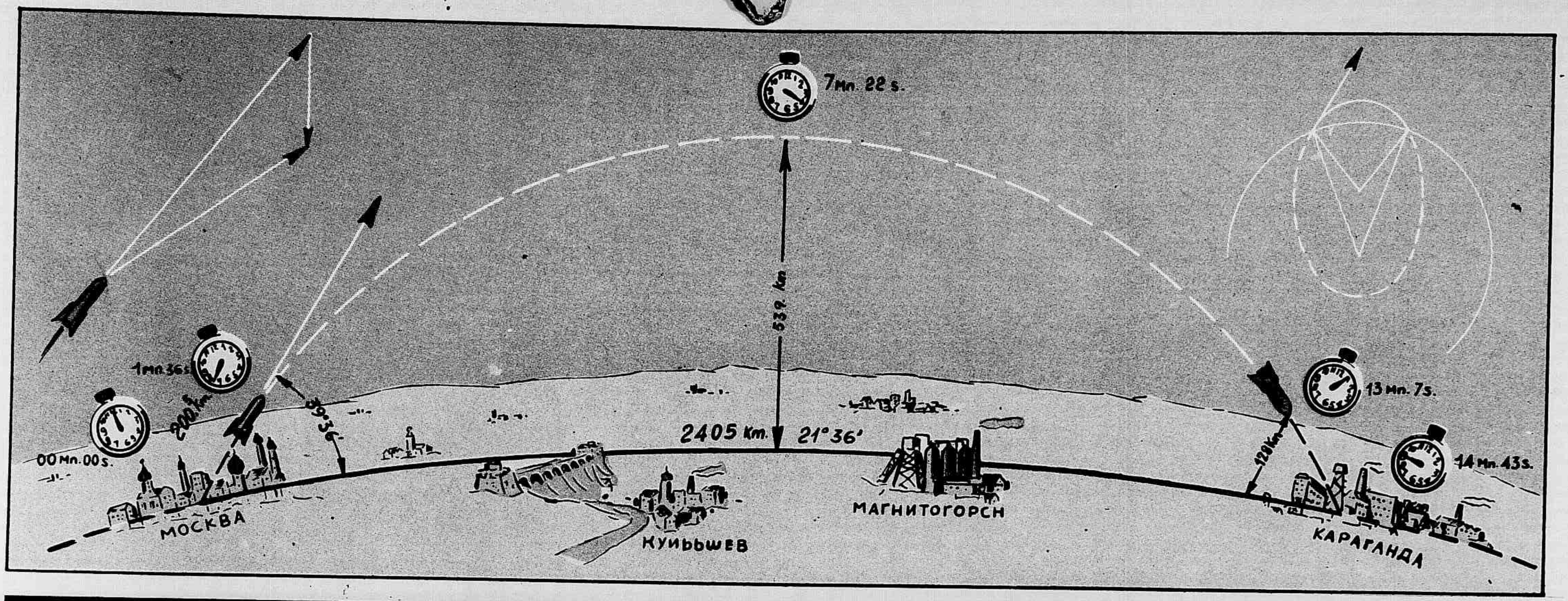
Em seu livro "O Vôo no Espaço Cósmico", publicado no princípio de 1954, o sábio russo Alexandre Sternfeld inicia o povo soviético no que êle chama "a cosmonáutica". Apresenta, primeiro, a viagem ao Pólo em 45 minutos. Em outros têrmos: os 2.913 quilômetros que separam Moscou de Karaganda, na Ásia central deve ser percorrido em 14 minutos e 34 segundos por um foguete soviético dirigido por pilotos soviéticos.

"Em minuto e meio os passageiros se elevam no espaço e, seguindo a curva da

Terra, descem ràpidamente sôbre seu ponto de destino. O foguete passa de um meridiano para outro com uma velocidade 17 vêzes maior que a da rotação da Terra.

É possível, assim, ver a noite desaparecer e o dia nascer sôbre nosso planêta, enquanto esta desfila a grande velocidade sob o engenho. Os foguetes destinados à viagem em redor da Terra serão semelhantes aos que são utilizados para os vôos cósmicos. A única diferença está, de fato,

No Ano 2000, uma estação de partida de foguetes para a Lua, segundo um artista russo. Os viajantes aguardarão a hora da partida no terraço de um restaurante. As concepções norte-americanas são do mesmo gênero.



Eis o plano de vôo do primeiro trajeto no espaço, estabelecido pelos russos. Foi publicado na revista "Tecknika". O foguete inicia seu vôo em Moscou e a terra, 14 m e 34 s depois, em Karaganda... 2.413 km mais além, em plena Ásia Central () Velocidade: 9.500 km/h. Altura: 539 km.

na duração do trajeto."

— "PODEMOS DOMINAR UMA GRANDE PARTE DA TERRA" — "Para atingir a Lua, a viagem será feita em dois tempos. A primeira parte será a criação de um satélite artificial em alguma parte entre a Terra e a Lua. Os estoques destinados ao reabastecimento, em combustível, dos foguetes, serão empilhados e guardados nessa ilha. Também ali serão construídos postos de observação a fim de observar e talvez dominar uma grande parte da Terra."

Dominar grande parte da Terra! Eis o que releva da alta estratégia política!

— "Essa estação do espaço rodará 16 vêzes em 24 horas em redor da Terra, segundo sua própria lei de gravitação. Para tornar-se um satélite, um foguete deverá deixar a Terra a cêrca de 8 quilômetros por segundo. Velocidades de cêrca de 16 quilômetros por segundo permitirão aos aviões interplanetários realizar a viagem até à Lua. A velocidade de decolagem é, aliás, o fundo do problema da astronáutica. Só a aplicação da física nuclear poderá resolver a questão. Os combustíveis conhecidos e utilizados atualmente nos países ocidentais são incapazes de produzir temperaturas da ordem de 6.000 graus centígrados necessários ao funcionamento do motor do foguete. Eis por que, só o combus-

tível atômico poderá ser utilizado: a desintegração de um núcleo atômico pode produzir uma temperatura de 6.000 a 7.000 graus."

"Nossos sábios soviéticos encontraram a resposta para o problema, experimentando as explosões termo-nucleares. Utilizaremos o supercalor libertado por êsse processo de combustão e nosso foguete poderá atingir sua velocidade de libertação que é da ordem de 11 quilômetros por segundo. Desde então o nosso primeiro vôo até à Lua passará do domínio da ficção para entrar no reino do possível".

Assim se exprimiu um dos maiores sábios soviéticos, o professor Sternfeld.

NÃO SE TRATA MAIS DE UM CONTO INFANTIL... — De qualquer maneira, os dirigentes soviéticos habituam o cidadão russo a idéia da viagem aos astros e principalmente a de uma ilha-astral. Grande propaganda é feita sôbre o tema. Nas escolas ensinam os rudimentos da astronáutica, durante as horas reservadas à geografia. Nas salas de espetáculo projetam filmes documentários sôbre a astronáutica, etc.

Assim é que o magazine popular **Ogonyak** descreve para seus leitores a vida numa estação intermediária, o famoso "satélite artificial" tão temido.

"Pela janela oval da Pequena Lua (nome dado à estação do espaço) podemos ver nosso planêta. A Terra parece bem próxima. Na realidade estamos 282 quilômetros afastados de sua superfície. É a hora do primeiro almôço. Meu companheiro se sustenta nas alças elásticas, pois flutua no interior da nossa "ilha". Seus pés não tocam o chão...

"É um sério problema o ferver a água para o chá. A água não quer derramar apesar de todos os nossos esforços. O melhor será lançá-la para fora, brutalmente — e ela fica suspensa no ar, como massa transparente.

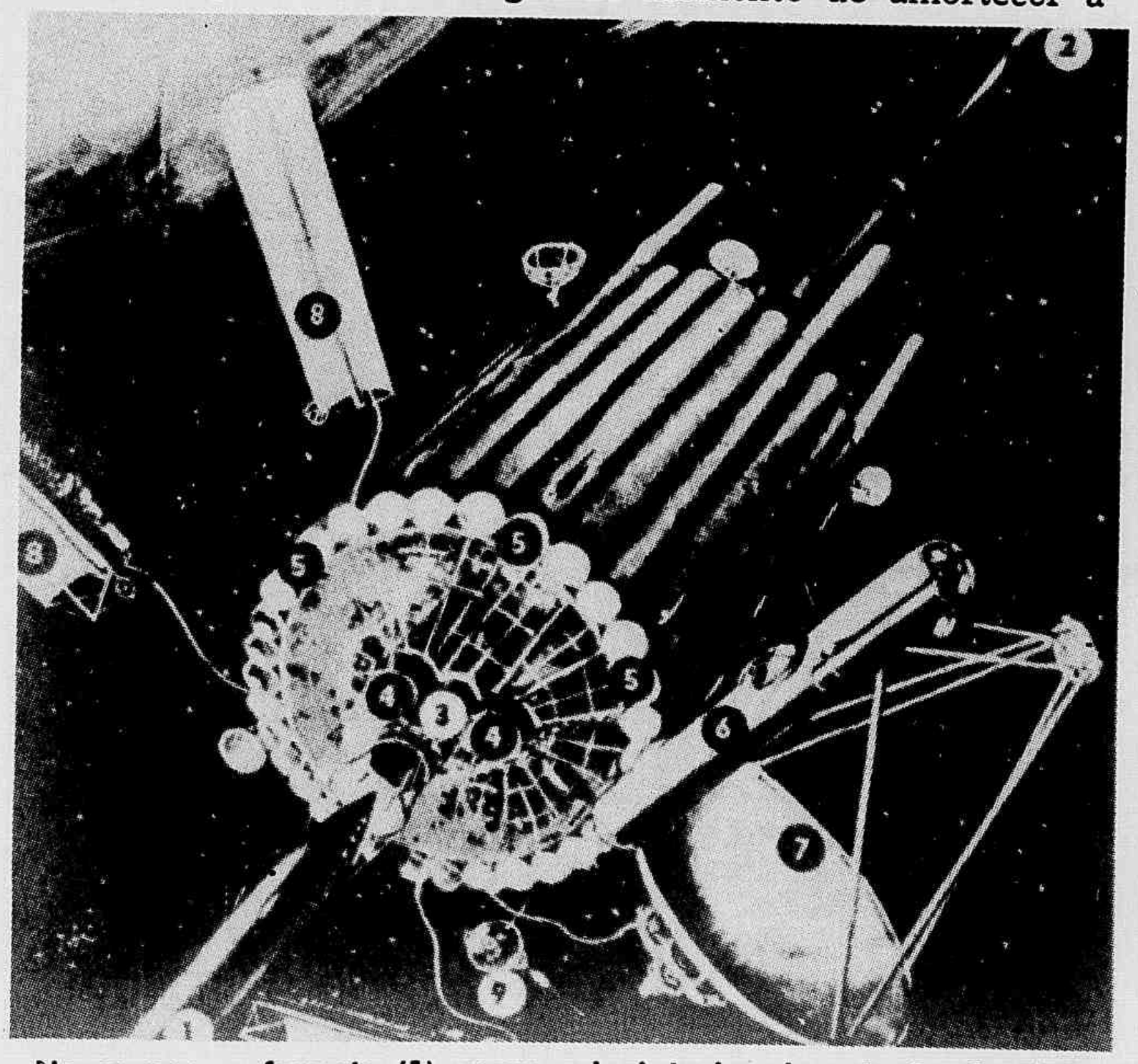
"Em 24 horas de nosso planêta, sôbre a Pequena Lua, vimos 16 períodos de dia e noite, porque damos volta à Terra 16 vêzes por dia. Do aeródromo cósmico sôbre a terra, os aviões foguetes abrem caminho até nós, na Pequena Lua, com dois vagões-cisternas, cheios de combustível, e assim é que a nossa ilha cósmica vai crescendo."

E, segundo descreve o magazine "Agonyak", os russos já fizeram uma primeira viagem à Lua em 11 de maio.

Vamos transcrever a descrição de proeza:

"O foguete foi regulado para atingir a velocidade necessária. Suas comunicações por meio do rádio, com a Terra são interrompidas pelos parasitas, sendo necessário recorrer aos sinais por meio de espelhos. Um espelho é desvelado exteriormente. Por êle os raios do sol são refletidos para a Terra.

"16 de maio, 7 horas da manhã. Aproxima-se o grande momento de amortecer a



No espaço, o foguete (1) cruza pelo interior da estação de abastecimento (3), antes de prosseguir em sua rota (2). — 4: órgãos propulsores da estação. — 5: cinturão de foguetes. — 6: habitáculo da equipagem. — 7 e 8: dispositivos para captar e utilizar a energia solar. — 9: engenho permitindo o deslocamento do pessoal em atividade para o entretenimento da estação.

descida sôbre a Lua... 10h,50, a velocidade de descida equivale a seis vêzes a do som, porém os comandos não funcionam. Que acontecerá se tocarmos a Lua com essa velocidade? O comandante vai empregar os freios? Êle não se apressa... Enfim. Acionou os freios! O avião interespacial chegou à Lua.

"Deverá, agora, transformar-se num satélite artificial da Lua, para imprimir-lhe uma velocidade horizontal, que equilibrará sua queda pela inércia.

"Realizamos nosso vôo circular em redor da Lua, a uma altura constante de 177 quilômetros. Reduzimos, a seguir, nossa velocidade a apenas 440 metros por segundo, o suficiente para iniciar uma descida gradual, segundo uma espécie de arco.

"Verificamos cuidadosamente nossa reserva de combustível. Todos estão ansiosos a bordo. Se ultrapassamos o limite marcado para o consumo... adeus Lua! Retornaremos imediatamente para a Terra. Felizmente está tudo conforme os cálculos mais otimistas.

"A ALUNISSIGEM: LIGEIRO ESTREMECIMENTO — Um ligeiro choque e o foguete fica imóvel. Estamos na face da Lua que da Terra não avistamos jamais.

"Olhamos através da escotilha... Graças a uma expedição, que voou em redor da Lua, em 1954, sua topografia é suficientemente conhecida. Temos a bordo mapas precisos de sua superfície.

"Ali encontramos um foguete com um pôsto emissor de rádio. Retiramos documentos e anotamos do seu interior: os textos do que foi publicado, há um ano, em tôda a imprensa mundial. Juntamos a êles o nosso atual relatório e plantamos a nossa bandeira num rochedo próximo.

"Chegamos ao fim de nossa visita. Foi curta porque nosso objetivo era apenas o de provar a possibilidade de uma alunissagem. Adeus Lua. Ou antes: Até a volta!"

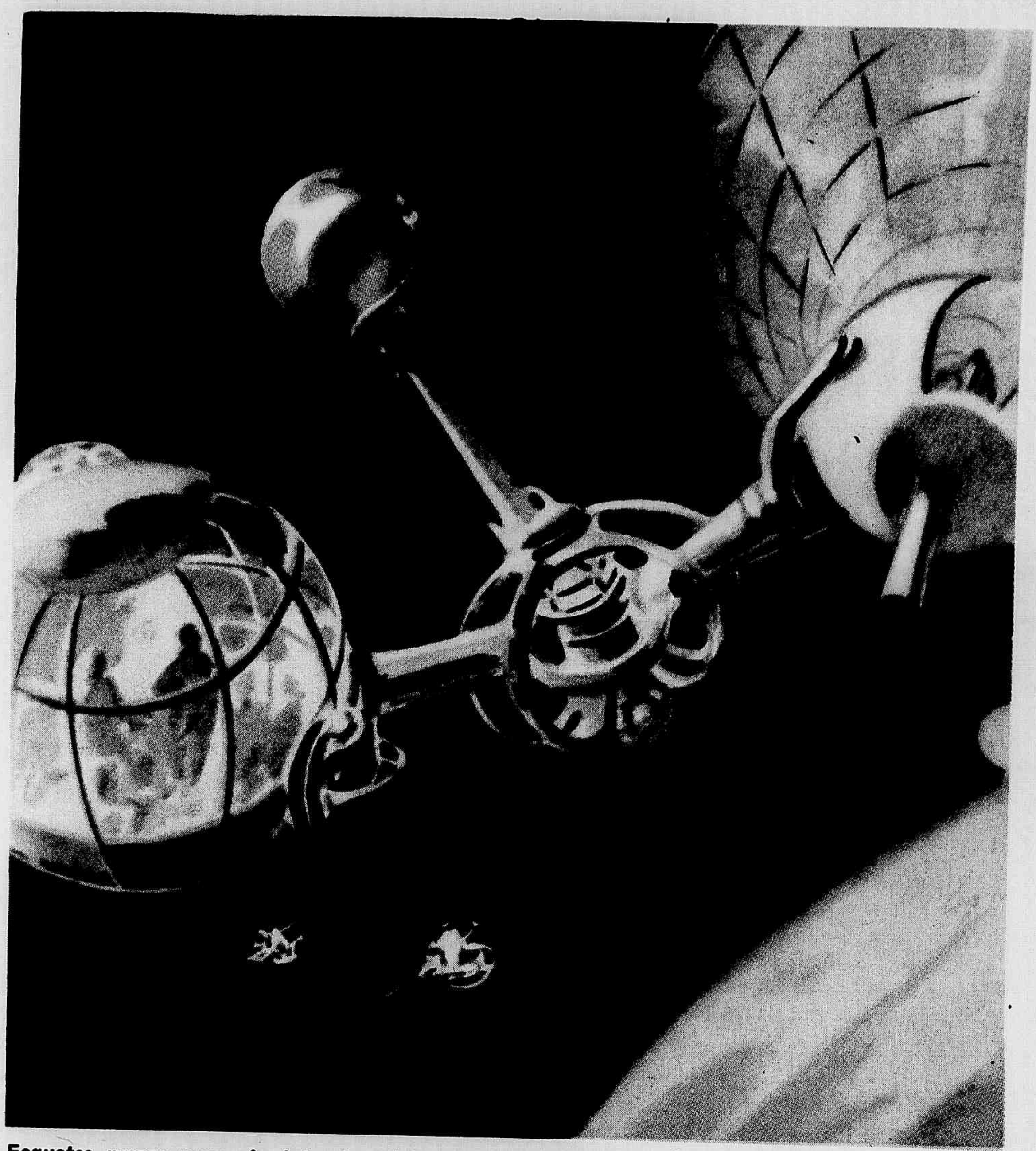
Que crédito devemos dar a êsse relato? O bom-senso ordena que não se lhe dê nenhum, considerando pura ficção, o que muito provàvelmente há de ser!

ONDE ESTÃO OS NORTE-AMERICANOS COM A "BABY SPACE STATION"? — Ninguém ignora que no polígono de White-Stands as experiências com "foguetes semi-interplanetários" prosseguem hoje com ritmo acelerado, autorizando as maiores esperanças. As altitudes alcançadas pelos engenhos autoguiados aumentaram ràpidamente, chegando aos 400 quilômetros. Daí por diante uma repentina discrição veio frear a difusão das notícias e êsse silêncio, justamente, faz pensar que cifras mais impressionantes ainda foram obtidas, mas que o "Pentágono" não deseja publicar.

Talvez o leitor julgue bem modestos êsses 400 quilômetros comparados com as distâncias que nos separam dos corpos astronômicos mais próximos, a saber: Lua, 384.000, em média; Vênus, 42 milhões, e Marte, 55 milhões, nas condições mais favoráveis. Mas esquece, talvez, que, na gigantesca escada imaterial que conduz aos planêtas, **os primeiros degraus são os mais penosos de subir**! Logo que um corpo pesado se afasta da Terra, seu pêso diminui. Essa diferença já é sensível para um grande avião voando a 12.000 metros (teòricamente pelo menos) não tardaria a tornar-se substancial a uma maior distância da Terra, dado que a atração planetária diminui com o quadrado da distância. Isto quer dizer que um foguete de 50 toneladas pesará apenas 13 numa altitude de 6.000 quelômetros e 5,5, depois de percorrer 13.000 quilômetros!

Se acrescentarmos que o foguete perde pêso necessàriamente, gastando seu próprio combustível, verificaremos que se o envio de um foguete às grandes altitudes é tarefa de grande envergadura, a propulsão dêsse mesmo foguete, através do espaço é infinitamente menos difícil e poderá mesmo ser **gratuita**, se preferirmos apenas **flamar**, deixando que o foguete siga segundo seu próprio impulso.

Para bem dizer, o "arranco" dos grandes foguetes interplanetários seria pràticamente impossível, sem uma "astúcia", indicada pelo francês Esnault-Peltrie, pioneiro de astronáutica. É o tronco propulsivo, que os inglêses chamam **booster** ou "impulsionador". O foguete, nesse novo sistema, compõe-se de troncos sucessivos, cada um dêles equipado com um tubo a reação. Quando um tronco, depois de viajar durante certo tempo, esgota seu combustível,



Foguetes russos para vôo interplanetário afastando-se da Terra. O artista russo parece ter no espírito vários modelos de foguetes interespaciais. Os sábios norte-americanos registraram com sincera admiração os progressos russos nesse domínio. Mas isso não causa assombro quando se sabe que a Rússia conseguiu "deitar mão" em mais de dois mil especialistas alemães contra apenas 480 conseguidos pelos norte-americanos. Foi êsse, o mais valioso botim da última guerra!

destaca-se e volta à Terra. É o princípio do foguete-cegonha. Naturalmente seus ensaios são feitos nos grandes desertos ou sôbre os oceanos!

Naturalmente, também, os troncos sucessivos são sempre menores e é isso o que limita ainda essa "mola" das pesquisas. Os técnicos calculam que seria possível, desde agora, com os propulsores existentes, lançar um "foguete-cegonha" de 51 toneladas, composto de 5 troncos, podendo o último atingir a Lua.

Infelizemente, êsse supremo viajante pesaria no máximo... uma libra inglêsa, isto é: pouco mais de 400 gramas! Apenas o suficiente para produzir minúsculo brilho

Astronautas

Já podemos realizar isto! — disse o título dessa estranha reportagem. E o desenho mostra o pilôto do foguete astral soviético. Sabe-se que a Rússia dispõe de um foguete, modêlo 103,53 vêzes mâis poderoso que o mais recente avião a jato e 5 vêzes mais veloz que os modelos V-2.

relampagueante de magnésio, ao percutir o solo lunar ou, talvez, para emitir ondas radioelétricas que raros postos terrestres receberiam. E, convenhamos, os norte-americanos não devem estar muito apressados em dispender várias centenas de milhões para alcançar tão magro resultado!

Isto, porém, não impediu que continuassem estudando as possibilidades dessa viagem, preparando minuciosamente as condições dos pilotos, etc., assim como as modalidades de um salvamento, em caso de "naufrágio interplanetário"!

Para estudar "em tamanho natural" — se assim podemos dizer, as condições da vida a bordo de uma astronave, os engenheiros resolveram construir uma ilha interplanetária, que será habitada por... macacos!

A situação dos astronautas involuntários, isolados, submetidos ao surpreendente estado de "ausência de pêso" será exatamente, nesse satélite, a mesma dos passageiros de um foguete cujo fogo propulsivo tenha sido cortado, por medida econômica e que viaja vertiginosamente — imóvel em aparência para seus ocupantes — com velocidade constante.

TRÊS MACAQUINHOS SERÃO OS PRIMEIROS ASTRONAUTAS — Para habitar seu asteróide, os norte-americanos escolheram três macacos pequenos, notáveis por sua inteligência: os Rhesus. Dois dêsses passageiros (não falemos em equipagem, pois que esta será representada por Robots — estarão livres no interior de uma cabine relativamente espaçosa, onde se moverão à vontade. O terceiro, prêso num pequeno leito, fica encarregado de pequenos instrumentos registradores, termômetros, tensiômetros para a pressão sanguínea, registrador respiratório, etc. Fica separado de seus congêneres por um tabique, a fim de que êstes não possam soltá-lo ou quebrar os delicadíssimos instrumentos.

Dirão os leitores que simples macacos, por mais inteligentes que possam ser, não descreverão para nosso conhecimento as suas impressões de viagem! Realmente... e por isso mesmo a Station Baby do espaço será equipada com várias câmaras de televisão, que enviarão suas emissões para receptores-registradores telecinematográficos, colocados no solo. E assim teremos todo um filme, sensacional e documentário, da vida espacial dêsses animais!

Qual será o comportamento dos inteligentes macaquinhos numa situação inteiramente nova? Qual será sua reação à terrível supressão do pêso? Ficarão imobilizados num cantinho de sua cabine, ou "nadarão" alegremente em pleno ar, como

(Continua na página 114)

RAZÕES PARA O DIVÓRCIO...

NO Sião, um homem pode vender suas mulheres logo que se canse delas. Sòmente a primeira espôsa tem o direito de obter o divórcio.

EM Paris, concedeu-se o divórcio a um homem porque sua espôsa guardava treze imagens de Buda dentro de seu quarto de dormir.

A sra. Davis, de Detroit, entrou em transe e comunicou-se com o seu primeiro marido. O sr. Davis, seu segundo marido, declarou que "ela havia abraçado muitas vêzes o fantasma do seu rival no correr da sessão espírita". Com a consciência pesada, a sra. Davis requereu divórcio.

CERTA vez, uma jovem escocesa agiu como sua própria co-responsável. Passou a noite com o marido num determinado hotel, sempre ocultando a sua verdadeira identidade, mas fazendo todo o possível para que os dois fôssem vistos juntos pelo maior número de pessoas possível. Depois requereu divórcio, alegando que o espôso cometera o adultério. Porém, a sua fraude foi descoberta e acabou condenada a seis meses de prisão por crime de **falsa evidência**.

UMA jovem mulher atravessava a cidade de Indianópolis. Seu automóvel estava enfeitado com fitas e bandeirinhas, além de sapatos velhos pendurados na traseira. Trazia com ela duas outras mulheres, também jovens. No pára-brisa havia um letreiro que dizia: **"Divorciada agora mesmo"**.

OS REMÉDIOS MATARAM SEU AMOR

NOSSO ninho de amor era uma verdadeira farmácia — disse P. Mortem Brandy, no seu pedido de divórcio contra a espôsa, Hermione Brandy. Afirmando que sua espôsa era apenas uma doente imaginária, Brandy acrescentou que ela gastava mensalmente "rios de dinheiro" com remédios de todo gênero.

"Sempre que eu chegava a casa, em resposta ao meu "Alô?" ouvia uma espécie de mugido, pois minha mulher não podia falar... por ter um termômetro entre os lábios. A casa inteira cheirava a remédios e por todos os lados estavam espalhadas pílulas, tabletes, vidros de tônicos, vitaminas, etc. E no entanto, Hermione é sadia e robusta como um elefante. Infelizmente, não há médico que consiga convencer minha espôsa dessa verdade. Hoje não posso mais olhar com carinho para ela, mas apenas com horror!"

NA China, o simples fato de um dos esposos quebrar um par de pauzinhos, dos usados para comer, pode levar à dissolução do casamento.

UMA mulher indiana, que desejava divorciar-se do seu marido, jogou fora de casa todos os móveis e objetos de uso pessoal. O marido foi forçado a aceitar a imposição.

EM Barbados, os próprios nativos resolvem os seus casos de divórcio. O casal corta a sua cabana ao meio.

O marido retira a sua metade, enquanto que a mulher continua a viver na metade que ficou no mesmo lugar.

A LUA É A CULPA

OS "CIRCULOS DE FRATURA" DA TERRA. O QUE DIZEM OS SISMÓGRAFOS MONTESSUS DE BALLORE. AS 4 CINTURAS PERMANENTES. A LUA FAZ FOUL...

Há três bilhões de anos, a Terra se destacou do Sol; depois disso, há uns dois bilhões de anos (sempre com a diferença possível de alguns milhões, bem entendido) começou a cobrir-se com uma crosta sólida, como um merengue recheado de lavas. É êsse merengue que habitamos; e, se a situação está um pouco melhorada, não é, ainda, tranqüilizadora; isto porque a espessura da crosta, segundo os geofísicos, não vai além de 100 quilômetros!

Cem quilômetros de rochas velhíssimas para sustentar os continentes, os oceanos, os terrenos "modernos"... devemos reconhecer: é pouco! E tanto mais quanto o "núcleo central" — dizemos, hoje: pirosfera — se contrai, em razão de resfriamento, e se desvia. E mais: se a crosta fôsse macia e quase elástica como a pele de uma maçã cozida! Mas não! Forma abóbada e, bruscamente, quebra, como êsses pavimentos mal feitos, com embasamento pobre e que ficam aparentemente sólidos para, quando menos se espera, abrir-se ou afundar, provocando sérios desastres, chegando mesmo a tragar transeuntes e veículos pesados, conforme já tem acontecido aqui e em outros países.

QUE utilidade poderia ter o termômetro médico se, depois de verificado o estado febril, não tivéssemos o remédio capaz de fazer baixar a temperatura do enfêrmo? Da mesma forma, qual pode ser a utilidade de um sismógrafo, que nos informa sôbre os tremores de terra, mas que não evitam êsses mesmos tremores? Mas não devemos precipitar nosso julgamento. Com espantosa documentação, Pierre Devaux, matemático francês, fêz recentemente a defesa dos geofísicos, cujas observações permitiram traçar sôbre o nosso globo, a zona das "regiões perigosas", o que constitui resultado positivo e nada desdenhável. Dessa sua defesa extraímos os dados e exposições aqui reproduzidos.

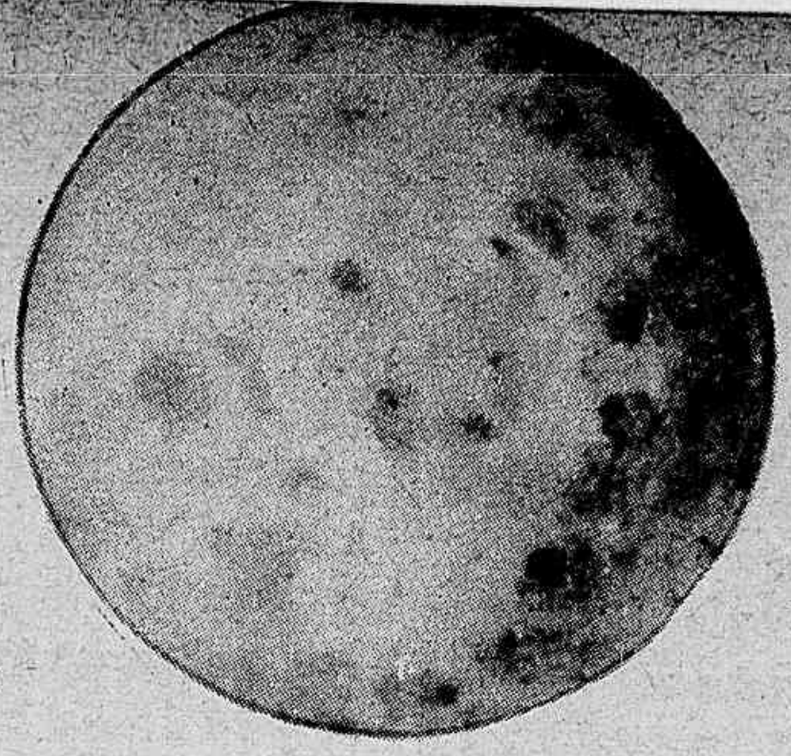
OS SISMÓGRAFOS DECLARAM... — Os violentos tremores de terra, que abriram no solo do Irã rachaduras com mais de dois quilômetros de comprimento e causaram, na Turquia, um milhar de vítimas, mais recentemente, não são mais que etapas de afundamento de nossa crosta terrestre, progressivas e contra as quais nada podemos fazer. Os sismógrafos, dos quais tanto se fala por ocasião de cada grande sismo, não "profetizam" os tremores de terra, como um observatório meteorológico prediz o tempo. Apenas registram os tremores, os arrepios terrestres, localizando ainda o ponto inicial ou "epicentro", o que não deixa de ser curioso e instrutivo.

Verifica-se, dessa forma, que os tremores, partidos do epicentro, chegam ao observador sob a forma de duas ondas principais: a **onda de superfície**, que dá volta à Terra como um avião ou um navio — enquanto que a outra corta pelo caminho mais curto, isto é: em linha reta, através da espessura do globo terrestre. É bastante, depois, comparar essas duas indicações, por processos matemáticos, para determinar não apenas a localização geográfica do epicentro e sua profundidade, mas igualmente a natureza do interior do nosso globo, atravessado pela onda profunda..

Chega-se, então, a esta conclusão: a pirosfera é formada de lavas em fusão, que a pressão torna tão rígidas como o aço — embora os têrmos de sólido, líquido ou gás, tenham perdido, no caso, tôda significação.

Além do mais — e isto é, sem dúvida, muito importante — os tremores de terra não ocorrem em qualquer parte da terra. Parecem localizar-se sôbre certas linhas geográficas características, como se existisse, na frágil "casquinha terrestre", **linhas de fraturas**... privilegiadas — se cabe

DA!



OS DOIS CÍRCULOS DE DESLOCANDO A TERRA !

assim dizer! — constiuindo os **cinturões de fratura** da Terra!

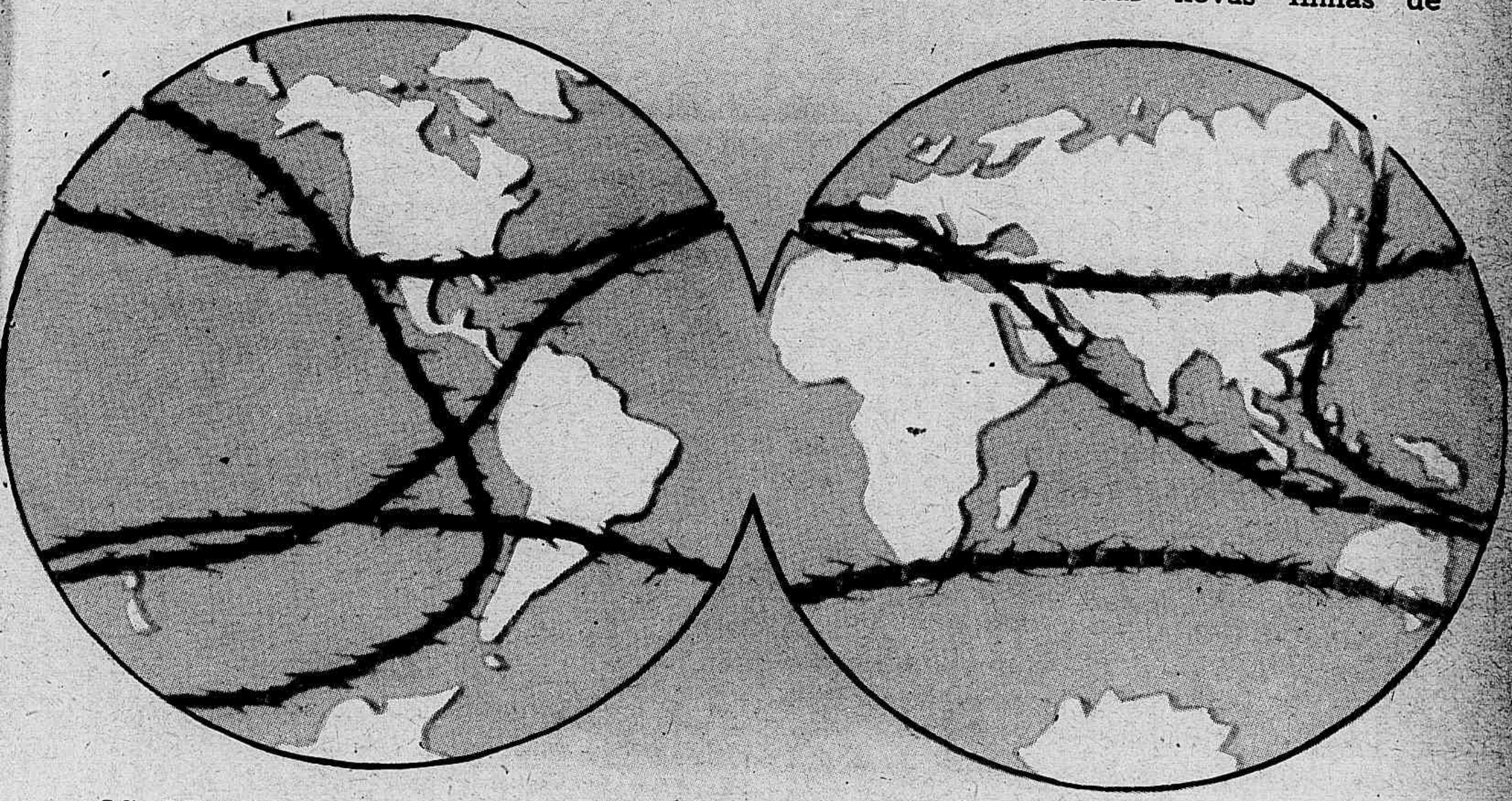
OS DOIS CÍRCULOS DE MONTESSUS DE BALLORE — Devemos ao geofísico francês Montessus de Ballore, o traçado dos dois "cinturões de fratura", particularmente importantes, da crosta terrestre. Foi êle, realmente, quem observou uma primeira "linha crítica", cercando todo o Pacífico. Marcada por montanhas abruptas, vulcões e profundos "fossos oceânicos", essa linha passa por Valparaíso, San Francisco, Tóquio, Kan-Sun e Anam. **Quarenta e um por cento** de todos os tremores de terra de nosso planêta se situam sôbre êsse primeiro cinturão.

Um segundo "círculo perigoso" parte da República do Equador, através do mar das Antilhas entra na Europa por Lisboa, passando de leve por Messina, atravessa os Balcãs e a Ásia Menor, cruzando depois o Pacífico...

Também nesse trecho são muitas as recordações trágicas: 53 por cento dos grandes sismos ocorreram "cinturão" do nosso planêta.

A LUA FAZ "FOUL" E DESLOCA A TERRA — Outro geólogo francês, Alexandre Veronnet, identificou por sua vez dois outros círculos de fratura, que são, muito simplesmente... os dois 35.º paralelos, Norte e Sul. Façam girar o mapa-mundi, depois de haver calcado a ponta do lápis sôbre a África do Norte.

O lápis traçará um círculo que atravessará a China e os Estados Unidos e que vem a ser, justamente, o paralelo 35.º N. Seu gêmeo — Sul, atravessa a Argentina, passa de leve pela Austrália e a Nova Zelândia, encontrando-se quase que totalmente compreendido na zona oceânica. Por que essas duas novas linhas de



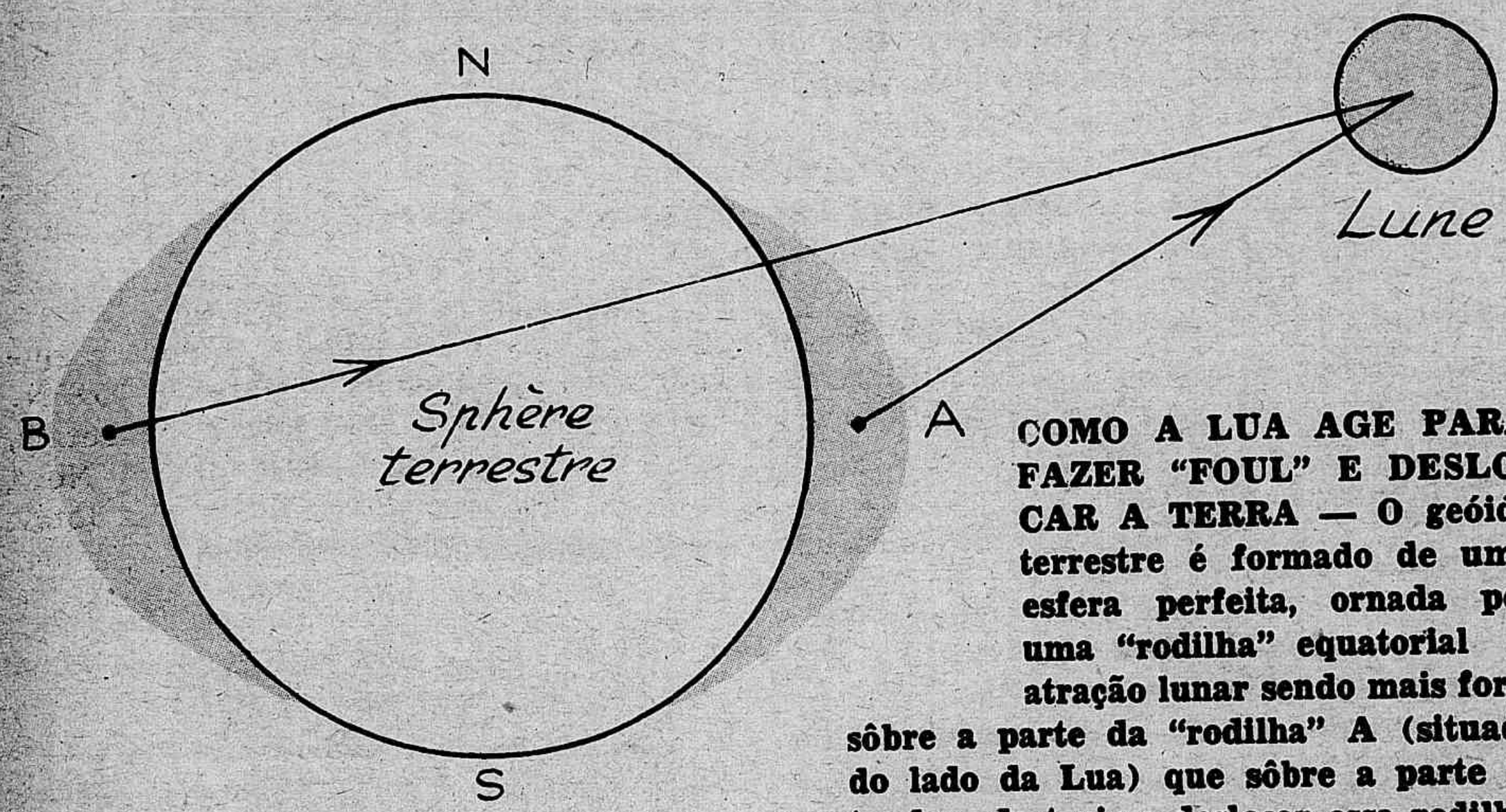
OS QUATRO CINTURÕES DE RACHADURAS — Vemos, acima, segundo Montessus de Ballore e Alexandre Veronnet, o esquema dos quatro "cinturões de rachaduras" do nosso planêta. Notem que os dois círculos de Veronnet se confundem com o 35.º paralelo N e S. Os dois círculos de Montessus de Bellore ocupam duas posições oblíquas.

fraturas, estranhamente aparentadas com a geometria da esfera?

— Culpa da Lua! — afirma Alexandre Varonnet... que logo fornece paova: — Nossa terra, como todos sabem, não é uma esfera perfeita, mas um "geóide", quase idêntico a um elipsóide achatado, deprimido nos pólos, mas "inchado" no equador. Podemos dizer que o planêta está formado por uma esfera verdadeira, geomètricamente perfeita, cercada de uma espécie de "rodilha" equatorial, em forma de anel.

Seguindo essas duas linhas, o planêta corre o risco de rachar, abrindo-se como uma ostra ou — o que será muito pior — como uma gelatina vigorosamente sacudida em seu prato!

Tais são as linhas de fratura de nossa Terra. E surpreende verificar-se que duas dessas linhas perigosas — um dos círculos de Montessus e o primeiro círculo de Veronnet vão cruzar-se ao largo de Portugal, no local (mais ou menos certo) do famoso continente desaparecido, a Atlântida!...



COMO A LUA AGE PARA FAZER "FOUL" E DESLOCAR A TERRA — O geóide terrestre é formado de uma esfera perfeita, ornada por uma "rodilha" equatorial A atração lunar sendo mais forte sôbre a parte da "rodilha" A (situada do lado da Lua) que sôbre a parte B, tende a destruir e deslocar essa rodilha, por efeito giroscópico. Dêsse processo resultam os empuxões ao longo das linhas de ligação da "rodilha" com a esfera.

Sôbre a esfera, a atração da Lua não exerce qualquer ação de balanço; não acontece, porém, o mesmo com a rodilha, que a Lua tende a soerguer. Disso resulta, para o enorme **giroscópio,** formado pela Terra em rotação, um certo movimento cônico, a "precessão dos equinóxios", do pólo do mundo... no ano 12.000.

Além disso — e isto é muito mais "urgente" — enérgicos empuxões ocorrem, naturalmente, entre a "rodilha" assim empurrada e o resto tranqüilo da esfera! As linhas de ligação são, evidentemente, muito aproximativas; situam-se, todavia, na vizinhança dos paralelos 35.º, Norte e Sul, onde as deslocações têm sua amplidão máxima.

Seria difícil encontrar uma "prova" mais emocionante das perturbadoras teorias que nos deixam prever uma quádrupla fratura da Terra...

Essa é a opinião de Pierre Devaux, da Escola Politécnica de Paris. Deixamos aos nossos estudiosos do assunto a responsabilidade de julgá-la.

★

NUM cartório, um cavalheiro perguntou a dois empregados:

— A seção de casamentos é aqui?

— Não, senhor, é no fim do corredor. Aqui fica o registro de óbitos.

O cavalheiro agradeceu e saiu. E o primeiro empregado falou para um vizinho:

— Êle estava com um ar triste de mais, para vir tratar de um entêrro!

O CARBONO 14 DESVENDA

O MISTÉRIO DOS SÉCULOS

JÁ ESTAMOS NO CAMINHO CERTO DA NOSSA ORIGEM?

A PRÉ-HISTÓRIA TEM AGORA O SEU CALENDÁRIO

NUM laboratório de Chicago há um radioquímico diante de um osciloscópio ligado a um contador "Geiger". Os osciloscópios são providos de telas que muito se assemelham às dos pequenos aparelhos de televisão. Na tela do aparelho de que nos ocupamos, vê-se uma interminável cinta de ziguezagues verdes. Êstes ziguezagues são produzidos pelo impulso dos átomos de carbono radioativo que se desintegram dentro do contador.

O radioquímico extraiu o carbono de um pedaço de madeira. E a madeira era parte de um abeto que vivera num bosque do período Glacial, no Estado de Wisconsin. Mastodontes e mamutes habitavam então esta região.

Não se tratava de determinar a duração de vida da árvore; o que os homens de ciência queriam saber era o tempo transcorrido **desde que a árvore tombou**.

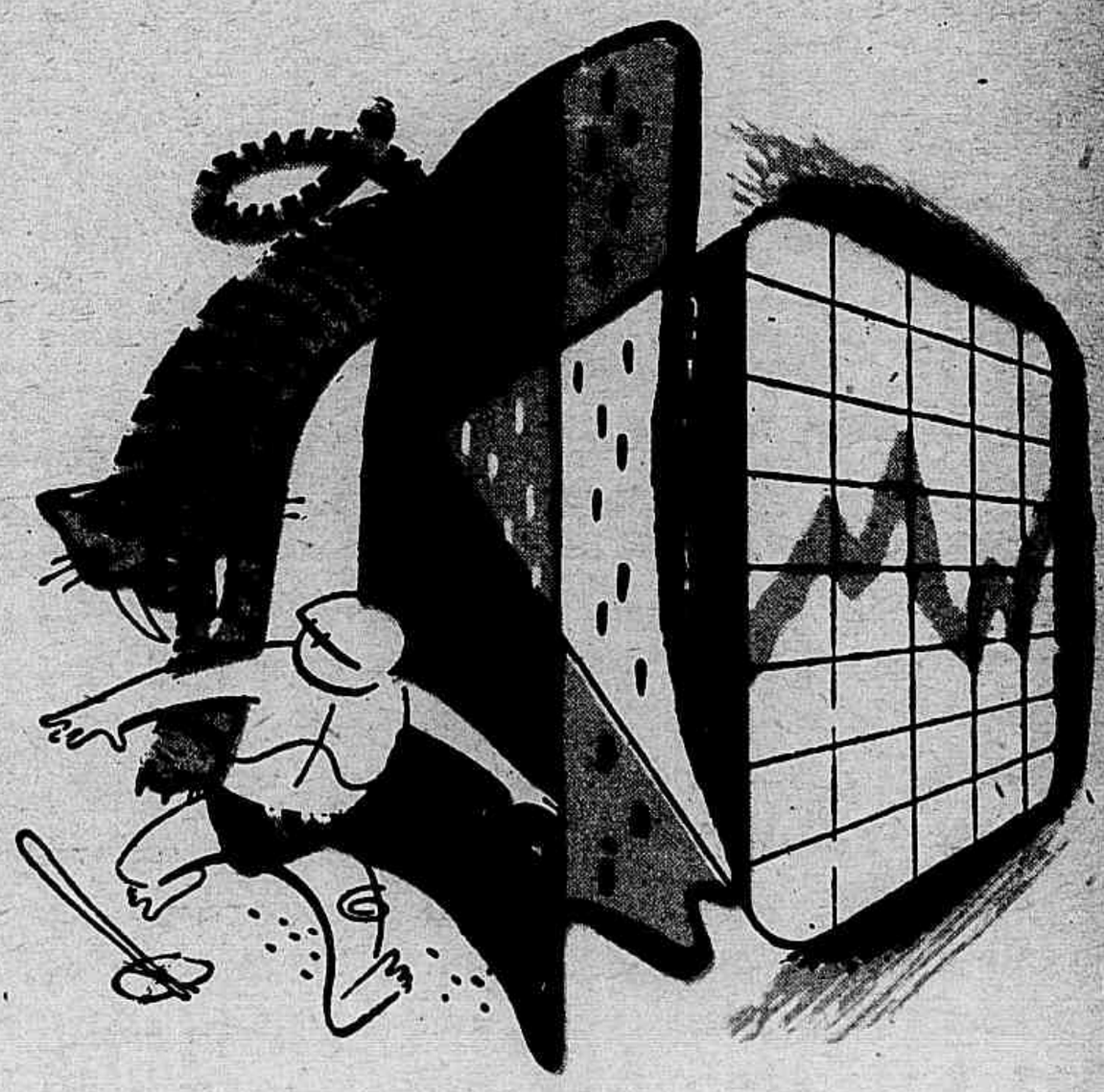
Os geologistas e antropologistas que tentaram fixar as datas dos acontecimentos pré-históricos valiam-se, até agora, exclusivamente dos **sinais externos**. Depois, realizavam cálculos que nada tinham de exatos. Alguns geologistas calcularam que êsse abeto de Wisconsin datava de uns 25.000 anos atrás; porém não estavam seguros de seus cálculos.

Porém agora terminaram as incertezas, em virtude dos ziguezagues verdes, refletidos na tela do osciloscópio!

O carbono radioativo, causa dos ziguezagues, é uma descoberta recente, que promete ser um valioso auxiliar para a preparação de uma cronologia exata dos acontecimentos pré-históricos. É uma espécie de relógio **que começou a funcionar no momento em que a árvore morreu** e que continuou em movimento, desde então, **com um ritmo conhecido**.

O pedaço de madeira utilizada na experiência era a última das cinco amostras recolhidas no mesmo bosque. Quando foram submetidas à prova, tôdas deram respostas semelhantes. A média das respostas afirma que tais árvores viveram há 11.400 anos, e a proporção de êrro é mínima. Esta prova reduziu em mais de metade os cálculos anteriores e situou a existência de animais e plantas pré-históricos num período muito mais próximo dos nossos tempos do que se julgava até então. Graças ao radiocarbono já é possível fazer referência a fatos pré-históricos com precisão quase absoluta.

Os sábios W. F. Libby e J. R. Arnold iniciaram suas investigações no "Instituto de Estudos Nucleares", da Universidade de Chicago. E êsses estudos foram uma conseqüência indireta das investigações sôbre raios cósmicos. Do espaço sideral, grandes correntes de neutrons são arremessadas sôbre a terra. Os neutrons bombardeam a atmosfera terrestre e provocam uma reação em cadeia que precipita verdadeiras cascatas de partículas sôbre o planêta. Atualmente, é possível registrar a sua chegada



Vamos conhecer a verdadeira idade do nosso Pai Venerável

nas telas dos osciloscópios! Muitos daqueles neutrons, ao penetrar na camada atmosférica colidem com átomos de nitrogênio que constituem a maior parte da atmosfera. Estas colisões, que se produzem a velocidades fantásticas, determinam o aparecimento de novos núcleos, que, por sua vez, se desintegram, emitindo átomos de um novo elemento: **o carbono 14**.

Assim, grandes quantidades de **carbono 14** aparecem a vários quilômetros da superfície da Terra. Mas, o átomo do **carbono 14** não dura muito, porque é radioativo e destrói-se a si mesmo pelo processo da desintegração espontânea. Tem o nome científico de carbono "pesado". E chama-se "pesado" por que enquanto o carbono comum tem o pêso atômico de 12, o novo carbono pesa 14. O isótopo dêste chama-se radiocarbono.

É verdade que os átomos do radiocarbono não duram muito, porém, enquanto duram, desempenham funções precisas. Primeiramente combinam-se com o oxigênio para formar o bióxido de carbono. Êste vai misturar-se com o bióxido de carbono comum, que contém o carbono ordinário e, com o tempo, mesclar-se com o ar.

Mas o radiocarbono não é abundante. Na realidade, para cada 1.000.000.000.000 de átomos de carbono ordinário há apenas um átomo de carbono pesado 14.

Tanto as plantas quanto os animais absorvem livremente bióxido de carbono. E, em conseqüência, têm a mesma proporção de radiocarbono, em relação com o carbono ordinário, que existe no ar. Muito embora o radiocarbono, nas plantas e nos animais, esteja em desintegração constante, há um processo de renovação, que também é constante!

A renovação do radiocarbono continua ocorrendo enquanto o animal ou a planta permanecem vivos. Quando ocorre a morte, em uma planta, por exemplo, a absorção do carbono atmosférico cessa abruptamente. Mas a árvore morta continua perdendo radiocarbono. Assim, de ano para ano, a quantidade presente na madeira morta é cada vez menor.

A proporção de decréscimo do radiocarbono é igual em tôdas as partes e pode ser perfeitamente conhecida. Por isso é possível calcular **quando morreu uma árvore,** medindo-se a quantidade de radiocarbono que permanece na mesma, depois de morta. Mas, na realidade, não se mede a quantidade; mede-se a proporção de desintegração, que diminui constantemente e é sempre proporcional à quantidade de radiocarbono que fica. E são as pequenas desintegrações que produzem os zigue-zagues verdes", vistos nas telas dos osciloscópios.

Há mais de 15 anos o dr. A. V. Grosse, radioquímico da "Houdry Process Corporation", de Pennsylvania, declarou que, "provàvelmente, os bombardeios cósmicos estavam criando novos elementos químicos radioativos".

Posteriormente, esta idéia levou o doutor Libby a suspeitar da existência do carbono pesado na matéria viva. E, para comprovar esta teoria, Libby e Grosse analisaram um produto puramente orgânico. Encontraram nêle radiocarbono; também constataram que a proporção existente era a que havia sido calculada anteriormente. A etapa seguinte era comprovar se essa mesma

proporção existia em tôdas as matérias vivas. Foram realizadas provas em pedaços de madeira provenientes de Chicago, Novo México, Panamá, América do Sul, Pacífico, Austrália, África do Norte e Noruega. Investigações foram feitas, igualmente, em conchas marinhas e óleo de baleia. Em ambos os casos encontraram radiocarbono na mesma proporção, mas, certamente, dentro dos limites do êrro experimental.

Assim, pareceu-lhes possível determinar a "idade radiocarbônica" de qualquer amostra de madeira pré-histórica ou de qualquer outra substância contendo radiocarbono. Então, os cientistas começaram a comparar as revelações do radiocarbono com os conhecimentos históricos. Compararam acontecimentos calculados pelo processo radiocarbônico com fatos já determinados por arqueólogos.

Isto se fêz com uma variedade de amostras de madeira. Duas procediam de tumbas egípcias que datavam de uns 4.600 anos. As revelações feitas pelo processo radiocarbônico se distanciaram em menos de 150 anos dos cálculos estabelecidos pelos historiadores.

Porém, os homens de ciência não ficaram plenamente satisfeitos. É que pretendiam ir além de 4.600 anos. Entretanto, matérias mais antigas, contendo fatos desconhecidos, não ofreciam ponto de contacto com as possibilidades do processo radiocarbônico.

Apenas uma coisa podia ser feita: os cientistas estabeleceriam os acontecimentos radiocarbônicos, baseados numa ampla variedade de amostras, recolhidas em diferentes depósitos geológicos e arqueológicos. Em seguida, fariam uma comparação para ver se os fatos correspondiam uns aos outros.

Pediram à "Associação Norte-Americana de Antropologia" e à "Sociedade Geológica dos Estados Unidos" que designassem quatro especialistas para colaborar com Libby e Arnold nas experiências que iam realizar. Cêrca de 200 amostras foram postas à prova. Suas idades atin-

Poderá o carbono 14 ajudar o homem a obter, finalmente, a solução definitiva para o problema da sua origem na terra?

giam a mais de 15.000 anos. Os resultados foram alentadores. E corresponderam de tal maneira, que não mais foi possível duvidar da exatidão do "calendário" radiocarbônico.

Infelizmente o seu alcance é limitado, porque dada a proporção em que o radiocarbono se desintegra 5.568 anos depois da morte da árvore ou do animal o conteúdo de radiocarbono reduz-se à metade. A proporção diminui gradualmente com o correr do tempo. Dêsse modo, a proporção de radiocarbono que fica, depois de 2.000 anos, é tão pequena que torna extremamente difícil um exame de laboratório. E não parece provável que o avanço da técnica possa em breve tempo ampliar o alcance do calendário radiocarbônico para além dos 30.000 anos.

O MAIS INTERESSANTE... foi, sem dúvida, o exemplar acima, apresentado na recente Exposição Canina Internacional, de Paris. Trata-se de «Buda», um cãozinho chinês, nascido em Cantão há cinco anos, único representante das raças do seu país que recebeu medalha de ouro e exibiu uma língua de comprimento fora do comum, que deitou zombeteiramente para o fotógrafo, ao mesmo tempo que lhe piscava um ôlho!

O calendário radiocarbônico poderá ser de grande importância para a história do nosso continente. Ninguém duvida de que no futuro seja possível a fixação do período em que viveram as raças pré-históricas, milhares de anos antes da chegada dos europeus e mesmo antes da chegada das raças índias, que ainda sobrevivem.

Desde 1926 sabemos que povos da Idade da Pedra viveram em tempos remotos, na América do Norte. As experiências foram realizadas em um tipo peculiar de flechas feitas de quartzo. As primeiras foram encontradas em Folsom, no Novo México; e logo receberam a denominação de "Flechas de Folsom"; mais tarde os arqueólogos passaram a chamar "Homens de Folsom" aos indivíduos que, possìvelmente, jaziam no subsolo daquela região.

Posteriormente mais "Flechas de Folsom" foram encontradas não só no Novo México, como também no Texas, Nebraska, Colorado, Wyoming, Nevada, no ocidente do Canadá e até no Território do Alaska.

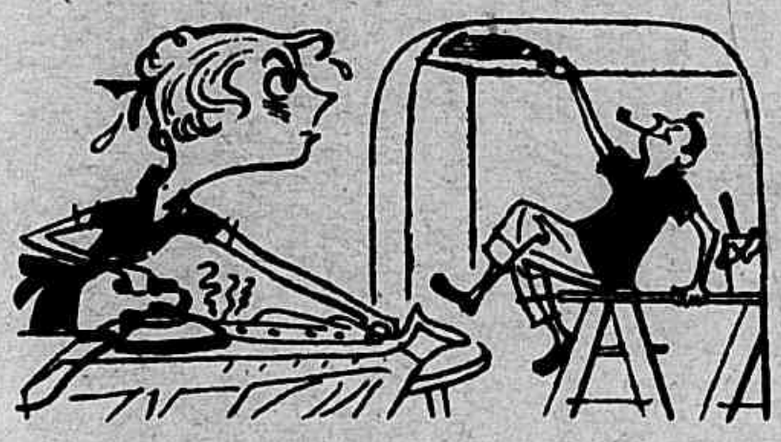
Estas descobertas deram lugar a uma série de conjecturas sôbre a época em que viveram os "Homens de Folsom". No entanto, tais conjecturas continuaram sendo encaradas como simples hipóteses até que o radiocarbono começou a ser utilizado. Um grupo de geólogos do Texas, julgando que o **carbono 14** poderia resolver o problema, procurou restos do "Homem de Folsom" e seus utensílios, a fim de serem utilizados em investigações de laboratório. Em Lubbock encontraram pedaços de ossos calcinados e frios despojos de uma alimentação Folsom. Enviaram os ossos para a "Universidade de Chicago", onde, reduzidos a carbono, foram colocados num contador "Geiger". A prova radiocarbônica determinou uma idade de 9.883 anos, com um êrro provável de menos de 5 por cento.

Em outros centros de investigação, entre êles as Universidades de Columbia e Yale, estão sendo instalados complexos equipamentos, necessários para a determinação de idades radiocarbônicas.

O processo para estabelecer idades por meio de radiocarbono é lento, difícil e caro. Porém, os benefícios que poderão trazer para as ciências resultarão na maior contribuição do século XX às investigações pré-históricas.

NÚMEROS FABULOSOS DE HOJE

A fabricação de caminhões tem progredido de maneira assustadora. Atualmente os Estados Unidos possuem cêrca de 10.000.000 de caminhões, isto é, duas vêzes mais do que no fim da Segunda Grande Guerra.

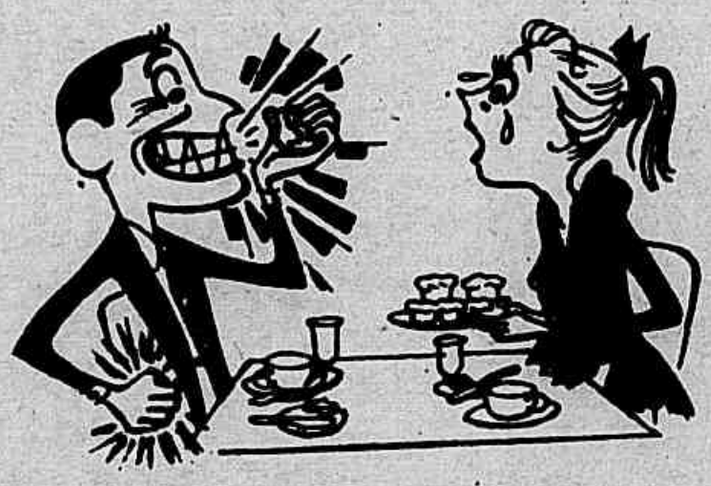


A avaliação da energia humana, realizada mediante o emprêgo de uma engenhosa máquina pesquisadora, demonstrou fatos surpreendentes. Em têrmos de energia dispendida, uma mulher que passa a ferro uma camisa, trabalha duas vêzes mais do que um homem que pinta um teto. E o fato de levantar uma valise de 22 quilos e meio de pêso requer um trabalho 6 vêzes maior do que o correspondente à pintura de um teto ou à passagem de uma camisa a ferro; do mesmo modo, tal esfôrço equivale ao empregado ao "serviço" numa partida de tênis!

AS viagens aéreas estão aumentando a sua diferença sôbre as ferroviárias e marítimas. Em 1953, último ano em que os dados foram computados, as linhas aéreas de passageiros realizaram um percurso total de 14.700.000.000 de milhas, enquanto os trens de idêntica natureza atingiram apenas 8.200.000.000. Durante aquêle mesmo ano, 60,7 por cento de todos os passageiros que entraram e saíram dos Estados Unidos, viajaram por via-aérea; os aviões transportaram 9.714.618 passageiros, enquanto que os navios conduziram apenas 1.112.117.

OS cérebros mecânicos de calcular estão agora sendo construídos com mais de 20.000 tubos; porém, há ainda um longo caminho a percorrer, se considerarmos o fato de que o cérebro humano possui mais de 10.000.000.000 de células nervosas!

QUANDO mastigamos a comida, os dentes da frente desenvolvem uma pressão superior a trinta e cinco quilos por polegada quadrada. Os maxilares, por sua vez, desenvolvem uma fôrça de setenta quilos por polegada quadrada, ou seja: — duas vêzes a fôrça que ambas as mãos podem desenvolver em compressão.



DE acôrdo com as últimas pesquisas científicas, um formigueiro comum tem uma população aproximada de seiscentas e cinqüenta mil formigas.

AS famílias americanas vão crescendo. No ano passado, o nascimento do segundo filho foi 91 por cento maior do que em 1940, enquanto o nascimento de terceiro filho aumentou de 86 por cento, o de quarto filho 61 por cento, e o nascimento de quinto filho foi além de 15 por cento.

435 de cada 10 mil norte-americanos figuram nas fôlhas de pagamento federal, estadual e municipal. Os 7.047.000 funcionários públicos ganhavam em 1953 US$ 23.300.000.000.

SEXO FRACO

DESDE que o mundo é mundo que as mulheres vêm desencaminhando os homens. Não são de hoje os casos de Eva com Adão, Helena de Tróia com Paris e Cleópatra com Marco Antônio.

Não procuraremos descobrir porque os encantos da mulher são tão fatais; não tentaremos, também, lutar contra a situação.

Apenas assinalamos o fato. Podemos, contudo(como consôlo) verificar que não é sòmente o macho da espécie humana que é assim tão vulnerável. Os jovens mosquitos se deixam arrastar do mesmo modo, e com resultados ainda mais trágicos. Os cientistas descobriram um meio de reproduzir o encantador "Cântico da sereia" dos mosquitos fêmeas para atrair os mosquitos machos a um desfecho lamentável.

Conhecida autoridade em saúde pública, nos Estados Unidos, descreveu êsse novo método de combate aos mosquitos. O zumbido da fêmea é gravado e depois reproduzido, nos locais infestados pelos insetos, por meio de um auto-falante, rodeado por uma tela carregada de eletricidade. Quando os machos se precipitam para lá, procurando alguns momentos de idílio, esbarram na tela... e não é preciso contar o que acontece depois.

A propósito, os cientistas observam que sòmente os mosquitos fêmeas picam os sêres humanos. Sempre ruinzinhas!

A PRODUÇAO DE CARVÃO NO BRASIL

A produção de carvão no Brasil apresentou um aumento de 64.000 toneladas no primeiro trimestre dêste ano, em confronto com o primeiro trimestre de 1954. O carvão nacional provém do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

NADA DE PRESOS OCIOSOS

EM Pequim estão sendo tomadas resoluções radicais: cêrca de oitenta e três por cento dos condenados devem trabalhar na indústria e na agricultura. A medida visa dois objetivos:

1 — Dar um rendimento produtivo ao castigo; 2 — a educação política e moral do condenado.

É necessário que o criminoso baixe a cabeça e reconheça seus crimes para poder obter o perdão dos seus pecados.

Mas, enquanto isto, deve trabalhar esforçadamente para o Estado; os que revelem um rendimento insuficiente terão prolongada a sua pena; por outro lado, os que produzem além das suas cotas, são agraciados com uma redução da condenação.

COMPLEXO DE CULPA

SEGUNDO a opinião do dr. Burgler, o jogador inveterado não passa de um doente, vítima do complexo de culpa e que deseja penitenciar-se e perder o seu dinheiro — **e mais o dos outros!**

VIVA A MULHER!

NÃO a mulher no sentido feminino e caviloso da palavra, mas a mulher que conquistou os postos que, até recentemente, eram privativos dos homens. Nos Estados Unidos há 19.726.000 mulheres que trabalham. Isto significa que uma têrça parte da população obreira do país é composta de mulheres.

Na China, onde sua situação era secundária e até depreciada, a mulher ocupa atualmente altos cargos dentro das tarefas governamentais. Nos últimos quatro anos, a porcentagem das mulheres que trabalham aumentou de 74 por cento.

UMA NOVA CÔR

EM um desfile de modelos do famoso modista parisiense Christian Dior, encontrava-se uma senhora admirando as lindas jovens que, graciosamente, desfilavam diante dela. Em dado momento, Dior, ao ver que a referida senhora estava fascinada por um elegante vestido, aproximou-se e indagou:

— A sra. gosta dêste vestido?

— Oh! É maravilhoso!

— Alegro-me por saber... Realmente, nêle trabalhei com a massa cinzenta...

— A massa cinzenta! Oh! Que côr maravilhosa! — disse a senhora em verdadeiro êxtase.

CRISÁLIDAS, formadas pelas lagartas saídas dos ovos das borboletas, pendem do teto de uma caixa. Após oito dias surgem as jovens borboletas.

MARCANDO AS BORBOLETAS — Anderson usa um carimbo de escritório, que considera o melhor processo de apor-lhes as suas marcas.

LIBERTANDO AS BORBOLETAS — Só num ano Anderson marcou quatro mil borboletas, esperando poder recolher apenas uma dúzia.

O HOMEM-BORBOLETA

CRIA ÚNICAMENTE ÊSSES LEPIDÓPTEROS PARA ESTUDAR-LHES A MIGRAÇÃO.

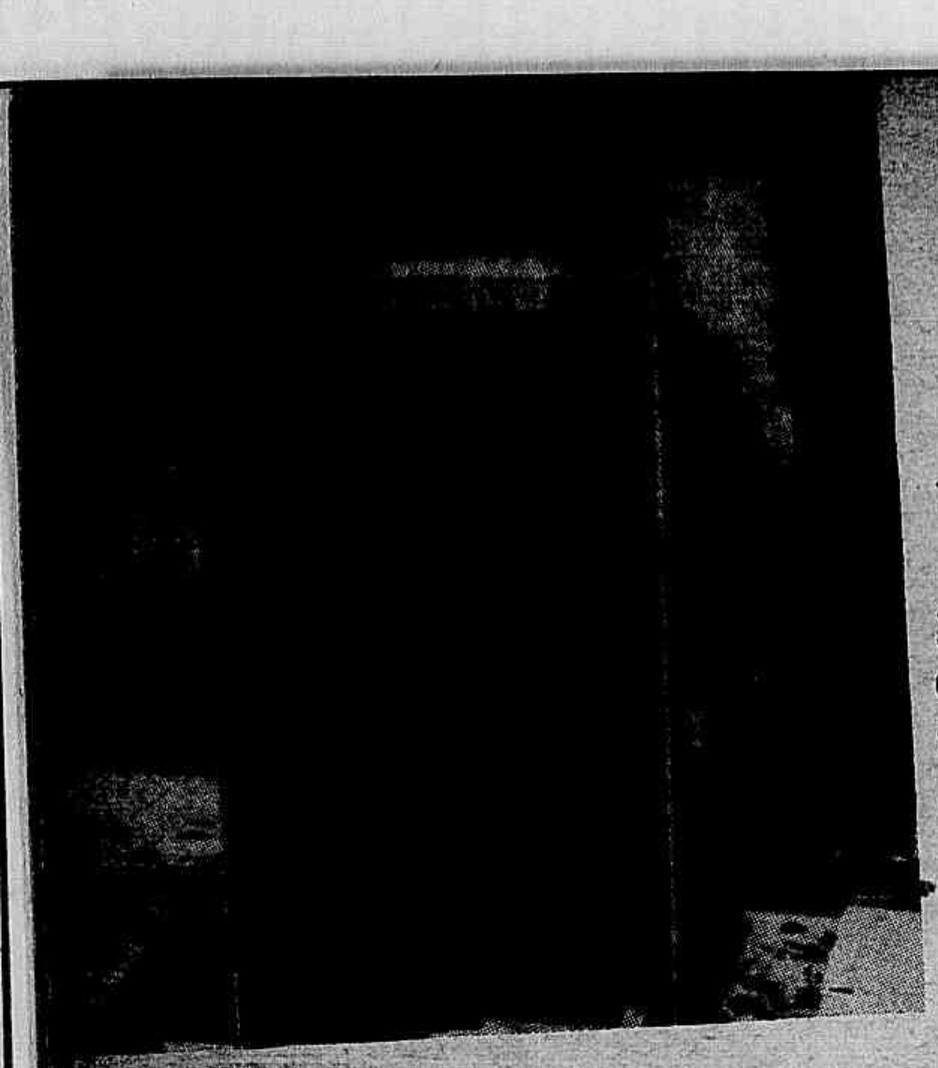
ÊSSE que aí está "mascarado" com borboletas é C. A. Anderson, de Dallas, Texas, funcionário federal encarregado de estudar a migração das borboletas. Para tal cria diferentes variedades dêsses lepidópteros, que depois solta (prèviamente marcadas), a fim de conhecer seus rumos e poder de vôo.

Uma delas pôde voar mil e duzentas milhas!

O estudo da migração das diferentes espécies é da mais alta importância para o Ministério da Agricultura dos Estados Unidos, para melhor defesa de suas colheitas

CONTRA UMA

O MÊDO DO ANO MIL NAO DEVE RENOVAR-SE DIANTE DO ANO DOIS MIL...



Em 1951, a O.N.U., pela palavra do visconde Stanley Bruce lançou o aviso assustador: — os acontecimentos mundiais eram motivo de preocupação pelo progressivo aumento da Humanidade.

EMBORA não com a extensão e a intensidade de Augusto Strindber em seu "Regne Milenari", é indiscutível que a Humanidade sofreu o que hoje chamaríamos uma psicose de terror nas proximidades do ano 1000 de nossa Era.

E apenas pelo falso augúrio do Fim do Mundo.

Algo análogo se está incubando, agora, com relação ao ano 2.000 e, esta vez, naturalmente, o vaticínio adota a forma de "cálculo científico".

Se não há falha de nossa memória, foi em 1951 que o então presidente do Escritório da Alimentação, da O.N.U., visconde Stanley Bruce, lançou a voz de alarma, ao declarar que as disponibilidades de abastecimento mundiais eram motivo de grave preocupação, pelo progressivo aumento da Humanidade (bôcas para alimentar).

Desde então, as agências jornalísticas estrangeiras, especialmente as norte-americanas, difundem a três por dois cifras e cálculos dos quais parece derivar a relativa proximidade de tão pavorosos problemas de alimentação, que vêm a ser o esbôço de um Fim do Mundo estatìsticamente pre-prefixado.

Foi mais ou menos na mesma época que "Geografia da Fome", de Josué de

Josué de Castro, com o seu livro "Geografia da Fome", pôs todo o mundo debruçado sôbre o problema da alimentação, hoje e amanhã!

Castro, emocionou o mundo inteiro, traduzido em todos os idiomas e considerado o livro do ano.

A confirmar tal vaticínio surgiu, de um certo mundo, o Congresso de População, celebrado recentemente em Roma, em cujas sessões, ba-

Augusto Strindberg exagerou apenas no seu "Regne Milenari" a psicose que assaltou a Humanidade nas proximidades do ano 1.000 da nossa Era pelo falso augúrio do Fim do Mundo...

seando-se todos em que a Humanidade cresce em progressão geométrica, e a produção alimentícia em progressão aritmética, os delegados da Rússia e outros países propuseram tôdas as medidas drásticas imagináveis no sentido da diminuição do número de novas vidas.

Felizmente, esta vez, não chegaram os congressistas a conclusões extremistas pela oposição medida e firme de outras delegações, entre elas a brasileira. Entretanto, até o ano 2.000 há muito tempo para refletir sôbre o assunto e verificar com quem está a razão.

A advertência de Stanley Bruce e as cifras e os cálculos com que a amparou são a expressão da verdade,

FALSA PROFECIA PSEUDOCIENTÍFICA

porém verdade... parcialmente e, como tal, mais perniciosa que a mentira.

De fato, dessas fragmentárias afirmativas seriam deduções lógicas considerar nocivo o aumento da Humanidade, supor um alarmante problema o crescimento da Humanidade e do próprio país, com o nascimento dos seus filhos e o incremento constante das levas de imigrantes que nos chegam de tôdas as partes, começar realmente a tremer diante do crescimento quase fabuloso do Rio de Janeiro e, o que é pior é proporcionar desculpa para os egoísmos neomaltusianistas, que dão motivo ao decréscimo da natalidade.

Eis porque é necessário — e urgente — completar aquelas notícias usando uma linguagem de inteira franqueza, como se segue:

Nada poderá haver de mais benefício para a Humanidade, para cada nação e para cada cidade, do que o seu próprio aumento; porém é indispensável levar à consciência coletiva de todos os agrupamentos humanos o convencimento da necessidade de fazer a produção agrícola seguir o ritmo do crescimento demográfico, sem o que o signo mais favorável poderá ser trocado por uma fonte de dificuldade.

Até o presente, a experiência histórica confirma que a todo processo ascensional da densidade demográfica segue um aumento da facilidade de produção agrícola. Ao contrário, os processos do despovoamento são precursores da miséria e da fome.

Levando a questão ao extremo exemplo, não é na superpovoada Bélgica, onde há o perigo de canibalismo; é, ao contrário, nas enormes extensões incultas, onde os escassos homens se caçam e se devoram mütuamente.

No aspecto global, a verdade parcial é que desde 1910 a 1952, a Humanidade censada passou de 1.753.000.000 de habitantes a 2.532.000.000, e que a densidade ascendeu de 12 a 18 habitantes por quilômetro quadrado. Porém, com êsse fato, devemos relacionar outros, não menos evidentes.

Em primeiro lugar, convém mencionar que de 1910 a 1952 foram feitos censos e feitas estimativas e recontagens em muitos países onde nem sequer se sabia o que vinha a ser estatística, enquanto em todos os restantes foram aperfeiçoados os sistemas de padronização e combatidas metódica e coercitivamente as ocultações de população. Não é, pois, aventurado afirmar que uma grande parte dêsses quarenta e quatro por cento que em quarenta e dois anos ganhou a Humanidade censada, não corresponde ao crescimento real demográfico, mas ao que podemos chamar de "descobrimento e registro de população antes ignorada ou oculta".

O segundo fato que precisa também de ser relacionado é que a superfície do globo — descontadas as regiões polares e as ilhas inabitáveis — é de 135.255.000 quilômetros quadrados, dos quais sòmente estão cultivados uma têrça parte e, desta, menos da metade (uns 22 milhões de quilômetros quadrados) são cultivados de modo científico e intensivo.

Na suposição de que os agrimensores censem e classifiquem as terras do planêta, como os demógrafos padronizam e classificam os homens, ainda assim não poderemos fixar o limite da população que a Terra pode nutrir, porque o sistema de alimentação varia, adaptando-se à progressiva densidade.

Como sabemos, o errante homem primitivo se alimentava de fôlhas e raízes cruas, de frutos silvestres e da carne ainda palpitante de pequenos animais. Milhares de anos depois, conquista e domina o fogo, fabrica suas armas e amplia a área de seu

aprovisionamento, variando assim o seu sistema de alimentação. Outros milhares de anos mais tarde, incontáveis transformações industriais vão convertendo em comestíveis matérias que nem mesmo a geração precedente sonhava que pudessem sê-lo.

Quem nos assegura, pois, como e de que se nutrirá a Humanidade no futuro?

Não; não há razão alguma para renovar terrores milenários, e menos ainda para justificar com cifras estatísticas egoísmos que são fundamentalmente atentados contra a Família, a Nação e o Humanidade.

O que a Estatística proclama é a necessidade e o dever de intensificar e aperfeiçoar o trabalho, e para isso o primordial é que haja mais e mais trabalhadores capazes. Não é bastante que os progressos da ciência médica e da organização sanitária assim como a elevação do nível de vida prolongue a existência do homem; é preciso — e inadiável — evitar ou conter a queda da natalidade, fonte da qual flui o melhor caudal dos povos.

Julgamos, portanto, oportuno recordar aos estatísticos norte-americanos um só fato, que avivará seu otimismo e afogará seus catastróficos vaticínios:

Há quatrocentos anos, quatro homens percorreram dez mil milhas, através de países nos quais, segundo um dêles nos relata, não encontaram outra alimentação além de "aranha" ovos de formigas, lagartas, cobras... e terra, sendo que muitos chupavam madeira e tudo o que pudesse ser mastigado, até mesmo estêrco de gamos e outras coisas que deixo de contar.

Pois bem. Foi necessário êsse primeiro esfôrço para que em pouco tempo aquelas desoladas terras se vissem esmaltadas pelo verdor de férteis campos e se sentissem estremecidas pelo galope dos vaqueìros, perseguindo inumeráveis rebanhos.

Passados quatro séculos — um instante na vida do mundo — sôbre aquelas terras, onde 'as crianças mamavam até os doze anos por ser muita a fome que havia", vive hoje o povo mais próspero e sadio do mundo.

Os quatro caminhantes foram Cabeza de Vaca, Dorantes, Castillo e um prêto a seu serviço, e as terras inóspitas eram as da Amé-

rica do Norte. E o Brasil? Para nós, o problema é mínimo, pois que a Terra é bela e dadivosa e nela "plantando, tudo dá".

E a propósito convém aqui reproduzir a declaração contida no importante relatório da missão Klein & Sachs ao nosso país:

"O Brasil produz todos os alimentos de que necessita, mas vinte e cinco a quarenta por cento de sua produção nunca chega aos consumidores. E o desperdício de alimentos, em todo o processo econômico, desde a produção até o consumo, chega a ser criminoso".

Essa a grande e triste verdade, dita com serena coragem e na maior simplicidade.

Vamos esperar que nos ensine, quando menos, a não mais perder êsses vinte e cinco a quarenta por cento.

E vamos, também, dar graças a Deus, se isso fôr conseguido...

★ ★

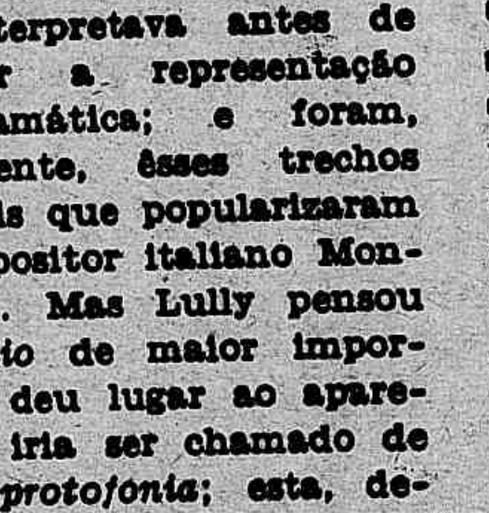
PEQUENA ENCICLOPÉDIA POPULAR ★ TUDO SE EXPLICA ★ COMO É FÁCIL SABER TUDO

QUE SIGNIFICA "ABERTURA" EM MÚSICA?

O compositor francês Jean Baptiste Lully (1639-1687), além de realizar adaptações de óperas italianas, dedicou-se também a introduzir algumas variações na música. A Lully não agradava, por exemplo, o curto prólogo musical que a orquestra interpretava antes de começar a representação melodramática; e foram, justamente, êsses trechos musicais que popularizaram o compositor italiano Monteverdi. Mas Lully pensou na execução de um *prelúdio* de maior importância musical, com o qual deu lugar ao aparecimento do que mais tarde iria ser chamado de "ouverture" (abertura) ou *protofonia*; esta, depois, foi desenvolvida por famosos compositores, tais como Bach, Mozart e Beethoven.

QUE É UM TESOURO DESCOBERTO?

TRADICIONALMENTE, um *tesouro descoberto* é "o ouro ou a prata, em moedas ou em barras, ou então objetos preciosos, *escondidos deliberadamente por seus donos*". Durante a Idade-Média, na Europa, o senhor feudal era o proprietário absoluto de tôdas as terras, e os tesouros nelas encontrados eram, automàticamente, integrados no seu patrimônio.



Êste princípio vigorava com tôda a severidade na Inglaterra, Alemanha, França, Espanha e Dinamarca. Eduardo, o Confessor, rei da Inglaterra (1042-1066) decretou o seguinte: "Os tesouros da terra pertencem ao rei, *a menos que sejam descobertos dentro de uma igreja ou de um cemitério*. E mesmo que ali sejam encontrados, a metade do ouro e da prata pertencerá ao rei, e a outra metade será do lugar sagrado onde foi descoberto, ou da pessoa (rica ou pobre) que teve a fortuna de descobrir."

A lei não se estendia aos achados que contivessem cobre ou bronze; e o tesouro *devia estar oculto* e não *abandonado* ou *perdido*. Atualmnete, na Grã-Bretanha, o rei entrega o tesouro encontrado ao Museu Britânico, que, geralmente, recompensa o descobridor. Devidamente modificada, a lei britânica que regula a descoberta de tesouros tem aplicação na maioria dos países democráticos; e a sua aplicação consiste no seguinte; o valor total do tesouro é dividido em partes iguais entre a pessoa que o encontra e o proprietário da terra; e quando coincide que o descobridor é o próprio dono da terra, a metade do achado deve ser entregue ao Tesouro Nacional.

POR QUE OS PEIXES SUPORTAM A PRESSÃO TERRÍVEL DAS ÁGUAS OCEÂNICAS?

COMO acontece com quase todos os sêres vivos, a estrutura anatômica de um peixe do mar está modificada para uma melhor adaptação ao meio ambiente. Poderíamos pensar que esta modificação da natureza deveria consistir num fabuloso aumento da fortaleza orgânica dos peixes, de modo que os mesmos pudessem suportar a irresistível pressão da água no fundo do oceano; mas, na realidade, não existe tal fortaleza. Todo o segrêdo está em que os ossos do peixe do mar possuem uma contextura cavernosa. Êste é o verdadeiro método seguido pela natureza para que tais peixes possam suportar a pressão dos grandes fundos oceânicos.

PREDIÇÃO HISTÓRICA

Para aquêles que na observação crítica dos acontecimentos procuram confirmação da máxima fatalista do que tem de ser tem muita fôrça, ou para aquêles que, sob uma influência piedosa, resignadamente se consolam com o preceito de que seja feita a vontade do Senhor, o artigo que segue, e onde se conta o assassinato dum grande rei francês, mostrar-lhes-á a trama complicada e urdida que prepara um destino. Ver-se-á ao mesmo tempo como para a vista mais aguda, servida pela inteligência e pela experiência da vida, passam despercebidos ou não são justamente apreciados muitos fatos, incidentes insignificantes, que mais tarde, passados longos anos, se agrupam e se relacionam em evidente demonstração do que se poderia fazer para se evitar um mal que nos parece agora iniludível.

NA grande feira anúal de Francfort-sôbre-o-Meno, em 1608, apareceu à venda um dêstes almanaques populares, baratos, em que pela conjunção dos planêtas se predizia o futuro ou cada qual tirava a sua sina, semelhantes aos que ainda hoje se publicam e são vendidos nas ruas em estirado pregão a estimular a curiosidade dos compradores; e nêle se profetizava que o rei de França seria infeliz no seu segundo casamento e que havia de morrer aos cinqüenta e nove anos de idade às mãos de seus próprios amigos.

Francisco Ravaillac (Facsimile de uma gravura.)

Os almanaques de Francfort iveram uma grande venda. Vieram para Paris, onde foram lidos com ansiedade, até que o parlamento ordenou que fôssem apreendidos e retirados da circulação. Naquele tempo Henrique IV era o monarca mais poderoso e temido da Europa. A sua conversão à igreja romana pusera ponto final na longa contenda entre católicos e huguenotes. A Liga fôra suprimida, e os últimos rumores de revolta tinham-se extinguido depois da execução do marechal Biron.

O édito de Nantes contentara os huguenotes. Os próprios jesuítas, a quem Henrique IV expulsara anteriormente do reino, tiveram licença para voltar, e o rei tomara para confessor um padre da Companhia.

Externamente, a França estivera em paz por muitos anos. Pelos esforços do rei e de Sully, seu primeiro ministro, possuía um exército que era temido por tôdas as outras potências. A Espanha, a inimiga de tantos anos, mandara um embaixador a Paris para propor o duplo casamento dos filhos de Henrique IV e de Filipe III.

Henrique casara em segundas núpcias com Maria de Médicis, seis anos passados, e dêste casamento haviam nascidos filhas e filhos. Todavia, o rei terminantemente lhe recusara a honra a que ela se julgava com direito, tradicional, de ser pùblica-

Sôbre o altar, o cura encontrou um papel...

mente coroada como rainha, cerimônia que na opinião daquela época tinha a maior importância. Ao mesmo tempo, magoara-lhe profundamente o coração e o orgulho com as suas conhecidas e sucessivas aventuras galantes. Portanto, era Maria mais do que seu marido quem poderia ser considerada infeliz no casamento.

Apartadas estas dissensões domésticas, não havia nuvens no horizonte político. No entanto, um pressentimento misterioso, insistente, incoercível, ganhava firmemente, dia a dia, terreno: que os dias do rei de França estavam contados.

Um outro aviso do que estava para acontecer apareceu em mais ameaçador aspecto do que o da feira da Alemanha. Henrique IV recusara a Filipe III as propostas de casamento, muito contra a vontade de sua mulher, a qual casualmente era parenta afastada do embaixador espanhol. Pouco depois da volta dêste ao seu país, apareceu em Madrid um livro escrito por um doutor de teologia, espanhol, dedicado a Filipe III, no qual abertamente se vaticinava a morte do rei de França para o ano de 1610.

No mês de março de 1609, morreu o último duque de Cléves e Juliers. Apresentaram-se diversos pretendentes à sucessão dos ducados, mas o imperador da Alemanha invadiu-os, apossou-se dêles e conferiu-os a seu filho Leopoldo. Isto significava a passagem dos ducados, do protestantismo para o catolicismo. Pôsto que Henrique IV fôsse católico, era ainda considerado natural aliado e protetor dos príncipes alemães protestantes. Todavia, durante quase doze meses, não se manifestou sôbre êste caso. No princípio do ano de 1610, repentinamente, pegou em armas, anunciando o seu intento de atravessar o Reno e de restituir os ducados ao ramo protestante. Recrudesceram simultâneamente os prognósticos do seu próximo fim. Sôbre o altar da igreja de Montargis, o cura encontrou um papel, em que se declarava estar próxima a morte do rei de França. Um tal cavaleiro de Beaune partiu para Paris com o fim de relatar ao rei uma visão que tivera e na qual recebera instruções para o ir prevenir da sua próxima morte. Mas, entre êstes inúmeros presságios e predições, há três particularmente notáveis.

No mês de janeiro de 1610, o cardeal Barberino, depois papa, muito considerado pelo seu saber em ciências ocultas, escreveu ao rei de França, avisando-o de que evitasse ficar em qualquer cidade populosa durante o ano, e especialmente durante os meses de março, abril, maio, junho e julho. O cardeal declarava que, se Henrique IV quisesse sujeitar-se a esta condição, responderia pela sua vida; se não, pressagiava que o rei havia de ser morto por um monge nascido em França, mas expulso da sua ordem e de "temperamento saturnino", melancólico, taciturno. Insistia ainda o cardeal com o rei nessa carta para que procurasse saber se no reino haveria qualquer pessoa nestas condições ali residente, e se assim fôsse que a tivesse estreitamente vigiada.

Nesta predição, o assassino, o tempo e o lugar do assassinato estão designados com a máxima precisão pelo cardeal Barberino.

Ainda mais notável foi êste outro aviso. Sabia-se em geral que os preparativos guerreiros de Henrique IV se destinavam a uma cruzada protestante; contudo, o próprio para reinante, Paulo V, veio interferir também para o salvar. O chefe da igreja católica romana mandou um correio especial de Roma a prevenir o rei de que se acautelasse e se defendesse porque altas e poderosas damas e alguns dos mais proeminentes nobres da sua côrte estavam concertados numa conspiração contra a sua vida.

Mas ainda outra predição mais extraordinária vinha em caminho para o monarca ameaçado. O sultão da Turquia mandou chamar por êsse tempo o embaixador de França em Constantinopla, e pediu-lhe que escrevesse uma carta a seu amo, dizendo-lhe que, êle, sultão, desejava que sua majestade mandasse cortar a cabeça aos seis principais nobres do seu reino, logo que recebesse aquela carta. O embaixador, cumprindo a missão, acrescentou ainda na carta que o sultão pedia a sua majestade que estivesse prevenido contra uma das mais altas damas da sua côrte, bem como contra três pessoas que eram da confiança dela, para as quais o sultão pedia a prisão perpétua, porque estavam tôdas implicadas na conspiração.

Semelhante mensagem era mais do que um aviso: era uma denúncia; todavia, o único efeito que produziu em Henrique IV foi apressá-lo nos preparativos para a campanha. Talvez julgasse que estava mais seguro no meio dos seus soldados do que dentro dos muros de Paris. A guerra era vivamente impopular em França. Os ducados não eram considerados dignos de semelhante esfôrço. O povo queixava-se dos encargos e das contribuições que pasavam sôbre êle. Os mais velhos, e melhores amigos do rei tomavam qualquer ensejo para lhe fazer objeções sôbre o seu intento. Nos púlpitos proferiam-se sermões ameaçadores, como nos antigos tempos da Liga.

Antes da partida para o Reno, era necessário definir a questão da regência, no caso de morte do rei. O futuro Luís XIII era ainda uma criança. De acôrdo com o uso, a regência teria que transmitir-se naturalmente à rainha-mãe. Henrique IV mostrou ter outras intenções. Designou um conselho de regência, no qual a rainha poderia ter simplesmente um voto.

Maria de Médicis ressentiu-se amargamente desta manifesta prova de desconfiança. Percebeu que o plano do rei era anular completamente a sua influência no govêrno do Estado. Mas restava-lhe ainda a esperança de poder, oportunamente, in-

Retrato de Maria de Médicis — Quadro de Rubens.

duzir o parlamento a pôr de parte aquela determinação do rei e a declará-la rainha regente. Para que esta intenção pudesse ser realidade em qualquer época, a cerimônia da coroação, tantas vêzes adiada, tornava-se mais necessária e importante do que nunca; e Maria de Médicis empregou

...foi recebida pelo superior da Ordem...

todos os seus esforços para arrancar ao rei o consentimento antes da sua partida.

Mas quanto mais forte era o motivo da rainha para desejar a cerimônia, tanto mais forte seria para o rei a firmeza da recusa. Henrique IV teve o pressentimento, e dêle falou sem rebuço, de que essa coroação ser-lhe-ia fatal. Com esta crença no seu espírito, com os avisos do papa e do sultão, bem vivos ainda na memória, só admira que êle pudesse admitir sequer esta questão. Mas uma estranha e inexplicável fraqueza se apoderou do seu ânimo e lhe inibiu a vontade. Talvez o próprio mêdo que o fêz tremer da coroação de sua mulher durante tanto tempo, o fizesse também tremer agora duma recusa formal e decisiva.

Certo é que a coroação de Maria de Médicis foi fixada para 13 de maio. Alguns dias depois o rei teria de deixar Paris para se colocar à frente das suas tropas. Durante todo êste tempo, note-se, os preparativos para a guerra haviam-se limitado à França. Nos territórios da casa da Áustria nenhum sinal havia de luta próxima. Os Países Baixos, sôbre os quais teria de cair o primeiro embate da invasão, permaneciam imersos em profunda paz. Não havia movimento de tropas, nem em som de guerra se desfraldavam bandeiras.

Houve igrejas de Espanha em que se fizeram preces a favor de "uma emprêsa" que se estava para se levar a efeito em França.

Uma semana antes da coroação da rainha, um correio secreto partiu de Paris e dirigiu-se para a fronteira alemã, levando despachos que anunciavam a morte do rei de França.

Uma ou duas noites depois, Henrique IV dormia ao lado de sua mulher; repentinamente, esta, tôda trêmula, acordou-o gritando, prêsa de aflitivo pesadelo. Henrique IV depois de fazer o possível para a sossegar, perguntou-lhe qual era a causa daquele susto. Recusando por muito tempo responder, Maria de Médicis confessou afinal que tivera um sonho em que o vira cair morto aos golpes de um assassino.

No dia designado efetuou-se a coroação com o maior esplendor e sem nenhum acontecimento fatal. Henrique IV não estêve presente, mas passou todo o dia na melhor disposição de espírito, e alegremente saudou sua mulher na volta da cerimônia, chamando-lhe "Madame Regente".

Na manhã do dia seguinte, 14 de maio, Henrique IV assistiu à missa. Na sua volta para o Louvre, o duque de Vendôme, seu filho natural, trouxe-lhe uma carta urgente de La Brosse, o mais célebre astrólogo daquele tempo, e na qual pedia e aconselhava o rei a não sair do palácio durante aquêle dia, porque um grande perigo o ameaçava. Henrique IV riu-se do aviso:

— La Brosse é uma velha rapôsa que só quer o vosso dinheiro, e tu és um rapaz pouco atilado em lhe dares ouvidos.

Todavia, à medida que passavam as horas e a tarde se aproximava, o rei ia ficando cada vez mais taciturno. Uma indefinível tristeza lhe invadia a alma. Tentando

alegrá-lo e levantar-lhe a imaginação abatida, um dos seus familiares de serviço desenhou-lhe uma cena da gloriosa grandeza que tinha atingido. O rei meneou a cabeça melancòlicamente e replicou com uma profunda tristeza: — "Meu amigo, é forçoso abandonar tudo isso".

As quatro horas da tarde, Henrique IV sùbitamente anunciou a tenção de sair, e mandou atrelar a carruagem. No momento de subir para esta, um enviado da parte da própria rainha veio pedir-lhe que não saísse do palácio.

Mas Henrique IV não fêz caso; entrou para o côche, não atendendo a êste derradeira aviso, como a nenhum dos outros, e seguiu ao encontro do seu destino.

A carruagem real era grande, aberta, larga, com lugares fronteiros para seis pessoas. O rei sentou-se entre o duque d'Epernon e o sr. de Montbazon. Na estreita rua de La Ferronnerie dois carros de carga fechavam a passagem e a carruagem real teve de parar. Henrique IV tirou da algibeira uma carta e principiou a ler. Naquele momento, o "monge expulso da ordem e de temperamento saturnino", segundo a predição, nascido no reino, e chamado Ravaillac, parou ao pé da carruagem, do lado em que estava sentado o duque d'Epernon, subiu pondo o pé no estribo e curvando-se por sôbre o duque apunhalou o rei por três vêzes. A terceira punhalada foi aînda parada pelo sr. de Montbazon. Mas a segunda tinha atingido o fim. Henrique IV era cadáver.

O duque d'Epernon não foi bastante ágil e resoluto para intervir, enquanto se estavam dando as três punhaladas por entre êle e seu amo. Atenuou então a sua negligência, que poderia ser levada à conta de surprêsa, saltando fora do côche e segurou o assassino, que nenhuma tentativa empregou para fugir.

O corpo do rei morto foi conduzido para o Louvre. Como estava previsto, o parlamento promulgou logo um decreto reconhecendo Maria de Médicis como rainha regente de França com todos os poderes de uma soberana.

Entretanto, o presidente De Harlay, como mais elevado magistrado do país, abria o inquérito sôbre o assassino do rei.

Ravaillac era natural de Angoulème, província da qual era governador o duque d'Epernon. A sua fisionomia depunha tanto contra êle, que já fôra anteriormente prêso, suspeito pelo seu mau semblante dum assassinato, do qual era perfeitamente inocente. Fôra absolvido, mas enquanto estêve na prisão meditou sôbre o problema favorito da época, a legitimidade do regicida, e possuiu-se da mania de que Deus o tinha designado para matar o rei de França. Êle era um doido, daquela perigosa classe dos doidos-lúcidos, que se fazem dóceis instrumentos de crime nas mãos de instigadores sem escrúpulo.

Ravaillac apunhalou o rei por três vêzes...

Ao sair da prisão de Angoulème, Ravaillac, que então principiava a falar abertamente da sua missão, foi tomado ao serviço do duque d'Epernon, o qual primeiramente o mandou para Paris — meio mais fácil de o pôr a caminho de abandonar o seu criminoso propósito; mas, pouco depois Ravaillac foi mandado para Nápoles com cartas do duque para uns

...disfarçado ia rondar de noite o castelo...

franceses ali residentes, expatriados de França, por causa da passada conspiração da Liga. Na sua estada em Paris, Ravaillac hospedou-se em casa de uma mulher chamada Des Comans ou D'Escoman, a quem êle confiou o seu secreto intento.

Des Comans fêz os mais desesperados esforços para salvar o rei. Foi primeiro ao Louvre, onde pediu uma audiência à rainha, mandando-lhe dizer que tinha uma comunicação a fazer-lhe que dizia respeito à vida do rei. Maria de Médicis mandou-a embora com promessa de a ouvir em diferentes dias, e finalmente foi para o campo sem a ter recebido.

Desenganada por aquêle lado, a atribulada mulher foi procurar o confessor do rei no colégio dos jesuítas. Ali foi recebida pelo superior da ordem, que a informou de que o padre Cotton tinha acompanhado a côrte para o campo. Sôbre a declaração da Des Comans que iria à côrte no campo, o superior prometeu-lhe transmitir, diz-se, êle próprio a sua informação ao confessor.

Des Comans voltou para sua casa, satisfeita com a sua consciência e confiada nesta promessa. No dia seguinte, porém, foi prêsa como doida, e internada num asilo, onde estava ainda pelo tempo do assassinato.

Tais foram os fatos apurados por Harlay no decurso do seu inquérito. Ravaillac recusou denunciar quem quer que fôsse. Segundo a sua narrativa, era o único responsável e procedera deliberada e espontâneamente. Mas o astuto magistrado não hesitou em descrer do maníaco naquele ponto. Viu, bem claramente, que Ravaillac tinha sido um simples instrumento nas mãos de alguém.

Já um nome ficava proeminente na história do crime. O duque d'Epernon, o governador de Angoulème, o homem que tomará Ravaillac ao seu serviço, que dirigira os seus movimentos, que lhe fornecera dinheiro, e, finalmente, que mostrara tão estranha negligência de ação enquanto o assassino, de pé no estribo da carruagem, se encostara sôbre êle próprio para vibrar aquêles três golpes sucessivos.

D'Epernon era um homem cuja ambição excedia a sua capacidade e merecimentos. Tinha ocupado um alto cargo ao serviço de Henrique IV, porém o rei privara-o, recentemente, do comando de uma importante fortaleza. A morte de enrique IV e a ascensão de Maria de Médicis à regência transformaram d'Epernon em primeiro ministro efetivo da França. A rainha deu-lhe provas de tanta confiança que até o instalou no Loüvre, em aposentos próximos dos seus próprios.

Era necessária extraordinária coragem para prosseguir num inquérito, cujo resultado deixava antever um procedimento judicial contra o duque. Todavia, Harlay persistia firmemente no seu inquérito. O próprio duque d'Epernon teve a impudência de ir a casa do magistrado pedir-lhe que fôssem castigados os que malèvolamente estavam espalhando boatos contra êle.

Como não tirasse proveito desta audácia, a rainha regente apresentou-se protegendo o seu ministro, e mandou um despacho a De Harlay, ordenando-lhe que tratasse o duque com a deferência devida à sua posição.

Dessa forma, e pelo deliberado abandono da rainha regente, a investigação foi gradualmente desaparecendo.

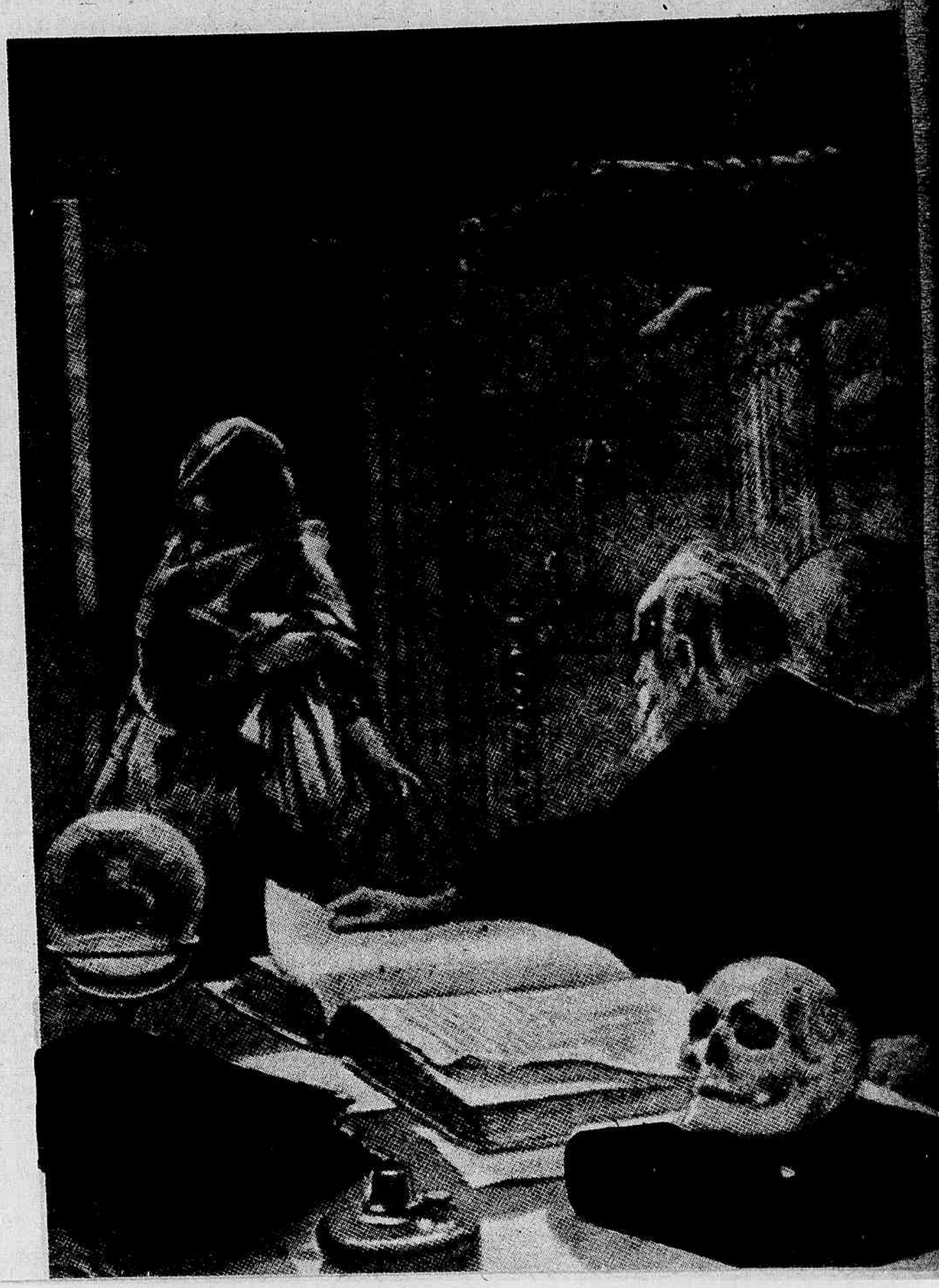
Nas histórias do tempo, a morte de Henrique IV foi atribuída à loucura ou à vingança singular de Ravaillac, a despeito de Espanha, a interferência dos jesuítas, em suma a diversíssimas causas, conservando sempre um aspecto misterioso e indefinido. Mais de um ano antes do desgraçado acontecimento, um soldado francês aventureiro, chamado Lagarde, voltando das guerras turcas, trouxe a Henrique IV a notícia de uma conspiração deliberada em Nápoles contra a sua vida. Lagarde vira Ravaillac em casa de um dos exilados da Liga, e ouvira-lhe dizer que na sua volta à França tencionava assassinar o rei. Acrescentava que um padre jesuíta, tio do primeiro ministro de Espanha, igualmente instara com êle a prestar auxílio neste projeto tenebroso. Todavia, o procedimento de Henrique IV, ao receber estas notícias, foi significativo e mui diverso do que se poderia supor.

Regulando-se pela comunicação de Lagarde, os seus inimigos estavam em Nápoles; porém, o rei deixou a êsse tempo o palácio e retirou-se por alguns dias para uma pequena casa de campo, como se êles estivessem em Paris. Dali chamou o seu leal amigo, Sully, e pediu-lhe que lhe preparasse aposentos no Arsenal, porque não se sentia seguro no Louvre. Sully menciona êste pedido e a razão porque o rei o fêz: — "Que Concini estava em relações com a Espanha; que (Henrique) via claramente que os projetos dêles só podiam efetuar-se pela sua morte, e que finalmente tivera definitiva notícia de que ia ser assassinado."

Quem era êste Concini que estava assim tão apto para organizar impunemente conspirações contra o mais poderoso monarca da Europa, e de o deitar fora, como aterrado fugitivo, do próprio palácio onde habitava?

Concini era um italiano de humilde condição, que viera para a côrte francesa na comitiva de Maria de Médicis. Teve a

O astrólogo recebeu a visita de uma dama velada...



felicidade de casar com Leonor, predileta camareira da rainha, e por sua mulher estabeleceu uma grande ascendência sôbre o espírito da sua real ama. Os dois tomaram como obrigação acirrar Maria contra o marido, cujo caráter volúvel lhes dava para isso sobejos motivos. Espionavam-lhe todos os passos e traziam aos ouvidos de Maria notícia de tôdas as numerosas intrigas amorosas com as quais o galanteador Henrique IV a desonrava aos olhos do mundo.

Estava no poder do rei, se êle tivesse querido exercer a sua autoridade, demitir Concini e expulsá-lo do reino. Mas tôdas as suas faltas para com a sua segunda mulher ultrajada, fizeram-no covarde. Assim, o mundo teve o espetáculo do grande monarca de quem todos os estados se temiam, temer-se por sua vez de dois italianos aventureiros.

O interêsse de Concini na morte de Henrique IV é bastante compreensível para satisfação plena das suas ambições. A morte do rei determinaria a ascensão de sua ama ao poder soberano como regente, por conseqüência a sua própria elevação à grandeza. Entre o italiano e a vítima apenas se poderia interpor — a consciência de Maria de Médicis.

Desde o casamento, a orgulhosa princesa italiana, com o vingativo sangue dos Médicis a referver-lhe nas veias, tinha sido tão profundamente ferida no seu amor próprio e tanto que uma mulher dificilmente pode perdoar. As disputas entre ela e o rei tinham sido muitas e violentas.

Entre êles estabelecera-se aquela situação afetiva que não raro leva às mais desesperadas resoluções. Na história dos crimes, registra-se muitas vêzes conseqüências dêste estado dalma que dificilmente se conserva nos domínios da complexa psicologia feminina, e breve invade as fronteiras da loucura, se não fixa definitiva morada na sombria região das perversidades abomináveis. A obsecação do ciúme, a revolta do amor próprio, a mágoa do orgulho cansam o espírito e predispõem-o para as mais repunantes determinações, como a infecção progressiva do maligno tumor vai corroendo o organismo de que se apodera.

No mês de janeiro de 1609, num baile de máscaras dado por Maria de Médicis no Louvre, Henrique IV viu, pela primeira vez, uma rapariga que estava destinada a exercer funesta influênsia na sua vida.

Carlota de Montmorency, cujos encantos foram apregoados então como sonho de poeta, tinha apenas quinze anos de idade. Era filha do velho condestável de Montmorency, que acabara de a prometer em casamento a Bassompiere, o mais espirituoso e mais elegante entre os galanteadores soldados da côrte francesa. O primeiro ato do rei enamorado foi inquirir se a rapariga realmente amava o noivo, e tendo encontrado motivo para suspeitar da espontaneidade da inclinação ou do ajuste, chamou Bassompierre e brutalmente lhe ordenou que desmanchasse o casamento. Ao mesmo tempo, com a crueldade dum déspota oriental, informou o infeliz enamorado do vergonhoso motivo desta interferência.

Bassompierre não teve de escolher, obedeceu, e nem sequer pareceu guardar grande ressentimento contra o seu ciumento amo. Encontrou talvez compensação bastante na beleza, no espírito e na ternura de outra amada do rei, a princesa de Conti, Luísa de Lorraine, a qual abandonou a côrte pelo elegante marechal, com quem se diz ter casado depois secretamente. Mas talvez outros nobres do séquito de Henrique IV tivessem sofrido iguais ofensas com menos paciência do que Bassompierre. E claro que a conspiração contra a vida do rei estava largamente conhecida, senão combinada pela metade da côrte.

O seguinte ato do rei, levado pela loucura da paixão sensual, foi talvez o mais cruel. Ordenou ao seu próprio sobrinho, o moço príncipe de Condé, o casamento com a bela Carlota Condé, conquanto fôsse príncipe de sangue, era muito pobre e dependente do tio. Não podia recusar o casamento, conquanto percebesse perfeitamente o plano do rei e o vergonhoso papel que lhe estava destinado.

Efetuou-se a cerimônia, e o rei dispensou aos nubentes honras e riquezas. Mas Conde, mal se achou casado com Carlota, mostrou-se resolvido a proteger a todo o custo a honra dela e a própria.

(Continua na página 115)

A MOEDA REVELADORA

EVENTUALMENTE, uma paixão ilícita pode transformar um cordeiro num leão. Assim aconteceu com o pacífico e humilde Judd Gray, um vendedor de espartilhos para senhoras, de East Orange, que, por amor à bela e estouvada Ruth Snyder, vinculou o seu destino ao da amante no assassinato do marido da mesma.

A história de Ruth Snyder e Judd Gray, da maneira como foi narrada perante o tribunal do júri de Queens Village, em New York, no mês de abril de 1927, não passava de um conjunto de fatos banais e sórdidos.

Ruth, uma doméstica caçadora de emoções, encontrou Judd em um café, e com êle flertou abertamente. E a incontrolável paixão que surgiu entre êles, floresceu ràpidamente, transformando-se num romance ilícito.

O resultado inevitável, de acôrdo com os advogados da acusação, foi o assassinato de Albert Snyder; perpetrado pelo casal de adúlteros. Êles mataram não sòmente visando evitar uma eventual perturbação de suas condenáveis relações, mas também com o fim de entrar na posse de uma enorme quantia, garantida pelas apólices de seguro de vida do marido de Ruth Snyder.

Na manhã do dia 20 de março de 1927, a casa dos Snyder se apresentava como se tivesse sido cenário de um assalto. As gavetas da escrivaninha estavam escancaradas, e o que dentro delas se guardava jazia espalhado pelo soalho. As almofadas do sofá estavam rasgadas e seus pedaços jogados pelo meio da casa.

Então Ruth Snyder contou a sua versão dos fatos; disse que dois ladrões invadiram sua casa, às primeiras horas da manhã daquele fatídico domingo, e que tanto a espancaram que ela perdeu os sentidos. Quando despertou encontrava-se amarrada, amordaçada e estendida no "hall". Mais tarde, as cordas que a amarravam foram retiradas por um vizinho; foi então que veio a saber que a casa havia sido saqueada e o marido estrangulado!

Mas a história do arrombamento e assassinato não podia resistir a um demorado exame. Nenhuma prova da entrada violenta dos ladrões foi verificada, quer nas portas, quer nas janelas. A confusão apresentada pela casa saqueada era demasiadamente, espalhafatosa para ser convincente. Ademais, as jóias que Ruth Snyder dizia terem sido roubadas foram encontradas, logo após, debaixo do colchão de uma cama.

Quando, porém, um detetivè apontou para o nome de Judd Gray, que estava escrito no **diário** de Ruth, e perguntou a esta, serenamente, **se aquêle era o homem que a havia auxiliado no assassinato do marido**, a mulher ficou em silêncio por algum tempo, e depois confessou.

Prêso no quarto de um hotel de Syracusa, cidade vizinha de East Orange, Judd Gray negou tôda e qualquer participação no crime. Admitiu que mantinha certas relações com Ruth, mas afirmou veementemente que jamais conhecera o marido da mesma.

EPISÓDIO REAL

De acôrdo com a confissão de Ruth Snyder, Gray viajou de Syracusa para Queens Village, em New York, tendo chegado sábado à noite a casa dos Snyder, onde ficou oculto, até que Ruth trouxe o marido para casa num estado de semi-embriaguês. Então, enquanto a vítima dormia, Gray saiu do seu esconderijo e ajudou a mulher na tarefa macabra de eliminar o homem indefeso.

Tendo conseguido estabelecer a casualidade ou a motivação do crime, a acusação avocou, a seguir, mais testemunhas, a fim de provar que Gray tivera oportunidade de cometê-lo. Em primeiro lugar, a acusação provou, através do testemunho de um amigo do acusado, que estivera no quarto do hotel em que se hospedara Gray na mesma noite do crime, que êste último havia telefonado para a casa da vítima, a fim de confirmar a sua presença na mesma, e que, a seguir, amarrotou a cama, a fim de simular que nela havia dormido.

Contudo, as declarações dos condutores e porteiros dos trens, em que Gray havia viajado para a concretização de sua missão assassina, foram demasiadamente vagas, não podendo ser aceitas como provas.

Mas, pouco depois, surgiu uma testemunha que veio trazer a certeza absoluta dos fatos.

Era um chofer de táxi, que afirmou, de maneira categórica, haver conduzido Judd Gray de Jamaica, um lugar não muito afastado da casa dos Snyder, para New York na mesma manhã do assassinato.

Qual foi o fato que chamou a atenção do chofer para que, entre centenas e centenas de pessoas conduzidas em seu táxi, pudesse recordar a figura de um insignificante vendedor de espartilhos?

— O preço da passagem! — disse o chofer, sem pestanejar. — Era de três dólares e cinqüenta centavos. Êle colocou a quantia exata em minha mão; e sabe o que fêz depois? Deu-me meio dólar de prata, como gorgeta! Então olhei bem para êle, e disse a mim mesmo: "Tomara ter um freguês assim todos os dias". Ali está êle sentado, agora! — concluiu o chofer, apontando para Judd Gray.

★ ★

UM louco tinha a mania de acreditar que era um rato. Depois de receber um sério tratamento psiquiátrico, foi enviado para casa. Mas, logo que chegou, correu para o quarto e lá se escondeu.

— Então, meu amigo — disse o psiquiatra que o havia tratado. — Agora você já sabe que não é um rato!

— Isto eu sei melhor do que ninguém — respondeu o louco. — Mas, será que o gato também sabe?

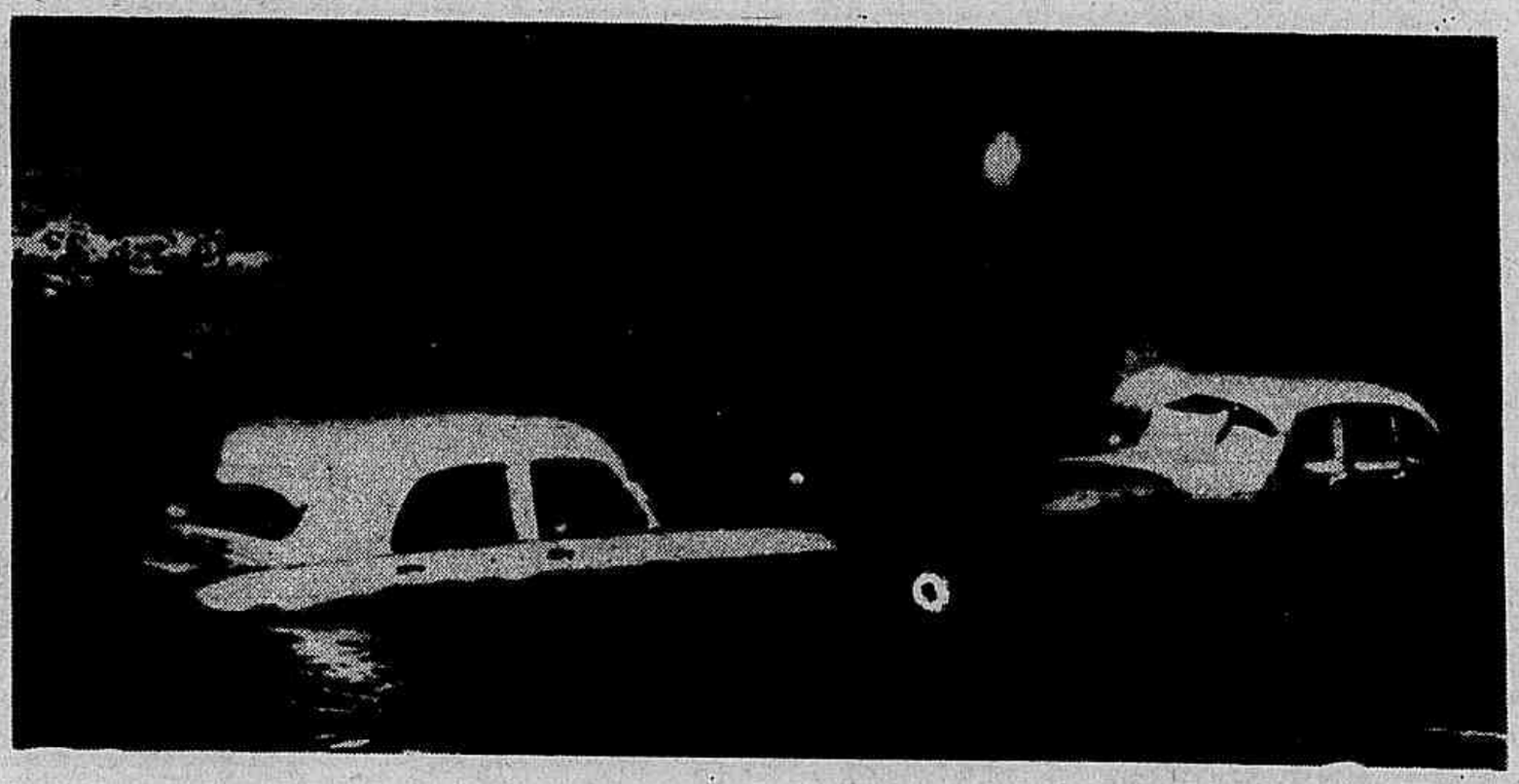
□

PENSAMENTOS DE BARBEY D'AUREVILLY

— Oh! A estupidez dos grandes espíritos! Que grande livro a escrever!

— Tôda mulher por quem desejamos ser amados e que não nos ama, ainda, não passa de **uma inimiga**.

LÁ COMO CÁ.



AQUI vivemos reclamando contra tudo e principalmente contra as enchentes das ruas, quando ocorre caìr sôbre a cidade maravilhosa uma tromba dágua. É que a natureza costuma ser ainda mais violenta do que podemos prever e às vêzes se excede, como aconteceu no norte da Inglaterra, principalmente no Northumberland. Chuvas fortíssimas e prolongadas, transbordamento do rio Tyne... e os veículos abandonados em plena rua... no estado em que mostra a gravura. Parece, até, que essa chuva em terra inglêsa bateu todos os recordes.

EPISÓDIO REAL

O CÊRCO DO "BUNGALOW"

A região de Deccan é uma das mais quentes de tôda a índia, e a capital desta província, a cidade de Hyderabad, torna-se, no verão, insuportável para os europeus, que lá vivem como comerciantes, oficiais, funcionários, etc.

É assim que, a partir do mês de maio, os brancos se retiram para as elevações mais próximas de suas residências.

Takigiri é uma vila indígena que, depois de algum tempo, angariou uma certa reputação por sua situação privilegiada. Encravada no cimo de uma montanha de cêrca de 800 metros de altura, esta povoação não se encontra muito afastada de uma estação ferroviária que fica entre Hyderabad e Madrasta.

Uma imensa floresta, Tekuima, a menos de um quilômetro da vila; e ali os caçadores podem encontrar com abundância caças as mais diversas e variadas. Codornizes, perdizes e lebres chegam, muitas vêzes, às primeiras casas.

E ninguém que se embrenha no bosque poderá evitar um encontro inopinado com um antílope ou meia dúzia de porcos selvagens. Por sua vez, os pescadores podem satisfazer a sua paixão a pequena distância de Takigiri, nas numerosas ribeiras, cujas águas cristalinas murmuram no fundo dos vales vizinhos. Enfim, os tigres são pouco temidos na região. E isto pelo fato de que passam-se anos e anos sem que tais feras apareçam. Durante um ano inteiro não matam mais do que um ou dois búfalos e uma dezena de carneiros, numa área que tem um raio de vinte a vinte e cinco léguas.

Separados por apenas 4 metros, homem e tigre ficaram imobilizados, silenciosos, como que fascinados um pelo outro...

MR. Jan Hamilton, caixa da "Casa Bancária Brothers" a maior firma de Hyderabad, certa vez, no verão, foi instalar-se, juntamente com a espôsa, uma filhinha e mais dois empregados, num pequeno "bungalow" de um só pavimento, com quatro peças e uma varanda em cada fachada.

Mr. Hamilton para ali fôra como convidado de um amigo, mr. Robert O'Doholy, funcionário do banco, e que residia com sua espôsa e os dois filhos num "bungalow" semelhante, situado a uns quinhentos metros de distância do primeiro. Um terreno agreste e êrmo separava as duas casas.

Na sala de jantar do "bungalow" trava-se uma alegre conversa entre mr. Hamilton, recém-chegado de Hiderabad, e sua jovem espôsa, que acabava de deitar na cama a filhinha adormecida.

O caixa está muito contente por ter vindo passar o sábado e o domingo com sua pequena família, longe do calor da vila.

— Querida; prometo que ainda hoje apanharei umas perdizes.

— Mal chegou e já quer meter-se em aventuras?

— É que não suporto mais aquêle eterno carneiro assado que serviam no hotel! Afirmo que hoje você vai preparar as perdizes que trarei dentro de uma hora! Imagine que, quando vínhamos da estação, eu e O'Doholy...

— A mulher e os filhos dêle já chegaram?

— Se você fôsse mais um pouquinho curiosa, já os teria visto, aqui mesmo da varanda. Olhe!

Aproximaram-se da janela, de onde se via, do outro lado do terreno, o "bungalow" do seu amigo; porém, antes de que êles atingissem seu pôsto de observação, a mulher agarrou-se ao marido gritando:

— Que é aquilo? Que horror! — disse ela, apontando para um ponto, fora de casa.

— Onde? Onde? Um escorpião? Uma serpente?

Um mêdo atroz paralisou o corpo da jovem mulher. Seu braço, como que sacudido por uma convulsão, continuava apontando para o mesmo lugar.

— Ali! Ali! Oh, Deus do céu! — exclamou ela.

E, então, chegou a vez do marido tremer também: seu olhar distinguiu dois vultos amarelados, por trás de uma moita de espinheiro, bem no meio do caminho que ligava as duas casas.

— São tigres! Tigres! Oh, meu Deus!

Hamilton ficou aterrado. Mas as feras, que até então se agachavam como se fôssem gatos em estado de alerta, estavam agora tentando escalar uma barreira de enormes pedras que impediam a sua passagem. E o salto com o qual ultrapassaram o obstáculo, provocou verdadeiro pânico na alma do caixa.

Enquanto isso, sua espôsa, estreitando a criança nos braços, correu para o banheiro, que era o único compartimento cuja porta possuía ferrôlho. Hamilton, sem pensar em fechar tôdas as entradas da casa saiu à procura da mulher. Todo o sangue frio e a firmeza o haviam abandonado.

— Meu fuzil! Onde você guardou o meu fuzil? — perguntou, com voz trêmula.

— Debaixo da cama!

— E os cartuchos! Os cartuchos?

— Estão guardados no armário!

— No armário? Em qual dêles? Oh, meu Deus! Estamos perdidos!...

O pobre homem corria como um verdadeiro louco; não sabia se devia buscar primeiro os cartuchos ou o fuzil. E a mulher o tornava mais nervoso com seus gritos desesperados. De repente, êle percebeu que não havia fechado nem as janelas, nem as portas e, abrindo caminho por entre os móveis, chegou à sala-de-jantar.

Entretanto, antes de atingir a soleira, deteve-se e ficou como que petrificado: diante da porta, apoiado sôbre o gradil da varanda, um tigre destacava sua enorme silhueta.

Separados por uma distância de quatro metros, o homem e o tigre ficaram imobilizados, silenciosos, como que fascinados um pelo outro. A um grito da mulher, a fera mexeu-se, e estava prestes a penetrar na sala. Com um movimento instintivo, o inglês, desvairado, agarrou uma chaleira de porcelana e jogou contra a cabeça do animal.

O barulho do objeto, que se quebrou em mil pedaços, intimidou o tigre, que recuou alguns passos. Aproveitando essa trégua o caixa bateu em retirada para o quarto de dormir; dali, todo trêmulo e ofegante,

chegou, enfim, ao banheiro, cuja porta estava entreaberta.

— Ah! Meu querido! Você está salvo!

E a pobre mulher enlaçou o pescoço do marido, cobrindo-o de beijos; suas lágrimas molharam o rosto do homem, que, pouco a pouco, recuperava a sua calma. E então, teve a coragem de mentir.

— Sim, meu amor, estamos salvos. O'Doholy virá nos defender, juntamente com os homens da vila. É questão de alguns minutos. Nada mais... E o nosso empregado, que foi à estação, buscar a minha maleta, pode chegar de um momento para outro. Sei que êle não é corajoso, mas seus gritos darão o alarma!

Mr. Hamilton procurava enganar a si mesmo, pois sabia que o "bungalow" era a última casa da vila e que os indígenas que moravam mais próximo, encontravam-se a mais de um quilômetro de distância; nessas condições, ninguém ouviria os gritos de Dam Rali, o criado.

Além do mais, os habitantes de Takigiri nunca haviam dado mostras de bravura; ao conhecer o perigo, fugiriam ou tratariam de fechar-se em casa.

Mas, para não piorar uma situação já por si desesperadora, deixou de dizer a sua mulher que O'Doholy havia partido a cavalo, a fim de visitar uns amigos num povoado afastado.

— Querida, será apenas uma meia hora de cêrco... e tudo estará acabado! Ah, se estivesse com o meu fuzil!...

— Escuta!

Ela colocou a mão trêmula **na bôca do** marido para que êste não mais falasse; e, encostado à porta, os dois ouviram um andar pesado por dentro de casa: os tigres haviam passado de uma para outra sala e, do outro lado dos dois centímetros de madeira, com os focinhos encostados nas tábuas, farejavam suas prêsas.

Pouco depois, a madeira rangeu. As garras das feras procuravam forçar o obstáculo. E um estalido na parede mostrou aos sitiados que a obra de destruição começava. Ao contacto das pesadas patas, estava claro que as tábuas se destacariam da parede. Uns minutos mais e apareceria uma abertura que se alargaria ràpidamente e permitiria que as feras entrassem...

Sim! Quando surgisse socorro, a chacina já estaria consumada! Três cadáveres atrozmente estraçalhados, seria tudo o que os salvadores encontrariam dentro do "bungalow"!...

E foi justamente a representação mental desta lúgubre visão que levou mr. Hamilton a tomar uma atitude desesperada.

Empunhando o seu facão de caçador, que trazia na cintura, avançou ràpidamente para a abertura da parede e mergulhou a lâmina através da mesma, com risco de perder a própria mão.

Um rugido feroz provou que o ataque não fôra inútil e que a lâmina, agora tinta de sangue, havia furado a pele de uma das feras; depois, ouviu-se um movimento mais precipitado, no pequeno corredor; eram os tigres que batiam em retirada!

Atentos e postados por detrás da porta, mr. Hamilton e sua espôsa, de mãos enlaçadas, estavam prestes a soltar um grito de vitória e de alegria, quando um pavoroso rugido os aterrou: **por trás dêles, a cabeça de um dos felinos se apoiava na borda da janela!**

Desistindo de forçar a porta do banheiro, as feras haviam rodeado a casa e tinham acabado descobrindo uma nova entrada! Já agora, com suas poderosas garras, tentavam derribar os varões da janela, os quais, mal ajustados, estavam sendo fortemente abalados.

A situação era mais crítica do que nunca... E nada de socorro!

Despertada pelos rugidos dos tigres, a criança começou a chorar, o que, sem dúvida, serviu para mais desesperar o casal. Que fazer? Como impedir que os dois felinos continuassem a forçar a jaula, que já parecia ceder?...

Completamente louco e desesperado, Hamilton se lançou para ianela com o facão na mão, sendo, entretanto, detido por sua mulher. A gravidade do perigo a levou a tomar uma atitude firme e decidida. E, ràpidamente, a dois metros da bocarra espumante da fera, cujo hálito invadia o pequeno compartimento, ela falou:

— Jan; é preciso que você vá buscar o fuzil! Do contrário...

— Mas você bem sabe que êles ouvirão o ruído da porta e não me darão tempo para ir apanhá-lo!

CAMINHOS DO SUPERMERCADO

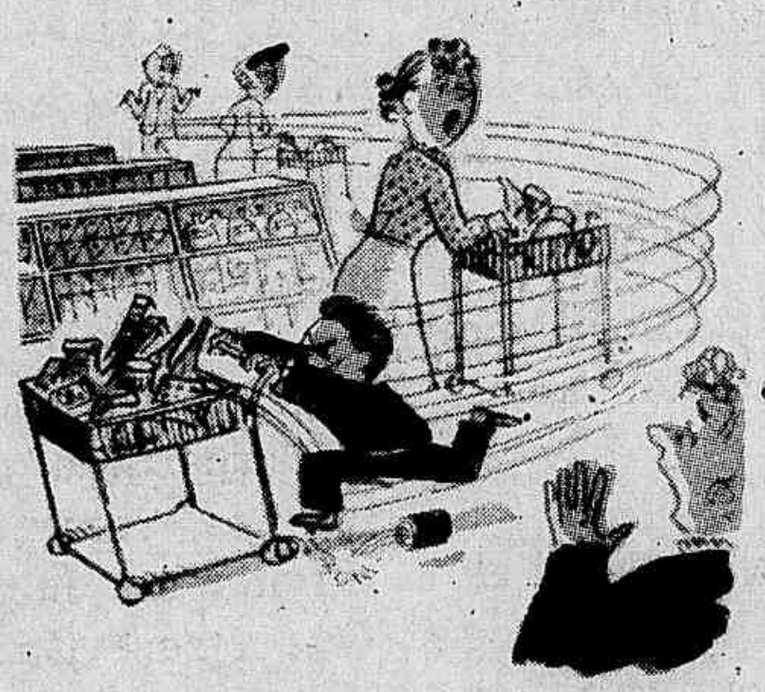
VISTA DA ESTRADA

DESVIO

"BOI" NA LINHA

CORTESIA NA ESTRADA

"ENGARRAFAMENTO"
(ou "ENLATAMENTO"?)



OS APRESSADOS

REBOQUE

PEDÁGIO

— Eu ficarei aqui, junto da janela, provocando os tigres... Mas vai! Vai depressa! Está debaixo da cama! E o saco de cartuchos diante do armário, na terceira prateleira, à direita! Corre, Jan! Salve-nos!

O problema, para ela, agora, era atrair a atenção das feras, de modo que o marido abrisse a porta sem fazer barulho e corresse em busca da arma. Aproximou-se da janela, e indiferente aos rugidos dos animais, ela os provocou e chegou mesmo a encostar uma vareta no focinho de um dêles.

— Vai, Jan! Vai depressa! — repetia ela aos gritos, sem voltar a cabeça para trás.

Um ligeiro ruído lhe anunciou que seu marido saíra pela porta entreaberta, e seu coração bateu mais rápido. Dentro de alguns instantes, êle chegaria com a arma vingadora, com a bala libertadora! Mas, num dado momento, a mulher gritou com mais fôrça, aterrorizada...

Os tigres também pareciam ter percebido o ruído da porta, e, agora, com as patas imobilizadas sôbre o bordo da janela voltavam a cabeça, escutavam... Teriam descoberto o plano?

Iriam abandonar a janela, entrar pela porta da varanda... e surpreender Jan, antes de que êle estivesse com o fuzil preparado?

— Covardes! Monstros! Feras covardes!...

A mulher injuriava os tigres, escarrava em seus focinhos e ameaçava-os loucamente. Neste momento, uma inspiração diabólica passou pelo seu cérebro. Apanhou a filhinha e colocou-a diante da janela, na esperança de que o odor de carne fresca excitasse a avidez das feras e exasperasse a sua cólera. Mas, com um rugido rouco, os tigres recuaram como se a aparição da criança lhes importunasse. Depois, abanaram violentamente a calda, rugiram ferozmente e partiram, desaparecendo por um dos lados da casa.

— Jan! Jan! Tome cuidado! — gritou ela, desesperada.

E sem deixar a criança, a pobre mulher escancarou a porta, disposta a morrer ao lado do marido. Seu olhar desvairado percorreu o longo vestíbulo. Bruscamente, uma sombra enorme surgiu no fim do corredor, diante da porta de entrada: o maior dos tigres apareceu.

Ela ainda gritou:

— Jan! Onde você está? Cuidado com o tigre, Jan!...

Mas as palavras morreram nos lábios.

Em sua corrida desvairada através dos quartos, ela procurava o marido que, firmado sôbre um joelho, perto da porta da sala-de-jantar, permanecia imobilizado como uma estátua.

Com um joelho em terra, o cano da arma apoiado numa cadeira, tudo ouvia, com o dedo no gatilho; aguardava o momento supremo, o momento que decidiria do destino e da existência dêle próprio e da sua família.

A angústia da pobre mãe não devia prolongar-se por mais tempo. O tigre, que caminhava vagarosamente, como se pressentisse a própria morte, estava a quatro metros de distância quando a bala o atingiu entre os dois olhos. Fulminada, a fera caiu sem convulsões.

E, como se o fuzil de mr. Hamilton tivesse provocado o eco, várias outras detonações seguiram à sua: mr. O'Doholy e seus criados chegavam, finalmente, em socorro da família Hamilton, e conseguiram abater o segundo tigre.

As feras estavam mortas e com elas a fama de Takigiri como **um bom lugar para férias!**

Durante os dois dias que se seguiram, as poucas famílias brancas que ali procuravam as amenidades do clima puro e saudável, voltaram apressadamente para Hyderabad, dispostas a enfrentar o calor, a poeira e os odores desagradáveis da capital de Deccan.

Por muito tempo, ainda, não haverá um só pai de família que se aventure a comprar terras em Takigiri e lá se fixar. Nesta região só há lugar para os caçadores de tigres.

PERCORRENDO O MUNDO...

***PARA** que o seu andar se pareça com o das vacas!* — Eis a moda entre as mulheres da tribo Bashi (Congo Belga). Nos pés, pròpriamente, não precisam de proteção e os sapateiros ali morreriam de fome. Porém, ao contrário, as congolesas adornam os tornozelos quanto mais melhor, com pulseiras, com o fim de que seu caminhar se assemelhe ao lento e pesado das vacas, pois que êsse animal representa destacado papel religioso na vida da tribo.

▭

A história é um amontoado de crimes, loucuras e infelicidades, entre os quais encontramos algumas virtudes e alguns períodos felizes, do mesmo modo que se descobre, aqui e ali, os habitantes perdidos nos desertos selvagens. — Voltaire.

A FÔRÇA DE UM JURAMENTO

PAUL FEVAL

A capela fúnebre separava-os da emboscada. A lâmpada perpétua que ardia diante do túmulo do último duque de Nevers iluminava o interior da abóboda e mergulhava numa obscuridade mais profunda ainda os objetos próximos.

No entanto, repentinamente, os nossos dois valentes estremeceram; Chaverny e dona Cruz calaram-se.

— Maria, mãe de Deus!... Tende piedade do meu pobre Henrique! — pronunciou Aurora distintamente.

Um barulho de natureza inexplicável, mas muito próximo, chegara-lhes aos ouvidos.

Era que os emboscados, no seu esconderijo, acabavam de se mover...

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Estamos no vale de Luron, junto ao castelo de Caylus-Tarrides. Para ali, em 1699, o marquês, viúvo, se retirara com sua filha Aurora. Pouco depois, Felipe de Lorena, duque de Nevers, foi repousar em suas terras, no Jurancon, onde se enamorou de Aurora, havendo quem murmurasse que aquêle amor «avançara muito». Quatro anos depois, Nevers já não habitava no Jurancon, porém outro Felipe ali surgira: Felipe Polyvene de Mântua, príncipe de Gonzaga, com quem o marquês queria casar a filha, pois Gonzaga era o único herdeiro de Nevers, que era solteiro e possuía uma das maiores fortunas da França. Em 1699, em uma estalagem próxima ao castelo Peyrolles, secretários de Gonzaga, reúnem-se sequiosos para assassinar Nevers, dando, assim, ao príncipe, a fortuna de sua vítima. Entre os «bravos» se encontram Cocardasse e Passepoil. Nêsse dia, aparece, também, junto às muralhas, o cavalheiro Lagardère que, recebido festivamente pelos espadachins, lhes comunica estar de viagem para o exílio, porém, que, antes, pretende cruzar a espada com Nevers. Os bandidos dizem ao cavalheiro o que vão fazer e propõem ajudá-lo. Lagardère recusa indignado, expulsando-os do local. Permanece, junto às muralhas e vê o secretário dizer ao príncipe que «tudo estava arranjado, mas que não pudera apoderar-se das fôlhas do registro do casamento, porque tinham sido arrancadas, mas que, morto Nevers, Gonzaga desposaria Aurora, ficando com tôda a fortuna do duque». Peyrolles julgando ser Lagardère um dos capangas, chama-o e lhe dá uma «senha», mandando esperar junto à janela da muralha. Quando êles se retiram a janela se abre e surge Aurora que, julgando falar com Nevers entrega a Lagardère sua filha e o registro de casamento. Pouco depois chega Nevers, a quem o cavalheiro informa o que se passa, prometendo ficar ao seu lado. Trava-se a luta e Gonzaga, vendo as coisas mal paradas, ataca e mata Nevers, pelas costas, covardemente. Mas Lagardère foge com a criança, tendo, antes, ferido o príncipe numa das mãos. Passam-se os anos. Obrigada pelo pai, Aurora desposara Gonzaga. Êste abre um banco nos jardins de seu palácio, e vende bancas para quem queira especular. Entre os compradores surge um corcunda — Êsopo, que compra a última banca que restava e vê o príncipe contratar os serviços de Cocardasse e Passepoil, que ali apareceram. Gonzaga havia pedido a reunião de um Conselho de Família para, entre outras coisas apresentar a Aurora a sua filha, Aurora de Nevers. Para isso, Peyrolles havia arranjado uma jovem espanhola, a quem o príncipe convencera ser a filha de Nevers. A espanhola, cujo nome era Flor, declarou que conhecera, na França, uma mocinha da sua idade chamada Aurora, e que a havia visto em Paris, à rua do Chantre. Começada a reunião, Gonzaga, após hábil discurso, manda entrar Flor, que não é reconhecida por Aurora como sua filha. Para maior assombro de Gonzaga, a primeira anuncia, que irá ao baile oferecido pelo Regente de França. Isto porque, uma voz misteriosa repetira a divisa de Nevers — «Aqui estou» — e lhe prometera apresentar-lhe a filha no baile. Terminada a reunião, Peyrolles informa ao príncipe que Lagardère está em Paris, pois Faenza e Saldanha foram mortos pelo «bote de Nevers». Quando Gonzaga ordenava que Cocardasse e Passepoil fôssem ao endereço de Aurora, fornecido, inocentemente, por Flor, surge o corcunda, que se prontifica a falsificar a assinatura de Lagardère num bilhete para Aurora. Faz mais: pede a Gonzaga um salvo-conduto para Lagardère, prometendo, assim atraí-lo a uma cilada. Em casa, Aurora aguardava a chegada de seu amigo, fazendo anotações em seu «Diário», onde contava o que fôra a sua vida, em companhia de Henrique, desde que começara a ter entendimento das coisas e até onde lhe permitia a memória. Nesse diário conta, entre outras coisas, a viagem que havia feito com Henrique aos fossos de Caylus, quando lhe foi revelado que ali mesmo ela nascera e que êle próprio a recebera das mãos de sua genitora, numa noite trágica. Termina seu manuscrito apelando para essa mãe desconhecida, para que, enfim, aparecesse e que a amasse e também a Henrique. Pouco depois, estando Aurora a sonhar com o seu amado protetor, surge Flor, a ciganinha. Como pôde descobrir onde Aurora morava? Um corcunda a guiara até ali! Conta a sua amiga que dentro de duas horas seria princesa. Seu verdadeiro nome era Nevers. Aurora estremece, mas a ciganinha conta-lhe a revelação que ouvira do sr. de Gonzaga (o que mais assustava Aurora, porque êsse nome estava ligado a certa aventura sofrida por Lagardère, em Pamplona). Depois de d. Cruz, surgem dois emissários com caixas contendo vestidos belíssimos e prendas adoráveis. Acompanhava tudo isso uma carta, com a letra de Henrique, convidando-a a vestir-se, fazer-se bela e acompanhar os dois pajens que a esperavam, embaixo, com duas liteiras, sendo uma para ela própria e outra para d. Cruz. Enquanto se veste, chegam Cocordasse e Passepoil. Na sala, um rosto os fitava, um rosto muito pálido, o do corcunda. Êste lhes fala como se fôsse o patrão e, apesar de tudo, êles obedecem, conduzindo Aurora até à liteira, que parte para o palácio do príncipe, onde todos se espantam porque horas a fio o regente faz esperar as maiores figuras do reino, para receber secretamente o corcunda, que lhe diz ser enviado por Lagardère e conta como ocorreu o assassinato de Nevers. A seguir, solicita e consegue do regente um salvo-conduto, prometendo levar a palácio, naquela noite, o próprio Lagardère, o vingador de Nevers. Mais tarde, todo de negro, o corcunda se intromete numa brilhante roda de fidalgos, aos quais impressiona com relatos que a todos assombra, parecendo conhecer a vida de todos êles e suas ligações com o falecido duque de Nevers. A êsse tempo, no jardim do palácio, o grupo de loucos, formado descobrira o lindo dominó guardado por Cocardasse e Passepail e decidira raptar a bela criatura. Já conseguiram o que desejavam quando um dominó alto, vestido de negro, surgiu e, num relance, desbaratou os atacantes, desaparecendo com Aurora antes de que surgissem os guardas. Pouco

Peyrolles, com o olhar fixo na janela do salão, dissera:

— Atenção, meus senhores!

E todos tinham visto a luz isolada elevar-se por três vêzes e outras tantas baixar-se.

Era o sinal para atacar a porta da igreja.

Não podia haver dúvidas a êste respeito; no entanto, notou-se uma grave hesitação entre os partidários do príncipe. Não podiam acreditar na possibilidade da crise de que o sinal era sintoma, embora o tivessem visto; não acreditavam ainda na necessidade que o príncipe tivera em fazer!

Gonzaga brincava com êles... Gonzaga queria apertar ainda mais a cadeia que os prendia!...

---

depois, no salão, Gonzaga tendo ao lado a princesa de Gonzaga, ouve junto de si uma voz anunciar: «Aqui estou». Era Lagardère, que afastando-se do grupo aperta-lhe o punho e, apontando para a cicatriz da palma da mão de seu inimigo, diz: — «Fui eu quem fêz isto. Nevers será vingado». A seguir, volta ao encontro da princesa, a quem relata tôda a longa aventura, desde o drama dos fossos de Caylus. Não se entendem, porém. Lagardère receia que a mãe de Aurora não seja sincera. Promete-lhe, porém, entregar Aurora no correr da festa do regente. Mas, a viúva de Nevers pretendia prender Lagardère e recuperar a filha. Tôdas as luzes do jardim logo se apagam e Cocardasse e Passepail ouvem a guarda confabular sôbre o cêrco e prisão do seu ídolo. Lagardère surge das sombras e entrega Aurora aos dois espadachins, ordenando-lhes que a levem a determinada sala do palácio e a entreguem ao regente em nome do Cavalheiro Lagardère. Pouco depois prendem Lagardère e os guardas de Gonzaga se apoderam de Aurora, antes desta ser entregue ao Regente. Lagardère é levado à presença do Regente e da princesa de Gonzaga. Esta não tendo recebido a filha, ataca o cavalheiro e êste é obrigado a entregar a espada ao regente. Ao retirar-se, é interceptado por Gonzaga, que lhe diz que Aurora já está em seu poder... e, também os documentos provando sua identidade. Lagardère consegue escapulir e desaparece no jardim do palácio. Ouvem-se gritos e a guarda a sôldo de Gonzaga anuncia que matou Lagardère Porém, o corpo desaparece e surge o corcunda anunciando que o cavalheiro fôra atirado ao rio. Horas depois, o corcunda ferido, cuida de suas chagas. No dia seguinte, no seu escritório, Gonzaga é surpreendido por uma pedra atirada do jardim e que vem cair a seus pés. Era uma lista dos antigos cúmplices matadores de Nevers, e agora acrescida com o seu próprio nome Então, Lagardère estava vivo... ou seria algum cúmplice, para amedrontar o príncipe? Na mesma tarde Gonzaga afirma aos cortesãos que se Lagardère não estivesse morto, todos, êle e seus amigos, correriam perigo e dá a entender que se livrará de Aurora de Nevers, casando-a com o único do seu grupo do qual no fundo também temia: Chaverny! Logo o corcunda aproveitando o entusiasmo de Chaverny força-o a beber, até embriagá-lo. Depois convence Gonzaga de que êle, sim, deve casar com Aurora. Como a idéia de Gonzaga era eliminar a herdeira de Nevers e como o corcunda lhe parece homem cruel, aceita a idéia. Breve Aurora, naquela companhia, estaria morta! Preparam a cerimônia e trazem a noiva. Porém Gonzaga prepara o ramo da noiva Flores envenenadas que em breve a matariam. Aurora desconfia, mas certa de que Lagardère estava morto, declara que aceitará as flôres. Peyrolles avança com o ramo para entregar-lhe. O corcunda arranca os ramos de sua mão, dizendo que só o noivo tem o direito de ofertar flores à noiva Depois é o trabalho de convencer a noiva a aceitá-lo Pede que todos se afastem e fala em voz baixa com Aurora Esta parece adormecer e acaba consentindo, com assombro de todos, que acusam o corcunda de posuir artes mágicas. Gonzaga manda entrar o notário, para realizar o casamento. No final o notário pede que os noivos assinem o documento nupcial.

O corcunda assina... Lagardère! Segue-se luta, sendo os acólitos de Gonzaga batidos pelo herói, secundado por Passepoil e Cocardasse, até que são interrompidos por uma voz, que se anuncia «Em nome do rei». Lagardère é conduzido prêso e Gonzaga, cínico apresenta Aurora à viúva de Nevers e mais o envelope contendo o documento que atestava ser sua filha. Ela, que agora tudo compreendia, tenta defender o cavalheiro de Lagardère e o regente, embora desconfiando de Gonzaga nada pode fazer. Gonzaga relata ao Regente tôda a velha história da morte de Nevers e a infância e adolescência de Aurora, ao seu modo e favor, embora por vêzes o Regente se mostre incrédulo e não esconda a sua desconfiança. No calabouço, Lagardère teve por vizinhos Cocardasse, Passepoil e Chaverny, pois o marquês tinha sido renegado por Gonzaga, por haver tomado a defesa de Aurora e de Lagardère. Os três não tardam a reunir-se, passando Chaverny por um buraco aberto no chão de sua cela para a dos dois espadachins. Eis que surge Peyrolles e Chaverny se esconde, enquanto o corbarde aliado de Gonzaga penetra na prisão. Dominar o factotum, fazer o mesmo com dois guardas, atraídos de propósito e fugir do velho presídio foi coisa fácil, embora marcada por episódios de luta e de riso. Livres, Chaverny, Cocardasse e Passepoil agiriam em favor de Lagardère. No Palácio da princesa de Gonzaga, esta aprendia a melhor conhecer a filha e a Lagardère, ouvindo o que sôbre ambos contavam Bernichon e a boa Francisca.

E ali decide tudo fazer para salvar Lagardère Pouco depois surge Chaverny, disfarçado para fugir dos guardas de Gonzaga e entrega à princesa a mensagem em que Lagardère suplica que o deixem ver Aurora, antes de morrer. Juntas a princesa e Aurora partem para a sessão do Tribunal de Justiça onde o prisioneiro ouviria a sentença fatal. Isso é obtido pela princesa de Gonzaga e a entrevista entre ela, Lagardère e Aurora é emocionante. Lagardère pede apenas que na parada, antes do cadafalso, quando diante do túmulo de Nevers deverá ter a mão direita cortada, concedam que êle case religiosamente, perante um padre com Aurora, vestida de noiva. É uma reabilitação ao seu nome, que deseja. Aurora vai procurar o Regente porém um palaciano traz a recusa sêca de Orléans. Isto porque Peyrolles comprara o esbirro para impedir qualquer entrevista entre o Regente e a princesa. Mas Peyrolles treme ao ver Gonzaga cercado de seus espadachins e como se temesse um ataque. Se Lagardère estava prêso... Porém Gonzaga ainda temia a fôrça de Lagardère e o prestígio da viúva Nevers. Sabedor de que Lagardère pretende casar-se com Aurora antes de ser levado ao cadafalso e temendo que a última hora ainda a Verdade o salve e ao contrário leve êle próprio, príncipe de Gonzaga ao cadafalso, quer que seus espadachins ataquem o condenado na igreja e o matem, pois se se realizasse o casamento Aurora iria lançar-se aos pés do Regente pedindo o perdão do espôso Pouco depois seu mêdo aumenta ao ouvir que a própria princesa solicitava do Regente que Lagardère comparecesse perante êle e o conselho a fim de ajoelhado pedir perdão pelo assassinato do duque de Nevers. Sabia que Aurora **mentia, que tinha um plano a favor do condenado.** Mas qual? Pouco depois surge o condenado, a fim de ouvir a leitura da sentença: Mutilação do pulso aos pés da estátua do duque de Nevers; ter a cabeça cortada pela mão do carrasco, etc. Finda a leitura e com surprêsa do próprio Regente, a viúva de Nevers levanta-se e diz: «Fale meu filho! Fale Lagardère!» Mas era preciso, segundo a lei, a confissão do culpado para anular sentença já pronunciada! Lagardère usa um truque, afirmando que o nome do assassino está escrito no verso da certidão de nascimento de Aurora, no envelope lacrado. Acreditando Gonzaga perde a cabeça e queima o pergaminho. Era a confissão! Gonzaga foge para junto dos seus sicários e Lagardère vai em sua perseguição com o consentimento do Regente que lhe dá a própria espada.

E esta opinião, que cada vez aumentava mais nêles, foi a causa que os levou a obedecerem. Realmente, lutar contra êle, visto que tinha de haver combate, não seria mais perigoso do que lutar por êle?...

— Afinal — disse Navailles, decidindo-se — trata-se apenas de um rapto...

— E os cavalos estão a dois passos daqui... não percamos tempo...

— Avante! — exclamou Taranne. — É preciso que o príncipe encontre o trabalho feito.

Formaram então dois grupos, antes de se lançarem ao ataque: o primeiro era compôsto por Navailles, Choisy e La Fare, estando os dois últimos armados com fortes alavancas de ferro. O segundo, sob as ordens de Peyrolles, indo à frente Montaubert e Taranne, depois o barão de Batz, Lavallade, Nocé e por fim o gordo Oriol.

Logo aos primeiros esforços, a porta principiou a ceder lentamente.

Havia, porém, atrás dela uma muralha formidável: três espadas desembainhadas.

Dona Cruz, compreendendo o perigo, saiu pela porta lateral, a fim de pedir reforços.

La Fare e Choisy dariam tudo para fazer parte do outro grupo...

Alguns momentos depois a porta caiu.

Entretanto, vindo do lado do palácio, ouviu-se um ruído enorme, como se uma derrocada tivesse esmagado a multidão que se encontrava na rua.

Ao primeiro assalto, Navailles feriu Chaverny que, imprudentemente, avançara. O jovem marquês, caiu, levando a mão ao peito.

As más companhias, porém, não tinham corrompido por completo o coração de Navailles que, ao reconhecer o amigo, recuou e deitou fora a espada.

— Vamos! — exclamou Cocardasse. — Aproximem-se, cobardes, ou será preciso mandar acrescentar a minha espada?!

Não houve tempo de responder a esta fanfarronada. Uma sombra rápida atravessou o cemitério e lançou-se sôbre os assaltantes como um turbilhão.

Num abrir e fechar de olhos as grades da igreja ficaram sem gente. Peyrolles soltou um grito de agonia, Montaubert caiu moribundo e Taranne largou a espada, levando as mãos ao peito.

No entanto, um homem só, de cabeça descoberta, com uma espada na mão, produzira aquêle efeito, enquanto a sua voz forte, vibrante, gritava:

— Que se retirem todos os que não sejam cúmplices do assassino Filipe de Gonzaga!

As sombras foram desaparecendo na escuridão da noite.

Lagardère — pois era êle, como decerto já todos compreenderam — ao subir os degraus da igreja, encontrou Chaverny caído no chão.

— Morto? — perguntou.

— Ainda não! — respondeu o marquês, em voz fraca. — Nunca tinha visto cair um raio, meu amigo!... Agora, até sinto arrepios ao lembrar-me daquele nosso encontro em Madrid!... É um verdadeiro demônio!

★

"Duelistas teimosos"

Lagardère ajudou-o a erguer-se, abraçou-o, e apertou a mão aos dois espadachins.

Instantes depois Aurora caía-lhe nos braços.

— Vamos ao altar! — exclamou o cavaleiro. — Ainda não terminamos! Acendam os archotes! A hora esperada há tantos anos, acaba de soar! Escuta-me, Nevers, e olha para o teu vingador!

. . . . . .

Ao sair do palácio, Gonzaga encontrou diante de si uma barreira intransponível: à multidão!

Só Lagardère conseguiu abrir caminho através daquela parede viva... O cavaleiro conseguiu passar, mas o príncipe foi obrigado a fazer um desvio. Foi esta a razão por que Lagardère — o último a sair do palácio — chegou antes de Gonzaga ao cemitério.

O príncipe utilizou o portãozinho e, parecendo-lhe ouvir passos atrás de si, exclamou:

— Perseguem-me, mas não terão tempo de me alcançar!

Entretanto, caminhava em direção à capela. Quando os seus olhos, deslumbrados pela claridade súbita, se fixavam no lugar onde se encontrava, julgou ver por todos os lados as figuras negras dos seus partidários.

— Peyrolles! — chamou. — Já acabaram com isso?

No entanto, só o eco lhe respondeu.

— Não está aí ninguém? — prosseguiu. — Foram-se embora sem mim?

Desta vez julgou ouvir uma voz responder.

— Não!...

Mas não tinha a certeza porque o ruído das fôlhas sêcas que pisava, não o deixava ouvir convenientemente. Um barulho a princípio quase imperceptível, mas que foi aumentando a pouco e pouco, deu-lhe a entender que os seus perseguidores se aproximavam.

Soltou uma praga horrível, e disse:

— Hei de saber!

Diante dêle surgiu então uma sombra, mas dessa vez não era uma árvore. Quem quer que fôsse brandia uma espada, que brilhava na escuridão.

— Onde estão?... Onde está Peyrolles? — perguntou o príncipe com ansiedade.

A espada do desconhecido apontou para o muro.

— Peyrolles está ali!...

Gonzaga baixou-se ràpidamente e soltou um grito. A sua mão acabava de tocar no sangue ainda quente do seu **factotum**.

— E Montaubert também ali está!... — repetiu o desconhecido.

— E... morto também?! — gemeu Gonzaga.

— Sim... morto!

O desconhecido, empurrando com o pé o corpo exânime que se encontrava entre os dois, acrescentou:

— E êste é Taranne!

— Lagardère chegou antes de mim! — disse Gonzaga entre os dentes.

Ao mesmo tempo retrocedeu um passo, com certeza, para fugir, mas uma luz vermelha brilhou por detrás dêle iluminando o rosto de Lagardère, que era a pessoa que se encontrava junto do príncipe.

Êste voltou-se de súbito e viu Cocardasse e Passepoil, cada um com um archote aceso.

Os três cadáveres destacavam-se na sombra.

Do outro lado da igreja avançava outro grupo de homens empunhando igualmente archotes acesos. Gonzaga viu entre êles o Regente, seguido pelos principais magistrados e fidalgos que compunham o Tribunal de Família e ainda pôde ouvir as ordens que dava:

— Que não saia ninguém dos muros dêste recinto!... Ponham guardas em tôda a parte!...

— Com mil demônios! Fecha-se o campo como para um torneio da Idade Média!... Filipe de Orléans recordou-se, pela primeira vez na sua vida, que era filho de heróis!... Pois seja!... Só faltam os juízes de campo!...

Gonzaga, ao dizer isto, atirou uma valente estocada dirigida ao ventre de Lagardère.

No entanto, uma espada em mãos hábeis é como um ser vivo, com o seu instinto de conservação...

A espada de Lagardère parou o golpe e respondeu imediatamente.

Ao choque da lâmina, o peito de Gonzaga produziu um ruído metálico. A cota de malha havia detido a ponta da espada e a arma de Lagardère desfêz-se em pedaços.

Sem retroceder um só passo, mas com um movimento rápido, o cavaleiro evitou outro golpe desleal do inimigo, enquanto pegava na espada que lhe oferecia Cocardasse. Com êste movimento, ambos mudaram de lugar.

Os dois adversários puseram-se de novo em guarda. Gonzaga era um bom esgrimista e estava disposto a vender caro a vida, porém, Lagardère parecia querer brincar com êle.

Ao segundo assalto, a espada do príncipe saltou-lhe da mão e, quando se inclinava para a apanhar, Lagardère colocou um pé em cima da arma.

— Ah! Cavaleiro! — exclamou o Regente, que acabava de chegar junto dos contendores.

— Monsenhor — respondeu Lagardère. — Os nossos antepassados chamavam a isto o Juízo de Deus. Hoje desapareceu a fé de quase tôdas as almas e os incrédulos negam a Deus com o mesmo fundamento com que os cegos negam que o sol ilumina...

O Regente falou em voz baixa, durante alguns momentos, com os seus ministros e conselheiros.

— Não convém — disse o Regente a Lamoignon — que a cabeça de Gonzaga caia no cadafalso.

— Aqui está o túmulo de Nevers — prosseguiu então Lagardère — a expiação pública, não será a mão do verdugo, mas sim a minha quem a dê!

— Que vais fazer? — perguntou o Regente.

— Monsenhor, a espada que tenho sob o meu pé matou Nevers! Conheço-a! Vai ser ela que castigará o seu assassino!

Ao mesmo tempo, Henrique de Lagardère atirava para os pés de Gonzaga a espada que lhe dera Cocardasse. Gonzaga pegou-lhe estremecendo.

Todos os membros do Conselho de Família formaram um círculo em redor dos contendores. Quando ambos se puseram em guarda, o Regente, talvez mesmo sem dar por isso, tirou das mãos de Passepoil o archote que êste segurava.

O Regente, Filipe de Orléans, alumiando um duelo!...

— Cuidado com a cota de malha! — murmurou Passepoil quase ao ouvido do cavaleiro.

Não era, porém, necessária a advertência. Lagardère transfigurara-se. A sua elevada estatura brilhava em tôda a majestade, de cabelos soltos ao vento e os olhos cintilantes.

De súbito, numa brusca acometida, obrigou Gonzaga a retroceder até à porta da capela.

Logo que o conseguiu colocar ali, a espada fulgurante do cavaleiro descreveu um rápido círculo e foi cravar-se na fronte do príncipe.

— A estocada de Nevers! — exclamaram ao mesmo tempo Cocardasse e Passepoil.

Gonzaga caiu morto aos pés da estátua do duque Filipe de Lorena, com uma formidável ferida entre os olhos.

Cocardasse aproximou-se dêle para recuperar a sua espada e disse em voz baixa a Passepoil:

— Ah! meu amigo!... Esta é a primeira vez que a minha rica espada estêve nas mãos de um verdadeiro maroto!

★

A princesa de Gonzaga e dona Cruz amparavam Aurora, que desfalecera.

Um pouco mais adiante dêsse grupo, um médico tratava da ferida do marquês de Chaverny.

O Regente Filipe de Orléans e o seu séquito penetraram então na igreja de Saint-Magloire.

A princesa e a filha — que entretanto se restabelecera de tanta emoção, aproximaram-se do Regente. Lagardère ficara em pé, no meio da igreja.

Aurora de Caylus, levando sua filha pela mão, acercou-se de Sua Alteza e disse:

— Monsenhor, tenho a honra de lhe apresentar a herdeira de Nevers, a minha filha que, se Vossa Alteza autorizar, se chamará amanhã a senhora de Lagardére.

O Regente, comovidíssimo, pegou na mão de Aurora e, depois de a beijar galantemente, colocou-a na mão de Lagardère.

— E... obrigado! — exclamou Filipe de Orléans, dirigindo-se a Henrique de Lagardère. Depois, aclarando um pouco a voz que a emoção tornara trêmula e um pouco balbuciante, acrescentou, apertando-lhe a mão: — Conde de Lagardère, só o Rei, quando atingir a sua maioridade, poderá dar-lhe o título de duque de Nevers!...

— FIM —

Um menino mede a velocidade do vento com o auxilio do autor do livro sôbre meteorologia caseira. O anemômetro que êle utiliza é feito com quatro copos de papelão, uma cruzeta de arame para secar roupas, duas tiras de papelão enfiadas num conta-gôtas de vidro com o bico para baixo. Para determinar a velocidade do vento em milhas horárias, contam-se as voltas que o aparelho dá em meio minuto e divide-se por 5.

PREVISÃO DO TEMPO A DOMICÍLIO

Qualquer pessoa pode prever as condições atmosféricas, empregando um pouco de inteligência e utilizando, para tanto, alguns objetos sem valor.

O sr. Herman Schneider, de Cincinnati, vivia perseguido por seus filhos, de 11 e 13 anos, que o responsabilizavam por todo o mau tempo que fizesse. E não era só o mau tempo. Se chovia... e não podiam brincar ao ar livre; se não chovia... e os rios quase secavam, não deixando que se entregassem à pescaria e aos mergulhos sensacionais; se não ventava... e não podiam empinar seus papagaios; se ventava e não podiam jogar tênis...

Uma verdadeira perseguição! O pai era o causador de tudo!

Em vista disso e para que os meninos pudessem, por si mesmos, prever o tempo, com razoável probabilidade de acertar, o sr. Schneider dedicou-lhes um livro, escrito há dois anos, sôbre as mudanças atmosféricas.

Nêle explicava como qualquer menino podia fabricar sua própria equipe para observações meteorológicas, também fazendo boa previsão do tempo. Os filhos do sr. Schneider, naturalmente, foram os primeiros a fazer essas experiências e hoje afirmam que "o **velho** é o tal"!

O leitor poderá comprovar o valor de tais experiências observando as ilustrações que acompanham o presente texto. Na sua qualidade de pai de família ou de diretor de um grupo escolar, talvez encontre aqui um interessante motivo para proporcionar horas de instrutivo divertimento às crianças e até a si mesmo.

Aqui estão os objetos necessários para a fabricação dos instrumentos de um improvisado observatório meteorológico. O menino começa a fabricar um barômetro. Em primeiro lugar pratica uma incisão em forma de arco num lado da caixa de papelão de tamanho suficiente para dar entrada à lata, que se vê no centro. A seguir, vira a caixa de bôca para baixo e corta nela a figura de um H. Separando o H por sua trave central projetam-se duas tiras verticais, em ângulo reto com relação ao fundo da caixa. Estas peças serão os suportes através dos quais deve girar a agulha no mostrador.

Põe a lata dentro da caixa de papelão e passa o fio através do H do fundo. A seguir, passa uma palha de vassoura pelo buraco da agulha e prega-a no lugar devido, volteia duas vêzes o fio e mtôrno da agulha e coloca nêle um pêso com um prendedor de papéis que cola num dos lados.

Quanto aos gastos, são pràticamente nulos. Os materiais necessários poderão muito bem ser objetos imprestáveis.

Mas, não nos iludamos com a aparência humilde de tudo isso. Naturalmente que um aparelho tão simples não pode fornecer dados com **precisão absoluta**; porém, a base de tal passatempo é perfeitamente científica. Comecemos pelo barômetro. Um barômetro comum custa cêrca de 30 dólares. No entanto, podemos fabricar um dêsses aparelhos utilizando uma caixa semelhante a que vemos nas ilustrações (não havendo êsse tipo, em casa, pode ser fabricado com cartolina que seja parafinada) uma lata vazia, um pedaço de borracha, um prendedor de papel, uma agulha com linha, um pouco de esmalte para unhas, uma palha de escôva, um pedaço de cartão, um pouco de fita adesiva transpa-

Suaviza as arestas do lado aberto da lata, que cobre com um pedaço de borracha de bola de mascar, bem comprimida e estendida uniformemente par que "não passe o ar"; amarra depois um fósforo de papelão a um fio de linha e prende o fósforo e a linha no centro do tambor, utilizando nesta última operação um pedaço de fita adesiva.

Depois coloca o indicador com alfinêtes, de maneira que a palha de vassoura possa mover-se diante dos 180º do mostrador. Com as mudanças de pressão atmosférica, a tampa de borracha sobe ou desce, movendo a palha.

O higômetro é semelhante ao barômetro. Só que em lugar do fio coloca-se um cabelo humano de 23 centímetros de comprimento. (Essa e a peça mais difícil de conseguir, hoje em dia.) O indicador deve ser numerado de um a oito, com as palavras "sêco" junto ao número 1 e "úmido" junto ao 8. A fim de regular o seu funcionamento deve ser pôsto numa banheira cheio de vapor de água e coloca-se o indicador sôbre o número 8. O cabelo se dilata ou contrai segundo a umidade.

rente, dois percevejos, duas pequenas moedas de cobre e um fósforo de papelão.

Com objetos não menos humildes poderemos fazer um higrômetro. Êste aparelho, como é sabido, basea-se no fato científico

Aqui o nosso amiguinho já está com o seu laboratório meteorológico completo: na mão direita, a seta; na esquerda, o anenômetro; e sôbre a mesa, da esquerda para a direita: o barômetro, o pluviômetro, o indicador de correntes aéreas e o higrômetro. Está aparelhado para prognosticar o tempo.

de que o cabelo humano se alonga com o aumento da umidade do ar. Com o auxílio dêste pequeno aparelho, e do barômetro, é possível fazer previsões das chuvas.

Procedendo do mesmo modo, podemos, com idêntica facilidade, construir um anenômetro, aparelho que serve para medir a velocidade do vento. E, se dispusermos de um pluviômetro caseiro, tudo estará resolvido, e até tornaremos divertidos os tristes dias de chuvas.

De muito interêsse para quem tem predileção por essas coisas é o conhecimento

Aumenta ou diminui a intensidade do vento? Se aumenta, êste indicador girará para a esquerda; se, ao contrário, diminui, êle rodará para a direita.

de que durante todo o ano ocorrem várias mudanças atmosféricas e assim teremos divertimento para todo o ano. Mesmo as tempestades poderão ser empolgantes. E, se os prognósticos realizados mediante o uso dêstes rústicos aparelhos não são de grande exatidão, tal fato demonstra apenas que muito se assemelham aos prognósticos dos observatórios profissionais.

Os dias chuvosos tornam-se felizes quando confirmam suas predições. Coloque o seu pluviômetro em um lugar adequado para ver se os resultados do observatório oficial coincidem com os que realizou.

★

SÔBRE O AMOR

François Mauriac dizia o seguinte: "E' bastante que um ente querido viva perto de nós, para que deixemos, não de amá-lo mas de *perceber* que o amamos".

"O cavaleiro sem cabeça". Tal foi o desapontamento do jóquei que montou o cavalo de patas brancas, que pediu ao pintor do quadro que tirasse a sua cabeça fora da pintura!

SUPERSTIÇÕES DOS TURFISTAS

As superstições entre os adeptos das corridas de cavalos variam imensamente, desde o temor de mostrar as "poules" a um "araqueado", até a crença de que a mudança de nome num cavalo, faz com que êste melhore e passe a ser um ganhador constante.

UMA das superstições mais comuns da gente de turfe é a de que um cavalo prêto jamais será **um craque**. Os criadores fazem tudo para evitar que um cavalo de pêlo prêto seja obtido nos cruzamentos de seus "haras". E, quando nasce um animal dessa côr, tudo se faz para registrá-lo como tendo o pêlo zaino (intermediário entre o castanho-escuro e o prêto).

Não existe razão lógica para esta aversão aos cavalos pretos. No Brasil, por exemplo, êsse fato não entra no emaranhado de superstições dos carreiristas em geral. Na Inglaterra, no entanto...

Charles Morton, falecido tratador de cavalos, escreveu o seguinte, a respeito dos cavalos pretos: — "Tenho antipatia tremenda por um cavalo prêto. Muito poucos dêsses animais foram capazes de apresentar campanha destacada e, em sua maioria, têm inclinação para mostrar indocilidade e manha, além de um certo pendor para a covardia nas lutas da raia."

Cite-se, também, o comentário feito por um duque de Portland:

— "O lugar correto para um cavalo prêto é à frente de uma carroça, ou fazendo parte de um esquadrão de cavalaria!"

SORTE NEGRA — Esta crença tem sido muito prejudicial para os turfistas da Inglaterra, pois são inúmeras as corridas ganhas por cavalos pretos.

— "Quem disse que um cavalo prêto não podia ganhar?" — perguntou Frank Furlong, exultante com a vitória alcançada por seu cavalo **Reynoldstown,** no Grande Prêmio Nacional de 1935.

E, maior significação ganharam os cavalos pretos, com o "double" dêsse mesmo cavalo no ano seguinte, na mesma prova.

Apesar disto, **Reynoldstown** vem classificado nos anuários de turfe da Inglaterra como "castanho-escuro ou prêto".

No ano de 1937, outro eqüino de pêlo negro saiu vencedor do **Grand National**. Foi êle **Royal Mail** e, desta vez, não houve evasivas quanto à declaração de sua pelagem, nos anuários. Assim como o anterior bicampeão da grande prova, **Royal Mail** demonstrou possuir grande dose de coragem. Durante três anos consecutivos, portanto, o "Grande Prêmio Nacional" foi levantado por cavalos pretos!

No entanto, na longa história do famoso "Derby", sòmente dois cavalos de pêlo negro saíram vencedores. O primeiro dêles foi **Smolensko,** feito grande favorito da carreira, em 1813. Anteriormente, havia

êle levantado o "Dois Mil Guinéus"! Apesar disso, havia grande número de carreiristas teimosos, que não acreditavam que um cavalo prêto pudesse vencer o "Derby".

Um dêsses céticos era o "bookmaker" Brograve, que aceitou enorme quantia de jôgo no favorito, sem descarregar essas apostas no prado, crendo que o cavalo prêto não poderia sair vitorioso na carreira. O resultado foi o suicídio do arruinado Brograve...

Mais de cem anos depois, o segundo cavalo prêto triunfou no "Derby". Seu nome era **Grand Parade** e a vitória foi conquistada em 1919. Lord Granely, seu proprietário, inscreveu-o em parelha com "Dominion", um cavalo baio; o jóquei da coudelaria escolheu sem hesitar a montaria do baio e, com surprêsa, viu **Grand Parade** levantar a carreira, cotado a 33 por 1!

Outra das superstições correntes entre a gente de turfe na Inglaterra é a que se refere aos cavalos tendo as quatro patas calçadas de branco, como o conhecido "Away" de nossos prados.

Diz um provérbio inglês do século XVII: "O cavalo com as quatro patas **calçadas** de branco é para os trouxas."

Chegaram mesmo, os adeptos das corridas de cavalos, a fazer versos e espalhar anedotas para divulgar essa superstição.

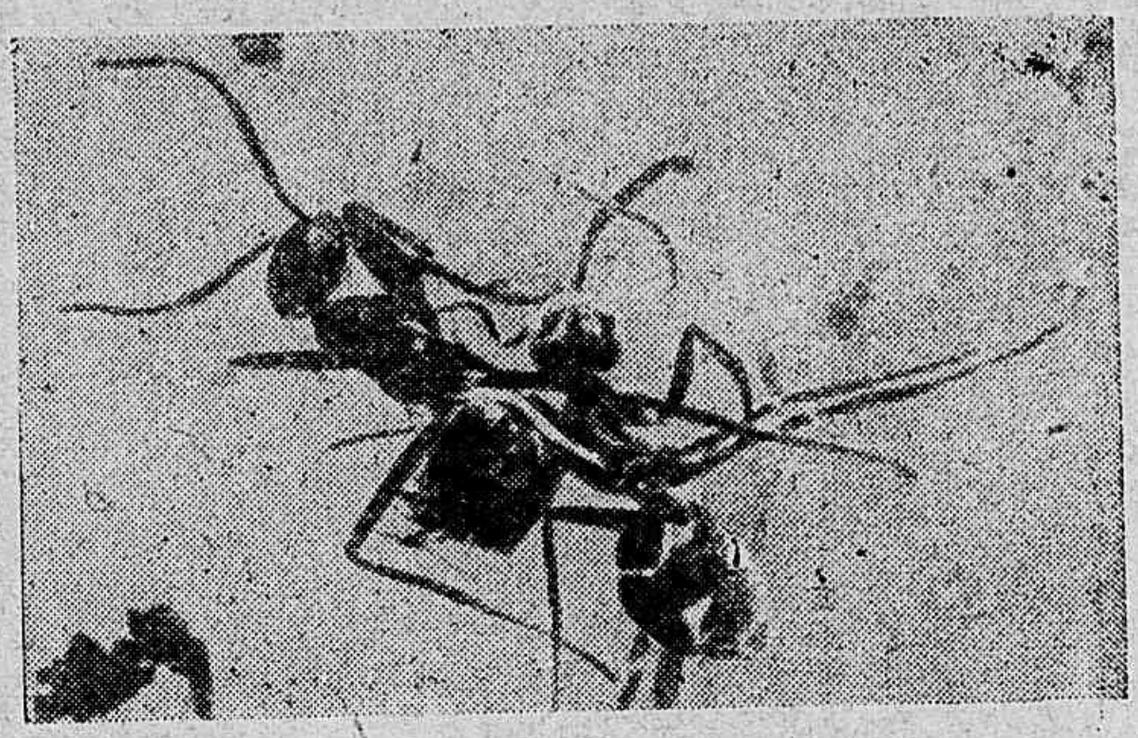
No entanto, contrariando, mais uma vez as crenças infundadas dos turfistas inglêses, **Hyperion**, um dos mais flamantes vencedores do "Derby", e um dos maiores reprodutores **mundiais,** tinha as quatro patas brancas.

Hyperion era cavalo de dimensões tão pequenas, que poderia ser quase classificado como um **pequira**. Isto, porém, não impediu que se tornasse um dos mais fáceis vencedores do "Derby", de Epsom. Após esta vitória, conquistada em 1933; o cavalo levantou ainda o Grande Prêmio St. Leger. Contudo, mesmo mostrando ser um cavalo de potencial locomotor magnífico, Hyperion se tornou mais conhecido no mundo turfístico, pelas esplêndidas qualidades de sangue que transmitiu aos seus descendentes, tendo espalhado por todos os centros carreiristas do globo, a popularidade do generoso sangue dos cavalos inglêses. Seu proprietário, o falecido lord Derby, deve ter-se congratulado por fazer ouvidos moucos à tôla superstição dos cavalos de patas calçadas de branco.

"O CAVALEIRO SEM CABEÇA" — Um dos quadros mais curiosos a respeito do hipismo, na Inglaterra, é aquêle denominado "O Cavaleiro Sem Cabeça". Representa o final de uma carreira, em Newmarket, há mais de 150 anos. Mostra um cavalo com as quatro patas brancas, cavalgado por um jóquei sem cabeça, sendo derrotado fàcilmente por um outro competidor, cujo jóquei olha para trás, com evidente satisfação.

Explica-se o motivo de tão estravagante pintura, da seguinte forma: O cavaleiro do segundo colocado estava tão certo da vitória na carreira que iria disputar, que contratou os serviços de J. N. Sartorius, conhecido pintor da época, para pintar o

PARALELISMO



AS formigas sempre dão o que falar. Às vêzes, poèticamente, como faz Maeterlinck; outras, cientificamente, como Fabre, que quase sempre abandonava a matéria em si para voar com as asas da filosofia; outros ainda, falam profèticamente, como Geoffroy Saint-Hilaire, que quando visitou a Amazônia, escreveu: *"Ou o Brasil acaba com a formiga ou a formiga acaba com o Brasil"*.

Recentemente, o naturalista Robert Stumper ocupou-se da formiga de um ponto de vista completamente novo: analisou o seu aspecto político e sociológico.

Nesse seu interessante trabalho, Stumper traça um curioso paralelismo entre o formigueiro e o estado totalitário: a semelhança é tanto maior, quanto maior fôr a organização social alcançada pelas formigas, como no caso das que cultivam em seus formigueiros os cogumelos do qual se alimenta a coletividade. Não é possível enumerar aqui as equivalências entre o estado totalitário e uma dessas colônias que, sem dúvida alguma, constituem a paixão dos grandes mirmicólogos; mas, é bastante citar o principal ponto de contacto: a dissolução do indivíduo na massa, sua asfixia e nulificação no seio da coletividade.

Alguns meses depois da publicação da obra de Stumper, os jornais trouxeram uma notícia, que, para muitos, apoiará com novo e poderoso argumento a teoria de Stumper. Tal notícia veio da Itália e falava das terríveis e irreparáveis devastações que as formigas estão fazendo no campo da cultura e da arte. Bibliotecas e pinacotecas desaparecem tragadas por suas formidáveis mandíbulas. Tôda a técnica inseticida e mais os setecentos milhões de liras votadas apressadamente pelo parlamento, tem sido impotentes para acabar com os inimigos da cultura.

Aquêles que não admitem o paralelismo estabelecido por Stumper, reconhecem pelo menos que, no momento atual do mundo, os insetos socialmente organizados têm assegurado uma sobrevivência da qual o homem, considerado o rei da criação, não está tão seguro. Contra as formigas, de nada valem os raios beta e gama. Além disso, ainda não apareceu entre elas nenhum Malthus que pregue a conveniência do contrôle da natalidade.

★ ★ ★ ★ ★ ★

final da carreira, que passaria, assim, à posteridade. Perdendo no entanto a corrida, o referido cavaleiro não mais quis o quadro; como o pintor já o tivesse iniciado e insistisse em terminá-lo, o fracassado "vencedor" recusou permitir que sua cabeça aparecesse pintada no quadro.

Duas outras superstições parecem ser não apenas ilógicas, como contraditórias. A má sorte, afirma-se comumente na Inglaterra, é conseqüência inevitável da mudança de nome de um cavalo de corrida (já no Brasil, mudam o nome dos cavalos, na esperança de maior rendimento por parte dêstes nas carreiras), ao passo que a boa sorte resulta sempre da mudança de propriedade de um animal.

Dizem, também, que o batismo de um cavalo com um nome esquisito ou feio, traz o azar consigo. Quanto a esta crença, não restam dúvidas de que um dos mais "araqueados" proprietários de cavalos de corridas costumava batizar seus animais com nomes ridículos e usava mudá-los ao mais leve pretexto ou capricho. O nome dêsse excêntrico personagem na história do turfe inglês era lord Glasgow, que se tornou conhecido, além disso, pelo vulto das apostas que fazia, e por seu mau gênio. Ao ter que batizar a sua grande cavalhada agia de modo infantil, e com uma petulância sem limites. Assim é que, traduzindo ao pé da letra, os nomes de alguns de seus puros-sangues obtemos o que se segue:

"Êle não vale nada"; "Dê-lhe um novo nome"; "Êste não tem nome".

Como diríamos, na gíria, o homem era "**de morte**"!

Resta dizer, apenas, que a sorte não simpatizava com lord Glasgow. Tanto assim que, apesar de haver dispendido enorme fortuna na compra e no trato de cavalos, o azarado turfista conseguiu vencer apenas uma grande carreira: o "Dois Mil Guinéus".

VENDIDO POR UMA LIBRA — Mas não se queixava da falta de sorte nas corridas em que tomavam parte seus animais. E uma boa prova de seu espírito esportivo (os bons esportistas sabem ganhar e perder com o **mesmo** sorriso) foi o ácido comentário que fêz, quando um de seus amigos veio solidarizar-se com êle, pelo fracasso de um seu cavalo, numa grande carreira:

— Nenhum homem que tenha uma renda anual de 150.000 libras pode ser chamado de **azarado**!

A mudança de propriedade parece ter trazido maior dose de fortuna, em mais de uma ocasião, a um cavalo que tivesse feito até então corridas discretas. Um exemplo disto foi o caso ocorrido com o cavalo "Kellsboro' Jack". Seu proprietário, Ambrose Clark, vendo que as performances do cavalo caíam de corrida para corrida, indagou do treinador, Ivor Anthony, o que poderia ser feito a fim de que o puro-sangue melhorasse o poder locomotor. O treinador, que respeitava as superstições turfistas, aconselhou-o a vender o animal. Que fêz o sr. Clark? Vendeu "Kellsboro' Jack"... por **uma libra**... à sua própria espôsa! Pouco depois, o cavalo vencia o "Grand National" de 1933, após tremenda luta, em tôda reta final, com um competidor que também tinha **Jack** no nome: "Pelorous Jack".

CAPRICHOS DA FORTUNA — Um famoso e bem sucedido jogador, extremamente supersticioso era o americano Walton, cujas atividades no turfe inglês causaram perturbação, no "Ano Americano" de 1881, em que Iroquois venceu o "Derby". Conta-se como Walton, passeando pela rua principal da cidade de Newmarket, muito cedo, naquela manhã, achou uma carta de baralho, com a face anterior para baixo. O supersticioso turfista apanhou a carta, verificando que esta era o **sete de copas**.

Para êle, isto só podia ser interpretado como uma intervenção direta do destino e, na tarde do mesmo dia, foi para o prado, com a determinação de jogar grande quantia no cavalo n. 7, na prova principal do programa, que era a "Copa Jockey Club". O animal alistado com o n. 7 era "Ladislas", considerado com possibilidades muito remotas de derrotar o grande favorito "Corrie Roy". Isto, no entanto, não foi impecilho, a que, tocado com invulgar energia pelo jóquei George Fordham, "Ladislas" batesse "Corrie Roy" por meia cabeça. Dêste modo, o afortunado Walton embolsou uma pequena fortuna.

Quem poderá explicar os fatos de caráter verdadeiramente fantásticos que ocorrem com certas pessoas? São inúmeros os casos de indivíduos que, da noite para o dia, ganharam fortunas, graças a um ligeiro capricho da sorte, aliado às superstições, tão comuns entre a gente de turfe e, bem assim, entre todos aquêles que se dedicam ao jôgo.

O sr. John Oakhurst muito bem definiu a sorte, através das seguintes palavras:

— A sorte é uma coisa bastante singular. Tudo que sabemos de certo a respeito dela, é a facilidade com que muda de face. E é a capacidade de prever quando ela vai mudar, que pode fazer um homem enriquecer num abrir e fechar de olhos.

Êste, que com tanta clareza definiu as mutações observadas nos destinos das pessoas, foi um dos mais firmes e inteligentes jogadores dos prados inglêses.

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

"A palavra é um dom do Céu, quase tão precioso como a mesma razão, que constitui a essência humana, e tão apreciável que, se nos faltasse, de pouco nos serviria a mesma razão. —— D. SILVÉRIO GOMES PIMENTA.

DAS ORAÇÕES ENTRELAÇADAS

Quando as orações se encontram simplesmente justapostas, isso facilita a separação e a classificação das mesmas. Ocorre, por vêzes, a interpenetração ou entrelaçamento, fenômeno diante do qual os incipientes encontram dificuldades; para êstes se destinam os ensinamentos abaixo.

Suponhamos o seguinte período:

Mandei-o sair.

Teríamos:

1ª oração: **Mandei** (principal)

2ª oração: ... **o sair** = que êle saísse.
(reduzida, objetiva direta)

Na construção negativa, ocorre o entrelaçamento:

Não | o | mandei | sair

Teríamos:

1ª oração: **Não mandei**

2ª oração: ... **o sair.**

Técnica análoga encontramos no seguinte passo de Duarte Nunes de Leão.

"... e requeresse com grande instância a el-rei o deixasse ir a Inglaterra, à casa de el-rei seu tio."

Separando as orações, teríamos:

... e requeresse com grande instância a el-rei...

... deixasse...

... o ir a Inglaterra,(1) à casa de el-rei seu tio.

CORRESPONDÊNCIA

J. S. P. (Nesta) — Pede-me a análise sintática das seguintes construções:

1) **Que é que há?**
2) **Não há nada.**
3) **Que aconteceu?**
4) **Até logo.**
5) **Que horas são?**
6) **São cinco horas.**
7) **Oxalá não demore a resposta.**
8) **Parabéns.**

Passemos à análise.

1) **Que é que há?**

Neste período, só existe uma oração: **Que há?** O **é que** é expletivo ou elemento de realce. O **que** (de **que há?**) funciona como objeto direto porque o verbo **haver**, ali, é impessoal.

É preciso cuidado com as expressões **é que, foi que, fôra que, será que,** as quais, sendo menos expletivos, não dão origem a oração, como parece a muitos.

De Alexandre Herculano, temos o seguinte exemplo:

"— Dom donzel, onde **é que** está el-rei?"

Não raro, o **é que** é empregado separadamente, como abaixo, de Euclides da Cunha:

"Como que **é** o cavaleiro robusto **que** empresta vigor ao cavalo pequenino e frágil."

2) **Não há nada.** Período simples.

Nada — objeto direto, porque ainda aqui o verbo **haver** é impessoal.

3) **Que aconteceu?** Período simples.

O **que** é sujeito (pronome indefinido).

No próximo número examinaremos os demais períodos.

JOSÉ RICARDO NETO

---

(1) *a Inglaterra*, sem crase, porque outrora era comum o emprêgo, sem artigo, dos topônimos de países e continentes.

OLHANDO O MUNDO HA SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM AGÔSTO DE 1955

1 — SEGUNDA-FEIRA: — Em Buenos Aires ocorrem novas e graves manifestações antiperonistas. O Partido Radical organiza passeata até o palácio do govêrno; fontes oficiais acrescentam que os manifestantes proferiam insultos contra as autoridades. — Elevada temperatura, acompanhada de forte umidade, flagela novamente a região nordeste dos Estados Unidos. — O sr. James Clement Dunn, embaixador americano no Rio de Janeiro, reafirma sua intenção de renovar às autoridades do Departamento de Estado o seu pedido para a reabertura do consulado americano em Fortaleza. — Boletim médico comunica que o estado de saúde de sua santidade, o papa Pio XII melhora sensivelmente.

2 — TÊRÇA-FEIRA: — O secretário de Estado norte-americano pede ao govêrno de Pequim uma **declaração peremptória** de que "renunciará à fôrça para consecução de suas ambições na Ásia" e de que "respeitará os princípios da Carta das Nações Unidas". — Em Genebra prosseguem as negociações sino-norte-americanas sôbre repatriação dos civis chineses e americanos. — O chefe do govêrno da Iugoslávia declara apoiar a resposta de Eisenhower para a inspeção aérea, recíproca, das instalações militares da Rússia e dos Estados Unidos. — Parte de Bogotá para o Rio de Janeiro o ministro da Fazenda da Colômbia, que veio tratar dos problemas atinentes ao convênio do café. — Noticia-se que o primeiro-ministro Faure e o Chanceler Pinay foram convidados a visitar a Rússia. — É nomeado governador do Território de Fernando de Noronha o major Abelardo de Alvarenga Mafra.

3 — QUARTA-FEIRA: — Rebeldes argelinos abatem avião militar francês, de tipo leve, que observava seus movimentos na região de Biscra. — O Conselho da Organização dos Estados Americanos aprova, por 17 votos contra zero, o novo Estatuto do Conselho Econômico e Social da Organização Interamericana. — O govêrno argentino dirige à Côrte Internacional de Justiça de Haia uma nota em resposta à comunicação feita em 6 de maio passado, sôbre o pedido do govêrno britânico visando a arbitragem da côrte na questão da soberania nos territórios antárticos, conhecidos pelo nome de "Dependências das Ilhas Malvinas". — Em vista da derrota eleitoral sofrida pelo Partido Trabalhista britânico, em maio, será organizado o "Labour Party", visando o congresso anual de outubro vindouro.

4 — QUINTA-FEIRA: — O presidente Eisenhower espera que a Rússia aceite a proposta para a revelação mútua dos segredos militares. Disse ainda que o seu govêrno não reconhecerá a China Comunista enquanto esta nação fôr considerada "agressora" e mantiver suas tropas na Coréia do Norte. — Avião da "American Airlines" cai, morrendo seus 30 ocupantes. — Violenta explosão na mina de Dahlbusch no Ruhr, matando 50 trabalhadores. — O presidente Ibañes, do Chile, parte para La Paz, em visita oficial à Bolívia. — Moscou anuncia que será libertado um quarto grupo de prisioneiros de guerra japonêses. — O sr. Aguinaldo Boutitreau Fragoso é nomeado embaixador do Brasil no Panamá.

5 — SEXTA-FEIRA: — A Comissão de Negócios Estrangeiros do Soviet Supremo adota, por unanimidade, moção aprovando a atividade da delegação soviética em Genebra. — Enquanto isso, Bulganin mostra-se interessado na proposta do presidente Eisenhower sôbre a troca de segredos militares e inspeção mútua das instalações das fôrças armadas. — Carmem Miranda, a famosa artista brasileira, que se tornou uma das celebridades do cinema norte-americano, morre vitimada por um ataque cardíaco, após haver concluído um filme de televisão com o cômico Jimmy Durante. — A atriz cinematográfica Suzan Ball falece vitimada por um câncer.

BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875 — CAPITAL e RESERVAS Cr$ 176.495.975,70

SEDE: RUA DO OUVIDOR, 93/95 — Telefone 43-8966

End. Telegr. «BANCOCIO» — Caixa Postal 633

AGÊNCIAS METROPOLITANAS

AGÊNCIA MEIER: Rua 24 de Maio, 1355 — **AGÊNCIA TIJUCA**: Praça Saenz Peña, 9 — **AGÊNCIA S. CRISTÓVÃO**: Rua S. Luiz Gonzaga, 173 — **AGÊNCIA RIACHUELO**: Rua Riachuelo, 367 — **AGÊNCIA URUGUAIANA**. Rua Uruguaiana, 7 — **AGÊNCIA COPACABANA**: Avenida N. S. Copacabana, 1155 — **AGÊNCIA MADUREIRA**. Estrada da Portela, 44.

AGÊNCIA NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO:
Rua Álvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213.

6 — SÁBADO: — As autoridades portuguêsas denunciam a presença, na fronteira de Goa, de quinze tanques indianos. — Chega a Caracas, na Venezuela, o general Manuel Odria, presidente do Peru, em visita oficial àquele país a convite do presidente general Marcos Perez Jimenez. — Em Belgrado, Veljko Vlahovic, famoso teórico do Partido Comunista Iugoslavo, preconiza a organização de uma nova "internacional socialista", e pede a dissolução do Kominform e a supressão da tutela "de um único país" sôbre os movimentos operários do mundo. — A srta. Emília Correia Lima, "Miss Brasil", que participou do recente concurso para a eleição de Miss Universo, parte de regresso ao Rio.

7 — DOMINGO: — Noticia-se que milhares de sul-coreanos atacam os quartéis das fôrças armadas norte-americanas, provocando sérios incidentes. — Anuncia-se que o chanceler Adenauer prepara uma série de exigências que apresentará à Rússia por ocasião de sua visita à Moscou. — Enquanto isso, os portuguêses temem que ocorram graves acontecimentos em Goa, dada a aproximação do dia 15 de agôsto, data aniversária da independência da Índia. — Falece o padre Jacob Wagner, pároco da igreja das Vitórias, de Buenos Aires, que foi severamente ferido na noite de 16 de junho quando tentava defender seu templo, durante os distúrbios que se seguiram à fracassada revolução. Informa-se, nos círculos eclesiásticos, que o pe. Wagner será considerado mártir da igreja.

8 — SEGUNDA-FEIRA: — Inaugura-se, em Genebra, a Conferência Internacional sôbre Energia Atômica, com a presença de trezentos e sessenta cientistas de 72 nações. O delegado do Brasil, sr. Mota Rezende, fêz uma exposição sôbre o "plano brasileiro de eletrificação e as possibilidades da energia nuclear" em nosso país. — Os representantes dos Estados Unidos e da China Comunista ainda chegaram a acôrdo nas negociações para a libertação dos civis norte-americanos em poder de Pequim. — Explode poderosa bomba no interior do Ministério da Justiça do Vietnam Meridional, no momento em que passava em frente ao mesmo uma caravana de automóveis que conduziam o primeiro-ministro Ngo Diem Dinh e outros altos funcionários do seu govêrno. — O sr. Henry Ford II anuncia a criação de um prêmio denominado "Átomos para a paz", no valor de 75.000 dólares, que será distribuído, anualmente, segundo normas semelhantes às da concessão do Prêmio Nobel.

9 — TÊRÇA-FEIRA: Líderes políticos britânicos condenam a atitude da Índia em relação a Goa, alegando que o primeiro-ministro Nehru prega a política da paz, mas não a pratica em seu país. — O presidente do Partido Democrata Argentino, Solano Lima, profere discurso sugerindo a renúncia de Perón "em benefício da pacificação nacional". — Os sul-coreanos continuam a provocar distúrbios, em Pusan e

Inchon, exigindo a expulsão dos membros comunistas da Comissão Neutra de Armistício. — O cientista britânico Dunworth revela que 15 toneladas de combustível atômico, denominado **tório**, poderão substituir 40 milhões de tonaladas de carvão utilizadas atualmente pela Inglaterra, para gerar eletricidade. — Os peritos governamentais americanos em café sugerem a adoção, pelos países latino americanos, de um **sistema compreensivo** de informação internacional da produção e do consumo.

10 — QUARTA-FEIRA: — Os Estados Unidos dispostos a proteger os inspetores comunistas da "Comissão Neutra" que vela pelo cumprimento do armistício coreano, **embora simpatizem com o desgôsto com que o govêrno sul-coreano os vê em seu território**. — As declarações feitas em La Paz, pelo presidente Ibañez, do Chile, reconhecendo a legítima aspiração da Bolívia de obter acesso ao mar e salientando a necessidade de resolver-se o problema no quadro continental, provocam reações desfavoráveis em diversos setores da imprensa e do Parlamento chilenos. — Anunciam de Londres que 3.400.000 operários britânicos pediram aumento de salário. — O doutor Cowgill, autoridade mundialmente conhecida em café, declara que, "nos próximos dez anos, haverá modificações fundamentais nos métodos de produção cafeeira que redundarão numa maior eficiência e em menores gastos de produção."

11 — QUINTA-FEIRA: — A China recebe com **muita satisfação** a decisão da conferência entre os países asiáticos para examinar a situação da Coréia do Sul. — Fixada a data de 27 de outubro para reunião dos chanceleres das quatro grandes potências, em seqüência à Conferência dos chefes de Estado. — Na Argentina, o almirante Calderón, chefe do movimento revoltoso, e mais sete oficiais, são condenados a um **tempo indeterminado** de prisão. — Em Paris, o sr. Gilbert Grandval, residente-geral do Marrocos, exorta o govêrno francês a prometer maior autonomia ao Marrocos "antes de que as manifestações projetadas pelos nacionalistas para 20 de agôsto provoquem nova onda de violências."

12 — SEXTA-FEIRA: — O ministro do Exterior de Portugol, sr. Paulo Cunha, pede ao govêrno indiano que proíba a marcha dos **Satyagra** (Cruzada da Resistência Passiva) contra Goa no próximo dia 15. — Em Genebra, os trabalhos da conferência atômica prosseguem nas comissões, sem maiores divergências. — A rádio de Moscou anuncia que a União Soviética reduzirá suas fôrças armadas de 640.000 homens, até o dia 15 de dezembro. — A Bulgária apresenta desculpas aos Estados Unidos pela morte de doze cidadãos norte-americanos, ao ser abatido um avião de passageiros de Israel, em fins do mês passado. — O discurso do presidente Ibarras, pronunciado em Quito, ressuscita a velha questão de limites entre a Bolívia e o Peru. — Falece em Zurich o famoso romancista alemão Thomas Mann.

13 — SÁBADO: — O presidente Sygman Rhee, da Coréia do Sul, prorroga por vários dias o prazo que fixara para que os inspetores da Comissão Neutra de Fiscalização do Armistício abandonem o território sul-coreano. — E novos distúrbios na Argentina; o comércio fecha as portas em virtude de choque armado entre católicos e anti-

COMO APRENDER A DANÇAR

6ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas, em 10 dias apenas no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade número 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo
A venda nas livrarias do Rio e São Paulo

EM PORTUGAL — A venda na Livraria Clássica Editôra
Praça dos Restauradores Nº 17 — LISBOA

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias

Acaba de aparecer a 16ª edição dêste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Tôdas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, êle o substituirá. Quem possuim um exemplar dêste livro tem sempre ao seu dispôr médico e farmácia

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e sólidamente encadernado ..... Cr$ 150,00

PEDIDOS À
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SAO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembôlso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

católicos. — Uma explosão na casa das máquinas destrói completamente o navio norueguês "Tancred", a 120 milhas de S. Francisco da Califórnia. — Entregues à Áustria as fábricas, os campos petrolíferos e os navios em poder dos soviéticos desde o término da guerra. — Alto chefe militar britânico declara que as potências ocidentais deveriam precaver-se ante o perigo de aliança entre o Japão e a China Comunista. — Morre em Búfalo, Estados Unidos, o famoso bioquímico norte-americano James Batchelor Summer, prêmio Nobel da química de 1946.

14 — DOMINGO: — As fôrças portuguêsas sediadas em Goa, abrem fogo contra milhares de indianos nacionalistas que pretendiam penetrar nessa colônia. Cêrca de vinte manifestantes são mortos. — Chega a Buenos Aires a missão comercial e financeira do Brasil, presidida pelo sr. Correia do Lago, que ali vai estudar a aplicação do acôrdo comercial argentino-brasileiro. — Doze reclusos da Penitenciária do Estado de Washington rebelam-se e prendem dez guardas, que mantêm em seu poder como reféns durante várias horas entregando-se, depois, diante da fôrça repressiva.

15 — SEGUNDA-FEIRA: — A Coréia do Norte propõe a unificação do país e sugere conversações preliminares com o govêrno sul-coreano, seguidas de uma conferência com a participação de todos os países interessados. — Autoridades argentinas descobrem "complot" para assassinar o presidente Perón; no plano terrorista figurava também o assassinato do ministro da Guerra, general Lucero. — Na Irlanda, as atividades dos republicanos recrudescem; audaciosos ataques são efetuados contra um acampamento britânico. — O sr. Moshe Sharett, primeiro ministro de Israel, apresenta a demissão do seu govêrno ao presidente da República, sr. Itzhak Ben Zvi. — Sancionada lei instituindo o salário adicional de 30 por cento para os que trabalham com inflamáveis.

16 — TÉRÇA-FEIRA: — Foster Dulles declara que o govêrno norte-americano Rússia de reduzir os efetivos de suas fôrças armadas. — Ruidosas manifestações nas principais cidades da Índia, em conseqüência da reação portuguêsa contra a invasão pacífica de Goa. — O "Times" tece comentários em tôrno dos novos ajustes comerciais celebrados entre a Inglaterra e o Brasil. — Informa-se que o vice-almirante Samuel Toranzo Calderón, chefe das fôrças de infantaria da Marinha que participaram do fracassado golpe de 16 de junho último, contra o presidente Perón, é degradado em cerimônia realizada no pátio da Escola Mecânica da Marinha, em Buenos Aires. — Comemora-se a passagem do 103.º aniversário de fundação da cidade de Teresina, capital do Piauí.

17 — QUARTA-FEIRA: — O Partido Peronista põe fim à trégua política na argentina ao anunciar que "decidiu retomar e reiniciar a brilhante gestão política de 1946, quando o povo, farto da fraude, opressão e miséria, determinou para sempre sua vontade de ser governado por argentinos, levando à chefia do govêrno o então coronel Juan Perón". — Thomas Mann, considerado o maior escritor contemporâneo da Alemanha, é sepultado em Kilchberg, na Suíça, numa cerimônia fúnebre bastante simples.

18 — QUINTA-FEIRA: — Noticia-se que 300 indus realizarão nova marcha pacífica sôbre Goa. O govêrno indiano resolve suspender o serviço postal para os territórios portuguêses na Índia. — O govêrno francês concede novo prazo ao sultão Ben Arafa para constituir govêrno representativo no Marrocos, com o intuito de solucionar a questão marroquina. — Na Argentina é novamente tensa a situação. — Revela-se em fontes do Vaticano que o estabelecimento de relações diplomáticas entre a Santa Sé e Israel depende da internacionalização dos lugares santos de Jerusalém e zonas circunvizinhas.

19 — SEXTA-FEIRA: — Todos os partidos políticos da Índia saúdam a decisão do govêrno indiano de fechar seu consulado em Goa, a partir de 1.º de setembro, em represália à ação das autoridades portuguêsas contra os elementos da resistência passiva, que penetraram naquele território segunda-feira passada. Êste fato significa a rutura de relações entre a Índia e Portugal. — O governador-geral do Sudão decreta o "estado-de-emergência" em três províncias meridionais, em virtude dos distúrbios ontem verificados no seio de três companhias das fôrças de defesa do país. — Centenas de italianos enchem de flores a igreja de San Lorenzo, onde está sepultado o ex-chefe do govêrno, Alcide de Gasperi por motivo do primeiro aniversário de seu falecimento. — O primeiro carregamento de querosene e gasolina bolivianos com destino ao Brasil parte, de trem, da cidade de Santa Cruz para Corumbá. — Em Genebra a Conferência Atômica continua, prometendo ótimos resultados.

20 — SÁBADO: — No final da Conferência Atômica de Genebra, a Rússia anuncia que fornecerá combustíveis e reatores atômicos à China comunista e demais países da órbita soviética, e que está disposta a estudar a possibilidade de prestar ajuda atômica a outros países não comunistas. — Calcula-se em 20 mil o número dos marroquinos que desfilaram pacìficamente pelas ruas da capital, em homenagem ao ex-sultão do Marrocos Francês, Sidi Mohammed Ben Youssef, deposto e desterrado há dois anos pela França. — O chefe da Divisão de Turismo da Rússia declara que seu país pretende, no próximo ano, levantar a "cortina-de-ferro" e receber vários milhares de turistas. — De Viena informam que o cardeal Joseph Mindszenty está gravemente enfêrmo.

21 — DOMINGO: — Agrava-se a situação em Marrocos. Tropas francesas entram em ação para debelar sangrenta rebelião dos nativos marroquinos que, em três dias, resultou em mais de mil mortos. — Inundações verificadas em diversas localidades norte-americanas ocasionam a morte de mais de 200 pessoas, e causam prejuízos de bilhões de dólares. — Segundo as palvras do chanceler português, sr. Paulo Cunha, o seu país se manterá firme contra os desígnios imperialistas da Índia sôbre Goa. — Novo incidente na fronteira entre Israel e o Egito, perecendo no choque um oficial egípcio. — Na Indochina, tropas rebeldes dirigidas pelos comunistas entram em ação contra as patrulhas do exército regular do Laos. — Diminui a tensão mundial, em conseqüência da Conferência de Genebra.

22 — SEGUNDA-FEIRA: — O primeiro-ministro da Noruega visitará a Rússia durante êste outono, a convite do govêrno soviético. — Um oficial egípcio é morto e quatro sofrem ferimentos num choque fronteiriço entre as fôrças egípcias e israelitas, perto de Gaza. — Celebrado na Câmara dos Deputados o primeiro centenário de nascimento do saudoso tribuno e parlamentar, sr. J. J. Seabra. — E o sr. Afonso Arinos faz uma detalhada exposição dos entendimentos interpartidários que está encaminhando para conjurar a crise política nacional do momento. — E em New York o "Journal of Commerce" informa que, segundo as estatísticas da "Metropolitan Life Insurance Company", ainda está em progresso a massa migratória para o Oeste.

23 — TÊRÇA-FEIRA: — Tropas francesas empreendem violenta campanha contra os terroristas do Marrocos, fazendo prisioneiros e apreendendo material bélico. — Novo plano será apresentado pela Inglaterra, baseado nas conversações de Genebra, para a redução e inspeção dos armamentos no Ocidente e no Oriente. — A polícia italiana detém alguns membros de

Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»

Nº 800 Curso por Correspondência para Senhoras e Alfaiates

——//——

A Escola de Corte e Costura «São Paulo» dos Métodos «VOGUE»

Rua José Vilagelim Júnior, 52 — Caixa Postal 838 — CAMPINAS
Estado de São Paulo

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sôbre o ensino de «Artes e Modas», curso de Professôras e Contra-mestres.

NOME.....

RUA..... Nº.....

CIDADE..... ESTADO.....

perigoso grupo que exercia espionagem em favor dos países da órbita soviética. — O Pathet-Laos (movimento patrocinado pelos comunistas no Reino de Laos) aumenta suas atividades nesse território e introduz novos reforços na província de Sam Neua. — Entra em vigor novo tratado que regula as relações entre os Estados Unidos e o Panamá na zona do canal. O montante do arrendamento do canal, pago pelos Estados Unidos, passa de 340.000 dólares a 1.930.000 por ano.

24 — QUARTA-FEIRA: — A ala direita da maioria parlamentar do **premier** Edgard Faure exige que a Assembléia Nacional seja convocada, a fim de debater a crise norte-africana e a maneira de resolvê-la. — Retira-se o Egito das conversações com Israel, patrocinadas pelas Nações Unidas, e destinadas a minorar a tensão na fronteira de Gaza. — A rádio de Praga anuncia que o govêrno da Tchecoslováquia reduzirá as fôrças armadas do país em 30 mil homens. — Onda de greves paralisa 17.000 metalúrgicos e operários de emprêsas construtoras em três regiões do norte da Alemanha. — Anuncia-se oficialmente que o Egito e a Grã-Bretanha concordam em retirar tôdas as fôrças militares atualmente sediadas no Sudão até o dia 12 de novembro.

25 — QUINTA-FEIRA: — Transcorrem satisfatòriamente as conversações em Aix-les-Bains, entre franceses e marroquinos, objetivando solução para o problema de Marrocos. — O sr. Foster Dulles declara que na próxima Conferência dos Chanceleres das quatro grandes potências, a Rússia terá oportunidade de revelar "as suas verdadeiras intenções pacíficos". — Ainda sem solução a questão do repatriamento de civis chineses e norte-americanos. — O Clube de Imprensa Estrangeira, de New York, que congrega 1400 membros, protesta contra a violação da liberdade de imprensa na Colômbia. — No Chile, mais de 3.000 servidores públicos se declaram em greve. — As graves dificuldades econômicas por que passa a China Comunista determinam a instituição do racionamento de cereais.

26 — SEXTA-FEIRA: — O sultão de Marrocos desmente os boatos sôbre suas supostas intenções de renunciar e reitera a sua vontade formal de conservar e de exercer a **missão divina** que lhe foi confiada, permanecendo em Rabat. — Comunicado do quartel egípcio diz que fôrças do exército, realizando operações de defesa no território israelita, mataram doze patrulheiros israelenses que haviam cruzado a zona desmilitarizada de Gaza. — O govêrno da Índia aceita que o Brasil se encarregue dos interêsses de Portugal naquele país. — Augusto Turati, secretário do "Partido Fascista" durante os tempos de Mussolini, falece aos 67 anos de idade. — A Turquia notifica oficilmente que reivindicará a soberania sôbre a ilha de Chipre se esta perder sua condição atual de colônia britânica.

27 — SÁBADO: — Cêrca de 10.000 rebeldes marroquinos se rendem aos franceses com suas armas e famílias; outros milhares de guerreiros nômades, porém, fogem para o interior do Marrocos. — As

seis nações reunidas em Genebra na Conferência de Átomos para a Paz anunciam ter completado um "útil intercâmbio" de informações nucleares. — Em carta dirigida ao sr. Luther Evans, secretário-geral da UNESCO, em Berlim, o ministro do Exterior da República Democrática Alemã, pede a demissão do Estado Alemão de Leste da organização da UNESCO. — Toma posse na Academia Brasileira de Letras o sr. Assis Chateaubriand, eleito em substituição ao sr. Getúlio Vargas. — É aprovada, pela Câmara dos Deputados, a redação final do projeto que institui a cédula oficial de votação.

28 — DOMINGO: — O Gabinete Francês emite comunicado reafirmando a sua decisão de constituir um govêrno marroquino responsável e capaz de solucionar ràpidamente tôdas as dificuldades. — O Comando das Nações Unidas julga inevitável a dissolução da Comissão Neutra de Armistício na Coréia, devido a ação dos representantes comunistas. — Anuncia-se que na enérgica repressão especial à greve nos serviços públicos do Chile, são detidos cêrca de 1.000 funcionários. Por outro lado, o govêrno pede poderes especiais ao Congresso, para enfrentar a situação. — Os porta-aviões "Forrestal", de 59.650 toneladas, o maior navio de guerra do mundo, e, segundo a marinha norte-americana, "a mais poderosa de tôda a história naval", inicia sua primeira viagem de prova.

29 — SEGUNDA-FEIRA: — Fontes diplomáticas informam que Israel aceitará, pelo menos em princípio, o inesperado plano proposto pelos Estados Unidos para estabelecer uma paz duradoura na Terra Santa. — O presidente Rojas Pinilla, inaugurando a reunião da missão Econômica e Social da O.N.U., declara que chegou a hora da redenção econômica da América Latina e que o trabalho latino-americano não deve valer menos que o de nenhuma outra região. — O chanceler Konrad Adenauer declara que advertirá o Kremlin, no próximo mês, de que "serão impossíveis as relações normais entre a Alemanha Ocidental e a União Soviética, enquanto esta continuar impedindo a unidade germânica".

30 — TÊRÇA-FEIRA: — O gabinete francês nomeia o general Boyer de La Tour para o cargo de residente-geral em Marrocos, em substituição ao sr. Robert Grandval. — A Grã-Bretanha propõe uma fórmula de transação para conceder autonomia à sua colônia de Chipre. — No Chile, agravam-se mais e mais os movimentos grevistas. — A explosão de duas bombas na inquieta cidade de Buenos Aires, indica que a agitação político-religiosa na Argentina está tomando um novo rumo. — De Khatum informa-se que os rebeldes sudaneses se rendem incondicionalmente.

31 — QUARTA-FEIRA: — O general Juan Perón, em carta dirigida ao Conselho Peronista, oferece a sua renúncia. Mas o chefe da Confederação Geral dos Trabalhadores decreta uma greve simbólica de 15 minutos, e convida o povo a concentrar-se na Praça de Maio até que o presidente retire a sua carta de renúncia. — Entretanto, os exilados argentinos em Montevidéu opinam que trata-se de uma manobra planejada por Perón para se manter no poder, apesar das circunstâncias e do clima político que o aconselham a deixar o cargo.

LOTEAMENTO CIDADE

BEIRA-MAR

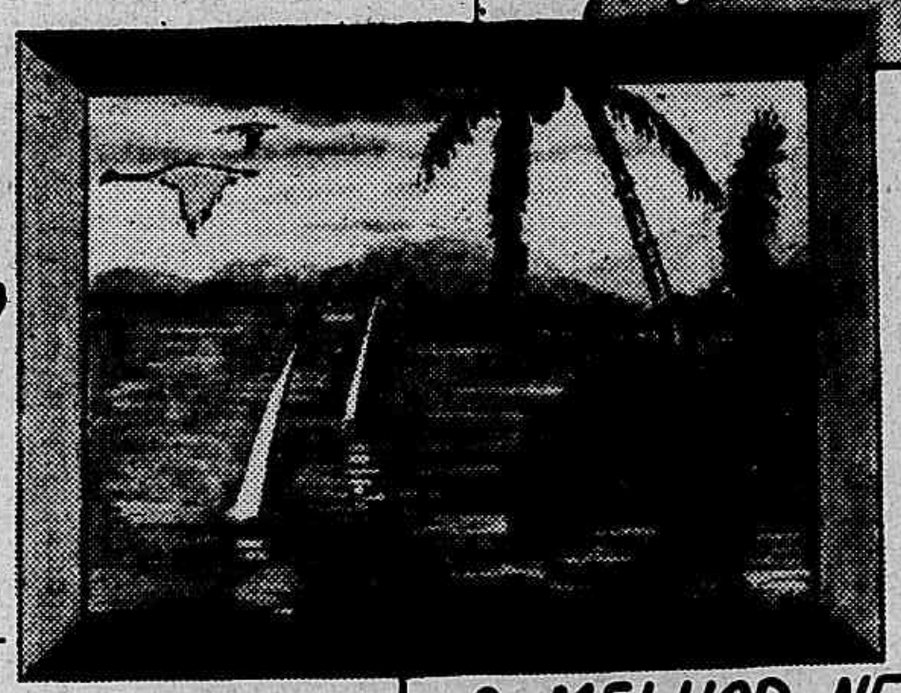
BARRA DE SÃO JOÃO

★

NA MAIS LINDA PRAIA NO MELHOR PONTO TURISTICO DO EST. DO RIO

★

CONTINUAÇÃO DA PRAIA DE CABO FRIO



PRESTAÇÕES A PARTIR DE

CR$ **70,00** MENSAIS

MATAS • PRAIA

CAÇA • PESCA

VENDAS E INFORMAÇÕES

CONCESSIONÁRIA

C.-B.-M.

COMPANHIA BRASILEIRA DE MELHORAMENTOS

RUA ARAÚJO PÔRTO ALEGRE, 56 — Sobreloja 2
Esq. Av. Graça Aranha (Esplanada do Castelo)
TELEFONE : 32-9933
Horário : 9 às 18 horas (inclusive sábados)
Domingos : das 9 às 12 horas.

O MELHOR NEGÓCIO DO MOMENTO

COM ESTAS VANTAGENS EXCEPCIONAIS :

- ★ Pagamento em 100 meses
- ★ Sem entrada e sem juros
- ★ Condução farta : diversas linhas de ônibus partindo de Niterói
- ★ Valorização positiva — Decreto n.º 58
- ★ Construção livre — Posse imediata.
- ★ Caça e pesca abundante.
- ★ Uma paisagem maravilhosa à beira do Atlântico.

ACEITAM-SE CORRETORES PARA SENSACIONAL PLANO DE VENDAS.

QUEBRA-CABEÇAS

DR. LAVRUD
DIRETOR

DR. LAVRUDINHO
SECRETARIO

ANO XXXIX — N.º 5 — OUTUBRO — 1955
DICIONARIOS ADOTADOS — GUSTAVO BARROSO — PEQUENO BRASILEIRO — 9.ª EDIÇÃO — DICIONARIO DE NOMES PRÓPRIOS — DELIDACI — MONOSSÍLABOS DE JAPYASSU E DE ZYTHO — PROVÉRBIOS ORIGINAIS DO DR. LAVRUD E PROVÉRBIOS DE LAMENZA

SENDO ESTA SEÇAO DE DIFUSAO DO CHARADISMO, NAO PUBLICA TRABALHOS DIFICEIS

QUARTO TORNEIO
Outubro-novembro-dezembro

LOGOGRIFOS

— 1 —

A sombra *relativa ao dedo po-*
[*legar* — 4-5-3-9-5-3
Que aparece na grande bola de
[cristal,
Embaraça o feiticeiro ao decifrar,
Se é prenúncio do bem, se estig-
[ma do mal.

Sinal, *que se afasta das leis na-*
[*turais* — 4-9-1-10-2-27-11
E nada revela senão a escuridão
Sortilégio que mostra em lances
[fatais,
O *intrincado* dilema de um cora-
[ção — 7-8-7-5-3-8-11

Sombras aparecem, e das mais
[belas,
Na luz clara da grande bola de
[cristal,
Como a *constelação de sete es-*
[*trêlas* — 4-9-5-7-8

Mas tal indício assim misterioso,
Sinal *rústico* confessa êle afinal
— 1-6-11-8-2-10-11
E' objeto de um estudo *curioso*.

Dr. Legnar (Urupês)

Ao talentoso confrade Bisilva, com todo aprêço:

— 2 —

Velho garrido e pretensioso —
1-2-3-4-5-6
Que banca o moço e *sabido* —
6-1-8-7-2-3
É deveras *fastidioso* — 1-8-5-6-3
Bem petulante e enxerido.

Gosta extremamente de dar —
7-2-3-8-7
Demonstrações dom-juanescas,
E faz questão de ostentar
As maneiras mais burlescas.

Um velho assim sacudido
Que quer ser jovem e formoso
Tornar galante e presumido
Para êle é um grande gôzo.

Mavicaro (Recife)

★

CHARADAS SINCOPADAS

3 — Três (duas) — Naquele *pequeno monte* residia um avarento cuja *riqueza* era incalculável.

Beatriz Cardoso, C.E.P. (S. Paulo)

4 — Três (duas) — Na *superabundância* não há *coisa* ruim.

Coringa (Rio)

5 — Três (duas) — O que *principalmente* concorreu para a *destruição de* Tróia foi o rapto de Helena.

Conselheiro (R. G. do N)

6 — Três (duas) — Naquele *Ossuário* jazem os restos mortais de meu pai; êle morreu com *quarenta* anos de idade.

Dr. Legnar (Urupês)

7 — Três (duas) — Qualquer *desordeiro* gosta de *peleja*.

Donatila Borba (Criciúma)

8 — Três (duas) — Ficou *assustado* por ter jurado *falso*.

Florentino (João Pessoa)

9 — Três (duas) — A falta de *verba* deu origem ao *falatório*.

Gil Vírio (Andradina)

10 — Três (duas) — *Dou a beber* a quem está *disposto*.

Néo Rosas, G.C. Rosas (Caruaru)

APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira «Delta» — Máscaras contra gases industriais.

DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhaúma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO

EU SEI TUDO

11 — Três (duas) — Êste *jovem* está *macambúzio*.
Tia Joana, G.C. Rosas (Caruaru)

---

12 Três (duas) — O *veterinário prático* pode ser *culto*.
Gildo Rosas, G. C. Rosas, Caruau

---

13 — Três (duas) — Todo menino *traquinas* é *manhoso*.
Iris (Teófilo Otoni)

---

14 — Três (duas) — Com *agilidade* incrível o charlatão escamoteou a *pequena moeda persa*.
Ismênia (Recife)

---

15 — Três (duas) — Apenas por um *fragmento* de cabelo, foi *reconhecido* o autor do bárbaro latrocínio.
Mavicaro (Recife)

---

16 — Três (duas) — Nunca devemos *enganar* a quem se *gostar muito*.
Mag, ACCB (Salvador)

---

17 — Três (duas) — Fiquei *desapontado* com o resultado do *pregão público*.
P. Del Debbio, CEP (S. Paulo)

---

18 — Três (duas) — Deve-se dar *asilo* por caridade e *espírito humano*.
Rafinha (Pôrto Alegre)

ENIGMAS

— 19 —

Com um bom fortificante
A mulher virou mandona,
E ficou tôda chibante
Apesar de *solteirona*. 8 L
Oarcim (Rio)

— 20 —

Brota na casa paterna
um amor que não esqueço;
quando pode dar à perna
é um brejeiro *travêsso*. 7 L
Ordisi (Lisboa)

— 21 —

Percorri as três Américas
E as celebradas Antilhas.
Após as terras ibéricas
Vi do Egito as maravilhas.
E ai no Congo, por fim,
Canso, *sem fôrças* bastantes
Achei precioso marfim
Na tumba dos elefantes. 7 L
Roama (Iacri, S.P.)

— 22 —

Descasca com o facão,
E amarra bem o *cordão*. 5 L
Dr. Kean

JUVENTUDE
ALEXANDRE

— 23 —

O Oscar caçava paca
Num matagal mui cerrado,
Eis, porém, que logo estaca
(Gelou-lhe o sangue na veia!)
Por ver morta, num valado,
U'a *mulher velha, magra e feia*.
Onde? 7 L
Ismênia (Recife)

Ao Dr. Zinho, com a devida vênia:

— 24 —

Dr. Zinho pela amostrinha,
Tem hábito inveterado,
Porém, não foge da linha
Mesmo num *sapateado*. 7 L
Mavicaro

★

CHARADAS CASAIS

25 — Cinco — No jôgo de *voltarete de dois parceiros o que se enfada ou zanga* perde a partida.
Beatriz Cardoso, CEP (S. Paulo)

---

26 — Três —*Seduz* a qualquer mulher um *galanteio* bem feito.
Conde de la Fére (Salvador)

---

27 — Três — O *desânimo* tudo *perturba*, o trabalho tudo facilita.
Cysneirense Júnior (Muriaé)

---

28 — Quatro — O baldrame estava *fora do lugar*, ficando um pouco *deslocada* a parede.
Cysneirense (Muriaé)

---

29 — Três — Eu só *enguiço* com o charadismo confuso feito à guisa de *coisa difícil*.
Coringa (Rio)

Para o Lavrudinho:

30 — Três — A guerra do Paraguai terminou em primeiro de março de 1870, com a *derrota do exército* de Lopez, no combate *violento* e decisivo de Cêro Corá.
Conselheiro (R.G. do N.)

---

31 — Três — *Homem gordo* e *mulher grosseira, mas muito enfeitada*, não formam bonito par.
Champollion (Pôrto Alegre)

Para o Bisilva:

32 — Duas — A *chamada* para o exército é feita pela *autoridade* competente.
Debrito (Recife)

---

33 — Duas *Pessoa moleirona* não é digna do *cargo* que ocupa.
Donatila Borba (Criciúma)

34 — Quatro — Quando vejo moça *sirigaita, sem modos, enrugo a testa*.

El Principe (Uberaba)

---

35 — Três — À *pessoa albina* dê, por *favor*, um pouco de sangue.

Fiote (Cuiabá)

---

36 — Três — Tenho *dificuldade* em alcançar o *pico* da *montanha*.

Gilvanete Rosas (Caruaru)

---

37 — Três — O *indivíduo* que *exerce o lugar de prático de navegação fluvial*, pode não ter *rude* educação.

Gilberto Rosas (Caruaru)

---

38 — Quatro — *Aquêle que se interessa pelo bem de todos*, não deve se meter numa *agremiação desordenada*.

H. França (Recife)

---

39 — Três — *Agita-se* a bandeira no *fragor* da luta.

Ruvina (Lisboa)

★

CHARADAS NOVÍSSIMAS

40 — Duas-duas — O *indivíduo* que *vive* de exploração, é *pessoa cínica, sem vergonha*.

Audas (Passos, M.G.)

---

41 — Duas-duas — O *sarraceno* não trouxe a *partida de mourões*.

Champollion (Pôrto Alegre)

---

42 — Três-uma-duas — Nenhum *lucro encontra* a *mulher* em ser *velhaca*.

Dr. Zinho (S. Paulo)

---

43 — Duas-duas — Junto à *pilha* de café, há um *valente arrasta-pé*.

Dr. Kean

---

44 — Duas-uma-duas — Ela não se *furta*, não nega a *recusa* do convite e não *cora* de ir à recepção com *roupa de uso diário*.

Florentino (João Pessoa)

---

45 — Três-uma — Aquêle que *negocia fazendo trapaça pratica* uma *ação reles*.

Gomes Júnior (Maceió)

Termas de
LINDOIA
Serra Negra.

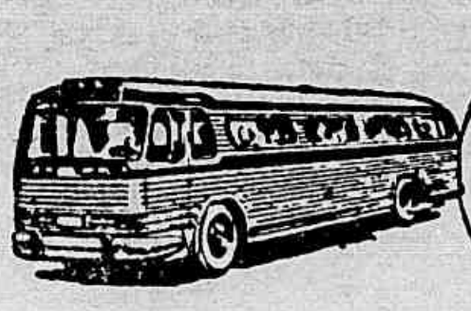
Pelas suas famosas águas radioativas, clima ameno e paisagens deslumbrantes, Lindoia e Serra Negra são ideais para passeio ou tratamento. O Expresso Brasileiro liga São Paulo àquelas cidades com seus modernissimos onibus em diversos horários diários, cobrindo o agradável percurso em pouco mais de 3 horas.

Escalas em: Jaguariuna - Pedreira Arcadas e Amparo

Departamentos de guarda-bagagens

AGENCIAS DE EMBARQUE E INFORMAÇÕES

SÃO PAULO
Av. Ipiranga, 885 - Fone 34-1395
LINDOIA
Rua Duque de Caxias, 541
SERRA NEGRA
Praça João Zelante, 12 - Fone 43



46 — Duas-duas — Em frente à casa em que *habita* esta *"mulher"*, não *estacione* o seu automóvel.

Gil Vírio (Andradina)

---

47 — Uma-uma — Os *hábitos inveterados* trazem *complicação* ao *próprio* viciado.

Néo Rosas, G.C. Rosas (Caruaru)

---

48 — Duas-duas — Não há *possibilidade* de mudar a *maneira* do seu *comedimento*.

Gildo Rosas, G.C. dos Rosas (Pe)

---

49 — Duas-duas — *Arruina* a saúde, perde o caráter e o *desdouro* o *ébrio habitual*.

Joaquim A. Pimentel (Itapaci)

---

50 — Duas-duas — É tôda cheia de *meiguice*, a *mulher* quando se acha numa *briga*.

Iris (Teófilo Otôni)

---

51 — Duas-duas — Com *pessoa de baixa estatura* sempre *gracejava* a *cambada* ruim.

José Coelho Vieira (Maceió)

---

52 — Duas-duas — *Pessoa importuna*, nunca é pessoa *esquecida* para *pessoa sem animação*.

Ordisi, Q.L.B. (Lisboa)

---

53 — Três-duas — Com tanta *carga* a *cimalha* não resistiu ao *pêso*.

Oarcim (Rio)

★

CHARADA ANTIGA

Ao mestre Pompeu Júnior:

54 — Duas-duas:
Que eu não *logre* te igualar,
Embora à *risca* os teus passos
Vá seguindo a meditar,
Se explica: porque os teus laços
De charadista *manhoso*
Nem sempre imitar eu ouso.

J. D. Mingo (Botucatu — S.P.)

---

55 — Uma-uma
É bem grande a minha *dor*,
que pouca gente *acredita*,
e, entretanto, me doesta;
Sofro bastante de amor,
minha alma se vê aflita
e o mundo agora *detesta*.

Ordisi, Q L B (Lisboa)

---

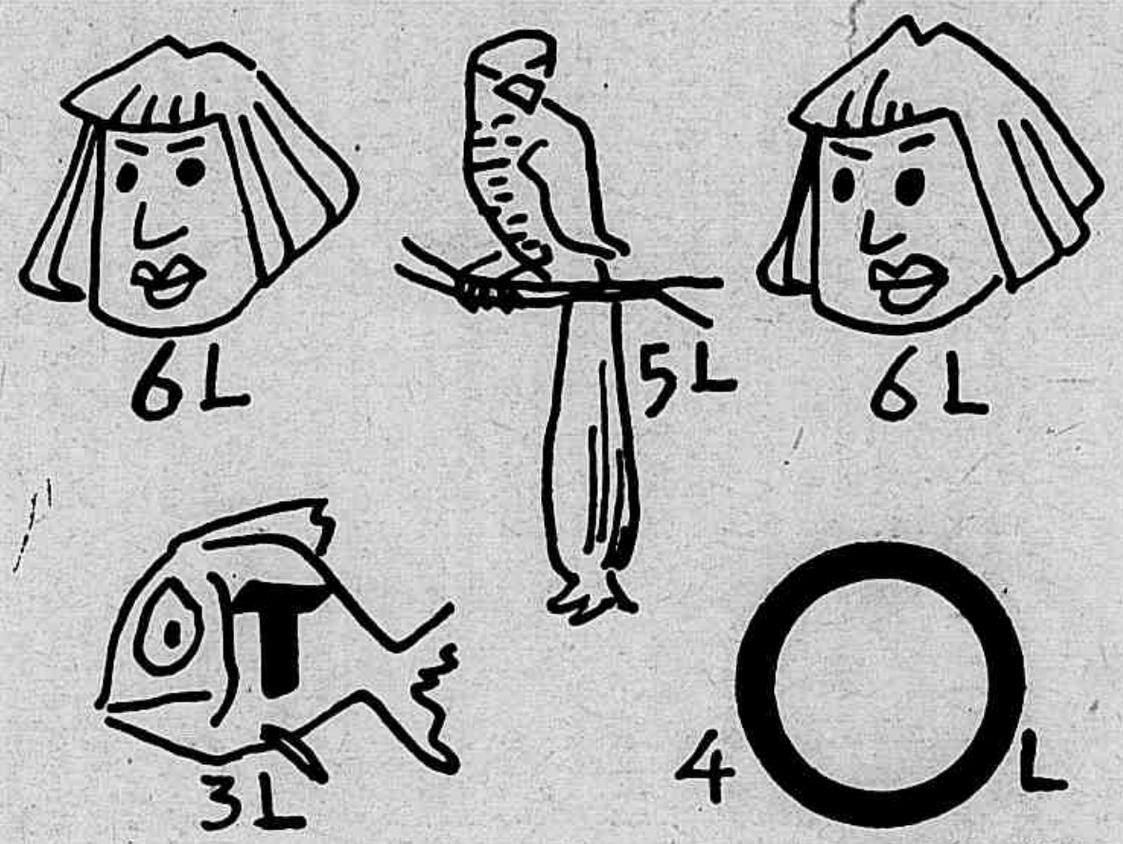
56 — Duas-uma:
A sentença do juiz
Foi *até* um desconceito:
"Esmagar no *almofariz*
O *total* de roubo feito."

Tonnew (Cascadura)

ENIGMA FIGURADO — 57

Florentino (João Pessoa)

ENIGMA FIGURADO — 58

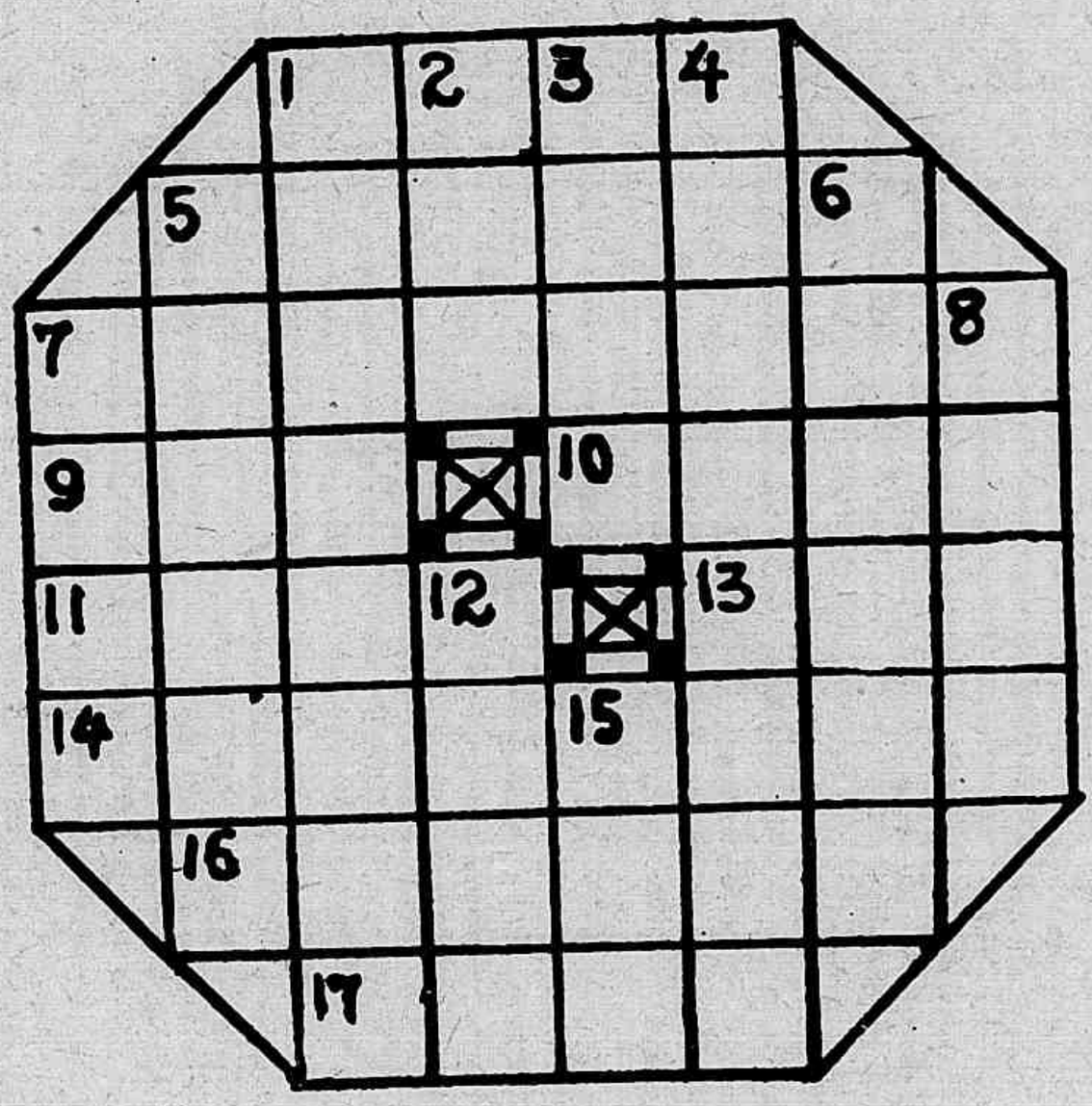


Trica (Rio)

★

PALAVRAS-CRUZADAS

PROBLEMA Nº 1



Conselheiro (R.G. do Norte)

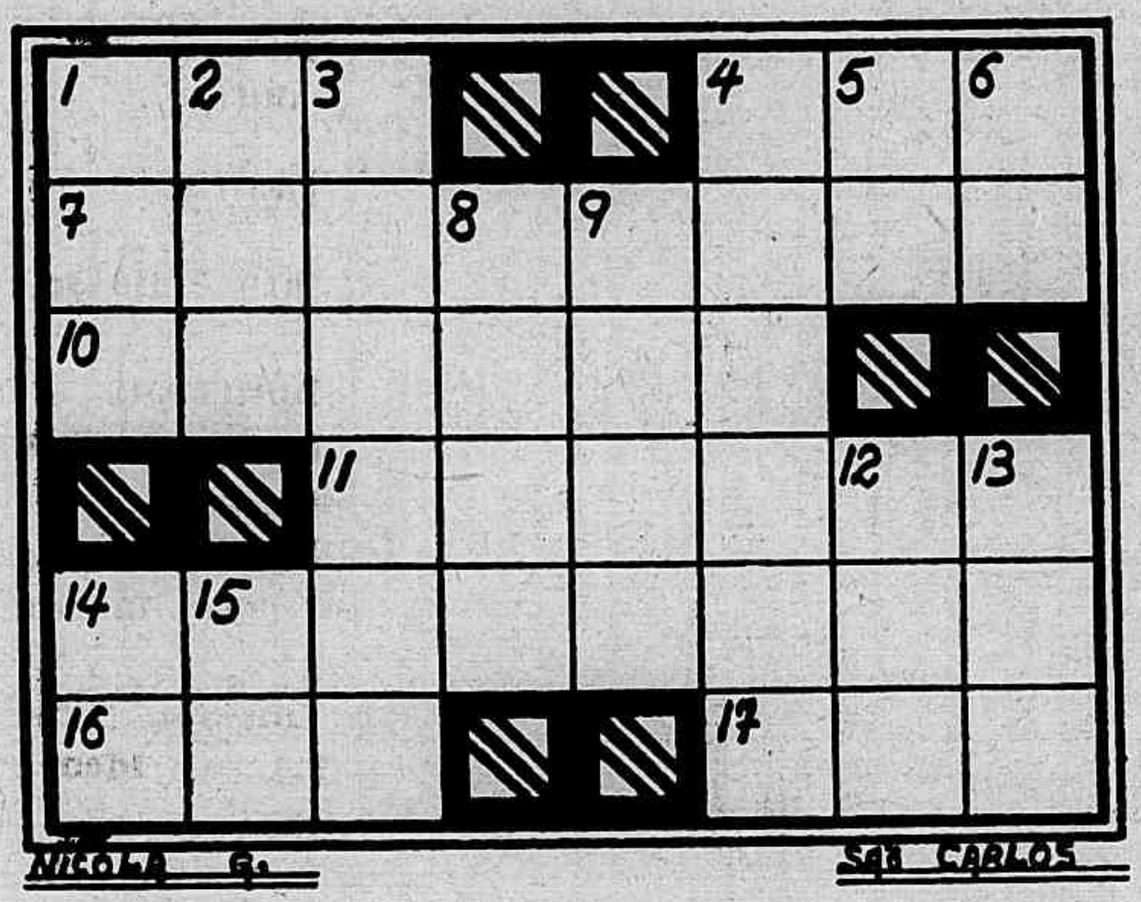
Horizontais: 1 — Inútil; 2 — Antigos escudos, cobertos de couro; 7 — Esmolar; 9 — Este; 10 — Mofino; 11 — Nome próprio feminino; 13 — Suavidade; 14 — Observara com atenção; 16 — Recordo; 17 — Planta leguminosa e medicinal.

Verticais: 1 — Demandam; 2 — Outo (verbo); 3 — Interjeição (repulsão, raiva, desprêzo); 4 — Árvore da família das leguminosas; 5 — Forçam; 6 — Bem definido; 7 — Residência (arc.); 8 — Inquieta (verbo); 12 — Fenda; 15 — Multidão.

Academia de Acordeon
MASCARENHAS
A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli

RUA SENADOR DANTAS, Nº 7-A, 12º ANDAR -- TELS.: 42-4615 e 42-5453
São Paulo -- Praça Júlio Mesquita, 83, sobreloja
Tel.: 37-5679

PROBLEMA Nº 2



Nicola G. (S. Carlos)

Horizontais: 1 — Tem por costume; 4 — Têrmo; 7 — Emigrado; 10 — Que não tem o senso da moral; 11 — Pequena mala; 14 — Vinho palhete (plural); 16 — Cidade e pôrto da Somália; 17 — Época.

Verticais: 1 (Interj.) Designativa de admiração, ironia, cansaço; 2 — Ruído; 3 — Relativo a aromas; aromático; 4 — (Arquit. uarnição estreita; 5 — O substrato instintivo da psique; 6 — Pedra de afiar; 8 — Sulcar (a terra); 9 — Antiga embarcação de velas e remos; 12 — Possuir; 13 — Membro empenado das aves; 14 — Simb. do cério; 15 — Bebida chinesa.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, úse BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. .....

NOME.....

RUA..... Nº.....

CIDADE.....

ESTADO.....

Preço para todo o Brasil: Cr$ 75,00

INSUFICIÊNCIA RENAL

Para uma boa saúde, é indispensável que tenhamos os rins em perfeito funcionamento. Quando isso não acontece, as impurezas e toxinas que deviam ser por êles eliminadas pela urina, permanecem no organismo, causando-nos sérias dores.

É por esse motivo que as Pílulas De Witt, altamente recomendáveis no tratamento dos rins, normalizando o seu funcionamento, facilitando, também, o trabalho do aparelho urinário, são de comprovada eficiência, nos distúrbios provenientes do mau funcionamento dos rins e irregularidades urinárias.

Em vidros de 40 e 100 pílulas

O grande é mais economico

Pilulas DEWITT

Para os Rins e a Bexiga

MAIS UM ANO

São 35 os anos que já passaram e sempre nos encontrando aqui trabalhando em prol do charadismo.

Somos muito gratos às manifestações que temos recebido.

★

GRÊMIO CHARADÍSTICO DOS ROSAS

De Caruaru, Pernambuco, o G.C.R. ressurge com mais fôrça para entrar nas *lutas*.

Agradecemos a comunicação e colaboração enviadas.

★

ALMANAQUE DO CÍRCULO ENIGMÍSTICO CARIOCA

Para 1955, é o segundo ano de publicação, contendo cêrca de 200 páginas em ótimo papel e duzentos e oitenta e um trabalhos

diversos, muita literatura e fartamente ilustrado. Tem a direção de *Odlanid* (Dinaldo Alecrim) jovem confrade que muito se tem revelado como um estudioso e com boa-vontade de tudo fazer pelo charadismo, e a prova evidente é a bela apresentação do Almanaque do Círculo Enigmístico Carioca.

★

CENTRO ENIGMÍSTICO CARIOCA

De *Atenas* (Dr. João Hamilton Ferro Costa) recebemos comunicação de que o Conselho Consultivo do C.E.C. escolheu o seu nome para presidente e o do confrade *Alô Tropina* (Dr. Aluísio Resende) para secretário no triênio 1955-1957, e também a de que, por manifestação unânime de seus membros, resolveu o referido Conselho Consultivo manter estreita colaboração com a diretoria do C.E.C. e demais instituições congêneres do país no estudo e solução dos problemas relacionados com os superiores interêsses do charadismo.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

O Charadista, de Lisboa; *Revista de Palavras-Cruzadas*, número do quinto aniversário; *Brasil Enigmístico, Charadismo e Cruzadismo, Artigas*, de Montevidéu; *Taboim em Revista*, órgão do Taboim F. C. desta capital, trazendo bem feita seção de charadas sob a direção do nosso confrade *Alcion* e outras.

CORRESPONDÊNCIA

Cartas recebidas até 2 de setembro:

J. D. Mingo (Botucatu) — Gratos pela colaboração; feita a mudança de seu endereço.

Dr. Alcino de Andrade (Souzas, S.P.) — Inscrito com muito prazer.

José Pereira de Oliveira (Cônego Dantas, M.G.) — Idem. idem na mesma data.

★

PRAZO

Para as soluções de cada mês: Distrito Federal e Niterói, 45 dias; demais Estados, 90.

Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Maranguape, 15 e endereçada ao diretor desta seção.

DR. LAVRUD

EM S. PAULO HOSPEDE-SE
NO MODERNISSIMO
BAR RESTAURANTE
A LA CARTE
Solteiro Cr$ 280,00 — Casal 380,00
Sem mais acréscimos
PRINCIPE Hotel
Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»

UMA ESTRANHA VOZ

(Continuação da página 46)

O silêncio era completo; mas, logo depois de pronunciadas essas palavras, ouviu um ruído por trás do banco em que se encontrava. Voltou-se imediatamente. Não havia notado a presença de um homem — um adorador tardio, certamente — que acabava de levantar-se do banco próximo do local onde estava ajoelhado. Era êle, além de Charles, a única pessoa que ali se achava, e parecia tão surpreendido por essa vizinhança como o próprio padre. E, torcendo o seu chapéu entre as mãos, o homem sorriu com um ar de quem deseja pedir desculpas.

— Sinto muito, padre — disse êle. — Mas não pude deixar de ouvir as suas palavras.

Olhou pensativamente para a imagem do Cristo e depois continuou:

— O senhor disse uma coisa muito interessante... **"Por que não poderia ter êle vivido até concluir a sua santa mensagem?"** É verdade! Êle nunca escreveu nada! Exceto algumas palavras na areia...

Padre Charles se sentiu vexado pelo fato de seus pensamentos secretos terem sido ouvidos e mal interpretados. E respondeu ao homem com frieza e concisão:

— Não. Êle nada escreveu. Tôda a Sua obra foi escrita por S. Marcos, S. Mateus, S. Lucas e pelos outros discípulos.

O homem moveu a cabeça, num gesto de entendimento, e dirigiu um olhar mais contemplativo ainda para a imagem do Cristo.

— Lembro-me agora — disse êle — de um sermão que o nosso bispo pronunciou certa vez. Êle mostrou como Jesus **viveu** o que tinha a dizer. Por isso mesmo **Êle** não teve necessidade de escrever coisa alguma!

MARAVILHOSA e indescritível sensação invadiu o espírito do religioso, que dirigiu um olhar agradecido ao **homem** de cabelos grisalhos; depois ergueu novamente os olhos para a imagem do Cristo. Sua imaginação, excitada por aquêle homem desconhecido, recuou através dos anos.

Também êle ouvira aquêle sermão. Recordou a voz profunda do bispo no momento em que êste mostrava como Moisés, o patriarca do povo israelita, nunca sentira a necessidade de escrever uma palavra para seus seguidores; como Mahommed era chamado pelos muçulmanos de "ummi" (**aquêle que nem sabe ler nem escrever**); e, finalmente, como a sabedoria de Confúcio foi registrada por seus discípulos, **e não por êle próprio**... E o bispo concluíra o seu sermão, dizendo:

— Sim, êsses homens "viveram" o que êles tinham a dizer!

PADRE Charles estava agora altamente excitado. Uma luz parecia haver penetrado no âmago do seu coração.

— Talvez seja esta a resposta! — pensou êle. — Certamente, aos olhos de Deus, o nosso bispo também **viveu** o que tinha a dizer!

Naturalmente, aquêle era o único prisma pelo qual podia ser encarada a vida do bispo — **uma sublime inspiração, uma grande lição de amor e de fé**. Quando esta idéia tomou corpo em seu espírito, padre Charles, como por milagre, sentiu-se melhor... As dúvidas e a angústia se dissiparam. Sua alma foi invadida por uma poderosa exaltação.

E, sem que êle notasse, Martha havia entrado e já se achava a seu lado.

— Eu estive pensando — disse ela, em voz baixa. — As pregações do bispo não se perderão. O senhor poderá juntar tôdas as anotações e escrever a história de sua vida!

Êle moveu afirmativamente a cabeça, sorrindo. Assim era... Os discípulos sempre escreveram as obras dos mestres...

Martha olhou, com alegria, o rosto iluminado do padre. Porém naquele momento, êle pensava no homem grisalho que conduzira o seu espírito para o sermão do bispo. Olhou ao redor, a fim de dirigir-lhe algumas palavras de agradecimento. Mas era tarde de mais; apenas teve tempo de ver a baixa figura atarracada do homem, que neste instante saía da igreja, passando pela porta entreaberta.

OS RUSSOS JÁ FORAM À LUA

Continuação da página 54)

fazem os morcegos? A intervalos fixos, o tabique de sua prisão será aberto, deixando que tenham acesso até... robots-serviçais, que distribuirão alimentos (víveres, líquidos e sólidos), enquanto durante sua ausência violento jato de ar comprimido limpará suas respectivas cabines, precaução tanto mais útil quando se sabe que as exceções de tôda sorte flutuarão, desprovidas de pêso, no espaço!

A VIAGEM SERÁ "SEM RETÔRNO" — Graças a espelhos, a "station-baby" captará a energia solar, desenvolvendo uma potência de 12 quilowatts para seus motores e seus "robots"; registrará os choques dos meteóritos, a intensidade dos raios cósmicos e nos transmitirá tôdas essas informações.

Durante um mês, os pequenos companheiros viverão assim a vida interplanetária, após que, sua residência espacial, lentamente freada pelos traços da superatmosfera, descerá, esquentará pelo atrito com as camadas mais densas e acaba queimando como um fogo de artifício. Para poupar aos pobres símios morte horrível, foi previsto um "autômato anestesiador", que os asfixiará sem dor. E tal será a última etapa de sua extraordinária viagem.

Eis quando intervém o dramático pro-"blema dos foguetes perdidos" e do salvamento interplanetário.

Nada é gratuito no espaço. Sôbre a Terra, um automobilista que corre a certa velocidade, no sentido norte-sul, por exemplo, não tem necessidade de dispender uma só gôta de gasolina para transformar essa velocidade em velocidade Este-Oeste, sendo-lhe suficiente torcer a direção. O atrito dos pneus sôbre a estrada — sua resistência à derrapagem, se assim preferem, se encarrega de anular a velocidade primitiva, fazendo surgir uma velocidade no ângulo direito.

Para um avião, a situação já é um pouco mais delicada. Para mudar de rumo, é obrigado a se inclinar para "o interior da curva", a fim de "apoiar-se contra o ar", como faz um automóvel num autódromo. Porém, o ar cede parcialmente, de sorte que o avião perde velocidade. Fazer uma curva é descer, a menos que o pilôto force o motor. É o acidente trágico e banal da perda de velocidade no levantar vôo, quando um pilôto assaz apressado tenta a viragem a pouca distância do solo.

No espaço vazio, nenhum ponto de apoio pode existir. Se o pilôto se dirige para Saturno e, repentinamente, deseja mudar de rumo e picar em ângulo reto para outro planêta, terá que dispender uma quantidade de combustível realmente enorme, a fim de anular a velocidade inicial, e nova carga para criar uma nova velocidade.

E apresenta-se uma pergunta difícil: Que será dos foguetes que se vejam forçados a queimar generosamente seu combustível e não possam mais mudar de direção, a fim de voltar à Terra? A resposta é uma só, simples e trágica: passarão ao lado da Terra e continuarão a girar ao redor da Terra "satélites involuntários", até a consumação dos séculos! Ou, ainda: irão perder-se no infinito!

ÚNICA ESPERANÇA: O FOGUETE DE SALVAMENTO! — Diferentes processos foram estudados, a fim de socorrer os foguetes, em situação difícil e que venham a pedir "reboque" por meio do rádio. Todos concluem pela expedição de um foguete-socorro ao foguete desarranjado e que o fará regressar, reparado e por seus próprios recursos ou simplesmente rebocado. O mais simples parece ser unir os dois foguetes, em pleno espaço e alimentar os reservatórios do que sofreu "panne" por meio de bombas e tubulações.

Quanto aos incêndios no espaço, eventualidade temível e sempre merecendo ser prevista com engenhos tão fortemente carregados de carburantes e oxigênio líquido, forçariam uma manobra de salvamento por meio de cabine estanque, forrada de amianto, na qual os ocupantes se encerrariam e que seria destacada do foguete por meio de uma carga explosiva. Seria como "uma canoa de salvamento" promovendo a passagem dos seus ocupantes para o interior do foguete de socorro, por meio de um "aspirador estanque".

Operação arriscadíssima, sim, porém tão praticável como o salvamento dos marinheiros de um submarino naufragado, por meio de uma tôrre estanque — que pôde ser magnìficamente executada pela equipagem do submarino norte-americano "Squalus"... Enfim, quem viver verá!

NEBLINAS DA HISTÓRIA

(Continuação da página 78)

Escandalosos e seguidos acontecimentos fizeram com que não só a rainha ultrajada mas, também, muitos dos mais antigos e firmes amigos de Henrique IV sentissem que êle não podia por muito tempo reinar em França.

Com o fim de desconsertar os maus desígnios do rei, Maria de Médicis aconselhou a Condé retirar-se com sua mulher da côrte. Imediatamente, o rei despojou-o das dignidades concedidas algum tempo antes, e suspendeu-lhe o pagamento da sua pensão.

Condé, todavia, permaneceu fora da côrte, guardando a mulher na sua casa de campo. O enamorado Henrique IV sujeitou-se a disfarçar-se e a ir rondar de noite o castelo, na esperança de obter uma entrevista clandestina com a princesa. A cena de um grande rei, um herói sôbre quem os olhos da Europa estavam fixos, aos cinqüenta e seis anos de idade, degradando-se por semelhante perseguição a uma rapariga de dezesseis anos, sua sobrinha pelo casamento, tem o quer que seja de espantosamente insólito que fornece vasto assunto à análise sutil dum psicólogo de paixões, como um Alibert, um Stendhal ou um Bourget.

O mal ainda havia de apresentar piores sintomas. No outono de 1609, o príncipe de Condé, arreceiando-se do poder do rei, que estava muito próximo, partiu clandestinamente de noite para Bruxelas, levando consigo sua mulher, bastante contrariada.

O arquiduque Alberto, governador dos Países Baixos, fêz-lhes honrosa recepção e prometeu protegê-los.

A notícia da fuga dos sobrinhos foi dada a Henrique IV quando estava jogando as cartas à noite no Louvre. Imediatamente, reuniu conselho, e por alta noite, num estado de desesperada excitação, declarou que havia de invadir os Países Baixos, se os fugitivos não voltassem para a França.

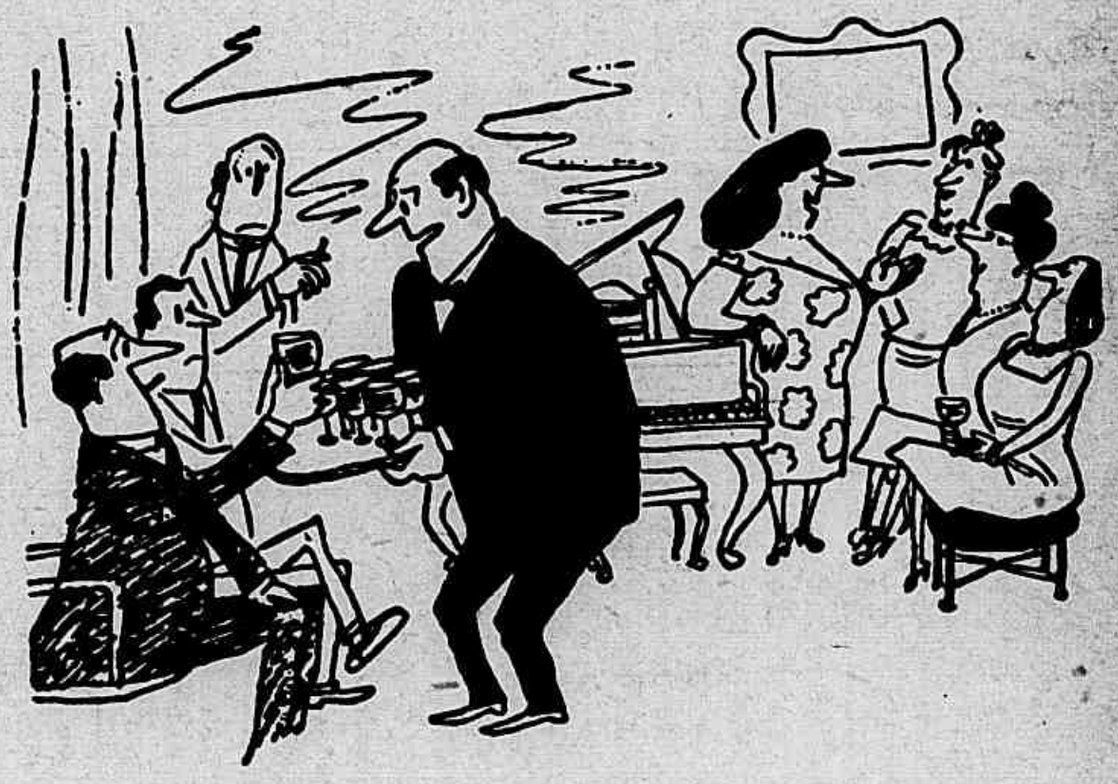
Foi enviado um emissário à côrte do arquiduque para tratar dêste assunto e produzir esta ameaça, se tanto fôsse necessário. Então, Maria de Médicis, que tinha acompanhado passo a passo todo êste escandaloso negócio, escreveu particularmente ao primeiro ministro da Espanha, suplicando-lhe que desse fôrça ao arquiduque. O ministro espanhol — aquêle cujo tio fêz a proposta a Lagrade — condescendeu, e como resultado da secreta intervenção da rainha, Henrique IV recebeu uma recusa formal do arquiduque.

O príncipe de Condé, por antecipada segurança, tinha fugido para Milão, mas deixara sua mulher entregue à honra do arquiduque, numa espécie de cativeiro deliberado. A êste tempo, já não era perfeita a harmonia entre os recém-casados. Com efeito, Carlota de Montmorency, sabendo-se objeto de uma tão romântica e violenta paixão da parte do maior monarca do seu tempo, pensando que a Europa inteira poderia arder em guerra por causa dela, sentia um inefável prazer íntimo que lhe lisonjeava a vaidade, e de compadecer o coração, se lhe afrouxava a resistência.

Uma tentativa que a formosa princesa fêz de fugir à guarda zelosa do arquiduque e de voltar para a França foi frustrada pela vigilância de Maria de Médicis, na presença da qual Henrique IV teve a imprudência de se gabar do que por êle projetava a encantadora expatriada.

Carlota escreveu então ao rei, dirigindo-se-lhe como se fôra seu campeão, novo cavaleiro de San Graal, a pedir-lhe que a viesse libertar pelas armas. Foi em resposta a êste apêlo que Henrique IV estava fazendo todos aquêles preparativos de

★



— Tomem dois cada um! Minha mulher vai cantar.

guerra, interrompidos pelo punhal de Ravaillac.

O negócio dos ducados era um mero pretexto. Foi sòmente muito tempo depois da morte do duque de Clèves, como já dissemos, e apenas quando Carlota de Montmorency partiu para Bruxelas, que Henrique IV mostrou intenção de fazer a guerra. A perfídia do pretexto era visível a tôda a côrte. E explica-se por que motivo dos púlpitos caíam as ameaças, o povo recusava pagar a contribuição de guerra e os amigos de Henrique IV, do antigo huguenote, se uniam em gerais reprovações.

Surdo a êstes avisos, como aos vaticínios e presságios, cego pela sua funesta paixão, Henrique IV prosseguiu teimoso no seu destino.

Parece evidente que a coroação de Maria de Médicis tinha sido fixada como sinal para se dar o golpe.

Na sua confissão, Ravaillac pretende que foi de seu próprio alvédrio que intencionalmente adiara o feito, até depois de se efetuar aquela cerimônia, para que o reino não padecesse. Era necessário ter rainha regente que suprimisse a investigação do crime.

O pressentimento do rei de que a coroação de Maria de Médicis lhe seria fatal teve realidade. Provàvelmente, foi derivado de qualquer secreto aviso, recebido da mesma fonte amiga, como aquelas notáveis predições já descritas. Contudo, Henrique IV fingia desprezar os astrólogos.

"— Nos últimos trinta anos — disse êle em conversa familiar na côrte, justamente quinze dias antes da sua morte — todos os astrólogos e charlatães do reino têm predito que eu estou para ser morto, ou morrer naturalmente, portanto quando êsse tempo chegar, algumas destas profecias devem provar certas, e hão de ser consideradas como milagrosas, enquanto que as falsas serão esquecidas."

Com efeito, nenhum monarca foi tão constantemente ameaçado pelos assassinos como Henrique IV, durante quase tôda a sua vida. Os astrólogos daqueles tempos poderiam ser charlatães, mas possuíam na verdade conhecimentos mais positivos para predições do que os movimentos de Júpiter e de Saturno, ou a posição da Ursa Maior com que mascaravam as suas profecias. Naquela época, todos, desde os reis até os mais vulgares assassinos, consultavam os astrólogos para as suas emprêsas, e êste uso supersticioso dava-lhes o exato conhecimento de muitas coisas que sucediam em breve, porque ativamente se preparavam. O astrólogo que em secreta conferência, satisfazendo desejos de cliente bom pagador, designara a data favorável para tal atentado, estava sem dúvida em condição de acertar no vaticínio, bem digno da atenção da ameaçada vítima.

Ao mesmo tempo se o astrólogo viesse em seguida denunciar abertamente o intento, trairia o cliente e perderia a sua própria reputação de misterioso sabedor de coisas ocultas. Daqui provinham, sem dúvida, aquêles vaticínios indeterminados, e contudo suficientemente diretos, tais como o "do monge expulso da ordem e de temperamento saturnino", nascido em França, e aquêle outro, contra "a mais alta dama dos domínios do rei", e três pessoas da sua intimidade.

Todos, ou quase todos, parecem proceder da mesma origem.

É lícito supor que dimanavam do célebre La Brosse, o maior astrólogo daquele tempo. Em casa dêle deveriam reunir-se todos os fios dêste misterioso drama. Foi êle, sem dúvida, consultado pelos conspiradores sôbre todos os seus desígnios. Talvez fôsse o próprio D'Epernon que lhe pedisse para ler nas estrêlas qual o momento mais favorável para a morte de Henrique IV, ou teria sido antes o desprezível italiano Concini; ainda talvez o astrólogo tivesse recebido na sua escura morada guarnecida de animais empalhados ou secos, repleta de instrumentos, pejada de grossos infólios, perfumada de mágicos encantos, a visita duma velada dama em cuja voz reconheceria a da rainha de França. Não é ousada a hipótese, porque é certo que ela e Concini eram ambos verdadeiros crentes da astrologia, das ciências ocultas e da magia.

Desde êsse momento o astrólogo, com uma devoção que chega a enobrecê-lo, começou a trabalhar para salvar, se pudesse, o ameaçado rei. Do seu retiro obscuro, numa rua escusa de Paris, mandou avisos sôbre avisos para chegarem aos

ouvidos do rei condenado, ora fornecendo ao editor do almanaque de Francfort aquela referência de mau agouro ao segundo casamento do rei, ora sugestionando tôdas aquelas predições que vieram de todos os lados da Europa. Diligenciou interessar no seu trabalho de defesa do rei o papa, o cardeal Barberino e o sultão da Turquia.

Tem notícia de que o rei vai deixar a França na primavera para comandar o exército em campanha e por isso mesmo designa para o atentado uma grande cidade naqueles mesmos meses em que êle espera que o rei esteja fora de França. Conhece a intriga da coroação da rainha, prediz esta data e manda aviso secreto ao rei, de que a cerimônia seria seguida da sua morte. E no último momento, quando todos os seus esforços foram baldados, dirige-se ainda ao próprio filho de Henrique IV, e confia-lhe a última mensagem exata, decisiva, que talvez ainda pudesse salvar a vida do rei.

Quem sabe? Quem sabe a delicada e complexa trama dêstes presságios oportunamente enviados?

O inquérito sôbre o autor do crime foi suprimido; porém, quatro anos depois o duque D'Epernon, que perdera a proteção da rainha, deixou a côrte desgraçado. Alguns anos mais tarde o novo rei Luís XIII assinalou a sua ascensão ao poder com o assassino Concini, a quem Maria de Médicis tinha elevado às honras de marquês e de marechal de França. A própria Maria de Médicis, primeiramente prêsa e depois expulsa de França por seu filho, vagueou os últimos anos da sua vida no exílio e na pobreza e foi morrer em Colônia, onde vivia o pintor Rubens, que para ela pintara uma série admirável de quadros, onde lhe imortalizou o nome e onde pretendeu glorificar-lhe a vida.

O procedimento de Luís XIII para com a mãe depõe desfavoràvelmente contra esta e parece confirmar que o filho de Henrique IV alguma coisa de particular conhecia sôbre o assassinato de seu pai, o grande rei de popular tradição.

★ ★

VENDE-SE

O seguinte anúncio apareceu num jornal interno, publicado pela revista "Life" para os seus funcionários:

"Vende-se um bassê de seis meses ou um menino de dois anos, o primeiro com "pedigree" e ambos machos. O cão é mais educado do que o menino, e está vacinado. Companhia perfeita para crianças (o cachorro, porque o menino é de morte)."

Embora tivesse aparecido num boletim interno, êsse anúncio teve grande repercussão nos Estados Unidos e o anunciante recebeu ameaças de muitas pessoas e instituições de que seria processado "por maltratar uma criança".

Ninguém, contudo, apareceu para comprar o cãozinho.

— Êste será o quarto dos meninos.

EU SEI TUDO

N.º 461 — Ano XXXIX N.º 5 — Outubro — 1955

CORRESPONDÊNCIA

JORGE RODRIGUES (Niterói) — Recebemos o trabalho, que de início nos pareceu excelente. Está sendo examinado pelo redator-chefe. Aguarde.

FREDERICO S. DE ROBLES (S. Paulo) — Recebemos, porém, apenas as gravuras (não muito boas). Sendo assunto realmente interessante, ficamos esperando as laudas anunciadas. Gratos.

CARMEN SIQUEIRA MAGALHAES — (Distrito Federal) — Impossível. Com um pouquinho de esfôrço talvez possa dar indicações que facilitem o nosso trabalho. Aguardamos.

PETRARCA MARANHÃO — Gratos pelo belíssimo Ronda de Estrêlas.

ÁLVARO MAIA (D. Federal) — Que podemos fazer? A remessa foi feita, como habitualmente. Êsses extravios são, aliás, fonte de fortíssimas dores de cabeça para todos nós. Já providenciamos.

SUMÁRIO:

Perigo no dial (conto) ..... 5 a 8
Por que não fazem? 9
Novo clima para o pólo (É o que vão criar os norte-americanos!) ..... 10 a 14
Ataque repentino (conto) ..... 16 a 20
Visão mundial: o choque das raças (A sangrenta mensagem das invasões dos bárbaros...) ..... 21 a 29
Bonita... de mais! 29
A superioridade da mulher sôbre o homem ..... 30 a 34
A fôrça do vento 34
O diário de Felix Lane ..... 35 a 42
Uma voz estranha falou (conto) ..... 43 a 46
Os russos já foram à lua ..... 47 a 54
Razões para o divórcio 55
A lua é a culpada! ..... 56 a 58
O Carbono "14" desvenda o mistério dos séculos ..... 59 a 62
O mais interessante 62
Números fabulosos de hoje 63
Sexo fraco 63
A produção do carvão no Brasil 63
Nada de presos ociosos 64
Complexo de culpa 64
Viva a mulher! 64
O homem-borboleta (cria ùnicamente êsses lepidópteros para estudar-lhes a migração) .. 65
O mêdo do ano 1000 não deve renovar-se diante do ano 2000 ..... 66 a 70
Pequena enciclopédia popular — Tudo se explica 70
Neblinas da história ..... 71 a 78 115
A moeda reveladora (episódio real) .... 79 a 80
Lá como cá 80
O cêrco do Bungalow (episódio real) .. 81 a 86
Caminhos do supermecado 85
Percorrendo o mundo 86
A fôrça de um juramento (conclusão) .. 87 a 91
Previsão do tempo a domicílio ..... 92 a 94
Superstições dos turfistas ..... 95 a 97
Nos domínios da gramática 98
Memento EU SEI TUDO ..... 99 a 105
Charadas, quebra-cabeças ..... 107 a 112

A CAPA É mais um sinal dos tempos atuais. Ainda não estamos perfeitamente seguros sôbre a Terra (ou talvez por isso mesmo?) e já pensamos em ir à Lua. Os russos dão a entender que já lá estiveram e, com os norte-americanos, procuram estabelecer satélites artificiais e estações de pouso, em pleno espaço. Tudo isso será realizável? Quando? Leiam o artigo à página 47.